QUANDO NERO ERA DITADOR

Geraldine Cummins

Tradúcão: Amadeu António

QUANDO NERO ERA DITADOR

por
GERALDINE CUMMINS
Introdução por
REV. A. H. E. LEE, M.A.

VOLUME I
Edição Especial para o
PSYCHIC BOOK CLUB
144 HIGH HOLBORN, LONDRES, W.C.1

Primeira edição publicada por FREDERICK MULLER LTD. em 1939
Impresso na Grã-Bretanha por SHERRATT AND HUGHES na
SAINT ANN'S PRESS, MANCHESTER
Segunda Edição, 1942

INTRODUÇÃO

Sempre houve uma grande especulação sobre como São Paulo passou os últimos anos da sua vida. Podemos seguir os seus movimentos até aproximadamente ao ano 62 ou 63 d.C., após o qual ocorre uma lacuna que nunca foi preenchida até à sua morte, que (é geralmente aceite) teve lugar no ano 68 d.C. Porque termina de forma tão abrupta o autor dos *Atos* é outra questão ainda não resolvida. Uma das teorias é que São Lucas desejava manter uma atitude amistosa para com as autoridades romanas e, por isso, evitou abordar a severidade da segunda prisão do Apóstolo e o seu martírio. Sobre as infâmias de Nero, talvez fosse preferível lançar um véu de silêncio.

Contudo, temos o testemunho de Clemente de Roma, do Cânone Muratoriano, de São João Crisóstomo e de São Jerónimo de que o Apóstolo visitou a Hispânia, como sabemos que tencionava fazer. Nem sequer há evidência externa que se oponha a esta crença aparentemente unânime da Igreja primitiva. Contudo, nenhum detalhe dessa visita nos chegou.

Tudo isto aumenta imensamente o interesse que pode ser despertado pelo texto que se segue. Eis um relato que, por assim dizer, retoma a história onde os *Atos* a deixam e conduz-nos até à cena final da carreira do grande Apóstolo. São Lucas pode ou não evidenciar uma "tendência" na sua escrita, ao enfatizar certos pontos e omitir outros. Mas o presente texto fala abertamente da atitude nervosa de muitos dos companheiros de Paulo em relação a ele, "o velho leão doente", e da sua insistência para que este aceitasse uma "aposentação honrosa" — bem como da resistência de Paulo a tal ideia. Isto parece bem mais plausível do que a velha teoria crítica de um conflito entre fações petrinas e paulinas.

Segue-se uma descrição da viagem à Hispânia, da hostilidade que aí surgiu — como em tantos outros lugares — e de um espantoso drama cósmico revelado por um Iniciado do

Mistério do "Dragão Verde", que evoca curiosas semelhanças com certos capítulos do *Livro do Apocalipse*. A figura comovente de Pomponia Grecina, de quem Tácito nos deixou alguns apontamentos, surge na narrativa; e em contraste tempestuoso, temos um retrato de Popeia e do grupo judaico-cristão fanático cujas denúncias contra Roma Imperial proporcionaram a Nero e aos seus cúmplices um meio fácil de escapar à responsabilidade pelo Grande Incêndio.

Poucas cenas poderão ser tão dramáticas como o relato do encontro nocturno entre Nero e São Paulo; e poucos toques mais humanos do que a saudade do velho Apóstolo pelo jovem e algo tímido Timóteo; ou ainda a sugestão de uma certa divergência temperamental entre o Apóstolo e o fiel São Lucas — a fé comum que os unia não conseguia ultrapassar completamente o velho abismo entre hebreu e helénico.

Em certos aspetos, este é talvez o mais fascinante e notável de todos os livros associados à Sr.ª Geraldine Cummins. Deveria ser estudado não só pelo profundo interesse que desperta em todos os admiradores do grande Apóstolo dos Gentios, mas também como um contributo notável para o nosso conhecimento do Império Romano Antigo quando este já ultrapassara o seu auge e entrava na longa decadência que duraria séculos.

St. Martin's Vicarage,
College Road, N.W.10
A. H. E. LEE

NOTA

O volume aqui publicado parecerá ao leitor comum uma espécie de romance histórico. Mas é justo esclarecer os leitores de que a obra foi produzida em transe. As fontes da narrativa afirmam ser mentes de uma era antiga com acesso, de formas que não compreendemos, a manuscritos e memórias do passado.

Não nos comprometemos — nem pretendemos comprometer os leitores — com esta ou qualquer teoria sobre a sua origem. Confiamos que, enquanto narrativa simples, o livro possa ser apreciado e desfrutado. Tanto quanto foi possível averiguar, nada do que está contido neste livro entra em conflito com os resultados da investigação e do saber académico disponíveis até à data.

OS EDITORES

TABELA CRONOLÓGICA DA VIDA DE SÃO PAULO

D.C.

36 (aproximadamente) – Conversão de São Paulo.
38 – Fuga de Damasco.
39-43 – Pregação na Síria e na Cilícia.
45 – Visita a Jerusalém e a Barnabé.
48 – Primeira viagem missionária.
51 – Segunda viagem missionária.
54 – Terceira viagem missionária.
55-56 – Em Éfeso.
57-58 – Em Corinto. (Epístola aos Romanos.)
59 – Em Cesareia, sob prisão.
60 – Naufrágio em Malta.
61-63 – Em Roma: primeiro julgamento.
63? – Após a absolvição, visita à Macedónia e à Ásia Menor.
64-65? – Visita à Hispânia.
66? – Visita à Ásia Menor.
67 – Visita à Macedónia, Éfeso e Nicópolis.
68 – Preso em Roma: executado (possivelmente em Junho).
(Conybeare e Howson)

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

D.C.

42 – Acesso de Cláudio ao trono como Imperador.
42-43 – Invasão da Britânia por Aulo Pláucio.
50 – Carataco (Caradoc), rei dos bretões galeses, capturado e levado para Roma.
52 – Cláudio expulsa os judeus de Roma.
54 – Morte de Cláudio. Acesso de Nero ao trono.
59 – Assassinato de Agripina.
61 – Insurreição liderada por Boadiceia na Britânia.
62 – Nero casa-se com Popeia.
63 – Nasce Cláudia, filha de Nero.
64 (Julho) – Grande incêndio de Roma.
65 – Assassinato de Popeia. Morte de Séneca. Conspiração de Pisão.
66 – Início da Guerra Judaica.
68 (11 de Junho) – Morte de Nero.

ÍNDICE: VOLUME I

PRÓLOGO

Chegada de São Paulo a Roma: o encontro com o escravo de Filémon – O primeiro julgamento: absolvição de Paulo ... pág. 19

LIVRO I – AS VIAGENS DE SÃO PAULO NA HISPÂNIA

CAPÍTULO

I. Tiago, chefe da Igreja, pede a Paulo que procure "reforma honrosa" após a sua libertação
II. A hora fatídica para o mundo ocidental
III. Em Puteoli, Paulo embarca para a Hispânia
IV. Paulo cura um galaico que adorava Endovélico, o deus da cura
V. Paulo desembarca em Cádis
VI. Os antigos inimigos de Paulo encontram-no em Cádis
VII. Simforo, sacerdote do Mistério Antigo, chama Paulo de "servo do mal"
VIII. Paulo recusa prestar homenagem às Colunas de Hércules
IX. Paulo refugia-se nas montanhas da Bética com Simforo
X. O Mistério do Dragão Vermelho
XI. Paulo é forçado a assistir ao Mistério Antigo
XII. Simforo, o Iniciado, interpreta o Mistério Antigo
XIII. Paulo debate com Simforo sobre o que presenciaram
XIV. Paulo é conduzido à parte final do Mistério Antigo
XV. Paulo relata a Crescente "O Mistério da Iniquidade" que presenciou

QUANDO NERO ERA DITADOR

CAPÍTULO

XVI. Na terra natal de Séneca, Paulo confunde "os jovens sábios"
XVII. Paulo converte Torquato, mais tarde nomeado o primeiro Bispo da Hispânia

LIVRO II – SÃO PEDRO E SÃO PAULO EM ROMA

XVIII. O Mundo Romano: Nero, Séneca, Popeia, Tigelino
XIX. Pomponia Grecina, princesa da Britânia, identificada como Santa Lucínia. A sua vida em Roma
XX. Em Lião, Pomponia encontra Paulo
XXI. Paulo não consegue curar o irmão de Pomponia. Ela implora que vá à Britânia. Ele promete enviar Aristarco
XXII. A Imperatriz Popeia encontra-se com Paulo em segredo
XXIII. Pedro encontra-se com Paulo em Roma e conta-lhe como Tiago, o Apóstolo, morreu
XXIV. A Imperatriz Popeia ordena a Narciso que espie os cristãos. Visão de Tabeal sobre o Grande Incêndio de Roma
XXV. Pedro e Paulo conversam juntos nos Montes Albanos ...

PRÓLOGO

"E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria casa alugada, e recebia todos quantos vinham ter com ele." — Atos 28:30

Era no final do inverno que Paulo e o pequeno grupo de irmãos entraram em Roma pela Porta Capena. O santo caminhava entre dois soldados, e os seus pulsos estavam presos aos deles por correntes.

O sol brilhava, e parecia que a primavera já batia à porta das horas. Ao longo da Via Sagrada, passavam povos de muitas nações, e Paulo, que via mais do que o homem comum, sentiu-se elevado ao perceber a variedade de raças e ao escutar línguas estranhas. Pensou que, naquele momento, a Via Sagrada continha uma pequena imagem do mundo inteiro, ou melhor, uma assembleia de todos os tipos de homens — ricos e pobres, escravos de várias nações e de todas as cores.

Ali estavam árabes vestidos de branco e gauleses de cabeças loiras, trajando casacos e calções estranhos. Judeus passavam silenciosamente, envergando túnicas brancas sem ornamentos, que os distinguiam dos gentios; e entre os transeuntes misturavam-se gregos com espanhóis e escravos africanos cujos rostos, negros como breu, destacavam-se contra os trajes escarlates e dourados que lhes haviam sido impostos para glorificar os seus senhores. E esses senhores — nobres romanos, libertos abastados — viajavam em liteiras ricamente adornadas; alguns conversavam com prostitutas pintadas, enquanto os raios do sol reluziam nas armaduras douradas dos guardas pretorianos que passavam em marcha.

No meio de todo este espetáculo de riqueza e conforto, via-se também um desfile de pobreza miserável. Homens cegos, guiados por cães, procuravam aproximar-se das liteiras vigiadas para pedir uma esmola aos seus ocupantes. Crianças aleijadas, apoiadas em muletas e vestidas de andrajos, pediam aos que passavam alguma moeda ou migalha para comprar alimento. Sacerdotes de Ísis também pediam donativos a ricos patronos para a sua deusa.

E enquanto a balbúrdia de línguas se elevava no ar, Paulo disse a Lucas:
— Foi bem designado que eu viesse a esta cidade, pois ela é como o eixo à volta do qual gira todo o mundo dos homens. Aqui, verdadeiramente, conquistaremos para Cristo homens de todas as nações, e eles retornarão às suas terras levando aos seus povos a semente da Palavra.

Mas, quando o santo foi entregue pelo centurião às autoridades, ficou obrigado a permanecer numa só casa, e apenas por curtos períodos do dia podia sair acorrentado para um local determinado. Assim, era necessário que as pessoas viessem até ele, e primeiro quis falar com os homens do seu próprio povo. Por isso, um santo chamado Justo procurou o principal rabino de Roma, e numa noite ventosa este visitou Paulo.

Porém, antes de terem terminado a conversa, o espírito e o coração do santo estavam tão agitados quanto a tempestade que soprava e rugia lá fora. Pois o rabino era de temperamento frio; tinha o olhar vítreo de aranha e não revelava os seus pensamentos, tentando antes levar o santo a trair-se com as suas palavras. Este pilar de Israel nada

revelou quanto às suas intenções, fosse para o bem ou para o mal, em relação aos irmãos e à sua fé no Messias.

Mas na semana seguinte voltou, logo pela manhã, e com ele vieram anciãos e homens influentes entre os judeus. Estes sentaram-se em círculo ao redor do santo, ou por vezes levantavam-se, em grupos de dois ou três, afastando-se a murmurar e abanar a cabeça. Eram como um bando de aves a debicar um pequeno pardal doente. Hora após hora atormentaram Paulo com ditos astutos sobre rituais e observâncias, e era claro que o seu propósito era enredá-lo numa teia de palavras capciosas. Mas o santo sabia que o rabino mentia ao afirmar que não tinha ouvido más notícias sobre Paulo de Tarso, e que, com esse discurso, apenas tentava levá-lo a revelar a sua defesa — para que, assim, os seus acusadores estivessem preparados quando Paulo comparecesse perante o tribunal de César.

Todavia, os assuntos do tribunal não permitiam, naquele tempo, o julgamento de um judeu desconhecido, sem importância para os altos cargos romanos. Assim, com o passar dos dias, os anciãos visitavam Paulo apenas para o provocar e tentar expô-lo como um tolo vaidoso, ignorante, um intrometido que merecia ser humilhado e desmascarado como mentiroso. As palavras simples e nobres deste grande Mestre de Tarso passavam-lhes ao lado como o vento Euroaquilão. Esses doutos anciãos não conseguiam abrir o coração à verdade, pois estavam presos aos seus hábitos de pensamento e às rígidas observâncias da Lei.

Por isso, Paulo convenceu poucos judeus de autoridade no primeiro ano do seu cativeiro, e ficou muito desgastado por tantas horas perdidas em discussões. Determinou, então, que não falaria mais com os judeus de prestígio em Roma, e ordenou a Timóteo e a Lucas que procurassem os gentios e os escravos, pois esses escutariam as suas mensagens.

E assim foi. Dia após dia, os aflitos, os marginalizados e os pobres vinham e sentavam-se a seus pés, sendo convertidos pela sua oratória em crentes da verdade. Entre estes, estavam também judeus pobres e ignorantes — vendedores ambulantes e mascateiros — e esses acolheram as palavras do Mestre de Tarso, crendo na sua mensagem.

Paulo estava, dia e noite, acorrentado a um soldado, e muitos desses soldados também creram, sendo alguns até batizados. Depois, quando estavam de guarda no palácio, conversavam com os escravos da casa de César, contando-lhes sobre o Vidente que viera do oriente, trazendo notícias de um grande e poderoso Deus que vencera todos os deuses menores, submetendo-os aos seus pés.

De forma tão simples falavam de Paulo e do seu evangelho; e os escravos de Augusto tornaram-se curiosos e, também eles, foram escutar o santo. Assim, apesar do cansaço, Paulo sentia-se animado, pois esses gentios tinham fome e sede da verdade, e parecia-lhe que, por meio deles, a palavra poderia chegar aos patrícios e ao jovem César, o governante do mundo.

"Rogo-te por meu filho Onésimo... Porque talvez ele se tenha separado de ti por algum tempo, para que o recebas para sempre."

A EPÍSTOLA DE PAULO A FILÉMON

Numa certa noite, após os seus labores junto à Porta Capena, Timóteo e Lucas apressaram-se a voltar à casa alugada de Paulo. Era uma noite sem estrelas, e Timóteo, nessa escuridão cega, tropeçou sobre um monte que jazia no seu caminho. Lucas levava uma lanterna escondida sob o manto, sem a mostrar; pois em certas ruas havia perigo de homens selvagens e salteadores mal a noite caía. Ele lançou o raio da lanterna sobre a forma debilitada de um homem. Não havia carne nos ossos, e ele jazia ali como morto.

— Quase que este pobre coitado pereceu de fome — disse o médico, procurando com a mão o pulso da vida no seu peito. E como a vida ainda ali tremeluzia, levaram-no para a casa de Paulo, que era próxima. Passado algum tempo, quando o seu espírito regressou das sombras, fitou-os com terror, tremendo como um cão espancado.

Com dificuldade, conseguiram saber que se chamava Onésimo e que era escravo.

Nos dias que se seguiram, o seu silêncio manteve-se inquebrável. Ficava deitado no quarto de Paulo, indiferente a tudo o que se passava à sua volta, sem dar atenção às pessoas que vinham e iam durante o dia. Apenas à noite se agitava, virando-se de um lado para o outro e clamando como que em tormento. Paulo não lhe dirigia palavras, mas procurava transmitir-lhe paz — aquela paz que melhor se dá em silêncio e com o toque suave da mão.

Este escravo tinha sempre mais medo do guarda acorrentado a Paulo. Mas, certa vez, no meio da noite, o santo acordou; e, percebendo que o soldado dormia e que os olhos de Onésimo estavam fixos nele, falou, dizendo:

— Irmão, algum grande pesar pesa sobre o teu espírito. Partilha esse fardo comigo; pois vivo apenas para carregar os fardos dos aflitos e dos que sofrem no coração.

E Onésimo respondeu com ânsia:

— Mestre, bem queria eu confiar-te o meu segredo. Pois percebo que tu não és como os outros. Mas não ouso confiar em homem algum por causa do castigo.

— E que castigo é esse?

— Serei preso, com as mãos amarradas a vigas de madeira. Depois, açoitar-me-ão até eu desmaiar. E, quando a carne sarar, açoitar-me-ão de novo até que todo o meu corpo seja uma chama de agonia. Mestre, é tão difícil morrer, e eu tenho medo. Pois, depois de muitos dias de tormento, se ainda estiver vivo, enviar-me-ão para as pedreiras. E tu sabes que lá, todo o tipo de indignidade e insulto são lançados sobre os prisioneiros. Não nos deixam morrer depressa, obrigam-nos a trabalhar noite e dia. Todo o tormento, toda a imundície, é-nos imposta. E quando finalmente a morte nos liberta, já não somos homens, mas bestas enlouquecidas.

Então Paulo levantou a mão e disse:

— Não tenhas medo. Conta-me a tua falta, e talvez eu possa oferecer-te salvação.

— Posso eu confiar em algum homem? — inquiriu o escravo.

E Paulo respondeu:

— Por ignorância, estupidez ou loucura, todos os homens traem, em algum momento da vida; mas eu jamais te trairei.

E abaixando a cabeça, em vergonha, sussurrou:

— Pois uma vez traí o Filho de Deus.

Por um momento, fez-se um silêncio solene naquele quarto. Apenas a respiração do soldado adormecido quebrava a escuridão.

Onésimo pousou a mão sobre a mão de Paulo, dizendo em voz baixa:

— Mestre, essa foi a última amargura.

E Paulo chorou, pois estava fraco de corpo, por estar há tanto tempo preso. Então o escravo percebeu que podia partilhar o seu fardo com aquele homem idoso. E falou com entusiasmo:

— Sou frígio. Os mercadores levaram-me ao mercado e, por causa das minhas dívidas, venderam-me como escravo. Homens vinham e apalpavam o meu corpo como se fosse um animal. Com chicotes, obrigavam-me a andar em círculos. Abriram-me a boca, bateram-me aqui e ali, avaliando-me. E, por eu ser de pequena estatura, passavam por mim com insultos e zombarias. Por fim, um homem chamado Filémon pagou o preço exigido por mim. Mas eu jurei que, sendo eu frígio de boa família, não me submeteria à indignidade de servir outro. Tu és um homem nobre, não conheces a miséria dos escravos. Não nos é permitido casar; apenas podemos, com permissão do senhor, tomar uma concubina. Não temos dinheiro, nem liberdade. Conheci um escravo, de outra casa, que foi crucificado por ter quebrado um vaso precioso do seu senhor. Assim, no meu medo e fúria, roubei dinheiro a Filémon e fugi da sua casa e de Colossos. Desde então, ando errante de esconderijo em esconderijo, sempre com medo, dia e noite. Não há lugar no mundo conhecido onde possa descansar em segurança. Pois onde quer que vá, estou sob autoridade romana. E se até mesmo este guarda que dorme a teu lado soubesse que sou um escravo fugitivo, levar-me-ia às autoridades, e eu sofreria todos aqueles tormentos que te descrevi nesta última hora.

Então Paulo assegurou a Onésimo que estava seguro sob a sua proteção. Conversaram até a aurora dissipar as trevas, e Paulo falou-lhe de Cristo, dizendo:

— Ele esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo.

E Onésimo encontrou conforto nessas palavras e adormeceu. Mas desta vez, o seu sono não foi perturbado por pesadelos. Foi sereno como o de uma criança.

Ora, Filémon tinha-se recentemente tornado cristão. Era um homem bom, e Paulo sabia que era firme na verdade e combatia a heresia dos libertinos que, como uma erva daninha, tinha surgido na Igreja de Colossos e quase sufocado a sua vida. Confiando neste homem, Paulo decidiu que Onésimo devia regressar ao seu senhor. O santo falou deste plano ao escravo aflito, que durante muito tempo se mostrou teimoso, recusando voltar a ser servo de outro.

Mas um dia, chamando Timóteo, o santo redigiu uma carta a Filémon, recomendando Onésimo — o outrora escravo — como um irmão muito amado.

Essa carta foi mostrada a Onésimo, e ele leu que Paulo se oferecia para pagar e restituir o dinheiro roubado. Percebeu nela também as finas exortações à misericórdia que sempre saíam dos lábios do Vidente de Tarso, e por fim concordou em regressar a Colossos e entregar-se a Filémon.

Contudo, sentia-se fraco de ânimo e temeroso no dia da sua partida, e pediu a bênção de Paulo. E novamente o santo o exortou, como crente em Cristo, a ter bom ânimo. Pois Filémon seria para ele um irmão, e não um senhor, mesmo tendo sido outrora ofendido por ele.

E assim foi.

Confiança retribuída com confiança. Filémon nomeou Onésimo como administrador da sua casa e confiou-lhe os seus bens. Desde esse dia até à sua morte, o escravo perdoado nunca falhou ao seu senhor e tornou-se o primeiro entre a congregação dos irmãos em Colossos.

Foi no segundo ano do cativeiro de Paulo, em sua casa em Roma, que Aristarco descobriu que restava pouco dinheiro no tesouro. O santo era generoso de coração e pródigo nas dádivas aos pobres. Muitos vinham diariamente ouvir os seus ensinamentos, mas ele recusava-se a aceitar ofertas, para que ninguém duvidasse da boa nova do Evangelho. Por isso, os irmãos estavam inquietos. Se o seu mestre ficasse sem meios, seria lançado na prisão comum, onde acabaria por perecer rapidamente, vítima da miséria.

Ora, o santo era avesso a pedir ajuda a alguém, e durante algum tempo manteve-se firme, declarando estar pronto para ir à prisão comum. Mas Lucas e Aristarco lembraram-lhe que os Filipenses haviam cuidado das suas necessidades quando ele estivera na Macedónia, e que haviam dado generosamente, sem murmúrios nem exigências. Assim, por fim, o santo consentiu que partissem para Filipos levando uma carta. Contudo, sentia-se abatido de espírito, temendo ter sido importuno na sua petição.

Mas Epafrodito veio apressadamente de Filipos, trazendo consigo uma generosa soma e as saudações dos santos daquela cidade ao seu amado mestre.

E assim Paulo continuou a viver na sua própria casa em Roma, e Epafrodito tornou-se como um médico e servo zeloso do santo, até que, de repente, adoeceu de febre e esteve à beira da morte. De facto, chegaram notícias a Filipos de que ele estava moribundo, e os seus familiares entristeceram-se profundamente até que souberam que recuperara.

Muitos foram os cuidados que assaltaram o prisioneiro naquele ano. Ele examinava cuidadosamente a sua mente à procura da doutrina certa para ditar ao seu escriba, pois chegavam-lhe notícias de heresias na Ásia e de divisão iminente na Igreja de Colossos. Mas todas essas questões foram postas de parte quando se soube que Paulo de Tarso iria em breve comparecer diante do Prefeito da Guarda Pretoriana, que administraria justiça em nome de César no caso deste cidadão romano.

Houve uma primeira audiência onde foram ouvidas testemunhas, e dois romanos de boa reputação declararam que Paulo era um homem de honra e boa reputação, um súbdito leal de César.

Ora, em Roma e no Palácio Imperial falava-se muito, pois Paulo estava detido sem julgamento havia dois anos. Tal indignidade e vergonha, dizia-se, não deveriam ter recaído sobre um cidadão romano, apenas porque certos fariseus fizeram acusações contra ele. E ainda assim, quando finalmente foi levado perante o juiz, Paulo recusou que qualquer dos seus discípulos falasse em sua defesa, receando que pudessem sofrer represálias.

Um advogado romano astuto convocou testemunhas que falaram contra o prisioneiro, proferindo falsidades que facilmente poderiam ter sido refutadas, mas muitos gentios apresentaram-se e deram testemunho favorável sobre o seu carácter e conduta durante a sua estadia em Roma. No entanto, Paulo sabia que só ele poderia dar o testemunho firme que poderia convencer o juiz pela sua veracidade. Confiando, pois, em Deus, enfrentou os seus acusadores.

Foi uma hora solitária. Ali permaneceu firme, escutando as palavras traiçoeiras com que os fariseus tentavam tecer uma armadilha à sua volta. Quando terminaram, falou com bravura e firmeza, mas o advogado apresentou novas provas sobre os tumultos e distúrbios que Paulo teria causado em Éfeso e Corinto.

"Em qualquer cidade onde este agitador entra", declararam os seus acusadores, "a paz da comunidade é ameaçada. E nenhuma cidade o acolhe por muito tempo, pois acaba por ser expulso. E se agora lhe for dada a liberdade, ele lançará os homens uns contra os outros e causará discórdias e rebeliões em Roma."

Então o Prefeito ergueu a mão e fez sinal de que iria proferir a sentença. Falou poucas palavras, mas bem escolhidas:

"Este prisioneiro é cidadão romano. Consideremos o que isso significa numa cidade como Jerusalém, onde há muitos judeus hostis ao domínio romano. Não procurarão esses perseguir e atormentar qualquer cidadão romano de reputação honrada que se exponha à sua ira? Faço esta pergunta, e todos vós conheceis a resposta. Em segundo lugar, tenho aqui o testemunho da honra e integridade de Paulo, não apenas de homens respeitados em Roma, mas também do mais alto em outra terra. Agripa, o rei, falou bem dele, e as suas palavras mostram que nada há contra o prisioneiro — antes pelo contrário, a ofensa está nos seus acusadores, que vergonhosamente trataram este cidadão romano e sábio de Tarso."

Com isto, o Prefeito ordenou que Paulo fosse libertado e declarou-o inocente, pois em nada ofendera César nem a Lei Romana.

Assim, no fim do ano, terminou o cativeiro de dois anos de Paulo, o seu testemunho tendo sido escrito em pergaminho e lido perante o Prefeito. No entanto, o que mais pesou para este juiz foi a palavra de Agripa e o seu próprio ressentimento contra os judeus de alta posição em Jerusalém. Ele recusou aceitar os relatos das testemunhas sobre as contendas e tumultos supostamente causados pelo prisioneiro em Corinto, Éfeso e outras cidades do Império.

LIVRO I – AS VIAGENS DE SÃO PAULO EM HISPÂNIA

O SANTO-GUERREIRO

Paulo era como a águia dos montes que anseia por levantar voo. Queria abranger o mundo inteiro com as suas asas antes de descansar. No entanto, por mais de dois anos foi privado de liberdade, por mais de dois anos viveu acorrentado em Roma.

Quando saía com o seu guarda, um tornozelo estava preso ao outro por uma corrente frouxa, e as suas mãos também estavam atadas. No aposento da sua casa, uma pesada corrente, presa a um anel na parede, cingia-lhe a cintura, de modo que apenas podia dar três ou quatro passos e nada mais. Assim foi mantido em estreito cativeiro, e o seu espírito consumia-se, pois desejava partir para Espanha, sim, e também para a Gália e, talvez, até atravessar o frio mar do norte, à procura dos bárbaros que habitavam na Bretanha e Hibernia, essas estranhas ilhas de névoa que repousam no caminho do sol poente.

Contudo, o cativeiro de Paulo em Roma foi tempo de grande proveito para a Igreja. Pedro declarou que, na verdade, o Santo de Tarso era um adversário mais poderoso de Satanás quando acorrentado do que quando viajava de cidade em cidade, de nação em nação.

Mas Pedro temia um pouco o fel que o seu irmão fazia levantar nos corações do povo, e temia os tumultos e confrontos que invariavelmente eclodiam quando Paulo surgia, como era seu costume, e falava na praça do mercado. Na verdade, este santo provocava mais ira no Império do que qualquer outro súbdito conhecido dos Césares. Mas o seu fogo purificava, além de queimar. Destruía antigas tolices e superstições, todas as vaidades e prazeres abomináveis dos pagãos.

CAPÍTULO I

Um centurião levou a notícia à pequena casa onde os irmãos estavam reunidos: César desejava que Paulo fosse libertado, pois não havia mancha ou mácula que manchasse o seu carácter.

Quando as correntes foram soltas e caíram, duas mulheres fiéis, Febe e Cláudia, trouxeram uma bacia com água e certos unguentos preciosos para dentro do aposento. Lavaram as feridas nos pulsos, pés e corpo do seu mestre. As correntes haviam-lhe roído a carne quase até ao osso. De facto, Paulo definhara com a passagem das estações durante o cativeiro. Estava com o olhar apagado, o corpo consumido, e sofria dores dia e noite, tanto que os irmãos, que dormiam no aposento de baixo desde o início do inverno, não conseguiam repousar por causa dos gemidos que vinham de cima e lhes dilaceravam o coração. Durante o dia, Paulo nunca se queixava, pois os irmãos estavam com ele. Apenas nas horas escuras da noite, por vezes, exprimia em voz baixa a dor do seu corpo.

Uma túnica e um manto novos, de linho branco, foram colocados sobre Paulo, e Febe e Cláudia serviram alimento a ele e aos outros santos. Comeram e ficaram saciados, e alegraram-se, regozijando-se pela liberdade do seu mestre.

Depois de ter falado afavelmente a cada um, Paulo fez sinal aos anciãos do grupo e retirou-se com eles. Eram oito ou nove: entre eles, Marcos, Lino — conhecido como Ansus —, Trófimo, Crescente, Andrónico, Júnias, Lucas e Aristarco. Durante o tempo do seu cativeiro, o santo aplicou-se arduamente à formação e organização da Igreja, para que esta se tornasse um todo unido. Por isso, Timóteo, Tito, Áquila e muitos outros amados por ele estavam em missão na Ásia, em Creta e na Grécia, guiando as comunidades nessas regiões. Duas vezes por ano, o líder de cada agrupamento de igrejas enviava um mensageiro ou vinha pessoalmente a Roma, trazendo notícias do trabalho e recebendo de Paulo novos conselhos a respeito da obra. Assim, nestes dois anos de prisão, Paulo alcançou o desejo da sua alma, e a Igreja estava pronta para enfrentar qualquer tempestade.

Embora Paulo tivesse sofrido por não poder levar a verdade a povos distantes, o seu ânimo era bom, pois acreditava que em breve partiria para a Hispânia. No entanto, sentia-se de certa forma vinculado a considerar os desejos do concílio dos irmãos que o rodeavam. Todos eram obreiros zelosos, que haviam sacrificado muito ao serviço da Igreja. Ali estava Lino, escolhido por Pedro, um homem que renunciara a tudo por Cristo; ali também Aristarco da Macedónia, que escolhera ser escravo e companheiro de prisão de Paulo, apesar de ter sido outrora um homem rico e honrado entre os seus. E ali descansava Lucas, terno e compassivo, curador de muitas dores, irmão de confiança; e os cabelos grisalhos de Marcos testemunhavam os seus sofrimentos e trabalhos. Crescente, jovem e impetuoso, era outra arma escolhida, que, por conhecer os bárbaros, era conselheiro valioso de Paulo; por fim, Trófimo, pregador zeloso, mensageiro e escriba.

Olhando para todos, o velho santo chorou de alegria e apertou cada um ao peito. Depois, quando todos estavam sentados, conversaram sobre os assuntos da Igreja; e Paulo hesitou em falar do anseio profundo da sua alma, tal era o receio que tinha do julgamento do concílio sobre tal assunto.

Lino apresentou-lhe cartas de Pedro que elogiavam a sua discrição e zelo: "Nomeamos Ansus, chamado Lino, como Supervisor da Igreja em Roma." Tal era o cerne dessas epístolas, e nelas se pedia também que Paulo acolhesse com favor essa escolha.

O Santo de Tarso declarou a sua sincera alegria, acolhendo este irmão como aos demais. "Sou apenas um viajante," disse ele, "e em breve partirei de Roma. Por isso, alegra-me saber que o meu lugar está preenchido, e que estou livre para partir."

Então os conselheiros olharam uns para os outros, mas não disseram palavra, embora certa inquietação lhes tocasse o coração. Marcos e Lino conheciam bem os receios dos Apóstolos em Jerusalém acerca da libertação de Paulo. Consideravam-no semelhante a um leão — uma nobre criatura, régia nos modos — mas demasiado pronto a entrar em combate, demasiado ousado no trato, ofendendo tanto judeus como romanos. Por isso, houve muito debate entre os anciãos da Igreja em Jerusalém quando se espalhou o rumor de que Paulo em breve seria libertado.

“Se ele voltar à Ásia ou à Grécia”, diziam eles, “certamente despertará a inimizade dos nossos compatriotas; estes apresentarão queixas contra ele e contra nós também em Jerusalém, e estaremos perdidos.” E assim, tendo sabido que no último ano de cativeiro

Paulo estivera perto da morte por causa de uma grave febre, viram aí uma oportunidade de dissuadir este "leão de Tarso", agora enfraquecido e doente, de voltar a partir em missão.

E então Lino levantou-se no meio do concílio e pediu a Paulo permissão para ler uma carta escrita pelo chefe dos Apóstolos em Jerusalém. E o santo permitiu, embora o seu semblante traísse desconforto por ver tal carta lida em presença dos irmãos naquela ocasião.

Lino leu apenas as primeiras frases, pois sabia que eram essas que importavam:

"Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus, em nome dos Apóstolos ao nosso amado irmão Paulo, saudações.

Recordamo-nos das tuas muitas aflições, e entristece-nos a grave enfermidade que, segundo sabemos, caiu sobre ti e consumiu todas as tuas forças.

Contudo, rejubilamos, por sabermos que em breve alcançarás a liberdade. Considerámos bem todos os teus trabalhos por Cristo, todos os teus sofrimentos, e temos a tua vida como preciosa, desejando que os teus dias se prolonguem sobre a terra.

Por isso, pedimos-te que te retires deste mundo presente para um repouso honroso. O nosso irmão Lucas, sabemos, cuidará de ti nessa merecida paz. E estamos convencidos de que realizarás uma grande obra, prestarás um nobre serviço ao nosso Senhor Jesus se permaneceres num só lugar — aquele que melhor favorecer a tua saúde — e aí, em oração e escrita, testemunhares a verdade e a vida do nosso Mestre Cristo."

Aqui Lino interrompeu a leitura, mas, a pedido de Marcos, leu ainda as últimas palavras da carta, nas quais Tiago declarava que era vontade dos Apóstolos que Paulo entrasse em dias tranquilos, em serviço de retiro:

"Em verdade, irmão, o teu combate terminou, e melhor servirás a Cristo da forma que aqui declaramos."

Agora, por um instante, Paulo estremeceu como que acometido por uma paralisia, tamanha era a sua aflição perante aquela ordem dos Apóstolos.
Pareceu-lhe que menosprezavam os seus trabalhos como pregador e viajante da fé. Era como se, tal como uma veste gasta, estivesse a ser posto de lado; e os irmãos observaram em silêncio, receosos de pronunciar qualquer palavra.

De repente, o tremor cessou, e Paulo chamou Aristarco, dizendo:
"Tu que nos podes trazer notícias de Espanha, declara-as agora."

"Na minha juventude," disse Aristarco, "quando ainda nada sabia de Cristo, viajei até à Hispânia, e fiquei maravilhado com a multidão do seu povo e com as riquezas daquela terra. Atravessei as Províncias Citerior e Ulterior, e encontrei romanos cultos, mercadores de Israel e a antiga raça que habitava aquelas terras antes da vinda das águias de César. Na verdade, a Hispânia abriga um povo forte, que, tendo dominado os ensinamentos subtis dos filósofos, ainda se apega a muitas e vãs superstições. Contudo, são um povo estimado aos olhos de Deus, e porque exercem grande influência no mundo, devemos ganhá-los para Cristo."

"Sim, estou de acordo contigo," respondeu Paulo.

"Mas tu não podes ir à Hispânia," exclamou Lucas. "Deixa que os irmãos mais jovens se ocupem disso."

"Conheço certos judeus e gentios daquela terra," declarou Andrónico. "Assim, se te agradar, Aristarco e eu iremos até à Hispânia levando as palavras de Paulo."

E, falando como seu médico, Lucas implorou que Paulo descansasse algum tempo junto ao mar, perto de Puteoli. "Depois de duas estações passadas, poderás então voltar a pegar no cajado e no alforje do viajante, e enfrentar de novo o caminho."

"E os irmãos na Ásia e na Macedónia, que anseiam ver-me de novo?"

Trófimo respondeu: "Mestre, segue o conselho do médico. Eu levarei cartas tuas aos irmãos dessas terras."

Então Marcos e Lino relembraram a Paulo o conselho dos Apóstolos, e fixaram nele os olhos, declarando com o olhar aquilo que não ousavam dizer com a boca: que as ordens dos Doze Apóstolos não podiam ser ignoradas por nenhum membro da Igreja.

Aristarco permanecera em silêncio todo esse tempo, por isso Paulo voltou-se para ele, dizendo:

"Qual é o teu conselho acerca da minha vida, que parece importar tanto a todos os irmãos?"

Aristarco respondeu prontamente:

"Melhor é carecer de pão do que carecer de vida; melhor o tormento do corpo do que o tormento do espírito."

"Falaste bem," disse Paulo, sorrindo com tristeza. "Irmãos, eu não consigo descansar."

E Marcos respondeu:

"Tu és precioso aos nossos olhos. Na verdade, perecerás se voltares a partir em viagem. O médico falou. Dá-lhe ouvidos."

"Mestre, estás quebrado. Procura o repouso que conquistaste," exortou Lino.

"Aristarco e eu levaremos as tuas mensagens à Hispânia," declarou Andrónico.

"Não, não!" gritou Aristarco. "Não irei nem à Província Citerior nem à Ulterior com Andrónico. Há apenas um homem em todo o mundo que pode acender a lâmpada da fé na Hispânia, sim, e também na Gália — e esse é Paulo de Tarso, Paulo, o maior de todos os santos, o único mestre que reconheço entre os homens."

E Paulo repreendeu-o com doçura por ter elevado assim um irmão indigno a tal posição de honra. Mas a sua voz esmoreceu em silêncio quando Lino voltou a falar da vontade dos Apóstolos e exigiu obediência às suas ordens.

E parecia agora que Paulo haveria de ceder, que ao menos por um tempo se retiraria em repouso. Que santo ousaria contrariar os discípulos que haviam andado com Jesus, o Cristo, sem cometer grande erro, quando tão claramente declarada era a sua vontade?

Paulo fechou os olhos e orou em silêncio por um breve momento, buscando luz e conselho. Depois abriu-os novamente, dizendo:
"Vinde, jejuemos, irmãos, e oremos. Amanhã partilharemos o Cálice da Memória; e depois guardaremos a Hora da Vigília e buscaremos o conselho de Deus, dado pelo Espírito Santo. Prometo-vos que, se me for ordenado amanhã à noite que busque o retiro e dias de paz, obedecerei. Pois nenhum homem entre nós pode desobedecer à Palavra de Deus, dada pelo Seu Espírito Santo a nós, pobres pecadores."

CAPÍTULO II

Marcos, Lino, Trófimo, Aristarco, Crescente, Lucas, Andrónico e Júnias, todos se reuniram após jejum e oração na câmara superior da casa alugada por Paulo.

A escuridão caiu rapidamente, cobrindo Roma com as suas asas. O som das brigas nas ruas e os cânticos do povo cessaram. Um vento forte soprou, e a chuva caiu com violência sobre a terra.

Paulo demorava-se. Nenhum homem ousava chamá-lo. Apenas acenderam duas tochas de junco, colocadas em argolas cravadas nas paredes.

Finalmente, ele entrou no aposento e, com humildade, pediu a Lino que abençoasse todos os presentes, pois disse:
"Sou o menor entre todos vós, irmãos, uma ferramenta gasta, cuja lâmina se embotou; por isso, já não sou de utilidade para nenhum de vós que estais no vigor dos vossos anos, fortes na fé e no entendimento."

Ninguém se atreveu a responder a tal declaração, mas todos se encheram de vergonha. Por vezes, o santo tinha um tom cortante na fala que feria, e todos sabiam bem que os seus trabalhos e sacrifícios não eram nada comparados aos de Paulo de Tarso.

Ele falou novamente, pedindo a Lino que começasse a oração.
Humildemente, este irmão apressou-se a obedecer, embora desejasse profundamente que fosse o Apóstolo a liderar aquele momento. Mas temia a repreensão, temia a severidade que cintilava nos olhos do Mestre de Tarso.

E, quando a oração foi oferecida e as Grandes Palavras da Vida foram pronunciadas, todos participaram do Cálice da Memória.
Então desceu àquele aposento uma paz que vence a amargura, a paz que consome a mesquinhez e o orgulho, a nobre paz que ultrapassa o entendimento humano. Essa paz reinou nos corações de todos, de tal forma que naquele momento estavam reunidos em Cristo, os seus corações e mentes elevados aos lugares sublimes além do alcance dos homens.

E eis que o ruído da chuva e do vento cessou nos seus ouvidos, como se habitassem, naquela Hora da Vigília, um outro mundo, distante da Babilónia que rodeava os seus corpos de carne.

Agora, há uma forma subtil que se chama a Imagem do homem. É feita de uma substância semelhante à carne, embora invisível; e há também o seu companheiro, o Corpo de Luz, 1 no qual o espírito habita, e através do qual pode enviar mensagens à alma do homem, ao Corpo de Imagem 2 e ao corpo físico. Na Hora da Vigília, se o Corpo de Luz estiver puro e sem mácula, a alma pode retirar-se dele, e os grandes espíritos — ou mesmo o Espírito Santo — podem entrar e declarar a Palavra do Altíssimo.

Assim aconteceu que, naquela Hora Santa, o espírito de Paulo retirou-se da sua Forma de Luz. Lentamente, o Mistério foi consumado, embora, aos olhos dos presentes, parecesse apenas que o santo adormecera profundamente ou desmaiara.

Uma brisa suave percorreu a câmara e as tochas de junco tremeluziram. Então uma névoa pálida envolveu-os e a sua luz enfraqueceu. As mentes dos irmãos foram então puxadas de volta do outro mundo onde haviam estado, e fitaram ansiosamente Paulo, que jazia ali encolhido, o rosto imóvel como pedra. E todos ficaram tomados de medo à medida que o tempo passava e ele não se movia, e o vapor se adensava ao redor. Desejavam orar, clamar em voz alta aquele estranho temor — mas o silêncio selava-lhes as línguas.

Inclinaram-se então para a frente, em reverência à Presença Poderosa que preenchia aquela câmara solitária e a todos mantinha em suspenso.

E logo, como estrelas a dançar sobre os montes, pequenas luzes começaram a mover-se de um lado para o outro, e a escuridão desvaneceu-se. Um fulgor irradiou do corpo de Paulo e, lentamente, tomou a forma de um anjo. Então os irmãos prostraram-se diante dele, e estavam bem acordados, e não era sonho; pois todos ouviram as mesmas palavras, dirigidas a Lino, conhecido como Ansus, agora o ancião principal daquela reunião:

"Eis que te trago a Vontade do Altíssimo, e nenhum homem a poderá contestar. Tu és o Supervisor da Igreja em Roma, e a ti cabe declará-la aos irmãos.

1 *"O Corpo de Luz", por vezes chamado de Anjo Guardião ou Eu Superior.*

2 *"O Corpo de Imagem" é provavelmente o Corpo Etérico.*

Que Paulo, nosso servo, cinja os seus lombos nesta estação, reúna companheiros de confiança e procure um navio que o leve à Hispânia. É-lhe ordenado que se apresse, pois os seus dias estão contados, e ele não poderá demorar-se por muito tempo em qualquer lugar. O vento salgado do mar purificará o seu corpo, e o Espírito fortalecerá o seu vigor.

Por isso, conjuramos-te, Lino — também chamado Ansus — a preparares o caminho de Paulo, para que ele possa partir com a maior brevidade possível. Ele atravessará a Hispânia até à Gália, onde novamente lhe será declarado o Verbo do Espírito Santo."

Lino tentou falar, mas não conseguiu produzir som algum. As brisas continuaram a soprar na câmara, as pequenas estrelas voltaram, giraram e foram lançadas de um lado para o outro, e outras vozes se fizeram ouvir. Lentamente, a luz e a glória desvaneceu; a Forma de

Luz desapareceu da vista dos irmãos, e souberam apenas que, com grande estrondo como de trovão, a Presença Poderosa se retirou daquela câmara, e a quietude da terra ali retornou.

Durante todo esse tempo, Paulo permaneceu como um dorminte que ultrapassara os limites do sonho, sem se mover, sem se agitar. Os seus lábios não proferiam palavras, os seus membros não davam sinal. Estava retido dentro do Santo que o possuía, Aquele que entrara no seu Corpo de Luz e declarara a Vontade de Deus.

CAPÍTULO III

Logo de manhã, Lino, o Supervisor, veio até Paulo, enquanto este ainda repousava sobre o leito. E falou com humildade, dizendo:

"Mestre, foste escolhido pelo Senhor. Estranhos e maravilhosos foram os sinais que nos foram mostrados naquela noite passada. Em verdade, o Santíssimo entrou em ti e habitou entre nós naquele momento."
Então Lino relatou a ordem que lhe fora dada quanto à jornada até à Hispânia.

E Paulo respondeu:

"Se esta mensagem é de Deus, então certamente a vontade dos Apóstolos deve ser posta de parte. Pois são apenas homens mortais e, compreendo agora, não buscaram, nesta questão do meu retiro honroso, a Palavra do Espírito Santo." 1

Lino confirmou que assim era, e concordou que Paulo devia levantar-se imediatamente e preparar-se para navegar desde Puteoli até à Hispânia. No entanto, ele jazia em grande fraqueza, embora o seu espírito ardesse como fogo. Por isso os irmãos transportaram-no numa liteira, e a sua viagem até Puteoli foi planeada para durar alguns dias.

O santo inquietava-se e chorava cada vez que despertava para uma nova manhã, temendo que a demora permitisse que novos obstáculos se erguessem em seu caminho. Mas, ao ver pela primeira vez o mar e os navios, a sua mente acalmou-se, e a fé voltou ao seu coração.

Contudo, quando repousava numa casa em Puteoli, foi acometido de febre e um suor intenso cobriu-lhe o corpo. Mais uma vez os irmãos suplicaram que ali permanecesse até o verão.

Era a estação da primavera, tempo em que toda a vida desperta — e esse despertar também atiçava o poderoso espírito do Mestre de Tarso.

1: Nessa época, os Apóstolos em Jerusalém eram Tiago, Pedro, João, Mateus e outro Tiago; também Tadeu e André. Os demais, que haviam caminhado com o Mestre, ou estavam mortos, ou em viagem. Os seus lugares foram ocupados por alguns dos que são contados entre os Setenta Discípulos. O Colégio dos Doze permaneceu em Jerusalém até aos dias da Aflição. Se um deles estava ausente, outro ocupava o seu lugar e dava conselho. De facto, Paulo era, para eles, um fardo difícil, pois ficavam perturbados com o facto de ele não aceitar nenhum conselho dos irmãos. Sempre escolhia ser o guia, embora — como Tiago declarava — estivesse sempre a lamentar as suas fraquezas e a apontar os próprios defeitos. No entanto, continuava

a afirmar o direito de andar como lhe aprouvesse, ainda que dissesse não andar segundo a própria vontade, mas segundo a Vontade do Espírito Santo.

Társio — e ele não deu ouvidos ao conselho nem às orações daqueles que o amavam.

Um navio que trouxera trigo de Gades (Cádis) para a Itália estava prestes a zarpar dois dias depois do sábado, e havia lugar para viajantes. Por isso, o santo declarou que, mesmo se estivesse às portas da morte, seria levado a bordo na véspera da partida.

Os irmãos não ousaram contrariá-lo, e assim se cumpriu a sua determinação. A febre havia passado, mas Paulo não podia caminhar, tal era a debilidade dos seus membros. Contudo, o mestre do navio era velho e experiente nas artes do mar, e prometeu uma viagem tranquila. Por isso, a entristecida comunidade dos santos romanos sentiu-se um pouco aliviada, embora, até ao último instante, implorassem a Paulo que cedesse e se deixasse levar de volta para terra. Mas, vencido pelo cansaço, ele apenas conseguia sussurrar a sua vontade. Pediu-lhes que o deixassem em paz, pois não permitiria que homem algum o afastasse do seu propósito.

Assim foi que o velho e enfermo leão de Társio conseguiu o que queria. E, não podendo mais falar, fez o sinal da bênção. Então os irmãos, chorando, inclinaram-se e despediram-se dele.

CAPÍTULO IV

Quando Paulo, Lucas, Aristarco, Andrónico e Crescente partiram para a nova missão, as velas de Deus fizeram festa na escuridão. Com alegria, Paulo despediu-se das costas da Itália, voltando o rosto para o ocidente. Nenhuma nuvem manchava o céu e a lua abria um caminho prateado sobre as ondas, chamando o navio para diante. Era uma embarcação confortável, com velas plenas onde sussurravam os ventos da noite.

Cumpria-se a palavra do Espírito: Paulo levantou-se e caminhou pelo convés; a dor desaparecera; os seus membros soltos não o falharam. Andava de um lado para o outro, regozijando-se na escuridão cintilante, trocando palavras alegres com Lucas e Aristarco, sobre cujos braços se apoiava. O seu coração era como o de uma ave marinha selvagem — tirava força das ondas murmurantes, saúde e alegria dos ventos que corriam sobre as águas largas. A sua mente tornava-se como um espelho naquele tempo e podia perceber a imagem nítida da vontade do Espírito.

E por isso Lucas reconheceu que a sua sabedoria de médico nada valia quando falava a Alta Sabedoria, pois aquele mar sereno trazia consigo cura e paz.

O mestre do navio julgara bem: nenhum mau tempo encontrou a sua embarcação. Nos dias seguintes, ela navegou suavemente por águas calmas. E Paulo deleitava-se com a vida ao seu redor, conversando com marinheiros e gentios, procurando conhecer o espírito de cada viajante naquele barco. Buscava entre eles alguma alma graciosa que estivesse pronta para receber a verdade ou que pudesse oferecer-lhe conhecimento sobre a terra para onde se dirigia.

Um soldado, um Galego 1 (oriundo da região da Galiza, no noroeste da Hispânia), conversou longamente com o santo e contou-lhe a história da sua vida — das guerras com os bárbaros e da honra que recebera após a batalha. E logo Paulo percebeu que esse homem pensava nas coisas do espírito, embora fosse ignorante e adorasse muitos deuses.

Tendo declarado a sua alegria por regressar a Gades, sua terra natal, mostrou-se curioso e questionou Paulo:

— "É verdade que és judeu e também cidadão romano?"

1 Galiza, parte do noroeste da Espanha.

— "Sim, disseste bem."

— "Os hebreus são um povo curioso," continuou o Galego, "e dizem que em certos pontos são semelhantes ao meu povo nas suas crenças. Nós, os Galegos, consideramos o javali sagrado, e a sua imagem está no meu estandarte. Também os judeus veneram o porco, considerando a sua carne sagrada. Nem eles nem nós comemos da sua carne, como fazem os romanos, que são um povo grosseiro."

Paulo respondeu prontamente:

— "Não, nós, judeus, não adoramos o porco. O nosso Deus declara-o impuro, e por isso não podemos comer da sua carne."

Então o simples soldado exclamou, espantado, e Paulo viu quão difícil seria arrancar dele tal superstição. Por isso, falou-lhe em linguagem simples, como se a uma criança:

— "É loucura adorar ave, besta ou peixe. Não tens tu maior entendimento que o javali da floresta? Ele apenas deseja comer, saciar-se e gerar. Tu andas sobre dois pés, ele sobre quatro. Tu podes, com a tua mente, viajar até às estrelas, enquanto ele procura raízes no chão para se alimentar."

E Paulo disse muitas outras palavras, declarando por fim o Nome acima de todo nome e esforçando-se por mostrar que havia um só Rei dos Reis, um só Senhor dos Senhores.

O Galego escutava com atenção, deitado aos pés de Paulo. Sofria de uma antiga ferida nas costas, e assim se deitava para aliviar a dor.

O seu rosto iluminou-se e disse:

— "Gostaria de adorar esse Deus poderoso. Conta-me mais sobre Ele. A minha vida é cheia de perigos e dificuldades. Por isso, acredito que é sensato prestar homenagem a vários deuses. Então, na hora da batalha, se um me falhar, outro poderá socorrer-me. Em Gades há dois grandes templos: um é conhecido por Melcarte-Hércules, 1 o outro por Baal-Saturno. Talvez tenhas ouvido falar deles e das suas maravilhas, pois és um homem de saber.

Dentro do templo de Melcarte-Hércules estão as Colunas de Hércules, 2 que eu venero pela força. Também adoro Ísis, a Mãe, porque dá e preserva a vida; Mitras, deus dos soldados, que afasta os golpes do inimigo; e Endovélico, o melhor de todos, pois dá saúde, e com ela, alegria e vida."

1 Melcarte, derivado de Malech = Rei. Cf. Malaquias.

2 "O primeiro autor que os menciona é Píndaro, que os coloca em Gades (Cádis), e a sua opinião teve muitos seguidores em épocas posteriores..." – Enciclopédia de Chambers.

— "Endovélico não curou a tua ferida," murmurou Paulo.

— "Sim," suspirou o soldado, "ele falhou comigo. Esta dor atormenta-me noite e dia. Temo ter ofendido esse deus poderoso. Na juventude, não lhe ofereci sacrifícios, e zombava dele como deus da Lusitânia. Agora ele não escuta a minha oração, e continuarei a ser afligido."

Então, em resposta, Paulo ordenou ao soldado que descobrisse aquela parte do seu corpo que tanto o picava e atormentava. E o santo orou suavemente. Nomeando Jesus Cristo três vezes, passou as mãos sobre os rins e as costas daquele homem. Por um momento, os seus dedos vaguearam ao longo do grande osso que vem do pescoço e atravessa as costas até às partes traseiras. E o Santo Poder que é do Espírito operou através das mãos de Paulo, de modo que rapidamente o Gálico foi aliviado; e o sofrimento que cerrava as suas sobrancelhas soltou-as, pois toda a dor fugiu e a alegria espalhou-se pelo seu rosto... Até aquela hora, andara como um coxo, apoiando-se num cajado. Agora levantou-se, lançou-o para longe e, caminhando, saltando, atravessou o convés com a leveza de qualquer jovem grego campeão nos jogos. Os marinheiros maravilharam-se ao perceberem a mudança naquele homem e ao saberem do milagre operado pelas mãos de Paulo. Reuniram-se à sua volta, fazendo perguntas sobre a cura, e ele falou, dizendo: "Este homem não foi curado pelo toque das minhas mãos, mas pelo poder do único Deus e do Seu Filho, Jesus Cristo. Eu sou apenas o vaso através do qual Ele derramou a graça da Sua cura."

E o santo então contou, com palavras simples, notícias de Jesus Cristo. Um grande silêncio caiu sobre os que escutavam, e quando, após uma hora ou mais, Paulo procurou pôr fim ao discurso, pediram-lhe que continuasse no dia seguinte.

Contudo, o Gálico, sozinho entre os passageiros, pediu para ser batizado e tornar-se servo do "Senhor da Cura", como ele chamava Cristo. Os outros gentios, que viajavam para Gades, eram nobres romanos conhecedores das filosofias, e troçaram de Paulo até que o santo ficou com os ouvidos a arder, e perdendo a paciência, clamou contra a escuridão do entendimento deles. Então Lucas afastou o seu mestre daqueles homens, que até lançavam dúvidas sobre a cura do soldado. E o médico pediu a Paulo que descansasse por algum tempo. Era sinal de que o santo ainda não estava curado, quando podia assim ser levado à cólera pela zombaria tola dos faladores. Mas o Gálico seguiu Paulo como um cão segue o seu dono; e os dois conversavam enquanto o navio navegava pelos mares brilhantes e cada hora os levava mais perto da nova missão.

"Prestarei lealdade apenas ao teu Deus nos dias vindouros," disse o soldado, "pois verdadeiramente Ele devolveu-me a vida e a alegria. Mas compreendo pouco do teu culto. Por isso, quando chegarmos a Gades, gostaria de te apresentar a um parente meu que é, verdadeiramente, o mais sábio filósofo de todo o mundo. Ele sondou as profundezas e escalou as alturas com a sua sabedoria; e gostaria de vos ouvir a dialogar, para que, como um novelo de lã, as notícias do teu Senhor possam ser desenredadas para mim."

E Paulo perguntou pelo nome e condição desse parente. Então o rosto do soldado mudou um pouco ao dizer: "É necessário que caminhes com cuidado ao dialogar com o meu parente. Não sei se deveria dizer-te mais sobre ele, pois é poderoso e é um homem de muitos segredos, que caminha à parte. O seu nome é Symphorus, 1 mas entre os seus discípulos escolhidos chama-se a si mesmo 'O Iniciado do Dragão Verde'."

Ao ouvir este título, Paulo pressionou o soldado com perguntas sobre o seu parente, pois o santo sabia que os Iniciados do Dragão Verde eram homens que serviam no Antigo Mistério, e eram em muitos aspetos maus e possuíam grande e secreto poder.

Corria o rumor de que esses filósofos procuravam lançar correntes sobre o entendimento do jovem césar e, através dele, governar o Império. Esse rumor podia ser apenas uma fábula vã, mas chegou aos ouvidos de Paulo por meio de Aristóbulo, um nobre, quando o santo estava preso em Roma. E agora, embora fosse ignorante quanto às práticas e ao saber encerrado naquele antigo e funesto mistério, acreditava que enfrentava nele e no mestre Symphorus o velho adversário, Satanás.

1 Um termo do Grego que significa expediente'.

CAPÍTULO V

Agora, o Gálico não quis transmitir a Paulo mais notícias sobre os Iniciados do Dragão Verde. Apenas contou ao santo como, na sua juventude, Symphorus desejara que ele fosse um desses eleitos. Durante algum tempo esteve dividido entre dois desejos, querendo possuir os poderes desses mestres, mas também temendo-os muito. Pois todos juravam o voto de obediência ao Antigo Mistério. E, vencido o desejo pelo medo, o Gálico fugiu de Cades e procurou serviço em Roma nas legiões de César.

No entanto, nestes dias sobre o mar, Paulo deu-lhe grande coragem, e o seu temor e reverência pelo mestre Symphorus – o feiticeiro dos feiticeiros – abandonaram-no. Fortalecendo-se na sua fé no Senhor Jesus, este simples soldado planeou com Paulo as viagens que deveriam fazer através da Hispânia.

"Primeiramente deves permanecer algum tempo em Cades, depois viajarás para Astigi, Córdoba e Emerita, e depois irás para Malaca e Cartagona, 1 assim abrangerás a província da Bética, e poderás então, em Cartagona, atacar o coração da Tarraconense; 2 e assim a semente das tuas nobres palavras enriquecerá a maior parte do meu país. Córdoba dos templos é a fonte da sua sabedoria, e Cartagona é conhecida como o grande mercado de linho e trigo, de toda a espécie de pedras preciosas que deleitam o olhar, de peixe e carne de caça, e de tudo o que agrada ao ventre. E repara, o povo da Bética chama a Cades 'A Torre de Vigia do Mar'. Pois os navegadores de muitas nações viajam até lá, e o povo do porto constrói grandes navios que enfrentam as tempestades e navegam até à Britânia, à Gália, e também ao sul longínquo. E os mercadores de Cades negociam com os portos do oriente, em Ádria, e também com os portos da Itália. Por isso, se conseguires persuadir alguns dos marinheiros e mercadores da verdade do teu Deus, talvez levem notícias d'Ele a todos os cantos do mundo conhecido.

1 Ecija, Cordova, Merida, Malaga, Cartagona.

2 De forma geral, nesses tempos, a Lusitânia correspondia a Portugal, a Bética ao sul de Espanha e a Tarraconense ao restante de Espanha.

Verdadeiramente, amigo Paulo, tu regozijar-te-ás e alegrar-te-ás em na província da Bética. Foi chamada de "O Jardim dos Deuses", e tu a mudarás para o Jardim de Jesus Cristo. Esta terra é famosa pelas suas oliveiras, fruto escuro da aurora, pelas suas laranjeiras, fruto dourado do pôr do sol, pelas suas lãs que são tosquiadas dos rebanhos brancos que vagueiam pelas suas colinas. Muitos metais preciosos jazem nas entranhas da sua terra. As Montanhas de Prata derramam os seus tesouros, os campos produzem trigo e as fontes oferecem cura. Todas as ervas dos campos florescem. Por isso, riquezas acumulam-se em Gades; e se conseguires ganhar o ouvido dos Romanos, que possuem grandes propriedades junto ao porto, conquistarás para o serviço de Jesus ouro em abundância, e poderás assim prestar muita honra ao Seu Nome."

"Não procuro ouro para Jesus," gritou Paulo, e repreendeu o Gálico por tal afirmação. Este simples soldado ficou algo perplexo, mas aceitou a repreensão com humildade, dizendo: "Na verdade, o teu Deus tem uma estranheza que não consigo sondar. Pois sempre acreditei que um poderoso se deleita no esplendor e em ofertas ricas. Contudo, porque o teu Deus me concedeu o maior dom de todos – a minha saúde e a minha alegria – estou pronto apenas para O servir e adorar."

E aqui os dois cessaram de falar, pois a costa da Hispânia surgiu no horizonte do mar. A Paulo pareceu, enquanto olhava com ansiedade na direção onde se encontrava Gades, que viajava como os filhos de Israel outrora para a Terra Prometida. Assim o Senhor entregaria esta grande terra nas mãos do Seu servo. E o santo acreditava que ali, entre os gentios, encontraria finalmente liberdade das perseguições dos fariseus e saduceus. Era verdadeiramente o Jardim de Deus; pois não encontraria ali inveja vil, fábulas mentirosas, nem conspirações contra a sua vida naquela terra. Por isso, inclinou-se, dando graças pelos dias pacíficos de trabalho que esperava ter na Bética, que é a coroa da Hispânia.

CAPÍTULO VI

O Santo de Tarso não pensou naquela sombria sentença: "Tem certeza de que o teu inimigo te encontrará," quando pisou o solo de Gades. Não pensou que o caçador o seguia de perto, que o falcão avistara a sua presa desde os altos céus.

Alguns jovens em Jerusalém tinham jurado, quando Paulo esteve pela última vez nessa cidade, que não comeriam nem beberiam até o matarem, mas uma guarda de soldados romanos o livrou das suas mãos. Assim, esses jovens zelosos, não querendo morrer de fome, foram forçados a quebrar o seu voto. Como a maioria dos Zelotes, nunca esqueceram uma ofensa. Vigiaram o momento em que Paulo ou pereceria na prisão ou fosse solto das suas cadeias. Para tal fim, alguns jovens em Roma observaram os movimentos dos irmãos.

Mas tão rapidamente partiu o santo para Puteoli que escapou à sua vigilância, e o seu navio já havia zarpado quando alguns deles chegaram àquela cidade à sua procura.

Entre esses jovens estava um filho de Alexandre, um judeu de Éfeso, que muito atormentara Paulo no passado. Esse filho tinha o nome do pai, por isso será chamado pelo título que os santos mais tarde lhe deram: "Bildade, filho da Contenda." Astuto e rigoroso nas suas observâncias da Lei de Moisés, era tido em estima pelo Sumo Sacerdote de Jerusalém, 1 que lhe ordenou vigiar Paulo e, se este fosse liberto, tratá-lo como se fosse um proscrito de Israel.

Acompanhado de outros servos do Sumo Sacerdote, Bildade embarcou num navio que seguia de perto na esteira da barca que levava o pequeno grupo de santos para a província da Bética. Mas os ventos açoitaram o seu navio, e Paulo já estava há três semanas estabelecido em Gades quando o seu amargo inimigo ali desembarcou.

Ora, Paulo não tinha amigos em Gades, por isso hospedou-se primeiro na Estalagem dos Hebreus, que os gentios chamavam de "A Casa dos Figos Verdes", porque os judeus eram tidos por eles como um povo amargo e orgulhoso, que se afastava de todas as outras nações. Por isso, os nativos da cidade ficaram admirados com a doçura do falar de Paulo, com a sua compaixão pelos doentes e enfermos, e escutavam as suas palavras.

1 Atos xxiii 12

Ele trazia cartas para certos romanos abastados que viviam em palácios na costa, e visitou-os, pois sempre foi seu hábito, numa cidade estranha, procurar todo o tipo de pessoas, moldando os seus discursos conforme a compreensão de cada um. Esses romanos eram os mimados da terra. Escutaram de forma cortês o santo quando este declarou o seu propósito em Gades. Mas zombaram levemente do seu evangelho, e, cegos pelo seu poder e riqueza, não conseguiam recolher a rica colheita da verdade que Paulo, Aristarco e Lucas lhes ofereciam.

Percebendo a obstinação deles, o santo não desperdiçou mais palavras ou orações com eles, mas foi ter com o povo simples e ignorante. Pregou aos pescadores e aos escravos que procuravam pepitas e sementes de ouro nas nascentes e riachos entre as areias da Bética. E estes escutaram com alegria a promessa de um Deus que coloca o primeiro por último e o último por primeiro. E Paulo foi aos estaleiros onde os homens construíam os famosos navios de Gades, e também entre esses construtores encontrou seguidores. Rapidamente os irmãos formaram uma igreja, e alegraram-se porque o seu trabalho prosperava, e em poucas cidades tinham conquistado tão rapidamente os corações dos pobres e simples.

Lucas curou muitos com as suas ervas e conselhos, e assim abriu caminho à compreensão deles; depois, os discursos fervorosos de Paulo levaram-nos a prometer fidelidade a Cristo. Por isso, chegou uma hora em que Andrónico clamou ao santo: "Mestre, tu limparás a província da Bética como um homem limpa um prato, limpando-o e virando-o ao contrário. Tu purificarás este povo e separá-lo-ás para Deus."

E foram enviadas cartas a Roma, contando aos irmãos as boas novas e pedindo que outros fossem para Gades continuar o trabalho quando Paulo tivesse de partir para visitar as cidades do interior.

Essas cartas mal tinham sido enviadas quando Bildade desembarcou em Gades e foi até à Casa dos Figos Verdes, onde falou com o estalajadeiro e lhe declarou tal escândalo que este imediatamente procurou Paulo e pediu-lhe que partisse e procurasse outro alojamento.

Ora, Bildade não quis matar Paulo, pois isso seria pecado de sangue, então decidiu derrubar o santo incitando os gentios contra ele.

Este filho da contenda andava de um lado para o outro, sussurrando frases funestas aos ouvidos dos cidadãos. Contava do aprisionamento de Paulo em Roma e mostrava aos mercadores, aos servidores e aos sacerdotes no templo um pergaminho chamado "Declaração de Demétrio". 1

Este escrito foi assinado pelos anciãos da Guilda dos Artesãos em Éfeso. Alegava que Paulo era um servo dos poderes malignos, e que procurava derrubar o culto aos deuses, tendo em Éfeso tentado arruinar os honestos artífices, roubando-lhes o seu comércio das pequenas imagens de Diana.

O nome de Paulo passou de boca em boca em Gades, e quando os mercadores e outros pagãos lhe lançaram olhares sombrios, o povo que ele ensinava começou a afastar-se dele. Mas Bildade agia com tal segredo que os irmãos não compreendiam esta mudança, e não sabiam que, mais uma vez, o seu mestre estava em perigo de prisão, apedrejamento ou morte.

1 Atos xix 24

CAPÍTULO VII

Neste tempo, o Gálico apresentou Paulo a Symphorus, e o santo logo percebeu que o soldado não exagerara ao declarar a sabedoria deste mestre do saber. Ele mostrou-a em abundância, raciocinando como um dialético, falando da doutrina dos estoicos e dos epicuristas, e revelando as fraquezas de cada filosofia. Mas não revelou nenhuma das suas próprias crenças ao santo, preferindo levá-lo a declarar a sua própria fé e sabedoria.

Paulo ficou muito satisfeito. Este homem não zombava como tantos romanos instruídos quando se relatava a Ressurreição de Cristo. Disse: "Sim, mestre, posso bem acreditar que Jesus poderia despertar o seu corpo do sono da morte e sair caminhando entre os homens. Não só isso, não ignoro a vida estranha e os milagres realizados por este Filho do Homem. No Oriente escutei-te, e em Éfeso ouvi os dizeres dos teus irmãos. Verdadeiramente, creio na história do teu Cristo; creio na tua visão no caminho para Damasco, e sei que essa visão mudará reinos e moldará o destino de gerações futuras."

E o coração do santo saltou de alegria, acreditando que convertera aquele pagão instruído. No entanto, havia ainda inquietação na sua alma; uma voz sussurrava: "Sê cauteloso, Paulo; retém a tua palavra." Assim, não prosseguiu com o discurso, mas questionou Symphorus, pedindo-lhe que declarasse a sua própria fé interior.

Veio uma resposta rápida: "Não sou como os epicuristas ou os estoicos. Sou um crente, não um destruidor da fé. Sirvo uma fé mais antiga que a tua; presto homenagem ao princípio de um Deus-Criador. Mas aquele que eu venero tu não podes reverenciar nem compreender. Paulo, grande mestre que és, há entre nós um abismo que não pode ser

transposto. Admiro o temperamento, a rapidez do teu entendimento, mas não concordo com muitos dos teus ensinamentos. Neste sentido, somos adversários. Pois tu serves apenas meia verdade, enquanto eu sirvo a verdade inteira. A escuridão do outro lado da lua tolda e confunde a tua imaginação. Somos inimigos espirituais, e assim permaneceremos, a menos que eu possa convencer-te, no meu próprio tempo e ocasião, dos teus muitos erros."

Ora, o santo havia falado com muita eloquência, o sal da sabedoria estava contido nos seus rogos a este homem. Por isso, calou-se por um tempo, enquanto procurava sondar o significado do seu interlocutor. Logo a sua visão interior penetrou a mente daquele homem; e falou cortesmente, dizendo: "Não sou inimigo de ninguém. Procuro obedecer ao mandamento do meu Mestre, Jesus, de amar aqueles que se dizem meus adversários. Vejo que zombas de tal estranha sentença; mas declaro o que é verdade. Contudo, porque és como os colecionadores de saber de Atenas, não desperdiçarei a minha vida passando nem mais uma hora na tua companhia. Outros precisam muito de mim. Rogo que não nos voltemos a encontrar."

Symphorus curvou-se graciosamente, dizendo: "Não, está escrito no pergaminho das estrelas que teremos um encontro notável. Esperarei pacientemente por esse tempo."

CAPÍTULO VIII

Ora, um dos governadores da cidade de Gades chamava-se Syntrophus, e gerara muitos filhos. O mais novo, Sabino, era bem-apessoado em estatura e força. O povo aclamava-o como campeão; pois excedia em lançamento de lança e em todos os jogos que agradavam aos romanos. Ele adorava no Templo de Melcarte-Hércules e acreditava que devia a sua força ao poder emanado das duas colunas de bronze ali erguidas. Por isso, como se sabia que era muito zeloso pela honra do seu deus, Bildade persuadiu um sacerdote ancião, que servia no grande altar, a mostrar a Sabino a "Declaração de Demétrio".

Sabino ficou furioso ao saber que o judeu mencionado nesse escrito tinha vindo a Gades com a intenção de derrubar as Colunas de Hércules, e procurou o santo por toda a cidade, com o intuito de o expulsar ou exigir-lhe culto e oferendas ao seu deus como sinal de paz e boa vontade.

Por algum tempo Paulo e Sabino não se encontraram, pois o santo vivia nos bairros humildes da cidade, andando entre os construtores de navios, falando com eles. Os crentes aumentavam em número e a pequena igreja prosperava. Mas Andrónico soube, pelo estalajadeiro que mantinha a Casa dos Hebreus, que certos dos que haviam sido baptizados não haviam abandonado as suas antigas crenças; pois ainda iam ao templo de Melcarte-Hércules para adorar. Contou isso a Paulo, e que, no dia seguinte, celebrar-se-ia o Festival da Primavera, e os homens de Gades ali se reuniriam.

Ora, todas estas palavras tinham sido postas na boca de Andrónico pelo astuto estalajadeiro, que servia a Bildade. E o santo, cansado pelos seus muitos trabalhos, não estava vigilante. Caiu nas armadilhas armadas por este emissário dos fariseus e procurou um lugar de vantagem não muito distante das portas do templo.

E eis que os adoradores vestidos de branco saíam em número, cantando o hino do renascimento, tocando flauta e viola, clamando louvores aos ídolos, saltando e dançando sob o sol.

Vendo entre eles alguns dos recém-convertidos irmãos, Paulo levantou-se sobre uma pedra alta e ergueu a mão, chamando por eles. Rapidamente o povo se reuniu à sua volta, pois os cidadãos da Bética são curiosos; e por um curto espaço a balbúrdia de vozes silenciou-se enquanto escutavam o discurso do forasteiro.

Vestido de linho branco e coroado com louro, Sabino passou por ali em companhia dos seus, que o aclamavam, gritando: "Abri caminho, abri caminho para o Orgulho de Hércules; abri caminho para o poderoso lançador de lanças." E a multidão recuou, murmurando palavras de louvor e honra. Mas Paulo não lhes prestou atenção, permanecendo sobre a pedra que estava no caminho do lutador.

Vendo-o, Sabino deteve-se, dizendo: "Quem é este falador? Quem é este corcunda malformado? Porque é que se permite que fale à porta do templo?"

Alguém lhe respondeu, dizendo: "É Paulo, o estrangeiro que nos ordena que adoremos apenas o seu Deus, que é ávido da honra de um chamado Jesus."

"Eis o homem que procuro," disse Sabino, "abri caminho, quero falar com ele."

E o povo comprimiu-se atrás. Mas um pequeno espaço formou-se à volta, de modo que o gigante e o "pequeno, encurvado ancião" ficaram a sós. Por esse título era o santo conhecido entre os pagãos em Gades.

Enquanto estes dois se enfrentavam, os murmúrios cessaram, todos observavam em silêncio, supondo que o campeão zombaria e se divertiria à custa daquele hebreu.

Sabino falou, dizendo: "Disseram-me que és inimigo dos meus deuses. Declaras o domínio do teu Deus, e que Ele destruirá o templo e tudo o que eu venero."

Paulo não ficou de modo algum intimidado pelo semblante feroz deste Golias Gálico e respondeu:

"Amigo, essas palavras não são minhas. Não procuro destruição em nome do meu Deus. Apenas procuro espalhar novas d'Ele, pois Ele é a verdade e a vida. Ele te ergueu no orgulho da tua força, e pode, se assim Lhe aprouver, lançar-te de novo ao pó."

E Sabino riu-se destas palavras, dizendo:
"É evidente que és um ignorante; mas não escaparás com artifícios de língua. Vem comigo agora, e na presença do povo faz uma oferenda no templo, presta reverência e homenagem às Colunas de Hércules. Então saberemos que és um homem verdadeiro e não um conspirador."

"Não, não irei contigo ao Templo de Melcarte-Hércules, nem a qualquer templo nesta cidade."

Ao ouvir estas palavras, a multidão fez um assobio como gansos e teria clamado contra Paulo se Sabino não os tivesse contido com um gesto da mão.

"Então és um blasfemo," declarou o lutador, "e pelos carvalhos vermelhos de Emerita, lançar-te-emos ao mar por esta ofensa."

E teria falado mais, mas o santo interrompeu-o com palavras rápidas que soaram como o choque de lanças, claramente audíveis para toda aquela assembleia:

"Sou cidadão romano e presto devida lealdade a César. Tu não ousarás tocar-me, pois isso ofenderia a lei e desonraria Roma por parte dos Béticos. Contudo, homens de Gades, vim com boa vontade à vossa terra, para vos trazer novas da verdade. Agora, é minha fé e crença que Deus não habita em ouro, prata ou bronze, nem em qualquer imagem moldada por arte ou invenção humana."

Grande foi o tumulto a estas palavras, e Sabino gritou ao povo:

"Vede, ele testemunha contra si mesmo, falou blasfémia, profanou o nosso nobre templo estando mesmo às suas portas. Vinde, apedrejemo-lo."

Neste momento, a morte, o libertador, parecia próxima de Paulo. Mas mesmo quando Sabino avançava sobre ele, Symphorus e os seus servos interpuseram-se, afastando o gigante. E ele disse:

"Sê prudente, nobilíssimo campeão. Conheço este Paulo de Tarso como cidadão romano que tem influência na corte de Roma. Por isso, é necessário que lhe dês audiência e declares a tua acusação perante a justiça da nossa cidade."

"Declará-la-ei agora perante o povo," bradou o jovem, e tirou da túnica o pergaminho que continha a Declaração de Demétrio. Leu-o diante do povo, concluindo com as palavras:

"Cidadãos de Gades, vede como este agitador procurou derrubar a grande Diana dos Efésios. E pelas suas próprias palavras é claro que está aqui na nossa cidade para causar o mesmo mal. Se pudesse, destruiria o Templo de Melcarte-Hércules e de Baal-Saturno. Este homem é um emissário dos demónios que se escondem nas colinas. Traz apenas o mal, querendo provocar a ira dos deuses contra nós, blasfemando abertamente, procurando poluir e conspurcar a sua magnificência."

E o povo voltou a clamar contra Paulo. Mas Symphorus silenciou-os, pois os Béticos respeitavam-no por pertencer a uma família antiga, uma que erguera altares à poesia, à música, à pobreza e ao amor à pátria no Templo de Melcarte-Hércules. Assim aconteceu que, através da cortês defesa deste declarado adversário, Paulo teve permissão para falar mais uma vez ao povo.

"Cidadãos de Gades," clamou ele, "todos vós conheceis o nome de Gálio, que nasceu na nobre cidade de Córdoba, e é, pela sua sabedoria e obras, a glória da Hispânia. Vede, quando estive em Corinto apresentei-me perante este delegado de César e expus o meu caso. Ele silenciou os meus acusadores, concedendo-me plena liberdade para servir a Deus, pregar a Sua sabedoria e reunir o Seu povo. Para este único propósito vim a Gades. Aqueles que vós adorais não são da minha conta. Ninguém nesta cidade pode provar que eu, de qualquer forma, profanei o vosso templo ou, de qualquer maneira, desonrei a vossa cidade ou os vossos deuses."

E agora o discurso do santo perdeu-se, pois Sabino, com uma voz como o mugido de um touro, relembrou ao povo a frase de Paulo de que Deus não habita em ouro, prata ou bronze. Por isso gritaram e fizeram alvoroço, alguns lançando pedras.

Percebendo que a multidão estava do seu lado, o campeão chamou certos jovens para o ajudar a romper o cerco que os servos de Symphorus haviam feito em redor de Paulo. Mas estes servos sacaram facas de debaixo das túnicas, e os Béticos recuaram com medo. Então Sabino lançou-se sozinho contra eles, mas foi derrubado. Depois, formando uma cunha, esses guardas romperam pela multidão, ferindo ou esmagando vários cidadãos sob os pés do povo em fúria.

Poderia ter corrido mal para o santo e para os seus poucos companheiros se não tivessem chegado notícias à multidão de que os guardas da cidade vinham a caminho, reforçados por soldados de César. Assim, tão veloz como o sopro do Euroclidão, foi a dispersão daquele colérico ajuntamento. Apenas certos jovens, seguidores de Sabino, permaneceram e tentaram um assalto. Mas foram repelidos quando um carro parou junto a Symphorus, e ele mandou deitar o sangrento e exausto Paulo dentro dele. Depois, agarrando nas rédeas, conduziu pelas ruas, com voz e chicote incitando os velozes cavalos asturianos a apressarem-se no caminho.

CAPÍTULO IX

Muitas fábulas acerca da comoção foram contadas em Gades.
Os Béticos deliciavam-se em ampliar as palavras uns dos outros; pois eram um povo facilmente comovido por qualquer acontecimento. Dizia-se que Paulo, um grande e maléfico feiticeiro, viera do Oriente com a intenção de amaldiçoar o povo de Gades e virar os deuses contra eles. Mas Sabino, filho do governante, não temeu nem cedeu aos seus feitiços. Assim os dois combateram, e as pedras correram com o sangue do povo. Como sempre, o campeão foi vitorioso, e o poderoso mago fugira da cidade.

O deputado romano não acreditava nesta fábula. Pois, sendo epicurista, não cria em feiticeiros nem magos. Mas investigou sobre Paulo, e soube que ele estivera dois anos preso em Roma. Por isso, foi bom que Symphorus tivesse servido de bom amigo e levado Paulo para o norte na sua veloz biga através da aprazível terra da Bética.

Uma vez certo de que não eram perseguidos, Symphorus mandou parar a biga. Saltando dela, ordenou ao escravo que tirasse água de uma nascente; e com as próprias mãos, este nobre bético lavou e atou as feridas de Paulo. Depois seguiram suavemente caminho, repousando numa aldeia quando o sopro ardente do sol queimava a terra ao meio-dia. Nessa altura Paulo dormiu e levantou-se restaurado, um novo homem. E interrogou o seu salvador, dizendo:

"Porque, senhor, tendo tu declarado a tua inimizade para comigo, me tratas agora com tamanha cortesia? Que estranha caridade de coração te levou a livrar-me das mãos dos meus perseguidores e preservar a minha vida?"

"Porque, mestre, desejo iniciar outra guerra contigo, porque desejo combater com esse entendimento hábil teu – rápido como o lançamento de uma lança gálica, afiado como uma flecha lusitana."

"Não sou como os filósofos que brincam com as palavras, lançando-as uns contra os outros como crianças que atiram seixos por divertimento," disse Paulo; "mas sou, em verdade, grato a ti, pois estás repleto da caridade de um espírito nobre e não procuras retribuir fogo com fogo, golpe por golpe — embora eu te diga que estou pronto a encontrar-te como amigo e irmão."

"Não, Paulo, isso não pode ser", respondeu Symphorus, "pois sirvo um mestre mais antigo que o teu. Sirvo uma fé nascida do caos, moldada antes do princípio do tempo. E porque possuo o dom da previsão, percebi que a tua visão há de prevalecer neste nosso mundo por uma era. Por isso, desejo dar-te a conhecer a minha visão, mais fina e rara, o meu sonho dourado, que é o único capaz de trazer à terra esse Reino dos Céus de que tantas vezes falas ao povo da Bética."

"E qual é então o teu propósito para comigo?", perguntou o santo.

"Procuro impedir que sejas lançado na prisão que te aguarda em Gades," respondeu Symphorus. "Viajamos rumo a um refúgio seguro nas montanhas; e lá permanecerás até que a ira dos meus compatriotas tenha passado, e possas de novo trabalhar para o teu Deus em Gades."

"O meu tempo é curto", exclamou Paulo. "Agradeço-te muito, mas não posso permanecer em ócio nas colinas."

"Não, não estarás em ócio. Pois lá, na solidão, revelarei ao teu entendimento um fragmento do Mistério Antigo — não tudo, pois ainda és um infante no conhecimento, e o teu corpo não foi moldado para suportar os rigores que suportam os iniciados do Dragão Verde."

"Não tomarei parte em nenhum Mistério", declarou Paulo. "Deparei-me com vários deles na Ásia e na Grécia. Sei que são ou loucura, ou uma busca vã da verdade. Pois os pés dos buscadores são postos num caminho tortuoso."

"Não desejo que profanes os ritos do Mistério Antigo participando deles", disse Symphorus. "Apenas desejo manifestar-te o meu poder, declarar-te a minha doutrina, fazer-te contemplar a tapeçaria do tempo e perceber os sinais dos anos, a mudança interminável, a ascensão e queda das marés da vida e da morte. E, quando tiver concluído a minha mostra, sentar-me-ei aos teus pés e ouvirei as tuas palavras."

Agradecendo a este mestre, Paulo caiu em silêncio. Em redor deles estendia-se uma região banhada de sol, verde e dourada. Era o início da primavera, e o mundo rejubilava. Muitas flores coloridas cobriam a terra, e o canto incessante dos pássaros elevava-se do coração dos caminhos arborizados por onde seguia o carro. Passaram apenas uma noite em viagem, e, já perto do meio-dia do dia seguinte, aproximavam-se do fim da jornada.

Atrás dos viajantes estendia-se uma vasta planície amarela. Diante deles erguiam-se montanhas escuras e mortas, nas cujas encostas mais altas não crescia qualquer árvore ou

planta, onde não habitava vida alguma: um silêncio absoluto reinava sobre essas paragens áridas. Na verdade, aquela terra parecia uma terra perdida, conquistada por um mal invisível que expulsara dela o lavrador com o seu arado e a sua foice, os seus olivais e as suas vinhas. Paulo estava muito cansado quando, após atravessar um vale pedregoso, chegaram finalmente à morada de Symphorus, situada numa reentrância das colinas — uma pequena habitação cinzenta como a rocha que a rodeava, erguida em plena desolação.

Não havia ali ovelhas que pastassem nos montes. Nenhum animal selvagem vagueava, nenhum pássaro cantava. Em redor dos viajantes reinava um silêncio sobrenatural, temível como a solidão nas profundezas do Inferno.

Agora o espírito de Paulo estava em paz, pois soubera que os servos de Symphorus haviam levado notícias suas a Lucas, e também ele enviara uma carta por uma mão segura. Mas nesse lugar deserto a inquietação voltou a apoderar-se do santo, e ao amanhecer orou fervorosamente para que lhe fosse dada força para o seu encontro com o sacerdote nefasto do Mistério Antigo. Naquele dia entrariam pelas suas portas; e o santo sentia o estranho poder que Symphorus exercia, capaz de turvar, por um tempo, o seu entendimento; e então confundiria o seu hóspede com subtilezas de palavras.

Com o nascer do sol cessara o silêncio. Um grande vento atravessava as montanhas e varria os vales profundos e estreitos, rugindo e uivando como uma besta de presa.

"A hora é propícia", disse Symphorus ao saudar Paulo. "Vem comigo agora à caverna dos iniciados, e conhecerás o meu sonho."

CAPÍTULO X

Paulo e Symphorus atravessaram cavernas que se dobravam ora para um lado, ora para o outro, estreitas e escuras. Por isso, por um momento, o santo ficou cego ao entrar numa vasta sala iluminada por muitas tochas, onde menestréis tocavam música suave. Estes, por ordem do seu mestre, retiraram-se para os recantos daquela câmara elevada, que era, verdadeiramente, um templo no coração da montanha. Mas o murmúrio dos instrumentos continuava enquanto o santo escutava as palavras do iniciado.

"Tu declaraste-me, Paulo, os três dons excelentes que são sinais da tua fé e virtudes de todos os que verdadeiramente servem o teu Deus."

"Sim, fé, esperança e caridade", disse Paulo; "estas são as pedras do nosso alicerce."

"São então apenas pedra de areia," declarou Symphorus, "e desaparecerão com o passar dos anos. Sabe, mestre erudito, que a vida e o tempo se movem em ciclos. Cada ciclo contém três eras. Primeiro há a pura e encantadora flor da primavera, depois a flor aberta, rica no orgulho e esplendor do verão. Por fim vem o murchar, a corrupção e a decadência. Em todas as crenças dos homens há sempre estas sementes de morte. E, embora a tua visão seja bela, Paulo, viverá apenas por um ciclo de tempo — começará com a beleza da flor, trará nobreza e bondade com o seu perfume, mas depois tornar-se-á algo feio e maligno na estação final. Deve perecer, pois fé, esperança e caridade não bastam. Todas essas virtudes falharão se não for acrescentada a sabedoria. O meu culto contém fé, alegria,

deleite no poder e, por fim, sabedoria infinita. Por isso, só através dele serão todos os homens finalmente salvos."

Então Paulo começou, com fervor e veemência, a argumentar com o seu anfitrião. Mas este pediu-lhe que se calasse. "Permite-me primeiro mostrar-te a tapeçaria do tempo. Ela surgirá em imagens estranhas, e pouco compreenderás delas. Mas depois interpretarei todas as figuras e formas que se manifestarem nesta Crónica dos Anos; e abrirei também o livro da minha sabedoria, para que conheças o Alfa e, talvez, o Ómega."

Paulo declarou-se pronto para seguir Symphorus através da Crónica dos Anos, e prometeu não temer. Pois o iniciado avisara-o de que veria imagens nefastas que poderiam levá-lo a recuar, fugindo da noite para onde iriam, e na qual permaneceriam por um tempo e mais um tempo.

Então esse homem estranho tomou as duas mãos de Paulo entre as suas e segurou-as, enquanto os escravos apagavam uma a uma as tochas, e o lamento suave da música distante se tornava cada vez mais ténue aos ouvidos, até se extinguir num silêncio e numa escuridão que apagaram os ricos ornamentos daquele templo, e toda a multidão que nele se encontrava.

E então pareceu a Paulo que se encontrava num vazio, que o seu corpo não repousava sobre a terra. Sentia apenas o toque das mãos do outro. Passado algum tempo, houve uma rutura naquela escuridão esmagadora. Uma luz, como a primeira claridade da madrugada, permitiu ao Santo de Tarso perceber que se encontrava sobre uma rocha no cimo de uma alta montanha. E lentamente, muito abaixo de si, começaram a surgir da penumbra as formas de cidades imensas, vastos pastos, florestas e mares turbulentos. Paulo reconhecia esses lugares e, ao mesmo tempo, não os reconhecia — pois todos tinham uma estranheza que ele não conseguia compreender. A sua alma foi tomada por uma solidão desoladora; e quase se sentiu grato por ainda perceber ao seu lado a figura do vidente com as suas vestes.

Depois, a escuridão dissipou-se e uma luz radiante, uma glória, espalhou-se por aquelas terras, iluminando aos olhos de Paulo os rostos de multidões incontáveis. Estava perto deles, e ainda assim distante, vendo a terra e, ao mesmo tempo, cada uma daquelas miríades de figuras e os seus labores, as suas idas e vindas apressadas.

Contudo, o seu olhar foi novamente atraído pela maravilha daquela luz nos céus; e logo percebeu uma mulher que parecia ser a origem dela. Ela sustentava-se sobre os ventos e pairava acima da terra, e a sua túnica dourada iluminava os céus arqueados, a terra e as águas espalhadas. Observando com mais atenção, Paulo viu que ela não repousava, como inicialmente pensara, sobre o ar. Uma estrela a sustentava, elevando-a e conduzindo-a. E todos os homens que, como pequenos insetos, rastejavam sobre a terra, levantavam os rostos em adoração e agradeciam à mulher celeste pelos seus raios dourados.

O tempo passou; as palavras formadoras da criação 1 foram proferidas; e Symphorus murmurou: "Paulo, olha novamente."

Do mundo inferior surgiu um dragão, vermelho, imenso em largura. Elevou-se sobre a terra, apressando-se na direção da mulher-maravilha. E Paulo viu que sobre a sua fronte

estava cravada uma coroa com doze pedras preciosas que brilhavam como estrelas. Mas o sopro do dragão vermelho toldava essas luzes; e, à medida que ele subia aos céus, tornava-se aterrador, pois tinha sete cabeças coroadas e dez chifres. E Symphorus sussurrou de novo: "Conta-os, Paulo. Em verdade, são estes os males que cercam a alma do homem, não lhe dando paz."

A mulher estava grávida, e clamava na sua dor, suplicando por libertação.

E o dragão lançou-se sobre ela, procurando devorar o filho que estava para nascer. Mas subitamente o rosto dos céus transformou-se... O firmamento tornou-se como uma rede de prata que envolveu a criança, e anjos acorreram e levaram-na para longe dos olhos dos homens. O dragão perseguiu-os, e houve guerra nos céus, e Paulo viu que os anjos não lutavam com armas humanas, mas com flagelos de tempestade, trovão e relâmpago, confundindo e desorientando o dragão, lançando-o por terra. E enquanto caía, despedaçou algumas das esferas luminosas do firmamento, e outras foram arrastadas pela sua cauda e dispersas. Mas o filho da mulher-maravilha foi salvo.

Mais uma vez o dragão perseguiu a mulher, e ela fugiu por toda a terra. Então, da boca dessa criatura brotou um mar tão vasto e profundo como o Adriático. Mas a terra engoliu aquelas águas turbulentas, e um grande anjo desceu dos céus e deu à mulher as asas de uma ave para que pudesse escapar do seu perseguidor.

1 "As palavras de criação, proferidas quando havia apenas o caos. Elas fizeram surgir tudo o que é visível. Chamaram a terra do vazio e criaram todos os seres vivos que se movem sobre a terra e as águas. Essas palavras abriram os portais da vida e significam a criação contínua.")

E agora pareceu ao Santo de Tarso que era erguido e levado com Symphorus através da terra. Flutuaram sobre montanhas, lagos, ilhas, vastas planícies. Por fim chegaram a um deserto que está para lá dos confins do mundo.

E a mulher habitava nesse lugar em segurança. Pois o dragão fora acorrentado à terra. Por isso passou a perseguir os sábios e os bons que por ela caminhavam. Então ele convocou outra besta do mar, uma que também possuía chifres e as sete cabeças do mal. Sobre cada uma dessas cabeças estava gravada a palavra "Blasfémia". E o dragão deu a essa besta autoridade sobre os homens. Ela tinha a aparência de um leopardo, mas os pés eram de urso e a boca de um leão devorador.

Agora, os bons e os justos lutaram valentemente contra o velho dragão e feriram de morte a sua sétima cabeça. Por isso ele procurou abrigo nas montanhas, e, não encontrando, desceu às profundezas do mar.

E durante todo esse tempo Symphorus e Paulo seguiam-no, e estavam à vontade em cada elemento. Percorreram rochas e cavernas escondidas nos caminhos das águas. Puseram os pés sobre conchas multicoloridas e contemplaram os peixes incontáveis que flutuavam acima do fundo do mar.

O dragão vermelho jazia ali, gemendo e chorando por causa da ferida mortal. Mas a besta que ele invocara esmagava os bons e os verdadeiros com os seus pés de urso, devorava os bravos e os nobres com a boca de leão. Assim, todos os que viviam foram subjugados e

prestaram homenagem à criatura que trazia o nome de "Blasfémia" sobre as suas cabeças coroadas.

E o dragão voltou a sair do seu esconderijo e ordenou aos homens que servissem esse monstro que ele mesmo gerara. E a dor, a crueldade e a amargura tornaram-se o destino das nações. Pouco tempo depois, outra besta surgiu das entranhas da terra; esta tinha dois chifres de cabra, mas falava como o dragão. Gravado nos seus chifres estava: "Conhecimento do Mal."

E eis que, por meio desse conhecimento, ela curou a cabeça ferida do dragão e soltou as correntes que o prendiam à terra.

Muitos foram os prodígios realizados por esse monstro temível. Fez do fogo seu servo — e servo dos homens —, de modo que com ele operavam todo o tipo de maravilhas; e ficaram cheios da maldade do poder que lhes fora dado, procurando apenas ferir e magoar tudo o que vivia e respirava sobre a face da terra. Contudo, nem todos os homens se juntaram a eles. Um remanescente permaneceu fiel e não reconheceu a autoridade da besta nem do seu antigo pai, o dragão. Por isso foram perseguidos e atormentados por aqueles que realizavam milagres com o fogo e que traziam a marca da besta nas suas testas.

E Symphorus sussurrou: "Paulo, esta é a terceira desolação da Crónica dos Anos. Conta os seus males e guarda-os na tua memória."

Então, por um momento, as névoas cobriram os lugares onde os homens habitam, e os grandes ídolos do dragão que haviam sido erguidos em cada cidade por ordem da besta de chifres. Mais uma vez os observadores repousavam em caminhos aéreos, sem terra sob os pés nem águas em redor, sem sol, lua ou estrelas para iluminar a escuridão. E eis que o medo e o cansaço tomaram o santo, e ele clamou: "Basta, Symphorus, rogo-te que me retires deste caldo de iniquidade abominável, deste Inferno, pois de outra forma cairei e perecerei."

"Não, ainda há mais", murmurou o vidente. "Irmão, olha de novo."

E agora os dois observadores eram como águias, com o poder das suas asas, sobrevoando montanhas, mares e planícies, atravessando mundos, chegando por fim ao grande deserto.

Mais uma vez Paulo viu a mulher-maravilha e rejubilou com os raios que emanavam da sua túnica dourada. Mas logo a paz se afastou daquele deserto, a luz foi empanada e manchada por uma presença poderosa de mal. Durante algum tempo, essa presença permaneceu invisível. Surgiu um perfume como o incenso dos templos; encheu todo o deserto com os seus aromas agradáveis. E era na forma de nuvens vermelhas que rapidamente se aglomeraram em torno da mulher celeste, envolvendo-a.

Mais uma vez Paulo viu o dragão vermelho e soube que aquelas nuvens haviam sido cuspidas da sua boca silvante. O rosto desse monstro transformara-se e tinha agora a aparência de uma serpente, aproximando-se dela com astúcia, enroscando-se ao seu redor, sempre exalando aquele incenso vermelho que escurecia as suas vestes, tingindo-as de um tom púrpura.

E o dragão chamou a besta de chifres e colocou sobre ela a sua cativa. Então, mais uma vez, os dois observadores foram trazidos de volta à terra. Agora, a mulher-celeste já não reinava em glória nos céus, dando alegria e luz aos homens... Estava entronizada sobre o dragão vermelho, e as suas vestes púrpuras derramavam raios escarlates de ira que despertavam cólera, inveja e medo em toda a descendência de Adão. Assim fizeram guerra uns contra os outros e adoraram essa mulher transformada, que lhes concedia crueldade, poder e luxúria. Sobre a sua fronte estava gravado: "Mistério. A Mãe das Meretrizes."

Estava adornada com pedras preciosas, mas já não como o puro diadema das doze estrelas que fora lançado fora. Estas pedras tinham cores intensas e funestas, e emanavam o veneno e a malícia da serpente, enchendo os corações dos homens com a fúria da destruição. E eles torturaram-se mutuamente como nunca antes. Todo o tipo de corrupções era praticado, e nem a bondade nem a verdade se encontravam em cidade alguma.

Mas um remanescente dos bons e verdadeiros dava testemunho contra aquela abominação. Eram fugitivos traídos, que se refugiavam nas cavernas de regiões desoladas, escondendo-se do grande mal. Embora toda a alegria lhes tivesse sido tirada, ainda possuíam esperança, e nela se agarravam, esperando e crendo na salvação que certamente viria.

"Agora conheces a última desolação," murmurou Symphorus. "Quase terminou a Crónica dos Anos. Aguarda esse fim."

Logo o vasto arco dos céus rompeu-se em duas metades e, de entre elas, surgiu o filho da mulher-maravilha. Ele vinha em triunfo sobre um cavalo branco alado, trazendo no aljava as flechas de luz, na mão a lança da sabedoria, e cingida à coxa dourada a espada da justiça. Os céus fecharam-se atrás dele; por um instante, reinou o silêncio. "Verdade" estava escrito na sua fronte em letras de chama pura. E Paulo escondeu o rosto, pois não podia suportar a luz terrível daquele fogo. Chorou, mas não havia amargura nas suas lágrimas, apenas temor reverente, júbilo e amor em seu coração.

Esta figura de esplendor desceu dos céus azul-escuros, buscando a besta e o dragão que dominavam a terra. E com as suas flechas feriu a palavra "Blasfémia" escrita nas sete cabeças do monstro, e com a sua espada fendeu a besta em dois. A terra tremeu com a sua presença, e os homens corriam em pânico de um lado para o outro. Pois da besta agonizante saiu uma praga de gafanhotos que procuravam devorar todos os que traziam a marca do dragão. Tinham cabelos como de mulher e dentes como de leão, e mataram um terço dos filhos dos homens.

O cavalo branco alado pisoteou essas criaturas venenosas e destruiu-as. Depois, o filho da mulher perseguiu, até ao abismo sem fundo, o monstro que atormentara a sua mãe; e ali prendeu o adversário, acorrentando-o à rocha da condenação.

Grande foi essa queda. A luta e o bramido da besta fenderam a terra em muitos lugares, pedras foram lançadas ao céu, e as montanhas racharam ou moveram-se de sítio.

Paulo e Symphorus estremeciam e estavam completamente exaustos com essa rutura e dilaceração de toda a criação. Foram recolhidos para dentro de si mesmos, as línguas emudecidas, a audição e a visão seladas, a memória apagada, o entendimento suspenso.

CAPÍTULO XI

Quando Paulo emergiu das faixas do sono profundo, a terra jazia envolta em crepúsculo, e o destino dos homens estava oculto aos seus olhos. Mas elevava-se dela um lamento, como os gritos desolados de aves, e ele soube que a dor ainda não terminara.

O vidente murmurou: "Paulo, arranquei-te dali e fiz murchar em ti a memória, pois não poderias suportar mais. Em verdade, mostrei-te apenas alguns dos sinais que marcam a Crónica dos Anos. Não viste os seres das grandes trevas que, à chegada do rei, carregavam os sete cálices da ira da vida. Eles os derramaram sobre os homens que adoravam a besta, porque a majestade da vida se ofendeu com o serviço que prestaram ao mal. E o primeiro cálice fez rebentar chagas sobre os corpos da multidão; o segundo queimou, abrasando muitos; o terceiro trouxe seca e a maldição da esterilidade; e o quarto derramou sangue que transformou o mar num lugar de morte onde já não habitava vida. Mas não te direi mais, pois os males do género humano nesta visão estão agora a findar; e triunfarão mesmo sobre esses sete males da alma."

"Mas esse lamento da terra parte-me o coração," disse Paulo. "Ó mestre do mal, leva-me embora. Já basta."

E o vidente respondeu: "É através do conflito que o homem está a renascer num corpo novo e mais belo. Este lamento vem da agonia do renascimento. Observa, Paulo, contempla o fim — e depois o princípio. Pois tudo converge, e o fim é o cumprimento."

Então, por um tempo, os dois permaneceram em silêncio, Paulo aguardando em temor, dor e reverência. Tudo mudou subitamente; o crepúsculo desvaneceu-se com a chegada da luz, e um céu verde e sereno pairava sobre a terra.

Do fundo desse grande abismo surgiu e enroscou-se um dragão verde, esplêndido no traje, glorioso aos olhos dos homens. Nadava entre as estrelas, atravessava os céus em júbilo; e o seu hálito purificador varreu a sujidade e a dor do mundo, curando a raça humana que fora ferida até à morte.

O vidente sussurrou: "Vem comigo, volta à terra."

Então Paulo aproximou-se da multidão que habitava nos seus confins; e viu um novo Adão, revestido de beleza, coberto com o poder de um corpo maravilhoso. Em forma, era como aquele em que fora primeiramente moldado. Mas agora já não o torturava, já não queimava a sua alma. Na sua testa estava escrita a palavra "Paz"; dos seus olhos irradiava a luz do despontar da sabedoria, e a alegria reinava em todos os quatro cantos do mundo. As pessoas trabalhavam como dantes, procuravam prazer como nos tempos antigos; mas a cólera, a ganância e a inveja tinham desaparecido; e assim o mundo tornara-se um paraíso.

Então, das profundezas surgiu o rei dos céus; e com a lança da sabedoria picou a mulher de vestes púrpuras. E estas caíram, e ela foi transformada, tal como os homens haviam sido transformados.

Os Seres de Luz clamaram de alegria; e o rei conduziu a mulher-maravilha ao seu trono nos altos céus. As suas vestes douradas irradiavam glória que refrescava toda a criação, e a lança prateada do seu filho guardava a paz profunda. Esses dois, mãe e filho, reinaram, e

nenhuma besta ousou disputar o seu reino. Diante deles todos os homens se prostraram em adoração.

"E assim se encerrará a Crónica dos Anos," murmurou Symphorus. "Vê como o reino dos céus está gravado sobre a face da terra."

"Não!" exclamou Paulo. "Essa crónica é uma mentira; estas coisas não podem ser. Envolveste o meu entendimento num transe de falsidade, um engano pagão. Procuras prender a minha alma através do poder de um sonho maligno."

"Silêncio," gritou o vidente, "e contempla por um instante o Alfa antes que eu interprete os sinais tecidos nesta tapeçaria do tempo."

Então pareceu ao Santo de Tarso que caía de grande altura, mas não sentia medo. Por muito tempo desceu, passando por muitos lugares estranhos que não podia perceber devido à velocidade da sua queda.

E contemplou a terra uma vez mais, e viu os homens no estado antigo de existência. Estavam contentes, mas como crianças a brincar num jardim. Eram belos como os primeiros botões da primavera, mas nos seus rostos não havia nem dor, nem maravilha, nem grande alegria. Apenas inocência e puro contentamento habitavam os seus corações.

A mulher-celeste velava por eles, alimentando-os com a luz da sua túnica dourada. E esses homens e mulheres dos dias primordiais dançavam, cantavam e se alegravam.

"Mas não há sabedoria. Apenas subsiste o vazio da inocência," murmurou o vidente, enquanto lançava o manto do sonho sobre o seu companheiro, afastando-o da visão desse primeiro paraíso.

CAPÍTULO XII

Paulo deu por si na caverna da montanha, e viu vapores como cortinas a abrir-se e logo a desaparecer. Mais uma vez ouviu o murmúrio de instrumentos de cordas; e Symphorus aproximou-se dele e, acenando, disse: "Vem comigo, Paulo."

Entraram numa pequena câmara escavada na rocha cinzenta. Ali repousaram, enquanto Symphorus falava das visões e interpretava as muitas jornadas.

"Agora chamar-te-ei irmão, Paulo; pois habitaste comigo na sombra e na luz do dia maior. Participaste num dos ritos do Mistério Antigo. Por isso, tudo te será revelado como num espelho, para o teu entendimento."

E o santo clamou contra ele, dizendo: "Tentaste envergonhar-me e trair o meu Deus. Tu és servo do Príncipe do Ar."

"Não," respondeu o vidente tristemente. "Nenhum poder no céu ou na terra te pode forçar a trair o teu Deus. Ele te guarda com firmeza. Agora escuta o meu evangelho; e depois de eu falar, tu poderás declarar o teu, e, talvez, me apanhes na tua rede."

E com essa resposta Paulo ficou satisfeito.

"Primeiro interpretarei a pequena imagem, essa última visão que contemplaste. No princípio dos tempos, a terra era um lugar aprazível para se habitar. Não conhecia nem morte nem nascimento como os homens hoje os conhecem. Naquele tempo, a mulher-maravilha nutria todos os seres vivos com os seus raios. Não padeciam de fome nem sede. A luz irradiada por essa deusa solar sustentava e preservava a vida; assim, quando soava a hora da morte para o homem, o animal ou a ave, os seus corpos não se corrompiam nem apodreciam. Apenas passavam para um sono sereno, sem dor. E eis que o dragão verde, que se enrola e desenrola entre as estrelas, bebia os seus corpos, e eles pareciam desaparecer no ar. E quando nascia uma criança, a mulher não sofria dores nem angústias. Dava à luz com alegria, e o povo cantava o hino do nascimento, exultando na nova vida.

"Agora, essa terra era chamada o Jardim dos Inocentes, porque ali não se encontrava sabedoria. Homens e mulheres eram contentes, pois não conheciam tristeza, dor nem desejo ardente; também lhes eram estranhas a grande alegria e o êxtase. Nada sabiam do assombro da mudança, do temor, nem da maravilha. Eram, em verdade, inocentes, para quem o tempo não existia, tal como o conhecemos — contado em dor e gozo elevado, em desventura e êxtase, no surto violento do dragão verde ou vermelho dentro de cada homem. Assim, essa era dourada não poderia durar para sempre. Foi condenada pela sua própria vacuidade, e foi varrida.

"Portanto, Paulo, pensa no Alfa como o Jardim dos Inocentes, onde não havia nem sabedoria nem conhecimento, nem destruição nem verdadeira criação.

"Não me é dado falar agora do apagamento desse princípio. Seguiram-se eras em que a face da terra foi transformada, e a textura do corpo humano tornou-se grosseira. Era um mundo onde o homem vagueava sem razão nem entendimento, onde a vida devorava a vida, onde havia tormento — e também júbilo após a dor. Falarei da era em que o Mistério Antigo foi concebido. Nesse tempo esquecido, muitas tribos ocupavam os pastos doces da terra e dividiam entre si montanhas, florestas, rios e lagos. E adoravam a mulher do céu, saudando-a como deusa do sol e rainha dos céus. Adoravam também o seu filho. Em verdade, esse povo antigo honrava acima de tudo mãe e filho, pois representavam promessa e cumprimento; o filho era conhecido pelo nome da mãe, pois ela era a portadora da vida; e sua imagem estava gravada nele. O pai era o portador da vida e guardava esses dois. Nesse tempo, não adorávamos um só Deus, mas um rei e uma rainha dos céus. Assim, a maternidade era altamente venerada, e apenas certas mulheres eram escolhidas pela tribo para dar à luz. Eram escolhidas pelos seus muitos dons. Só essas mulheres, que poderiam gerar heróis e sábios, podiam trazer vida ao mundo. Nem eram sujeitas à submissão, como tu, Paulo, as sujeitarias. Pois a mãe escrava gerará um filho escravo. Se amaldiçoas a mulher, amaldiçoas o homem da geração seguinte.

"Nessa era dourada, assim como algumas mulheres eram escolhidas para serem mães, também alguns dos mais sábios eram escolhidos para governar a tribo. Em nossos dias, nem mulheres, nem escravos, nem libertos pobres podem sentar-se em lugares altos, por mais nobre que seja o deus que neles habita. Por isso, nossa perda é grande. Hoje, o culto da mulher-maravilha já não prevalece entre as nações; e por isso criamos homens de almas pequenas, e a raça dos heróis desapareceu da terra. Até que volte o dia em que respeitemos a nossa raça e honremos a paternidade através da veneração da deusa solar e

do seu filho, atormentar-nos-emos uns aos outros, e a cobiça, a inveja, a corrupção e a desgraça prevalecerão.

"A vida e a alegria dessa era dourada estavam ligadas à vida ardente do sol; por isso era nobre e bela; e com o seu fim, o homem caiu, e agora é governado pelo dragão vermelho e pela besta a quem concedeu autoridade. Nessa era dourada, a nação era organizada como uma colmeia: havia muitos obreiros e poucas rainhas escolhidas, portadoras da vida. Mas os homens não eram como zangões. Eram poderosos em sabedoria ou força, hábeis artesãos, maravilhosos poetas, criadores da vida diária da tribo. Por isso, a paz reinava na terra; pois todos eram artífices desse sonho dourado. O dragão vermelho dormia, e por isso não havia guerra, nem opressão era o modo de governo. Cada homem comia e era saciado, cada um tinha a sua parte.

"Mas veio o tempo em que o dragão vermelho despertou do seu longo sono e tentou devorar o filho da mulher-maravilha. Uma nova era mudou os caminhos da tribo. Mas antes de continuar a Crónica dos Anos, quero nomear o dragão vermelho e o dragão verde e interpretar esses sinais. Sabe que, dentro e fora do homem, habita um deus e um demónio. Esses dois podem adormecer e não se manifestar por muito tempo, mas subitamente um ou outro desperta, e a alma do homem é vencida.

"O dragão vermelho traz apenas o mal. É ele que leva o homem a matar o pai, a torturar e perseguir, a praticar toda a sorte de imundícies. Ele é o portador e causador da desgraça, e reina nesta era de corrupção e decadência. Mas o dragão verde é o deus que faz do homem um instrumento e opera milagres através dele. Com o grande poder vital, torna o fraco poderoso, eleva o humilde e confunde os sábios. O dragão verde era o deus dentro do teu profeta José, que lhe sussurrou a interpretação do sonho de Faraó, que deu a esse humilde escravo a sabedoria que o fez governador de todo o Egipto e líder entre os seus irmãos. Tu falaste do teu Mestre Jesus, e contaste-me como Ele curou os enfermos e despertou um morto. Em verdade, esse milagre foi feito pelo poder do deus dentro d'Ele. Tocou-me profundamente a tua narrativa da Ressurreição do corpo desse Mestre poderoso. Pois também esse milagre veio da potência do dragão verde, que verdadeiramente se desenrolou dentro desse Jesus de Nazaré, enchendo o Seu corpo com poder além do conhecimento e sabedoria humanos."

"Tu nada sabes do mistério de Cristo," clamou Paulo. "Não manches o Seu Nome associando-o a essas imagens pagãs e impuras."

"Peço-te perdão, Paulo. Fui induzido ao erro porque tu chamaste Jesus de Filho do Homem, bem como Filho de Deus. Por isso, falei d'Ele como homem." E o vidente, com um gesto da mão, procurou conter as palavras veementes que Paulo se preparava para pronunciar. "Suplico-te que suportes ainda um pouco a minha loucura. Depois, estarei preparado para ouvir a tua doutrina desde o nascer até ao pôr do sol."

Paulo inclinou a cabeça em assentimento; pois desejava conhecer por inteiro esse Mistério tolo, essa superstição vã que levara homens de tempos antigos a adorar a deusa do sol, e os que chamavam de rei e rainha dos céus.

“Há, pois, duas manifestações do dragão em cada homem,” continuou Symphorus. “E ele pode vir como glória radiante, sendo poder, luz, alegria e sabedoria; ou pode envolvê-lo como uma nuvem vermelha e sombria, trazendo tirania, crueldade, angústia e astúcia. E eis que, assim como é com o homem, assim é com toda a criação. Há poderes subterrâneos e poderes celestiais. O sol, as estrelas errantes, a terra e todos os seres vivos podem também ser possuídos pelo dragão nobre ou pelo dragão demoníaco. E o tempo em que esta besta vermelha tentou devorar o filho da deusa do sol foi a era do dilúvio do mundo, quando a terra foi talhada em novas formas e as nações, como a palha, foram varridas.”

"No novo ciclo," continuou Symphorus, "entre os poucos homens que foram poupados, restou a memória esbatida do culto da deusa do sol praticado pelos povos tribais. E certas pequenas nações esforçaram-se por preservar o culto da Grande Mãe e os costumes dessas muitas tribos que, naquela era dourada extinta, haviam sido unidas por um concílio de sábios que guardavam as portas do mundo inferior e não permitiam que o dragão maligno com face de serpente se libertasse. No entanto, essas pequenas nações pereceram neste novo tempo de sangue e destruição. Nesta época, apenas os guerreiros e os bárbaros, treinados na arte da guerra e nas artes do dragão vermelho, detinham o poder e a autoridade.

Assim, a mãe e o filho foram lançados do seu lugar elevado nos corações e mentes dos homens. E, assim como a mulher do céu foi expulsa para o deserto, também este, o único culto verdadeiro, foi banido da vida do povo. Mas em alguns, a lembrança permaneceu — e o filho e a mulher de vestes douradas não foram, nem jamais serão, devorados.

Ao longo do tempo, na era que se seguiu na crónica da terra, profetas e videntes surgiam de tempos a tempos e tentavam, de alguma forma, trazer uma visão da verdade aos homens; e um deles feriu o dragão com uma ferida mortal. Sabe, Paulo, que em certas estações, o dragão verde desenrola-se em mim através das práticas do Mistério Antigo, e então concede-me sabedoria infinita — o tesouro do discernimento divino. Antes de encontrar-te, vi, como em visão, que o teu Cristo infligiu essa ferida temível ao dragão vermelho. Por isso, parcialmente vencido, o maléfico chamou da vastidão do mar a besta com sete cabeças e dez chifres. Recordas a palavra gravada nessas cabeças?"

“Sim, Blasfémia escrita em letras escarlates.”

“E podes interpretar esse sinal?”

“Não, não tenho entendimento disso.”

“Subtil e astuta é essa besta de sete cabeças. Nas eras por vir, ela buscará autoridade sobre todas as nações e povos em nome do Grande Profeta. Nós, os iniciados, chamamos de Grande Profeta aquele que causou a ferida mortal. Mas só eu sei que Ele é Jesus, o Cristo. Num tempo futuro, será cometida uma blasfémia temível. Os homens alterarão a bela visão de Jesus e moldá-la-ão segundo sua própria imaginação corrupta. Matarão e atormentarão o povo, alegando fazê-lo em nome do Grande Profeta. Tomarão os lugares de autoridade em Seu Nome e farão dos homens seus escravos incutindo neles o medo de Cristo — e governarão parte por esse medo, parte pelo dragão maligno despertado em cada nação.

E quando o poder desse Nome nobre mas profanado começar a declinar, o antigo monstro invocará uma segunda besta, que terá os dois chifres do bode — e será, na verdade, filha dos deuses infernais. E sobre os seus chifres estará gravado 'Conhecimento do Mal'. Por meio desse conhecimento, ela fará milagres vis. Não os usará para o bem, apenas destruirá, semeará cansaço e, por fim, desespero nos homens.

Tu podes perguntar como a bela visão do Grande Profeta pode ser corrompida. Como te disse noutra hora, por mais maravilhosa que seja a sua beleza, carrega consigo as sementes da morte, pois os sinais desse culto são apenas fé, esperança e caridade. O desejo de sabedoria e o poder da sua luz não estão contidos nesse sonho encantador. Por isso, falhará na terceira era do ciclo, vencido pelo 'Conhecimento do Mal', que pode comandar os homens como a fé, a esperança e o amor jamais poderão. Só a sabedoria governa o poder da vida. E onde estará ela na hora do domínio da terceira besta? O conhecimento do fogo e da sua malevolência será arma que porá o bem em desvantagem por um tempo.

Falei aqui do teu Mestre, Paulo, como o Sábio que, na primeira das três idades, fere e quase vence a besta. Mas sabe que falo apenas de um ciclo. Outros grandes videntes surgiram noutros ciclos, e na primeira idade feriram a besta. Mas, como as sementes da morte jazem ocultas nos seus ensinamentos, o bem que pretendiam servir é vencido, e a sua visão de verdade transforma-se numa mentira vil. E com essa mentira, em nome do Grande Profeta, as bestas da maldade reinam. Por isso, a Crónica dos Anos é sombria de dor.

Sempre reina a blasfémia. E repara: a pele amarela de leopardo é o poder do ouro, os pés de urso são o poder da espada do homem, e a boca do leão representa a cobiça e a inveja que levam os governantes a usurpar tudo para si, sem se importarem com os famintos.

Paulo, conheço muitas crenças do passado. Estudei os tempos antigos. Mas entre os videntes não houve nenhum como Jesus. Verdadeiramente Deus habita n'Ele, e por isso reverencio o Seu Nome. Tu és o Seu sumo sacerdote, mas não és esse Grande Profeta na própria textura do teu ser espiritual. Chamei-te inimigo, embora nenhum homem de entendimento chame Jesus senão de amigo e amado."

"Tu nada sabes do Mestre que sirvo. Só as minhas palavras te trouxeram notícia d'Ele," gritou Paulo.

"Não, Paulo, guardei esse segredo. Mas já não o ocultarei. Vi Jesus, sim, e em Nazaré, e escutei as Suas palavras."

Então o santo sentiu-se perturbado e confuso na alma, pois percebeu que enfrentava um adversário de peso.

"Tu és meu inimigo, Paulo," continuou o vidente, "porque a tua visão obscura de uma meia verdade desviará os homens da busca pela verdade inteira, que só pode ser descoberta neste Mistério Antigo, na adoração da mulher-maravilha e do seu filho: a sabedoria. Só na vida ardente e jubilosa do sol, só na radiância do dragão verde, só na paz profunda da sabedoria do libertador pode haver salvação para os homens da terra. E apesar da nobreza do teu entendimento, desprezas a alegria da vida selvagem do sol, odeias a minha reverência por essa sabedoria que vê, em todos os que geram a nova geração, a

Grande Mãe — guardiã do precioso tesouro da semente dos homens, seu alimento. Eis que o dragão vermelho guerreia contra o dragão verde pela tua alma, Paulo. Tu queres governar e ter autoridade, mas a verdadeira sabedoria não é a tua porção. E eis que chegará a hora em que toda a tua visão se tornará corrupção e decadência; e até que essa hora chegue, apenas alguns homens bons ou verdadeiros buscarão o único culto que pode restaurar à terra a era dourada — esse reino dos céus, esse eco do paraíso que reside além das estrelas."

O vidente estendeu a mão e apontou para as estrelas. "Assim, Paulo, embora sejamos irmãos no entendimento, as nossas almas são adversárias. Entre nós não pode haver paz até que a salvação que declaro seja conquistada para os homens. Podes perguntar por que não sigo o teu exemplo e levo essa mensagem às nações. Mas a hora ainda não chegou. Os homens ainda são como crianças no entendimento. E sei também que a tua estranha crença venceria a minha sabedoria. Tu ofereces aos homens o terror da vida, o terror da morte. Pois, segundo o teu ensinamento, depois da morte eles podem ser atormentados. Nada vês senão impureza no amor e culto entre homem e mulher. Mas eu vejo como, quando exercido com inocência e bondade, esse amor é a essência e substância do que chamo vida — e só despertará, então, o dragão verde da beleza no homem e na mulher.

Como quer que seja, toda a Crónica dos Anos deve ser completada sob o firmamento resplandecente antes que os homens venham ao conhecimento da era dourada, antes que os seus corpos sejam transformados, e encontrem renascimento, alegria e verdade, na adoração da Grande Mãe e na sabedoria de Seu Filho."

CAPÍTULO XIII

A quietude da alvorada esverdeada pairava sobre os montes áridos quando Paulo e Symphorus voltaram a encontrar-se face a face. O santo passara grande parte da noite em oração, pedindo a libertação do vidente das malhas da sua falsa crença; e o suplicante a Deus reconhecia que naquele homem sábio havia uma nobreza de entendimento que poderia fazer dele um instrumento útil na luta por Cristo.

À luz clara daquela manhã, o rosto do vidente parecia áspero e sulcado como um carvalho antigo. Era de idade avançada, mas o tempo não apagara o brilho dos seus olhos, nem tolhera a rapidez da sua mente. Saudou agora Paulo com palavras corteses e, depois de partilharem pão e vinho, convidou o santo a interpretar para ele o mistério da criação.

Os dois mestres contemplaram o nascer do sol enquanto Paulo aceitava o desafio e declarava a sua visão.

"Primeiramente, quero falar do feitiço que lançaste sobre mim, de modo que o sonho que me mostraste se tornou tão claro aos meus olhos como o tumulto nas ruas de Gades. Nobre anfitrião, pareceu-me pouco digno da tua parte enredar-me com a tua magia sombria. Sou apenas um servo simples do meu Senhor Jesus, e nada quero dessas coisas. Contudo, estou guardado — e, apesar da minha fraqueza, nenhuma flecha do adversário pode prevalecer, porque os anjos do meu Mestre me vigiam, e Ele está comigo mesmo nestes lugares abandonados.

"Agora falarei primeiro do teu chamado Jardim dos Inocentes, que me parece teres interpretado de modo erróneo. E nem conheces toda a verdade acerca dele. Esse Jardim dos Inocentes é uma falsa história com raízes num acontecimento real — na primeira morada do homem, que nós, judeus, chamamos de Jardim do Éden. Já te declarei o princípio da criação; quero apenas que recordes como Adão caiu em sono profundo, e Deus moldou Eva de uma costela do seu corpo. Lembra-te de como Eva desobedeceu a Deus e obedeceu à serpente, comendo do fruto da Árvore do Conhecimento e oferecendo-o ao homem. Ora, por essa primeira desobediência, o pecado e a morte entraram no mundo. E foi, repara, por culpa da mulher. Por isso está escrito — e é vontade de Deus — que ela deve estar sujeita ao homem. Nesse teu culto pagão à deusa do sol, tu exaltas a mulher como mãe e desejas que homens e mulheres partilhem igualmente a autoridade e o ensino."

"Não igualmente, Paulo," interrompeu Symphorus. "Escolheria apenas entre os sábios. Se houver mais homens sábios que mulheres, que governem em maior número. Mas se a esposa possuir o dom da sabedoria, então, com certeza, deverá ter autoridade no seu lar."

"Em verdade, estás em grave erro," replicou Paulo. "Sabe que o homem é a imagem e glória de Deus, enquanto a mulher é a glória do homem. Assim como o homem deve obedecer a Deus, a mulher deve obedecer ao homem. Isto é justo e apropriado, e sabemos que é vontade expressa de Deus. Porque Adão foi formado primeiro, depois Eva. E Adão não foi enganado — mas Eva, sendo enganada, caiu em transgressão. Por isso temos a santa ordenança do matrimónio, e a mulher é salva pela maternidade.

"Está escrito que, por causa da sua primeira transgressão, a mulher deve ser obediente, silenciosa, sóbria e devota. Só assim não dará ocasião ao pecado. Se quiser servir a Deus, deve servir ao homem, que é feito à imagem de Deus, e não deve usurpar autoridade. Tu falas dessa força viva que, de súbito, irrompe no homem, vencendo-o. Tu lhe dás nome — chamando-a de dragão verde ou vermelho. Mas essa interpretação tua revela ignorância quanto à natureza dessa manifestação. O dragão vermelho é o velho Adão no homem, e quando os milagres são realizados pelos justos, são pela ação do Espírito Santo, pela graça do único Deus. Essa graça operou em Moisés, em David, em todos os nossos profetas.

"E agora quero mostrar-te a vaidade do teu culto. O sol não passa de um orbe dourado colocado nos céus pelo Deus vivo, para que seus raios iluminem a terra. É tão grande a loucura de adorar o sol, a lua ou as estrelas como é a de adorar aves, feras ou peixes — o que fazem muitos pagãos ignorantes. Pois nem a besta nem os astros têm entendimento nem sabedoria.

"Agora, tendo-se desviado totalmente por causa da transgressão de Eva, todos os homens pecam, e não podem, por força própria, escapar ao pecado. Deus se irou grandemente com as criaturas que formou. Contudo, nós cristãos fomos reconciliados com Deus por meio do Seu Filho. Somos salvos dessa ira pela vida de Cristo. Na verdade, Deus é misericordioso, pois enviou à terra o Seu Filho Unigénito, Jesus, para que, por Sua vida e Sua morte, fizesse expiação pelos pecados dos homens. Nós que cremos em Cristo e no único Deus somos lavados do pecado, e pela nossa contrição, totalmente redimidos. Somos

renascidos no nosso Senhor Jesus, e a nós é dada a salvação. Cristo, com a Sua morte, tomou sobre Si o fardo dos nossos pecados."

E aqui Symphorus falou com rapidez: "Então tudo o que se exige ao homem é arrependimento. Pode pecar e pecar de novo, mas se declarar o seu arrependimento, não pagará penalidade, pois o teu Cristo já fez expiação por ele. Em verdade, Paulo, isso é loucura. Cada homem deve pagar a dívida que deve ao destino. Por mais impuros que sejam os seus atos, pode, segundo o teu ensinamento, escapar aos tormentos do além se simplesmente declarar arrependimento e fé no teu Deus."

"Não, pois ele deve demonstrar, através da bondade e da santidade, pela pureza das suas obras e pensamentos, a prova da sua fé em Cristo — de outro modo, o seu arrependimento é vão," respondeu Paulo.

"Tu chamas de pecado o amor entre homem e mulher," disse o sábio. "Eu chamo-lhe a vida bela e fluente que vem do sopro do dragão verde, que é nutrida pelo fogo das vestes da mulher-céu. Tu vês apenas maldade na carne. Eu vejo bondade e verdade na sua união com a alma. Mas isso só é possível pela harmonia concedida pela sabedoria, que é dom do espírito."

"Não! O corpo é mau porque alimenta desejos carnais," clamou Paulo. "Mas os desejos carnais podem ser transfigurados pela graça celeste. Sabe que há um pecado de que todos os homens são culpados. Pois cada filho de Adão está condenado pela transgressão de Eva. Por Eva todos morrem; por Cristo todos serão vivificados."

"E qual é a tua autoridade para tal dizer?"

"A minha visão de Jesus no caminho para Damasco, a minha comunhão com o Espírito Santo. Em verdade, sou fraco e pecador, mas o Espírito Santo fala através de mim, e pôs estas palavras na minha boca. E também falei com os discípulos do Mestre, e eles testificam da verdade que me foi revelada no mistério de Cristo."

Symphorus levantou-se, caminhando de um lado ao outro daquela pequena câmara de pedra, detendo-se para olhar a luz que se espalhava lá fora. Os céus do oriente estavam todos em tons de verde e ouro, e o vidente levantou as mãos para saudá-los. "Eis o sinal exterior do meu culto," exclamou. "Eis o manto dessa gloriosa vida fluente para a qual estás cego, irmão Paulo. Eu também escutei Jesus de Nazaré. As Suas palavras e parábolas eram puras, frescas e belas como esta alvorada. Mesmo os pastores mais pobres dos montes as compreendiam. Mas tu declaras uma doutrina que escurece e confunde a mente, como as nuvens que toldarão o esplendor desta aurora."

E novamente o vidente estendeu o braço, apontando para as nuvens vermelhas e ameaçadoras que vinham do sul, e logo cobririam a luz daquela primeira claridade.

"As tuas palavras não são as palavras de Cristo," continuou o ancião. "Mas as tuas palavras prevalecerão entre os homens num tempo vindouro, como estas nuvens prevalecerão agora. Por isso, quero mostrar-te os frutos do teu labor. Levar-te-ei mais uma vez à região onde está gravado o sonho dos séculos por vir — o sonho do infinito. No

entanto, antes disso, quero perguntar-te: esta história do Jardim do Éden é fábula ou verdade? Crês tu que a vida começou dessa maneira?"

CAPÍTULO XIV

Ouviu-se o sussurro das folhas, o ruído dos ramos sacudidos e o murmúrio dos insetos alados da terra. A luz subia e descia ao redor de Paulo como as ondas do mar, e dela, passados instantes, brotaram sete chamas que dissiparam as trevas que cobriam um vale. E olhando de uma grande altura, Paulo viu os segredos do futuro revelados como num espelho.

Uma cidade de templos brancos e palácios de mármore, de pequenas casas e ruas estreitas e tortuosas jazia naquele vale. Dela erguia-se o murmúrio do povo que fervilhava em baixo. Iam e vinham, ocupando-se com festas, jogos e trocas. E, olhando mais de perto, Paulo viu a perseguição dos santos no jardim de César. Eram divertimento para o povo, lançados aos leões na arena, indefesos, abandonados, os seus membros e carnes tenras rasgadas em pedaços pelas feras, pois haviam recusado negar Cristo.

Subitamente, a cena desvaneceu-se. E agora Paulo viu um homem cuja idade vergava o corpo, que mal podia andar, todo ele curvado. Os soldados que marchavam ao seu lado mostravam certo respeito por esse pequeno e torto ancião. Um silêncio caiu. Nenhum dos gritos vis de uma turba de arena se fez ouvir. Nenhuma piada ou zombaria destruiu a solenidade da hora.

E eis que o carrasco levantou a sua arma; o capitão da guarda pronunciou a sentença de morte. Então Symphorus agarrou Paulo, clamando, ordenando: "Olha para o seu rosto, irmão. Escuta a boa confissão que ele faz por seu Mestre Cristo. Honra a ousadia do seu testemunho. Reverencia o espírito imortal do homem que testemunhou aquilo que parecia ser a ruína do grande empreendimento da sua vida — do Templo que edificou em esperança, apesar de muitas adversidades, consagrando-lhe os melhores anos da sua existência."

Mas Paulo não quis olhar, como Symphorus lhe pedia, pois temia descobrir o nome do prisioneiro ancião. E enquanto resistia, a visão desvaneceu-se, mas o seu medo permaneceu. E tremia, e a sua fala ficou presa, e, em profunda angústia de espírito, era como um que desmaia.

Então, lentamente, voltou-lhe à mente a memória das muitas perseguições dos santos que testemunhara. E, ao recordá-las, ao contar os poucos que negaram e os muitos que deram testemunho corajoso, rejubilou e exultou, declarando a sua vitória a Symphorus.

Mas o rosto escuro do vidente aproximou-se de Paulo, que ainda ria, e disse: "Sim, irmão, todas essas almas conheceram Cristo por teu intermédio; e foram nobres na sua morte, poderoso o seu testemunho. Devias estar orgulhoso e elevado, irmão, pois és o moldador e criador deste heroísmo maravilhoso, deste espírito sublime de sacrifício. Mas olha de novo, contempla mais uma vez a obra das tuas mãos."

E Paulo viu agora a Judeia e todas as terras ao redor. O estrondo da batalha, os gritos de exércitos em agonia subiam com o vento, e ele soube que, em nome de Cristo, guerreiros ferozes do norte faziam guerra aos pagãos destas regiões do sul. E viu como saqueavam e matavam, entregando-se a atos de crueldade e luxúria, e ficou profundamente abalado e envergonhado. 1

"Apaga esta imagem, apaga-a," suplicou Paulo; "não posso olhar mais estas coisas negras e indizíveis."

Então esse fragmento do tempo foi arrancado, e uma escuridão opressiva, como a escuridão antes da criação, envolveu os observadores.

Contudo, o fim ainda não viera. Passado um tempo, o rosto dos anos tornou a emergir, espreitando de novo através dessa noite envolvente. E Paulo escutou os conselhos de homens de rosto de ferro, ávidos, sentados nos lugares altos, que prestavam serviço de lábios a Deus, erguendo para Ele templos majestosos e reunindo nos seus muros todos os tesouros da terra.

Então, por um momento, o santo foi tocado pela honra prestada a Jesus e pela multidão que enchia esses templos, adorando o Grande Nome, escutando as palavras do pregador — que eram, de facto, algumas das palavras de Paulo.

E agora, sentiu-se mais alegre do que nunca. Exclamou que o seu sonho de uma igreja que abrangesse toda a terra estava cumprido. Mas, mesmo enquanto dava graças pelo louvor a Deus e a Jesus, entoado em muitas línguas estranhas, viu que os governantes que exteriormente honravam a Deus, construindo templos nobres, faziam-no apenas para encobrir os seus próprios pecados. Usavam o Nome de Jesus e o nome de Paulo como armas — e com elas atormentavam e destruíam os pobres e humildes. Faziam despojo, faziam presa dos lavradores, dos artesãos, de todos os que não eram guerreiros, e faziam-no em nome de Cristo.

1 Estas visões referem-se evidentemente à morte de Paulo e às Cruzadas.

Ele percebia que queimavam homens e mulheres tal como César mandara queimar os santos. Justificavam-se e aos seus cruéis atos de tormento com as palavras de Paulo e em Nome de Cristo. E eis que o mal se acumulava sobre o mal, a dor sobre a dor, através dos ensinamentos da Igreja que o santo fundara. E na sua angústia, clamou contra eles; tentou impedir as sentenças pronunciadas pelos governantes… Ordenou, protestou, declarou que haviam torcido as suas palavras numa mentira vil e abominável. Mas os príncipes da Igreja não lhe deram ouvidos, como se fosse uma sombra, e continuaram a cometer abominações em Nome do Deus vivo, sustentando-as com palavras que diziam ser de Paulo, o grande santo de Tarso.

E assim, geração após geração, imagem após imagem, a crónica prosseguia. Guerra seguia-se a guerra, conflito a conflito; e todas as nações se odiavam umas às outras em nome da Igreja, em Nome do Deus da caridade e da fé, erguido por Paulo.

Tentou então libertar-se da visão, libertar-se do peso dos lamentos que lhe enchiam o ouvido. E, por um momento, a imagem da vida temporal desapareceu da sua vista; reinou o

silêncio; e nesse silêncio o seu espírito desfalecido foi reanimado, ao ponto de o seu torturador o desafiar, se não tivesse medo, a encarar novamente o mistério que parecia emergir das entranhas da terra.

E agora Paulo percebia que o mundo mudara em tudo o que era exterior, mas aquilo que era interior, da alma, permanecia inalterado.

Criaturas estranhas vagueavam pela terra. O santo nunca vira semelhantes. Tinham o aspeto de serpentes e gafanhotos, levando homens, mulheres e crianças nos seus ventres; mas não os devoravam — cuspindo-os em vez disso — e por vezes moviam-se com a velocidade de uma estrela cadente.

Também o rosto dos céus mudara. Bandos de grandes aves cruzavam os céus, e também estas transportavam, nos seus corpos, figuras de homens e mulheres.

Então o santo ficou estupefacto e tremeu perante as visões da terra. Pois também estas lhe eram estranhas. Percebeu que muitas igrejas estavam vazias de fiéis; os nomes de Cristo e Paulo esquecidos pela multidão, lembrados apenas por alguns santos que viviam, longe do tumulto das vastas cidades, em caminhos tranquilos. E os homens multiplicavam-se enormemente, e as suas dores também, pois estavam conscientes do espírito, mas voltavam as costas à bondade e à verdade, prostituindo-se perante estas novas criaturas, estes deuses estranhos.

Lutavam e torturavam-se mutuamente pela posse destas bestas e aves, e as suas mentes estavam cheias do desejo por ouro, para que pudessem ter poder sobre estas criaturas. Verdadeiramente horrendas eram as loucuras das massas, e não encontravam saúde nem verdadeira alegria nas suas vidas.

Maior do que nunca era a escuridão da sua ignorância.

"Na verdade, olho para o Abismo. Isto não é a terra", foram as palavras de Paulo. E porque a sua alma era rasgada pelo mal e pelo desespero das nações, tentou novamente apagar a imagem apresentada nesse mistério imundo.

"Paciência, irmão", disse o vidente. "O dia está a chegar, a crónica dos anos da danação está próxima do fim."

Olhando para os nevoeiros do ocidente, Paulo viu uma luz pálida, e dentro dessa luz apareceu um estranho que, embora tivesse a aparência de homem, não se assemelhava a ele de nenhuma outra forma, pois a sua alma brilhava como um fulgor que iluminava o seu semblante.

Uma inscrição encontrava-se sobre a sua cabeça: "Não venho trazer a paz, mas a espada." Tal era a leitura desta escrita.

Mas, pouco depois, desvaneceu-se, e no seu lugar formaram-se as palavras: "Venho com a espada da sabedoria, trazendo a paz."

"Eis o libertador," disse o vidente.

E esmorecendo e oprimido no espírito, Paulo viu Aquele que encontrara no caminho para Damasco.

"O longo sofrimento chegou ao fim", murmurou Symphorus; "o libertador chegou à terra; e a multidão de todas as raças, crenças e climas verá o seu mestre e profeta nesse rosto. Em verdade, nações e povos encontrarão renascimento, alegria e verdade na adoração da Grande Mãe, na adoração e sabedoria do seu Filho."

Então o santo perdeu o controlo de si próprio ao gritar contra essa blasfémia da Grande Mãe. E ansiou por ver mais uma vez o rosto do Amado. Mas pareceu-lhe que uma serpente viva se enrolava à sua volta. Lutou contra essas amarras, esforçando-se com toda a sua força contra elas. De repente, quebraram-se como varas de palha, e ele ficou de pé no vazio. "Mestre, Mestre," gritou àquela vasta solidão. Mas não houve resposta; nenhum raio de luz atravessou os nevoeiros densos.

E uma vez mais, como na sua juventude, soube que estava cego.

Então o seu entendimento foi ferido, e pareceu-lhe que o seu próprio corpo se rasgava ao meio. Mas, após essa angústia, envolveu-o o vapor frio e sufocante da morte. Lutou uma e outra vez contra ele, mas não conseguiu abrir caminho até à luz e à visão que se encontrava para lá. Toda a força o abandonou, o seu espírito cedeu, e afundou-se lentamente, inevitavelmente, numa noite insondável.

CAPÍTULO XV

Lucas, Crescente e Andrónico ficaram profundamente perturbados quando souberam que Symphorus levara Paulo para o campo na sua carruagem. Temiam-no como inimigo, mas ao entardecer souberam que era amigo; pois o seu escravo trouxe-lhes notícias da segurança do seu mestre.

Entregou-lhes um pergaminho no qual estava escrito o juramento do Adepto dos Mistérios.

"Em Nome da Sabedoria Antiga prometo guardar e preservar o corpo de Paulo de Tarso até que o perigo para ele em Gades tenha passado." Assim diziam as palavras dessa carta; e os santos rejubilaram, pois o nome de Paulo e o sinal da Cruz estavam junto ao nome de Symphorus.

Reuniram-se em conselho, e nos dias que se seguiram andaram discretamente entre o povo humilde da cidade — persuadindo muitos a acreditarem em Cristo. Depois, quando chegou um segundo mensageiro de Symphorus, decidiram partir de Gades, nomeando Andrónico como Supervisor da Igreja nessa cidade.

O mensageiro viajava numa carruagem e ordenou a Crescente que entrasse nela, dizendo que o seu mestre precisava dele. Assim, Lucas declarou que partiria para Córdoba, cidade famosa pelo saber na Hispânia, não muito longe de Gades, na província da Bética. Por isso, despediu-se de Andrónico, prometendo permanecer em Córdoba até que Paulo se reunisse

com ele nessa cidade dos templos vermelhos, que era a chave para a porta do entendimento na Hispânia.

Ora, Symphorus era um vidente astuto. Sabia que Lucas era um homem de palavras e de influência, por isso não quis convidá-lo para a sua morada nas montanhas. Este grego poderia denunciar publicamente o mal e as artes do Mistério ali praticadas; e para o sábio, aquele lugar era como o ninho de um pássaro — queria mantê-lo em segredo do povo daquela terra. Crescente era jovem e de temperamento mais suave, razão pela qual Symphorus desejava cumprir o juramento da Sabedoria Antiga, entregando-lhe o corpo vivo de Paulo.

O santo encontrava-se num estado febril, e Symphorus acreditava que tal vinha de uma mente ferida nas horas em que tentara atacar a alma do Mestre de Tarso. O próprio vidente estava exausto devido ao mal despertado nessas horas passadas. Só Crescente poderia levar a Paulo a cura.

Assim, este irmão atravessou a planície amarela na carruagem puxada por cavalos quase tão velozes como andorinhas. E contemplou as montanhas da Bética, subindo os seus caminhos rochosos.

Para ele, não havia temores espirituais quando entrou nas cavernas e chegou, por fim, à presença do seu mestre. Foram alegres os seus cumprimentos, e desde essa hora, Paulo começou a melhorar; a febre passou. Num final de tarde tranquilo, enquanto repousava sobre um rochedo acima da planície, abriu o seu coração a Crescente, contando-lhe aquelas visões malignas que tinham passado diante dos seus olhos.

"Na verdade, foram monstruosas imaginações, evocadas e pintadas no ar", disse o santo, "pelo Mestre dos Mistérios, Symphorus. Em verdade, mostrou-me fábulas profanas, moldando-as na forma de sonhos, e proclamou a doutrina dos demónios, profetizando, para o fim, o domínio da deusa pagã, a Grande Mãe Ísis, sobre as massas dos homens. E mesmo quando proferia essa mentira, ela foi desmentida. Pois eis que percebi o rosto do meu Senhor tal como me apareceu no caminho para Damasco. Naquela hora, quando me parecia estar a deixar este mundo, essa visão trouxe-me a verdade e a vida. Falou-me da destruição das crenças pagãs, da promessa do Salvador de que voltará à terra e libertará os eleitos no fim da Crónica dos Anos. Assim, antes de desfalecer e deixar de ser, a minha alma foi elevada e a fé renovada."

Por um tempo, o doente calou-se, e foi Crescente quem rompeu o silêncio, perguntando por que razão Symphorus preservara a vida do santo aquando do tumulto em Gades.

"Certamente, o juramento foi-te dado, meu irmão, de que nenhum mal aconteceria ao meu corpo. Pois o inimigo procurava um caminho mais subtil, queria ferir até à morte a minha alma com essas mentiras, essas falsas abominações. Melhor teria sido ser morto pelos homens de Gades do que ver o meu espírito perecer pelas artes e práticas desse vidente. Ele conduziu-me ao submundo, àquelas moradas sombrias de Satanás que não devem ser nomeadas.

"Na verdade, Crescente, encontrei o Tentador na forma de homem. Mas não fui vencido. Sê vigilante, meu filho, enquanto estiveres nestas montanhas, pois aqui habita o Mistério da Iniquidade, o Filho da Perdição."

E então Paulo tombou para trás, exausto e abatido por ter revelado a tentação, o grande mal que presenciara. Crescente proferiu palavras de conforto e, mantendo-se acordado, permaneceu junto ao seu mestre toda a noite. Pela madrugada, o silêncio foi interrompido por uma música suave, por sons e melodias estranhas que tocavam e moviam o coração do vigilante.

Percebeu que o adormecido não acordava, apenas murmurava inquieto, agitando-se.

Na hora em que o primeiro raio de sol penetrou pela abertura da rocha, Symphorus entrou na câmara com um frasco; e dele subiu um vapor que enchia o ar com um doce perfume. E o vidente permaneceu no meio daquela câmara, proferindo palavras estranhas numa língua desconhecida, depois virou-se e fez sinais no ar por cima da cabeça do adormecido.

Mas quando Crescente se preparava para o agarrar com violência, Symphorus sorriu, retirando-se para a abertura na rocha, e curvando-se perante a luz do oriente.

"Falhei, como no meu íntimo sabia que falharia, em conquistar a compreensão deste homem," disse o Mestre dos Mistérios. "Por isso, vê: está selado de agora em diante; e ele nada saberá do que aconteceu nessas horas passadas de revelação. Não fales disso com ele, nem com nenhum do teu povo, pois em verdade, o que está oculto permanecerá oculto até que seja figurado e moldado no fluir dos incontáveis anos."

Tendo proferido estas palavras, Symphorus afastou-se da presença de Paulo e Crescente.

Nos dias que se seguiram, o jovem discípulo compreendeu, pouco a pouco, por sinais e ditos, que essas coisas indescritíveis tinham sido apagadas da memória do seu mestre. Apenas permanecia o conhecimento de que enfrentara Satanás face a face nas montanhas de cobre da Bética, que lutara em espírito com esse mistério da Iniquidade e que, por fim, triunfara.

CAPÍTULO XVI

Foi com os jovens que estudavam as filosofias em Córdoba que Lucas conversou, pois sabia que, bem instruídos, poderiam tornar-se líderes e mestres da geração seguinte, influenciando-a para o bem, tal como Séneca influenciara o jovem César em Roma.

No passado, os romanos tinham sido homens de ação mais do que de pensamento. Valorizavam o conhecimento se este lhes conferisse poder, mas possuíam pouca sabedoria, e por isso, apesar da sua grandeza, eram um povo de visão estreita. Espreitavam a vida por uma janela pequena, enquanto certos videntes da Hispânia se erguiam como se estivessem no topo de uma montanha, contemplando a eternidade. E o mais nobre de todos era Séneca, agora o primeiro cidadão de Roma. Guiava o jovem Nero, dirigindo tudo o que era importante na administração. Assim, os povos de diversas nações regozijavam-se com uma

liberdade e prosperidade que nunca antes tinham conhecido. Da Síria à Hispânia, do Egipto à Britânia, reinavam ordem e autoridade, graças ao Vidente de Córdoba. E qualquer cidadão do Império podia exigir e obter justiça, por mais ignorante que fosse o seu povo, por causa daquele único homem da Hispânia que vivia tão simplesmente como um pastor pobre no seu esplêndido palácio na cidade dos Césares.

Mas Lucas desejava encontrar um César cristão em Córdoba. Era o desejo secreto do seu coração descobrir um jovem que pudesse moldar à imagem de Séneca, mas que possuísse o conhecimento do Mestre, a fé segura e a crença em Cristo. Mais tarde, quando falou deste sonho a Paulo, o santo chamou-lhe uma loucura, um erro de entendimento.

Apesar disso, Lucas reuniu uma vintena de jovens estudantes em Córdoba que vinham escutar os seus ensinamentos todas as tardes, preparando-se, com o tempo, para serem batizados, para partirem entre os seus povos no norte da Hispânia e até às mais distantes fronteiras da Lusitânia, proclamando as novas verdades e a salvação que todos os homens poderiam partilhar.

Ora, o líder da flor da juventude em Córdoba era um homem rico chamado Torquato. Tinha viajado até Roma e conhecia o esplendor da vida naquela cidade. Em tempos, fora um estoico virtuoso, mas desviara-se, corrompido em parte pelos prazeres dos romanos. Tinha vinte e cinco ou vinte e seis anos quando regressou à sua cidade, e por isso podia bem liderar os mais jovens nos assuntos do espírito e do mundo naquela localidade.

Mas cedo percebeu que já não dominava os seus companheiros. Quando a noite chegava, davam desculpas e afastavam-se da sua casa e dos seus jardins. Tinham receio de lhe contar a nova visão que lhes fora mostrada, pois temiam o seu escárnio e zombaria. Mas o segredo não poderia ser guardado por muito tempo. Torquato seguiu os jovens e chegou a um espaço aberto perto de um pequeno olival e de uma casa nos limites de Córdoba. Ali viu um grupo de jovens reunidos em volta de um estrangeiro, e juntou-se a eles em silêncio, ouvindo as palavras de Lucas durante mais de uma hora.

Quando o orador cessou de falar, Torquato levantou a voz, dizendo:
"Amigos, irmãos, desejo responder a este grego e mostrar-lhe que toda a moeda tem duas faces, e toda a filosofia ou crença tem dois lados."

Torquato estava irritado, pois percebia que os seus companheiros tinham sido conquistados por este estranho, e acreditava que estavam enredados numa das muitas superstições vindas do oriente; por isso, falou com veemência:

"Estive em Roma, amigos, e sentei-me aos pés de Séneca, que veio desta cidade e é, porventura, o homem mais sábio do mundo conhecido. Ele não falou deste novo Deus, Cristo; não se alinha com a crença em muitos deuses. Razão e virtude eram os fundamentos sobre os quais sustentava que o homem devia construir a sua vida e moldar o desenho dos seus anos. Temos muitos templos erigidos a deuses na Hispânia. Jano reina sobre a nossa cidade, Endovélico guarda os destinos da Lusitânia, Mercúrio-Melcarte vigia Gades, e Ísis e tantos outros são adorados nas Províncias Próxima e Distante. É tolice acrescentar mais um deus ao número já existente, erguendo este Cristo. É bem melhor para nós, da geração mais nova, acrescentar à sabedoria do mundo através do poder da razão.

Embora não esteja inteiramente de acordo com o sábio Séneca," vangloriou-se Torcato, "ele ensina que os homens de todas as idades devem praticar a virtude e a abnegação, entregando-se por um tempo ao labor pelo bem comum, mantendo, no entanto, que a vida mais elevada é a vida da contemplação. 'Aqueles que nada fazem, fazem mais do que os outros', afirmava ele. E não duvido que planeie, num tempo vindouro, cumprir este que é o verdadeiro destino do sábio. Mas eu sustento que nós, jovens, devemos procurar todo o prazer, toda a alegria — deleitar-nos com as mulheres, o vinho e o sol das horas que correm. Esta primavera passa depressa, e depressa passará a nossa. Aproveitemos ao máximo os poucos dias vigorosos que nos são concedidos; e depois, como verdadeiros filósofos, na meia-idade, praticaremos a vida virtuosa da contemplação, como ensinado por Séneca e proclamado por ele em muitos ditos sábios."

Lucas tentou deter o curso impetuoso das palavras deste jovem, mas foi silenciado pela forma brusca com que o orador se voltou para ele, dizendo:

"Tu queres que levemos uma vida virtuosa, amando todos os homens, negando-nos a tudo para que, num tempo futuro, sejamos recompensados com alegria e paz no Paraíso. Mas sabe que, quando descemos à sepultura, entramos num silêncio eterno. Em verdade, os homens desperdiçam o presente como se não tivesse valor, olhando sempre para um futuro que pode nunca chegar. Por isso, jovens de Córdoba, convido-vos a seguir-me. Exorto-vos, como as abelhas, a provar o mel de cada flor, procurando o prazer nas mulheres e em todas as delícias que os anos nos possam oferecer. Se forem apanhados na rede deste homem, perderão o presente em nome de um futuro que termina no silêncio eterno da sepultura."

Percebendo que Torcato fez uma pausa, Lucas retomou a palavra, dizendo:

"A sepultura não é o fim. Passamos por ela para uma outra vida, de sofrimento pelo pecado ou de libertação de toda a dor. Se vós, jovens de Córdoba, acolherdes no coração as palavras de Cristo tal como vo-las transmiti, essa libertação será vossa. E se seguirdes o Seu caminho, encontrareis a paz e a alegria que apenas vêm da única Verdade, que até agora esteve oculta e que agora é revelada."

Os jovens mostraram-se grosseiros e, perdendo a paciência, gritaram a Lucas:
"Não ouviremos mais este grego ignorante. Seguimos Torcato. Fala, Torcato. As tuas palavras são verdadeiras e mostram que o que este forasteiro diz é uma superstição vã."

Com outras palavras, o jovem nobre da Bética repetiu tudo o que já dissera, e os jovens aplaudiram, prometendo aderir a esse caminho da carne que, balbuciavam, era o caminho dos sábios. Diziam que Lucas queria que se rebaixassem, vestindo-se como mendigos, com a humildade de servos e escravos.

Durante todo este tempo, dois viajantes repousavam na orla do declive, à sombra das oliveiras. Nenhum dos jovens os tinha notado, mas agora aproximaram-se; um era um homem ereto como uma árvore da floresta, o outro um ancião curvado, cuja túnica, tão manchada pela viagem, fazia com que, aos olhos daqueles ignorantes béticos, parecesse um vagabundo de aspeto indigno.

Na penumbra que se adensava, avançou na direção de Torcato. E quando estava próximo daquele orador vaidoso, um raio do sol poente traçou um círculo de luz em torno dele e também sobre aquele grupo de homens que carregava a promessa do futuro da Bética.

O ancião era Paulo e, ao endireitar o corpo curvado, ao encarar Torcato, algo mudou. Houve um murmúrio e agitação entre os que escutavam, pois aquele que julgavam ser um vagabundo, agora, pela força do seu olhar e da sua fala, revelava-se um homem de autoridade.

Torcato ficou mudo, subitamente inquieto, preso pelo poder daquele olhar penetrante que se fixava no seu rosto.

"Irmão," disse Paulo, "tu falas palavras de traição. Não te glories mais."

Torcato tentou responder com firmeza, mas apenas conseguiu balbuciar:
"Forasteiro, o que te traz aqui? De onde vem a tua autoridade?"

"Na verdade, irmão," respondeu Paulo, "a minha autoridade não é deste mundo. Vem de outro. E em Nome do Altíssimo, conjuro-te a calar-te. Pois nesta tua filosofia declaras a tua perdição. Antes que esta primavera da Bética termine, os laços da morte te cercarão, e conhecerás o maior de todos os medos que assaltam os homens tolos: conhecerás o medo das trevas eternas, de uma noite da qual nada sabes."

Torcato não pronunciou palavra. Estava como que tocado pelas estrelas, boquiaberto, de boca aberta como um tolo. Não compreendia as palavras de Paulo nem o seu significado. Era a voz forte e profunda daquele ancião aparentemente fraco, o poder do Espírito que dele emanava, que dominava, subjugava e confundia aquele homem no auge da sua juventude.

Os seus seguidores murmuraram:
"Fala, Torcato. O que se passa? Prova a este estranho que as suas palavras são loucura."

Mas o seu líder continuava em silêncio, pois o poder espiritual do Vidente de Tarso prendia-o como um feitiço.

"Lembra-te das minhas palavras, filho; e na tua hora de necessidade, chama por mim e eu virei até ti." Assim dizendo, Paulo virou-se e, lentamente, com esforço, subiu até à porta da casa, entrando nela.

Então foi como se grilhões se soltassem e os membros de Torcato se libertassem. Mas a fala tinha-lhe sido retirada. Voltou-se, empurrou os seus seguidores para o lado e afastou-se, desaparecendo na noite que se adensava.

Lucas e Crescente seguiram Paulo, pois temiam sempre a fraqueza que se seguia à fadiga da viagem ou à hora da sua iluminação. Em verdade, ele tinha sido como uma grande luz posta no firmamento, ofuscando Torcato com o seu esplendor. E os jovens ficaram ali por um momento. Depois, esquecendo os longos discursos de Torcato, sussurrando entre si sobre o estranho misterioso, desceram a encosta das oliveiras aos pares e em pequenos grupos, procurando no crepúsculo o conforto das luzes de Córdoba, a segurança das ruas cheias daquela cidade.

CAPÍTULO XVII

Na manhã seguinte, um mensageiro trouxe cartas de Gades, escritas pelos irmãos romanos. Continham notícias que alegraram o coração, pois relatavam que se falava muito da boa confissão feita por Paulo no seu julgamento perante o Pretório. Reclamara e obtivera, então, para os discípulos, o direito de pregar a doutrina de Cristo em todo o Império; e parecia que a nobreza do propósito de Paulo, a sua sabedoria e o seu porte corajoso levaram certos nobres e libertos a interessarem-se pelo Evangelho pregado por este homem de Tarso. Entre eles, estavam estoicos de antigas famílias de Roma, e dois ou três servos da casa de César haviam conversado com Lino; pois desejavam, em segredo, obter conhecimento. E um liberto chamado Aneu, da casa de Séneca, viera em nome do seu mestre, perguntando pelo cidadão romano Paulo. Recusara falar com qualquer outro membro da igreja, dizendo que, quando o Mestre de Tarso regressasse a Roma, seria recebido em audiência na casa de Séneca.

Este convite era a mais alta honra que poderia ser oferecida no Império a alguém dotado de conhecimento e entendimento. Paulo ficou muito satisfeito, mas pesaroso por não poder estar em Roma e em Córdoba ao mesmo tempo. Assim, alterou o seu plano, que era passar um ano ou mais na Hispânia, viajando pelas terras selvagens da Lusitânia e da Tarraconense. Estaria em Roma no inverno que se aproximava, pois agora Lino compreendia que só Paulo, tendo oportunidade, poderia converter os estoicos e os nobres esclarecidos que habitavam na cidade de César.

Lino não possuía instrução; era um irmão simples, cheio de zelo e, na verdade, falhara no seu primeiro encontro com os estoicos. O Santo de Tarso recebera dos Apóstolos a cortês ordem de procurar um retiro honroso por algum tempo; ordem essa nascida do antigo receio que nutriam pela turbulência e pela ira que Paulo invariavelmente despertava. Mas eis que tudo mudara por causa dos elogios prestados ao nobre testemunho de Paulo sobre Cristo — prestado perante o prefeito da Corte Imperial. Agora, os irmãos em Roma suplicavam que ele voltasse rapidamente ao seu convívio e, assim, apressasse a propagação do conhecimento do Mestre.

Contudo, o santo desejava permanecer por mais uma estação na Hispânia. Não queria afastar-se daquele campo fértil antes de ter semeado o grão da verdade. Por isso, reuniu-se com Lucas e Crescente; e decidiram enviar dois irmãos para Astigi, um para Malaca e outro para Acci. 1 Apenas Lucas permaneceria em Córdoba, na companhia de Paulo. Desta forma, as redes foram sabiamente lançadas sobre a Hispânia, e cada grande cidade da terra foi anotada e designada pelo santo para a visita de um dos seus discípulos.

Foi desta maneira que Paulo formara as igrejas da Ásia e da Hélade; pois era sempre seu desígnio que a Palavra fosse proclamada em cada cidade de cada nação do Império.

E quando os irmãos seguiram os seus caminhos, Paulo voltou-se para os pobres de Córdoba, pois não partilhava da visão de Lucas. "Se os jovens instruídos e bem-dotados não vêm até mim, eu não os procurarei," disse. "Em verdade, estou cansado daqueles que, durante horas, debatem minúcias filosóficas, fazendo jogos de palavras, sem perceberem que a letra pouco importa. É o espírito da palavra que edifica e cria a vida nobre. Aqueles

que, como esses jovens, não estão dispostos a receber o espírito, apenas desperdiçarão o nosso precioso tempo, pois não podemos permanecer muito tempo nesta cidade."

Lucas nada respondeu, mas ficou triste, pois os jovens que instruíra estavam agora totalmente afastados dele. De tempos a tempos, ouvia falar das suas festas e desordens, das muitas loucuras nas quais haviam caído ao seguirem os conselhos de Torcato.

Numa noite de escuridão e trovoada, chegou um mensageiro à Casa das Oliveiras. Era um jovem de semblante perturbado e disse:
"O meu amigo, Torcato, está ferido de morte e deseja a tua presença antes de partir deste mundo." Ao que Lucas prontamente se preparou, dizendo: "Irei ter com ele de imediato."

"Não, não," exclamou o jovem. "Não podes em nada mudar o seu estado. Ele quer falar apenas com o grande mestre. Só ele o poderá ajudar."

E embora Paulo estivesse cansado, levantou-se e acompanhou o mensageiro pelas ruas de Córdoba, passando pelo Templo Vermelho de Jano. À medida que caminhavam, o jovem contou o mal que se abatera sobre o seu amigo.

1 Gaudix, perto de Granada.

Segundo os princípios que proclamava, Torcato enganara um mercador da cidade, roubando-lhe grande soma em ouro. Também lhe tomara a mulher amada; e como o mercador não conseguira obter justiça pela via legal, invadira a casa de Torcato, matara essa mulher e, mais tarde, numa briga, ferira-o com a espada.

"Torcato chama por ti todo o dia," disse o mensageiro, "e declara que não ousa morrer sem antes falar contigo. Mestre, não sei se tens poder sobre o submundo; mas, em verdade, Torcato parece estar aterrorizado com a tua força e com o que poderás fazer-lhe se ele atravessar os limites desta vida."

"Eu sei o que está para além desses limites," disse Paulo. E o jovem estremeceu, pois, na sua aflição, perdeu a razão e acreditou que o santo fosse um feiticeiro capaz de evocar visões terríveis para a alma que partia.

Assim, os dois caminharam em silêncio até chegarem à morada do jovem nobre bético; e numa sala de marfim e cedro, junto a uma fonte, jazia o doente, clamando de dor e febre.

Então Paulo tomou-lhe as mãos e, sem dizer palavra, acariciou-lhe a testa. Passado algum tempo, a febre diminuiu e Torcato recuperou o domínio da sua mente.

Sussurrou o seu pedido, pois não tinha forças devido à perda de sangue.
"Mestre, sei que estou a morrer, e que em breve o silêncio da sepultura ou os fantasmas do submundo se reunirão em meu redor, e tenho muito medo. A minha visão era falsa e a tua era verdadeira. Mas, porventura, vieste até mim e, quem sabe, poderás, com a tua sabedoria, mostrar-me uma forma de enfrentar a morte com coragem."

"Não, tu não morrerás," disse Paulo. "Esta ferida foi-te infligida para que pudesses viver. Pois, em verdade, nestes teus dias de prazer andavas às cegas nas trevas da carne. Mas em breve, se tiveres paciência comigo, encontrarás a vida e a verdade."

E Paulo lavou e ligou as feridas do jovem, dando-lhe alívio. Assim, com o tempo, recuperou alguma força e venceu o adversário, a morte.

Numa certa noite, quando o santo voltou a estar com ele, Torcato pediu-lhe orientação, declarando sentir-se como um homem que percorreu um caminho que o levou à beira de um precipício.

"Mestre, mostra-me outro caminho," suplicou. "Por ti escapei à morte. E agora sofro as dores da mente, não do corpo. Não vejo estrada diante de mim. Quero ser guiado pelas tuas palavras. Mas não consigo seguir os conselhos do grego. Eis que prazer e riqueza são a minha necessidade, e não vejo como pode algum homem ganhar algo escolhendo a pobreza. Pois a riqueza é como uma armadura que protege o homem dos embates rudes do mundo. Como pode alguém ser virtuoso quando é pobre?"

Recordando-se das palavras vãs pronunciadas com orgulho por Torcato na encosta das oliveiras, Paulo disse-lhe:

"Homens como tu desejam apenas possuir as coisas deste mundo, e não percebem que esse desejo é vaidade e causa de constante inquietação. Quer se cumpra ou não, os seus frutos são tristeza e amargura. Perdi tudo o que é desse tipo e, no entanto, ganhei imensamente. Volta-te para o caminho verdadeiro. Caminha na luz de Cristo. Perdoa ao teu próximo a sua ofensa. Sê misericordioso, paciente e tolerante, e assim vestirás uma armadura que nenhuma espada poderá trespassar."

E Paulo passou a mão pela testa do jovem enfermo, dizendo suavemente:
"Filho, grava na tua mente tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é amável — e a paz que ultrapassa todo o entendimento poderá ainda ser tua."

"Estou preso como numa rede," clamou Torcato. "Não consigo escapar." E falou então das tentações que o assaltavam em vários momentos e circunstâncias.
"A beleza das mulheres é para mim como o perfume da flor da vinha. Lança um feitiço sobre a minha mente, enchendo-a de sonhos."

"Esses sonhos são visões das trevas," respondeu Paulo. "Deixa que a luz preencha a tua mente — e não haverá nela espaço para imaginações malignas."

"Em tempos passados, quando esta loucura se apoderava de mim", gemeu Torcato, "espalhava aos pés delas os rubis e safiras brancas da Lusitânia. Sim, enganei um mercador, tirando-lhe uma grande soma em ouro para esse fim."

Então Paulo disse ao doente que, se todo o seu ser estivesse preenchido por um único propósito e trabalhasse por esse fim, isso apagaria tais febres e desejos desordenados, libertando-o do desejo pelas mulheres. "Para alguns homens é melhor casar do que arder em desejo. Mas tu não és desses. A tua liberdade só virá pela fé e pela luta pela fé. O pecado escravizará por completo a tua mente." E Paulo contou a história da sua vida, falando dos longos anos de conflito, de como o seu pai o amaldiçoou e deserdou, da sua rebelião contra o seu próprio povo. Falou de aflições, açoites, naufrágios, apedrejamentos — e sempre da sua alegria como soldado fiel do seu Mestre nesses sofrimentos. Assim

acendeu o espírito audaz de Torcato, fazendo-o exclamar que ele também queria embarcar nessa nobre aventura.

"As tuas palavras cortaram as minhas correntes", disse ele. "Falaste com verdade. O mundo é um campo de batalha, e eu seguir-te-ei e lutarei sob a tua bandeira."

Com esse pensamento na mente, Torcato recuperou rapidamente a saúde; e, estando restabelecido, reuniu os jovens de Córdoba, forçando-os a sentar-se aos pés do Vidente de Tarso, e também os conduziu a alistarem-se como soldados no "exército", como lhe chamava, de Paulo e de Cristo. Tão entusiasta era este jovem nobre que colocou todos os seus bens na bolsa comum dos santos. E obteve de Paulo autorização para partir para Acci, a sua terra natal. Ali, ajudaria Crescente e conduziria o povo dessa cidade a segui-lo nesta ousada missão — a conquista do espírito humano por todo o mundo conhecido.

Contudo, o ímpeto e o zelo não foram guiados pela prudência nem pela sabedoria. Ele destruiu a obra de Crescente naquela cidade. Os anciãos riram-se do jovem que conheciam desde menino; e o escárnio deles enfureceu tanto este soldado de Cristo que ele perdeu o controlo e insultou-os, assim como aos deuses de Acci, chamando-lhes demónios, e às ninfas das águas — nas quais o povo acreditava — espíritos malignos do submundo, servos do temível Aeternium, que, segundo a tradição local, governava esses lugares sombrios.

Voltaram-se contra Crescente e Torcato, e, atirando-lhes pedras, expulsaram-nos de Acci. Mas, embora ferido e exausto, Torcato enfrentou os seus perseguidores a uma milha da cidade, clamando:
"Ó cidadãos de Acci, voltarei de novo; e quando regressar, o meu Deus mostrará o Seu poder através de mim. Humilhados pelos sinais da Sua força, vós prostrar-vos-eis e adorá-Lo-eis unicamente — a Ele, o puro, o inefável."

Teriam feito o jovem em pedaços, não fosse Crescente dizer à multidão:
"Estamos sob a proteção de Roma e de César. Aquele que nos agredir sofrerá as consequências."

Foram palavras bem proferidas, pois só assim puderam ser salvos naquela hora de estranha fúria, quando a turba parecia possuída por demónios.

Depois disso, Paulo proibiu Torcato de pregar ao povo em público. Fez dele um servo dos irmãos, confiando-lhe tarefas humildes; e, por respeito e devoção ao santo, ele obedeceu em tudo, acompanhando-o na sua jornada pela Gália até Roma.

Ali, este homem impetuoso permaneceu por mais de um ano. Quando foi disciplinado e aprendeu a dominar-se, regressou à Hispânia. E conta-se que a sua mente estava então completamente voltada para um só propósito, imaginando tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é amável.

Assim aconteceu que, tendo falado a muitos do povo que celebravam um festival em honra de um deus pagão fora da cidade de Acci, declarou que o sinal por ele prometido em tempos seria em breve mostrado. Zombaram e riram dele mais uma vez. Agarraram-no, mas sem conseguir apagar o seu espírito destemido, e levaram-no com rudeza para a cidade.

Era um dia de trovoada e chuva intensa. Quando uma vintena de populares estava sobre a grande ponte de Acci, deu-se um pequeno tremor de terra e a ponte desabou. Muitos ficaram feridos ou morreram naquela hora de terror. Os céus abriram-se e encheram-se de relâmpagos. Depois, a escuridão cobriu os céus e apenas se ouviam lamentos e prantos, e os que escaparam ilesos suplicaram a Torcato que acalmasse a ira do seu poderoso Deus.

E assim ele venceu. E quando o sol voltou a brilhar e vieram dias tranquilos e de boas colheitas, o povo escutou avidamente aquele a quem chamavam "o Sumo Sacerdote de Cristo." Por isso, Torcato foi nomeado pelos Apóstolos como o primeiro bispo de Acci — e de facto, o primeiro na Hispânia. Através deste bético, grande parte dessa terra foi conquistada para Cristo.

Tendo fundado uma igreja em Córdoba, Paulo partiu para Cartago, 1 uma cidade fortificada sobre uma colina junto ao mar (Cartagona, outrora Cartago Nova). Ali permaneceu durante o verão e o outono, e com a ajuda de alguns jovens de Córdoba que lhe serviam de intérpretes, conversou muito com os pobres e os pescadores da cidade. Estes pescadores formavam um colégio e eram homens de algum saber. Receberam Paulo com alegria. Na verdade, nesse tempo, ele falou com homens de toda condição, chegando a comover a alma de Públio, o governador no seu palácio, e também a conquistar alguns mercadores com a sua mensagem. Mas foram os pescadores de Cartago que jamais esqueceram Paulo, permanecendo fiéis às suas palavras.

1 Cartago Nova - Cartagona

Foi uma estação abençoada para o Apóstolo envelhecido; e os anos pareciam desaparecer, a sua força renovando-se antes de partir para Tarraco (Tarragona), e depois seguir ao longo das costas da Gália. Subiu um pouco mais para norte e permaneceu por pouco tempo em Lugdunum (atual Lyon), pelo que apenas na primavera do ano seguinte voltou a avistar as Sete Colinas de Roma.

LIVRO II

SÃO PEDRO E SÃO PAULO EM ROMA

CAPÍTULO XVIII

Era uma época notável acima de todas pelas riquezas, pela devassidão, pelo desejo carnal e pela crueldade — mas também pela virtude ascética e pelo sacrifício sublime. Era um tempo em que santos, demónios, espíritos e heróis caminhavam sobre a Terra.

Para conquistar ouro e poder, um homem era capaz de trair o seu amigo mais íntimo, entregando-o à tortura e à morte. O pai de Nero arrancou os olhos a um cavaleiro romano e esmagou uma criança até à morte com as patas do seu cavalo na Via Ápia. As escravas de Octávia, a imperatriz, sofreram a tortura do potro, mas mesmo nas suas últimas agonias recusaram-se a prestar falso testemunho contra a sua virtuosa senhora ou a chamá-la adúltera, como os seus algozes exigiam.

A permissividade que acompanha grandes riquezas imperava em Itália. Nos lagos, nas margens do Arno, na Campânia e nas colinas Albanas erguiam-se os enormes palácios dos nobres. Estes eram adornados com mármores da Frígia e da Numídia. Possuíam mesas de madeira de citrino assentes sobre colunas de marfim, tectos dourados e ornamentados com gemas vindas dos quatro cantos da terra.

Os palácios do Imperador e dos seus favoritos eram armazéns do espólio do império. Roma albergava imensos tesouros. Mas, apesar dos seus edifícios imponentes, o povo comum vivia em ruas estreitas e tortuosas; muitos sobreviviam em tugúrios indignos até de porcos. Grande parte dos pobres vivia na ociosidade, alimentada pelo pão que o Estado fornecia, mantida satisfeita pelos jogos e espectáculos bárbaros onde homens e animais combatiam. Roma era, de facto, o lar da preguiça e do prazer, uma casa de mexericos para onde convergiam todas as histórias e escândalos do mundo conhecido.

Foi para este mundo que Nero chegou, de pés primeiro — e dizia-se que esse modo de nascimento era um mau presságio. Mais tarde, murmurava o profeta pesaroso, ele seria o último da Casa dos Júlios, o último dos Césares.

Foi através do assassinato de Cláudio, seu marido, que Agripina elevou Nero ao trono. Assim, no primeiro dia do seu reinado, ele deu à guarda do palácio a senha: "A Melhor das Mães". Contudo, estava escrito no Livro dos Anos que, primeiro, "a melhor das mães" sofreria um naufrágio, e depois seria morta por ordem do seu próprio filho — ordens essas dadas a pedido de Popeia, a meretriz.

Os seus conselheiros, Séneca e Burro, saudaram o jovem imperador como um deus sobre a terra, dizendo-lhe que era o árbitro da vida, da morte e do destino dos povos, nações e cidades que nenhum homem poderia contar.

Apesar do acto hediondo de Agripina e do envenenamento de Britânico, filho de Cláudio, num banquete imperial, tudo parecia prometer bons ventos para o navio do Estado, com o sábio Séneca como piloto e Burro como segundo no leme.

Durante os primeiros dez anos do reinado de Nero, não se registou nenhuma sentença de morte, e apenas dois homens foram exilados por traição e por difamarem o nome do imperador. Os seus dois ministros insistiam na pureza da administração em todas as vinte e cinco províncias. Sempre que havia suspeitas de corrupção por parte de algum governador, a investigação era célere. Assim, tais homens procuravam agir com prudência e tinham diante dos olhos o exemplo da integridade de Séneca. Pode-se, portanto, chamar aos primeiros dez anos do reinado de Nero os anos da misericórdia e da justiça. Nunca o Império fora governado com tanta sabedoria.

Quando Paulo não conseguiu obter uma audiência justa junto do seu próprio povo — perseguido e difamado — recorreu a Roma e obteve do prefeito da Corte Imperial a carta de liberdade para si, para os seus irmãos e para a Igreja.

Nero contava apenas dezassete verões quando subiu ao trono, e ainda jovem demonstrava discernimento e sensatez nos seus julgamentos. Lançou até um plano para abolir os impostos sobre o comércio, promovendo o livre trânsito entre as diversas

províncias do Império; mas acabou por descobrir que não tinha o poder para pôr em prática esse sonho, que certamente teria unido todas as regiões.

Contudo, ao julgar Nero, é necessário lembrar que dentro dele viviam duas entidades — um homem sensato e um demónio; um ou outro dominava conforme a companhia que o rodeava.1 Quando jovem, escutava Séneca e, por vezes, considerava-o como um pai muito amado. Nesses momentos, a sua mente enchia-se de sabedoria; mas o monstro de crueldade que habitava na sua natureza, por vezes, erguia-se e golpeava sem piedade os que lhe faziam sombra na Casa Real ou aqueles que feriam a sua vaidade.

1 Observe a referência simbólica aos "Dragões" nas visões misteriosas de Symphorus.

Duas pessoas, Tigelino e Popeia, alimentavam constantemente esse lado sombrio, e por fim, a escuridão da sua alma venceu a luz. O mal triunfou e anos de terror seguiram-se — anos de assassinatos, execuções, o grande incêndio de Roma e a época de horrível tortura dos santos na capital.

(Tal como referido nas visões misteriosas de Symphorus, aqui se faz a alusão simbólica aos "Dragões".)

Burro tinha falecido dois anos antes do incêndio. E, percebendo que já não podia guiar o imperador, Séneca — apesar dos rogos do seu mestre — procurou um retiro silencioso na sua casa em Roma. Disse aos amigos que estava cansado do mundo e que desejava passar os seus dias em estudo e contemplação, não mais suportando o fardo dos cuidados de Estado.

Mas foi outra a verdadeira razão que levou o sábio a abandonar a sua posição elevada como segundo cidadão de Roma. Tinha ouvido Nero vangloriar-se de uma nova filosofia que afirmava que a vida de indulgência era a verdadeira vida virtuosa, que o homem sábio devia apenas procurar o seu próprio prazer, e que o pecado e a má conduta deveriam tornar-se a sua norma.

Séneca percebeu que essa doutrina tinha sido plantada no coração do imperador por Tigelino, e, sabendo que nada a poderia arrancar dali, afastou-se da câmara do conselho, rejeitando o pedido de Nero para que permanecesse. Não queria, de forma alguma, ser cúmplice dos atos de trevas que um imperador cometeria ao seguir apenas os conselhos de um devasso.

Foi Tigelino, e não Popeia, quem corrompeu a alma de Nero e o conduziu à ruína e a um fim miserável.

Assim, quando Paulo se dirigia para Roma, Séneca já não estava no poder. Tigelino governava César através da criação de todo o tipo de prazeres lascivos e da lisonja, exaltando-o como deus da poesia, um verdadeiro Apolo com a sua lira.

CAPÍTULO XIX

Se Popeia era a mulher da perversidade, Pomponia Grecina 1 era a mulher da tristeza. Seu pai, um príncipe da Britânia, ofendera os romanos em tempos passados, e a sua jovem filha foi capturada e levada para Roma. Mais tarde, o imperador perdoou ao príncipe, pois se provaram falsas as acusações feitas contra ele. Ele fora torturado pelos romanos e não viveu muito depois de lhe serem restituídas as suas terras.

Enquanto o pai ainda estava preso, Pomponia foi acolhida por uma antiga família romana; e o filho mais velho da casa, Plaucio, olhou para ela e amou-a. Era um homem justo e desejava tomá-la como esposa. Por isso, os seus familiares indignaram-se contra ele, pois não consideravam apropriado que um general romano casasse com uma mulher da Britânia. Mas quando o imperador restituiu a honra ao pai dela, Plaucio desposou a jovem — uma mulher singularmente diferente das romanas. Era bela como os campos de trigo dourado na época da ceifa, e nas suas faces havia o suave tom das flores em botão.

Plaucio rejubilava no seu amor e mandou que a esposa fosse instruída por homens eruditos. Queria torná-la sua companheira também nas coisas do espírito. E, nesse primeiro tempo após o casamento, o amor entre ambos era perfeito.

Servia o imperador nas províncias e também na corte. Na juventude, o jovem casal viveu sem grandes preocupações, participando das festividades e prazeres da nobreza. Mas não foram corrompidos; não cometeram mal algum. Plaucio não se deitava com mulheres estranhas e Pomponia vivia apenas para o seu marido.

1 Tácito (Anais xiii, 5.2), referindo-se ao ano 57, diz:
"Pomponia Gracina, senhora distinta, esposa de Plaucio — o general que regressou da Britânia com uma ovação — foi acusada de alguma superstição estrangeira e entregue ao julgamento do seu marido. Seguindo o costume antigo, ele ouviu o caso da sua esposa na presença dos seus parentes, uma vez que o processo envolvia a sua posição legal e carácter, e declarou que ela era inocente. Esta Pomponia viveu uma longa vida de luto ininterrupto. Após o assassínio de Júlia, filha de Druso, pela traição de Messalina, durante quarenta anos usou apenas trajes de luto, com o coração sempre mergulhado em tristeza. Por isso, no reinado de Cláudio, escapou impune, e mais tarde, isso foi considerado uma glória para ela."

Este é o único registo de Pomponia na literatura antiga. De Rom (Roma Soterrânea, II, 360-64) identificá-la-ia com Santa Lucina, tendo ela adoptado esse nome no seu baptismo. Ver também W. R. Brownlow e J. S. Northcote, *Roma Sotterranea* (1869), pp. 40, 114, etc.

A alma de Pomponia era profunda e terna. Amava os filhos e os seus, mas não fez amigos entre os romanos. Estes não gostavam da sua frieza e pureza. Chegou o tempo em que conheceu a amargura da morte e da separação. Os seus três filhos pereceram ainda em tenra idade — o último vitimado por uma peste que frequentemente assolava Roma. Então, a mãe ficou desolada de dor, pois Plaucio desejava acima de tudo que o seu nome fosse perpetuado através das gerações.

Tornou-se silencioso, frio e austero, retraindo-se em si mesmo. E a sua esposa sofreu muito com essa mudança e por saber que já não teria mais filhos. Na sua aflição, procurou consolo no culto dos deuses. Mas cedo se enojou das práticas ligadas a esse culto, ao ver

que os sacerdotes de Ísis e Serápis procuravam manter relações com as mulheres que frequentavam assiduamente os seus rituais. Um deles chegou a afirmar que tal libertinagem era exigida pela divindade que servia. Pomponia era bela aos seus olhos, e ele desejou-a com luxúria, dizendo-lhe que ela não seria infiel ao marido se cedesse em segredo ao deus — cedendo, na verdade, ao desejo do sacerdote.

Então Pomponia voltou as costas a esses deuses. Sendo pura de coração, não podia aceitar tais práticas abomináveis e secretas. Mas o seu marido continuava a não lhe dar consolo; permanecia encerrado em si mesmo.

Para ela, foi uma época de desespero, quando Roma lhe parecia conter apenas crueldade, luxúria e solidão. É certo que os estoicos eram homens virtuosos, mas ensinavam aos seus ouvintes a dependerem apenas de si mesmos, a levarem uma vida nobre sem esperar recompensa nem nada além da eternidade do silêncio e do sono além-túmulo.

Contudo, essa doutrina, apesar de elevada em parte, não conseguia tocar nem consolar Pomponia. Negligenciada pelo marido e encerrada em si mesma, ansiava pelo seu pequeno filho e não conseguia suportar a ideia de que ele tivesse desaparecido para sempre, que não haveria reencontro após a libertação do corpo.

Quando Priscila e Áquila regressaram a Roma vindos de Éfeso, encontraram esta nobre matrona. Sendo Priscila 1 de boa família, pôde procurar as mulheres patrícias de espírito sério, que não se importavam com as frivolidades do mundo. E Pomponia escutou atentamente quando ela falou de Cristo, expôs os Seus ensinamentos e contou como Ele vencera a morte, ressuscitando ao terceiro dia e aparecendo aos Seus discípulos. Deu à mãe enlutada a certeza de que o seu filho ainda vivia, e que voltariam a encontrar-se depois de passar a escuridão e o espanto deste mundo.

1 Acts xviii; II Romam xvi. i); II Ger. xvi. 19; II Tim. iv. 19

A vida de Pomponia mudou por completo. Passava os dias com alegria. Em breve, Plaucio reparou nessa transformação. Por causa da sua felicidade e do renovado fulgor da juventude e beleza, ele saiu do seu silêncio; a severidade derreteu-se, olhou de novo para a esposa — e voltou a amá-la.

Com o tempo, tornou-se curioso e perguntou-lhe como era possível que o seu profundo luto se tivesse transformado em júbilo e serenidade. Imprudente, então, ela falou de um novo Deus e declarou que os deuses romanos eram malignos.

Plaucio ficou perturbado, temendo que a sua esposa pudesse incorrer em sanção se falasse dessa fé a outros. Ela chegou mesmo a afirmar que Cristo era maior do que Augusto, e que esse Cristo, que morrera como um criminoso, era Deus — enquanto o imperador era apenas um homem mortal. Em verdade, Pomponia falou sem cautela. Ainda não aprendera a moderar-se ao revelar as novas verdades que haviam feito com que tudo, de novo, lhe parecesse belo.

Agora, Flávia, irmã de Plaucio, desprezava e odiava a esposa do irmão, chamando-lhe "a bárbara orgulhosa". Flávia maltratava as suas escravas, tendo mandado açoitar uma por, acidentalmente, ter partido um colar de pérolas. Pomponia censurara a cunhada por tal

crueldade, dizendo-lhe que a escrava também era uma mulher, e que, por isso, deveria tratá-la como gostaria de ser tratada.

Assim, instalou-se a discórdia entre as duas mulheres. Em outras ocasiões também, Flávia percebia que "a bárbara orgulhosa", embora silenciosa, reprovava e condenava o seu modo de vida — os muitos centos de peças de ouro que gastava em joias, perfumes e futilidades. Por isso, procurava maldosamente prejudicá-la, e, para esse fim, conquistara a confiança do irmão.

Plaucio saiu da presença de Pomponia e dirigiu-se à casa de Flávia, contando-lhe da blasfémia que a esposa proferira contra Augusto e os deuses. É certo que Flávia envenenou-lhe o entendimento, e ele chegou até ela num acesso de ira e medo. Depois pareceu-lhe ter cometido um erro. Mas naquele momento, levado por Flávia, foi até ao pai e ambos contaram o sucedido ao velho patrício.

Para o ancião, criado no culto de Roma e de Augusto, pareceu que Pomponia havia cometido um pecado grave, que só poderia ser perdoado se ela confessasse, oferecesse sacrifícios ao Imperador-Deus e renunciasse à superstição estrangeira. Por isso, ordenou que fosse levada ao tribunal da família — verdadeiros romanos, todos eles, rígidos na virtude, inabaláveis na devoção a Augusto e ao Estado.

Falaram-lhe com aspereza, acusando-a de envergonhar o marido, e foi sentenciada a prisão perpétua num lugar solitário nas colinas. E Pomponia chorou, pois sabia que perderia Plaucio, a quem tanto amava, e que em breve morreria miseravelmente.

Por isso, Pomponia negou Cristo e foi obrigada a declará-Lo um dos deuses menores, reconhecendo Roma e Augusto como os únicos objetos da sua adoração. Assim, a família perdoou-lhe, mas o velho patrício determinou que ela deveria retirar-se por algum tempo para a casa do marido nas colinas Albanas.

Contudo, Flávia não descansou. Desejando separar o marido da esposa, visitou Pomponia durante esse retiro e disse-lhe que fora Plaucio quem a traíra, entregando-a ao tribunal da família. Quando Pomponia o confrontou com essa acusação, ele não pôde negá-la. Mas, envergonhado por tê-la traído na sua ira, respondeu-lhe com dureza, tentando justificar-se e calar os remorsos inquietos da sua alma.

Assim, Flávia conseguiu separar aqueles dois que tanto se haviam amado, e os acontecimentos do tempo vieram em auxílio da sua maldade. Pois uma grande revolta irrompeu na Britânia quando Boudica, 1 sua princesa, foi insultada e açoitada pelos romanos. Aos milhares reuniram-se os britanos, atacando cidades e lares dos estrangeiros que habitavam as suas terras. Centenas de romanos pereceram na estaca, na forca e na cruz; pois foram apanhados de surpresa pelos bárbaros. Com o tempo, contudo, os romanos vingaram-se; as legiões subjugaram os britanos, esmagando a sua revolta.

Os parentes de Pomponia haviam servido Boudica, e muitos foram mortos pelos vencedores. A sua rebelião e a morte por traição vieram como uma segunda vergonha, endurecendo o coração de Plaucio e quebrando o da sua esposa.

Então, de facto, ela viveu isolada, cercada de terrores, temendo o marido por causa do seu semblante feroz e silencioso, temendo que o seu irmão, escondido na Gália, fosse capturado e torturado pelos romanos, temendo, acima de tudo, as consequências da sua desonra. Considerava que tinha destruído a sua alma por ter negado Cristo perante o tribunal da família.

1 Boudica

E assim, para Pomponia, não havia paz de dia nem de noite. Era vigiada por duas mulheres e um servo da família patrícia. Embora, ao regressar a Roma, pudesse entrar e sair livremente, estava sempre sob vigilância, e o marido proibira-lhe o convívio com Priscila ou qualquer outro dos santos.

Na sua hora de desolação, o único conforto e consolo foram-lhe negados. Por isso, retirou-se por completo, não vendo ninguém além de Plaucio e os seus escravos.

Ele tratava-a agora como se ela tivesse desonrado o seu nome. E ele, que a traíra, fazia parecer que fora ela, imprudente nas palavras, quem o traíra, quem lhe roubara a felicidade e o prazer de viver.

Poderia, na verdade, ter posto fim à sua vida com veneno, não fosse uma escrava que passou a servi-la como criada pessoal naquele período. Esta hebreia chamava-se Maria e era cristã, e, com o tempo, revelou a sua fé à sua senhora.

CAPÍTULO XX

Plaucio possuía uma vila situada nas margens de um lago no norte da Itália. Foi lá com a esposa quando Paulo seguia viagem de Espanha para a Gália. Próximo da casa ficava o templo do deus do rio e um antigo local de augúrios. E o austero romano obrigou Pomponia a prestar homenagem ao deus, que, na sua crença, era apenas um espírito rebelde das águas.

Um riacho descia das colinas. Sobre ele deslizavam barcaças lentas sob bosques de freixos e choupos. Pequenos barcos e cisnes brancos flutuavam no lago. Tudo parecia sereno. Ninguém se apressava naquela terra rica de luz dourada.

Era tempo de outono, e os camponeses dançavam a dança das vindimas. Tocavam flautas, bebiam o vinho novo e alegravam-se.

Mas Pomponia não se alegrava. Fora ali, em tempo de colheitas, que viera com Plaucio nos primeiros dias após o casamento. Os bosques e as águas azuis traziam-lhe à memória aquelas horas belas que agora haviam passado e perecido como as folhas secas, e que jamais poderiam voltar. Pois pertenciam à juventude, quando ainda não conhecia o luto da morte, o temor da eternidade, ou a dor que nasce quando uma alma muda, tornando-se tão dura quanto as rochas das colinas.

E no seu marido ela percebera essa mudança, de tal forma que, embora ainda ao seu lado, ele era agora um estranho, um outro homem que entrara à força na sua vida.

Mesmo assim, a recordação da vida antiga não lhe teria causado tanto sofrimento se não tivesse ela própria consciência de ter traído Cristo. Por isso temia o futuro, acreditando que, por causa do seu pecado, seria separada para sempre do seu filho no mundo além da sepultura.

Passado pouco tempo, Maria, a criada, ao falar com alegria da sua fé, soube do tormento da sua senhora, e assim declarou o que pensava:
"Há apenas um homem que pode desfazer a tua dúvida, e esse homem é Paulo de Tarso. Ele ofendeu gravemente a Cristo, e mesmo assim foi perdoado, viu o Mestre e conversou com Ele. E por isso, Paulo, o Vidente, poderá dizer-te se também tu podes reparar o teu erro e obter perdão, como ele."

Pomponia sentiu algum alívio com as palavras da sua criada, que, em segredo, comunicava com os irmãos em Roma, pedindo notícias de Paulo de Tarso. E em breve soube que ele se encontrava na Tarraconense, partindo de Espanha e a caminho de Roma pela Gália. Mas quando se encontrava nessa cidade, Pomponia era estritamente vigiada e, sob pena de vida e da perda de Plaucio, não podia encontrar-se com os santos nem falar com eles.

Mas logo chegaram notícias que varreram todas essas angústias da sua mente. Soube que o seu irmão Lúcio estava gravemente doente em Lugduno (Lyon). Estava escondido, com um nome romano, pois ainda era lembrado como rebelde na Britânia e combatente contra as legiões de César ao lado de Boudica.

Ansiando por ver o irmão, Pomponia falou com Plaucio, abrindo-lhe o coração pela primeira vez em muitas estações:

"Submeti-me a ti e à tua família", disse com orgulho. "Humilhei-me por causa do nosso filho morto, por causa do amor que nos deu esse filho — amor que desde então morreu entre nós. Por isso, em nome daqueles primeiros dias em que vivemos juntos nas margens do lago, peço-te que me permitas viajar até à Gália, para que eu possa ver uma última vez o meu irmão antes que ele parta para as sombras."

Estando na vila, longe da influência da sua família, Plaucio amoleceu. Lembrou-se daqueles dias felizes em que a companhia da sua jovem esposa lhe dava mais alegria do que qualquer vitória conquistada para Cláudio na Britânia. E assim cedeu, dizendo com tristeza:
"Foste uma boa esposa para mim, e talvez eu tenha errado contigo. O passar dos anos endurece a mente. Irás para a Gália como desejas, e eu procurarei César para pedir-lhe que perdoe ao teu irmão."

Estas palavras foram corajosas, pois Plaucio podia muito bem atrair sobre si a ira de Nero ao pedir esse favor numa altura em que o imperador vivia amedrontado por receios de traição e conspiração. Por isso, Pomponia agradeceu-lhe — e por uma breve hora, a antiga felicidade regressou. Ao olharem juntos o lago sereno, estavam, quase, novamente unidos de coração.

1 Lyons

Na manhã seguinte, separaram-se — Plaucio seguiu para sul e sua esposa, com a criada, viajou para oeste, rumo à Gália, e depois para norte, até Lugduno.

Encontrou o irmão deitado numa choupana miserável naquela cidade. A doença e a fome haviam devastado o seu rosto, tornando-o semelhante a mármore amarelado. Mandou levá-lo para sua própria casa, acreditando que, com os seus cuidados, poderia salvá-lo das sombras que se aproximavam. Mas ele não melhorava de modo algum; e chegou o dia em que soube, pela boca dos médicos, que ele estava a morrer.

Maria tinha ido à cidade e avistou três viajantes — dois robustos e eretos, um coxo e curvado de corpo. Ao vê-los, o seu coração rejubilou, pois reconheceu Paulo de Tarso. Correu até ele, declarando-se uma das suas filhas na fé em Roma. Contou-lhe rapidamente a sua história e, embora exausto da viagem, o santo não pôde recusar o seu pedido insistente de que fosse, sem demora, até à cabeceira do enfermo.

"Em verdade, mestre", exclamou ela, "tu o curarás. Pois nunca falhou o Espírito Santo que age através de ti."

Foi um encontro singular aquele em que a matrona patrícia da Britânia se encontrou com o vidente de cabelos brancos da Judeia. Ela ajoelhou-se perante ele, pedindo a sua bênção — mal conseguia pronunciar as palavras, tal era a ânsia que dominava a sua alma.

E, percebendo a sua dor, o santo falou-lhe com ternura, prometendo entregar todo o seu ser à tarefa de salvar o seu irmão, Lúcio.

Num aposento sombrio, protegido dos raios do sol, ele jazia, agitado. Mas acalmou-se com a presença do santo. Um sorriso formou-se no seu rosto ao ver a névoa clara que envolvia o velho enquanto este orava.

Pomponia, ao observar, encheu-se de esperança, crendo que aquele mestre, que curara tantos, também haveria de curar o seu irmão. Mas Paulo estava exausto após longa jornada. Lutava em vão contra a escuridão crescente. Clamou ao seu Mestre, suplicando que Lhe enviasse o Espírito Santo — mas o corpo falhou-lhe. Na sua fraqueza, não conseguiu evocar o poder que nunca falha.

O doente lutava por respirar e por viver. Depois, o seu rosto contorceu-se, e sangue saiu-lhe pela boca. Logo ficou imóvel, tão quieto como um pássaro no ninho.

CAPÍTULO XXI

O apóstolo e a mulher enlutada fitavam-se através do corpo do homem morto. Terrível era o silêncio entre ambos. Os olhos dela estavam frios e duros como gemas azuis; neles não havia fé nem esperança.

Pela primeira vez em todos os seus longos anos, Paulo não conseguiu sustentar-lhe o olhar. Baixou os olhos e, inclinando a cabeça, orou com toda a sua alma por força e poder — os mesmos que lhe tinham sido negados naquela hora.

De repente, ela repreendeu-o, dizendo:

"Acaso Paulo, que curou tantos, não poderia ter impedido a morte do meu irmão?"

O santo tentou responder-lhe, mas as palavras não vieram. Inclinou de novo a cabeça e voltou a orar.

"Para onde foi ele?", gritou ela. "Para que sombras, para que noite?"

"Mesmo para tais", disse Paulo, "há misericórdia. Pois ele não negou Cristo — por não O ter conhecido."

Pomponia andava de um lado para o outro, torcendo as mãos, os olhos duros e amargos, sem verter uma lágrima.

Na mente de Paulo, ela era como Raquel a chorar pelos seus filhos e recusando ser consolada. Mas a sua afirmação de que Lúcio não tinha negado Cristo foi como o golpe de uma lança, ferindo o âmago da alma de Pomponia.

A noite caía; a escuridão adensava-se. Maria bateu à porta e, entrando, acendeu três tochas no centro daquele aposento da morte, e em silêncio retirou-se.

Com a chegada daquelas três chamas, também a luz voltou ao espírito do santo. Mandou Pomponia sentar-se a seus pés e escutá-lo; e quando falava com voz de autoridade, poucos conseguiam resistir ao seu comando. Apesar da dor e da acusação proferida, ela obedeceu, sentando-se humildemente onde ele lhe indicara.

Então, Paulo disse com ternura que era melhor que Lúcio não tivesse vivido, pois agora estava em paz. O mundo, dali em diante, não lhe teria oferecido qualquer descanso. Teria sido perseguido, atormentado, e, por fim, capturado pelos romanos, morrendo em suplício.

"Nenhuma notícia de Cristo jamais lhe chegou," continuou Paulo, "e por isso não haverá trevas para ele na vida que há de vir. Não temas, irmã. Ele dorme profundamente, e dorme bem; e sei, pelo que soube da sua vida íntegra, que, apesar da ignorância, não estará entre os perdidos no grande Dia do Juízo."

E Paulo falou ainda outras palavras ternas, transbordando de compaixão. Assim, a dor de Pomponia foi abrandando, e em pouco tempo já não estava como alguém fora de si. Deixou-se conduzir em silêncio por Maria para fora daquele quarto, e não mais olhou o corpo do irmão.

Após o funeral de Lúcio, Paulo voltou mais de uma vez à casa onde Pomponia Grecina residia. Durante muito tempo não conseguiu penetrar as defesas da mente dela. Mas, por fim, veio a saber do medo secreto que guardava dentro de si, como um caroço dentro de uma noz. E ela disse-lhe:

"Maria contou-me que é tua ordem que as esposas obedeçam aos maridos. Por isso, ao negar Cristo, cumpri à risca o teu preceito quanto às mulheres."

Então Paulo ficou um tanto perplexo. Após um silêncio, respondeu:

"Sim, tais foram as minhas palavras. Mas o marido deve obedecer a Deus. Por isso, aconselho-te a estares sujeita ao teu esposo e, com humildade, ganhá-lo pela tua conduta, levando-o a crer no Mestre ressuscitado. Se fores bem-sucedida nisso, então a tua salvação está assegurada."

"E se falhar?", perguntou ela. "Devo continuar a obedecer-lhe e afastar-me dos crentes em Roma? Anseio por adorar na sua companhia. Anseio pelo consolo das suas palavras e pelo seu conhecimento deste Mistério do Deus Jesus."

"Sim, permanece sob o mandamento do teu marido," disse Paulo. "Não procures os irmãos. Tu és como uma sentinela solitária no seu posto, afastada dos seus companheiros. Mas ainda assim prestarás verdadeiro serviço, mantendo-te fiel. E sê silenciosa na presença da família do teu marido quando se falar de Cristo. Enquanto não O negares no coração, enquanto procurares viver segundo a Sua luz, estarás entre os salvos e os eleitos."

Pomponia sentiu-se consolada por estas palavras. Tinha habitado a região dos terrores e depois a região da morte — e foi aí que encontrou a paz. O fracasso do Apóstolo em curar o seu irmão levou-a a descobrir a sua profunda ternura, a sua compaixão — que era, na verdade, o florescimento da sua alma. O Paulo que falava às multidões não teria comovido nem fortalecido a sua fé. O Paulo da autoridade, e aquele que, por receio das mulheres, delas se afastava, teria apenas provocado nela mais dúvida e desalento. Mas a sua nobre piedade, e o esquecimento que essa piedade lhe trouxe do outro Paulo, mais severo, conquistaram-na por completo. E assim abriu-lhe o coração em todas as coisas, e um dia falou-lhe de um novo sonho que a sua presença tinha despertado no seu espírito.

"Peço-te, mestre, vai ter com o meu povo, os da Britânia. Não permaneças mais entre estes romanos teimosos e corruptos. Em verdade te digo, são na sua maioria mais duros que as pedras — sim, ainda mais duros. Pois dizem que até as pedras clamaram quando torturaram os meus parentes no tempo em que foram capturados perto de Londinium.

Suplico-te: muda o teu desígnio. Não sigas para o sul. Viaja para norte através da Gália. Toma depois um navio e atravessa aquele pequeno braço de água que separa a Gália das costas da minha terra.

Em verdade, os britanos são um povo honesto e simples. É certo que, como todos os povos em guerra, praticam crueldades, mas não vivem na corrupção como os romanos. São fiéis de coração, e a sua palavra é sagrada. São firmes na lealdade ao seu chefe. Que Cristo seja erguido como Chefe entre eles e toda a nação Lhe prestará homenagem e fidelidade. Sim, conquistarão o mundo inteiro por Ele — não com a força das armas, mas pela firmeza e fé que já demonstraram no modo como seguiram e serviram a princesa real Boudica.

Não há firmeza nos romanos. Apenas cobiçam o ouro e o poder, traindo-se uns aos outros para alcançar riquezas e os prazeres que a fortuna lhes possa dar. Mas os britanos são gente do campo, que colocam o Chefe e a honra acima de tudo, deixando o próprio bem em último lugar.

Os pastores dobrarão os seus rebanhos e seguir-te-ão. O lavrador deixará de lado a enxada para escutar as tuas palavras. Sim, todo o povo — nobres e humildes — se encantará com os teus ensinamentos. Pois possuem a sabedoria dos vales e das colinas, e não têm o saber corrompido dos citadinos. Além disso, são um povo oprimido, o seu espírito quebrado desde a revolta contra os romanos."

De repente, Pomponia calou-se, fitando Paulo e Aristarco, mas não conseguiu ler os seus pensamentos. E então continuou:

"Os britanos são semelhantes ao teu povo, os judeus. São de uma raça mais antiga, de espírito mais nobre e alma mais elevada do que os seus conquistadores. Mas os meus compatriotas vivem mergulhados na ignorância bárbara."

E eis que, ao ouvir estas palavras, a imaginação de Paulo inflamou-se, e respondeu-lhe com prontidão:

"Sim, tua visão é bela. Bem pode ser que, num tempo futuro, britanos e judeus se aliem para levar aos homens a Luz eterna. Por serem simples e sem estudo, o teu povo poderá tornar-se o mais sábio da sua geração — se forem escolhidos. E, em verdade, serão escolhidos.

Aristarco, não descerei a Roma. O nosso plano para o ano que vem está mudado. Viajarei para norte, rumo à Britânia. Este povo da ilha de neblina e frio é o meu povo; e não descansarei até ter percorrido todo o país, levando a Palavra — até ter alcançado os seus recantos mais distantes."

Então Pomponia alegrou-se, prometendo entregar-lhe cartas e uma bolsa com dinheiro para as suas jornadas. E conversaram sobre Verulamium, Londinium, Wroxcester e outros lugares da Britânia, e sobre as diversas tribos que habitavam a terra — tantas que se assemelhavam às tribos de Israel.

Quando tudo ficou claro na mente de Paulo quanto ao modo de conquistar a Britânia, Aristarco disse:

"Mestre, há uma coisa que esqueceste. Não conheces a língua dos britanos. Poucos compreenderão o latim. E mesmo que alguns entendam as tuas palavras, não conquistarás os seus corações se não lhes falares na sua própria língua."

Então o velho ficou perturbado, mas respondeu:

"Posso estudar a sua língua e, em duas ou três estações, adquiri-la."

E ao olhar o corpo curvado do Apóstolo envelhecido, e ao contar as rugas da sua testa, Aristarco abanou a cabeça tristemente, dizendo:

"Não, é uma língua estranha e retorcida, nada semelhante ao latim, ao grego ou ao hebraico. Muito tempo levará até que consigas falar fluentemente. Mas eu já a conheço. Pois nestes últimos anos, enquanto estávamos em Roma, frequentei, como bem sabes, a casa do príncipe Aristóbulo; e os seus escravos eram, na maioria, da Britânia. Tornaram-se membros da nossa Igreja, pois não descansei até aprender a falar com eles na sua própria língua. Pois esse é o caminho para o coração de um povo simples, afastado da sua terra, vivendo em exílio solitário.

Por isso, peço-te que me deixes ir à Britânia. Já trago na mente a imagem daquela terra — as suas florestas, as colinas suaves e os vales, as montanhas do oeste e do norte. Em verdade, conheço este povo, e anseio por partir e habitar entre eles."

1 "A norte e a oeste de Londinium" — ver apêndice.
2 Romanos xvi, 10.

Com tristeza, Paulo consentiu que Aristarco partisse em seu lugar para a Britânia. Pois não gostava de renunciar ao seu propósito de viajar até os confins do mundo conhecido, onde, segundo diziam, a terra terminava e o céu nela se fundia.

Contudo, não foi senão numa estação posterior que Aristarco partiu para o norte. Voltou a Roma na companhia de Paulo, pois desejava antes falar com Aristóbulo, da casa herodiana. Este era membro da Igreja e desejava empreender uma aventura digna. Sendo príncipe, era poderoso e podia obter cartas que auxiliariam os viajantes na sua jornada.

Assim aconteceu que, anos depois, Aristóbulo e Aristarco partiram para o norte, estando já nas costas da Gália à procura de um navio que os levasse à ilha dos britanos — no tempo em que Paulo enfrentava o seu segundo cativeiro em Roma.

Plautius chegou subitamente a Lugduno e contou a Pomponia que Nero se recusara a conceder o favor da vida e liberdade do seu irmão. De facto, tinham sido enviadas ordens para que ele fosse capturado; seria levado para Roma e lá julgado por traição, o seu destino sendo, com toda a certeza, a morte ignominiosa por tortura.

— Felizmente, ele escapou — disse Pomponia —, e foi para um lugar que está para além da justiça romana.

Então Plautius torceu as mãos, clamando:

— Estamos perdidos. O teu povo pestilento há de arruinar-nos. Seremos acusados de ter conspirado para facilitar a fuga do teu irmão, e assim, estamos sujeitos à acusação de conspiração com os inimigos de César.

E Pomponia respondeu friamente:

— Não temas o meu povo pestilento. O meu irmão, Lúcio, está morto. O meu Deus libertou-o das mãos dos juízes romanos. Ele está para além da malícia deles e do seu tormento cruel.

Plautius calou-se, irritado com o tom da esposa, embora aliviado por não poder ser acusado de traição. Mas o seu coração voltou a fechar-se contra ela, recusando o seu pedido para que falasse com Paulo de Tarso.

Temendo mais problemas para si, mandou que ela partisse imediatamente da Gália e obrigou-a, durante muito tempo, a viver na vila junto ao lago, permitindo-lhe regressar a Roma apenas um ano depois, quando a primeira fúria contra os bretões já se tinha dissipado.

Assim, embora o marido estivesse com ela em certas ocasiões, indo e vindo da sua casa junto ao lago, Pomponia vivia muitas vezes sozinha e abatida. Mas sentia-se confortada ao lembrar-se de que Paulo a comparara a uma sentinela num posto avançado e ao saber, em segredo, que Aristóbulo e Aristarco estavam a planear a conversão do seu povo — desejo que ardentemente lhe enchia o coração.

CAPÍTULO XXII

Era ainda início da primavera, embora parecesse ainda inverno, quando Paulo regressou a Roma, e o seu coração alegrou-se por estar novamente entre os irmãos romanos. Pedro já estivera ali antes, contara e abençoara os membros da Igreja da qual Linus era o Supervisor. No entanto, Pedro encontrava-se no campo, a norte, quando Paulo voltou a pôr os pés na cidade dos Césares.

Linus falou com entusiasmo sobre o conteúdo das cartas enviadas a Espanha, que mencionavam que a palavra de Cristo fora ouvida até mesmo dentro da corte do imperador. Certos escravos da guarda pessoal e um liberto tinham vindo em segredo adorar e foram batizados. Parecia mesmo que, além dos pobres e escravos, até os nobres poderiam, com o tempo, vir a conhecer Cristo. Numa noite de verão, Linus apresentou Narciso 1 ao santo, dizendo:

— Ele traz notícias importantes para nós e para todos os santos.

O jovem falou apressadamente, declarando primeiro a sua firme fé na doutrina ensinada por Paulo e afirmando depois que desejava servir Cristo com toda a sua alma. Por isso, falara dessas coisas a uma mulher muito próxima de Nero, e ela escutara-o.

— Não posso revelar o nome desta senhora — disse —, mas ela está cansada do mundo e deseja ardentemente ouvir falar de outro mundo e da Casa Iluminada do Pai. Por isso, prometi conduzir-te até ela.

Como Paulo não demonstrou grande vontade de falar com essa mulher, Narciso tornou-se mais insistente:

— Ela tem o ouvido de César. Se a convenceres da verdade, ela persuadirá Nero a acreditar em Cristo. Em verdade, pode ser realizado um grande feito nesta hora. Rogo-te, mestre, não a desprezes, mas vem comigo de imediato, e verás que não sou um falador vão.

Paulo seguiu Narciso pelas ruas escuras de Roma, até que se encontrou numa casa guardada e isolada, sendo rapidamente conduzido a uma câmara onde a favorita de Nero o esperava.

Ela estava sozinha, recostada num leito. Ao olhá-la, Paulo viu vestes finas, joias e o rosto pintado de uma cortesã, mas os seus olhos guardavam um saber antigo. Conduziu-se com cautela, tentando levá-la a declarar as suas intenções.

Ela falou com palavras amáveis e, em breve, Paulo perdeu a desconfiança, abrindo-lhe o coração. Falou-lhe do seu desejo de tornar a Igreja do Mestre na Igreja do Império, com comunidades em todas as províncias — vinte e cinco ao todo.

A mulher loira do Oriente fez Paulo acreditar que estava convencida da verdade das suas palavras. Quando ele terminou o discurso e a convidou a vir adorar e a preparar-se para o batismo, ela ergueu-se no leito, mudando subitamente de atitude, e as suas palavras atingiram-lhe a alma como uma rajada gélida:

— Mestre — disse suavemente —, conheço as tuas obras e há muito ansiava ver-te em carne e osso. Foste corajoso e honesto nas tuas palavras, por isso serei honesta também. Eu sou Popeia, em parte do teu próprio povo, 2 e ouvi dizer que eras como um cão que percorre o mundo a fazer grande alarido, ou como uma serpente oculta na erva. Agora sei que não tens nem a pequenez nem o veneno desses animais. Estimo e admiro em ti uma grandeza que também temo. Porque, Paulo, tu és o verdadeiro espírito do mal. És, na verdade, o inimigo eterno do nosso povo. Falo por antecipação, esse estranho dom que me foi concedido ao nascer. Vejo o desígnio dos tempos e sei que os teus ensinamentos trarão muito mal a Israel e sofrimento a todo o meu povo e tribo. Por isso, lutarei contra ti, e, se continuares no teu caminho, farei com que o teu povo e os teus irmãos sejam perseguidos e destruídos.

— No entanto, se abandonares Roma, talvez eu não procure o teu mal, pois só te temo quando estás nesta cidade. Agora, nós dois, que somos inimigos, podemos aqui e agora, porque somos grandes espíritos, fazer as pazes. Assim, amanhã poderás, através de Narciso, enviar-me uma resposta. Que ele me traga notícias da tua partida para o Oriente e para a Judeia, e eu não tentarei causar-te mal, mas manterei silêncio. Sabe que tudo o que passa entre nós é segredo e não pode ser revelado. Se for, tu e os teus irmãos perecereis imediatamente.

Houve então silêncio. Paulo recolheu-se em si.

E ao caminhar de um lado para o outro, de cabeça baixa, leu-lhe o pensamento e percebeu a armadilha no seu caminho. Ela servia o Sumo Sacerdote e os fariseus em Jerusalém. Estes desejavam ardentemente a sua presença na Judeia. Pois, uma vez lá, facilmente poderia ser morto em segredo pelos Sicários, cuja força e número aumentavam dia após dia. Assim, o santo respondeu com prudência:

— Senhora, amanhã te enviarei uma mensagem. Fica ciente de que não venho ao meu povo nem a ti como inimigo, pois sou servo de Cristo, e por isso levo apenas a mensagem do Seu amor por todos os homens.

— Assim dizes — respondeu ela —, mas aprendi que há tormento e crueldade no coração de quem leva o amor. Em verdade, o amor persegue, o amor pode trazer todo o tipo de sofrimento aos homens. Não, mestre, não tentes converter-me. Somos inimigos. Apenas quis que soubesses a verdade e te ofereci, por causa da tua idade e nobre espírito, uma via de fuga.

Então Paulo retirou-se da sua presença. Nessa noite, foi perturbado em espírito pelas palavras daquela mulher do Oriente. Por isso, não dormiu, mas orou, e pouco depois o sopro do Espírito Santo envolveu-o nas suas asas e ele sentiu paz e certeza de que, no dia seguinte, o caminho certo lhe seria revelado.

E assim foi. Na manhã seguinte, Linus trouxe a notícia da presença de Pedro em Roma, e que ele em breve viria para se reunir com o santo.

1 Romanos xvi. 11

2 "Ela tinha orgulho de se chamar uma das pessoas de Deus, então se esqueceu de que era metade gentia ao falar com um hebreu."

CAPÍTULO XXIII

Naquela manhã, soprava um vento do norte quando os dois Apóstolos se encontraram na cidade de César. O céu estava encoberto, e Paulo, sensível às suas enfermidades e à sua idade naquela hora agreste, estava sentado junto a um braseiro. Mas quando Pedro entrou no aposento, situado num andar alto acima da rua barulhenta, tudo mudou para ele. Esquecendo-se das suas debilidades, ergueu-se e, tomando nas mãos as do Apóstolo, saudou o seu irmão em Cristo com um beijo santo. Ambos ficaram comovidos para além das palavras ao fitarem-se; e, suavemente, em silêncio, Lucas, Estáquio, Ampliato e Urbano 1 retiraram-se, deixando-os a sós.

Ora, Pedro era robusto e de corpo cheio, como um carvalho corpulento, enquanto Paulo era magro e curvado como uma bétula torcida pelo vento. No entanto, apesar da sua estatura franzina, bem podia ser chamado o santo guerreiro, enquanto Pedro, com o porte de um soldado, sempre seria conhecido como o santo da paz.

Nos anos passados, o seu desejo de manter a paz, qualquer que fosse o preço, conduziu-o por caminhos conturbados, levando-o outrora, em Antioquia, 2 a parecer falhar com Paulo, a abandonar o irmão de Tarso – embora apenas por um breve período. Ele, Pedro, então chamava-se a si mesmo "O Apóstolo dos Judeus", querendo com isso dizer que só falaria e pregaria entre o seu próprio povo; pois, se convivesse livremente com os gentios, sabia que teria de quebrar a Lei de Moisés, ou pelo menos não poderia obrigar os santos gentios a observá-la.

Durante um curto período houve divisão entre ele e Paulo, que de modo algum queria vincular os gentios às ordenanças hebraicas, pois sabia que assim eles não seriam conquistados para Cristo.

Contudo, essa cisão entre os dois Apóstolos foi sanada. Mas, desde então, Pedro tornou-se cauteloso, visitando apenas os judeus na Babilónia; e quando esteve no Ponto, permaneceu estritamente com o seu povo, receando ofender, incitar a ira dos judeus e ser causa de tumulto e desordem. Assim, avançava com prudência e suavidade, enquanto Paulo causava alvoroço e motins em quase todas as cidades que visitava.

1 Romanos xvi. 8,9

2 Gálatas ii. 11

Assim sucedeu que Paulo edificou uma grande Igreja e fundou muitas comunidades através de muitos combates, enquanto Pedro, como agora confessava, persuadira apenas alguns a crerem em Cristo, e esses entre os judeus fora da Judeia, por ter sempre procurado a paz e não ofender com palavra ou ação.

Por fim, passou a comungar com a visão mais ampla de Paulo; e na última vez em que esteve em Jerusalém, dissera a Tiago que seguiria o exemplo de Paulo de Tarso e faria dos

gregos e romanos o seu povo tanto quanto os judeus. Então Tiago ordenou-lhe que não regressasse mais à Judeia, para que não provocasse conflitos nem, quiçá, levasse os Sicários a matar os santos em Jerusalém. Assim, com pesar, Pedro despediu-se da sua terra em Cesareia, sabendo que para ele não haveria regresso. Depois, viajou até Corinto, onde realizou uma grande obra. Pela sua mansidão de palavra, conseguiu fazer com que inimigos se tornassem amigos; dissipou ciúmes, ódios e o espírito de divisão.

Mas agora, estes dois homens envelhecidos não falaram das suas histórias pessoais ao se reencontrarem após anos de separação. Uma grave tristeza pairava entre eles, e o seu diálogo era lento e entrecortado pela dor:

"Não estiveste em Jerusalém?", perguntou Paulo.

"Não, permaneci no Ponto."

"E as suas últimas palavras para ti?"

"Foram tristes. Pois eu não quis seguir o seu caminho. Escolhi seguir o teu – o caminho dos gentios. Mas se soubesse..."

"Se soubesses?"

"Preferia ter perecido ao seu lado."

"Não, o teu trabalho é aqui em Roma."

E Pedro exclamou, cheio de amargura: "Abandonei Tiago na hora da sua necessidade, tal como abandonei o meu Mestre. Mas desta vez foi porque acreditei que o teu era o trabalho maior, a visão mais nobre."

"Na verdade, obedeceste ao chamamento do Espírito; portanto, não negaste o nosso irmão que dorme em Cristo. Tu és agora a cabeça da Igreja. Sem ti para a guiar, a Igreja naufragará nas areias movediças e nas correntes traiçoeiras destes tempos. Tu és o capitão do navio; eu sou apenas o seu piloto."

Então Paulo proferiu mais palavras de consolo. E, após algum tempo, quando Pedro dominou a sua tristeza, contou os últimos dias de Tiago, o Justo, o chefe dos Apóstolos, o guardião da fé de Israel.

"Como sabes, Festo, o governador romano, morreu no ano passado. A sua morte foi súbita, e por um tempo não houve procurador que administrasse a justiça romana na Judeia. Agripa nomeou Anás como sumo sacerdote, e verdadeiramente essa foi uma escolha funesta. Pois Anás sempre odiou Tiago por causa da sua retidão e da sua elevada integridade. Até mesmo os nossos compatriotas que não acreditam que Jesus é o Messias amavam e reverenciavam Tiago. As suas longas orações no Templo, a sua vida santa, eram tidas pelos fariseus e saduceus íntegros, e até pelos escribas, como exemplo para o nosso povo e como farol que sempre dava glória ao Templo de Sião com a sua luz. Ora, a alma mesquinha e distorcida de Anás não suportava essa luz. Assim, engendrou acusações contra Tiago e apresentou-as em segredo ao Sinédrio. Estes declararam que o Justo era um vil conspirador que pretendia incitar os romanos a fazer guerra contra a fé dos nossos pais, saqueando e profanando o Templo de Jerusalém. Para comprovar tal coisa, Paulo, Anás

apresentou aos anciãos a história da tua vida. Afirmou que o teu pai te havia amaldiçoado e deserdado por seres um renegado de Israel; que tu eras o principal conspirador e o emissário de Tiago em Roma. Ele sabia, no seu íntimo, que tal era falso; mas, na verdade, acreditava que conspiravas para derrubar Israel. Um fariseu, cujo nome não posso declarar, contou-me estas coisas, por isso tenho-as de fonte segura.

"Tais acusações não foram apresentadas no julgamento de Tiago. Foram redigidas num rolo que, antes da captura de Tiago, passou de mão em mão entre os anciãos do Sinédrio. Por isso, não os culpes se se encolerizaram, se na sua fúria não concederam um julgamento justo, mas, em menos de uma hora, sentenciaram à morte aquele que sempre foi puro e imaculado.

"Em vão Tiago falou do testemunho da sua vida, das suas obras por Israel, do seu testemunho diário no Templo, da sua rigorosa observância da Lei de Moisés. Os anciãos gritavam e vociferavam contra ele, não queriam escutar a sua súplica e defesa. Com Festo morto, não havia procurador em Jerusalém naquela época. Não havia romano com autoridade suficiente para deter-lhes a mão. Levaram Tiago às pressas para fora de Jerusalém e, como bem se sabe, apedrejaram-no até à morte. Misericordiosa foi essa morte, pois a fúria da multidão levou a um fim rápido. 1 Até ao anoitecer, o seu corpo ficou ali sobre as pedras, e, quando a escuridão caiu e os nossos irmãos vieram buscá-lo para sepultura, cães estavam a devorar aquela carne santa."

Aqui Pedro silenciou por instantes, vencido novamente pela dor.

1. 63 depois de Cristo

E Paulo murmurou: "Eu não sabia do que realmente acontecera. Estas coisas não podem ser contadas em cartas. Foi quando cheguei a Lugduno, na Gália, que soube que Tiago, que sempre guardou a letra e o espírito da Lei de Moisés, foi morto por aqueles que reverenciam essa Lei."

"Eles estavam com medo", respondeu Pedro; "no íntimo, acreditaram na história contada por Anás. E, temendo uma traição vil do Templo, pecaram verdadeiramente por ignorância."

"Sim", disse Paulo; "por ignorância. Por isso, não os podemos julgar. Só Deus os julgará por essa ofensa."

"Já Anás sofreu; pois grande foi o mal que praticou. Nos dias que se seguiram à morte de Tiago, os Sicários mataram muitos dos santos, atacando-os secretamente durante a noite. E mais: Anás causou a morte de outros que nem sequer pertenciam à nossa comunidade. Assim aconteceu que certos dos anciãos do Sinédrio se voltaram contra Anás e rogaram a Agripa que o removesse do cargo de Sumo Sacerdote; e assim foi feito antes que Albino, o procurador nomeado por César, entrasse em Jerusalém e assumisse autoridade."

Tendo terminado a sua narração, Pedro disse a Paulo:

— Mas agora, irmão, quero seguir-te, saudar-te como meu mestre e deixar-me guiar pelas tuas palavras. Agrada-me o teu desígnio de uma Igreja que traga salvação a todos os povos,

nações e tribos. É um sonho que pode, talvez, ser realizado, se não por nós, então pelo labor de outros. Permite-me, pois, ser o servo e considerar-te mestre e cabeça da Igreja.

Paulo comoveu-se com a humildade daquele que sempre considerara o primeiro entre os Apóstolos.
— Não, — respondeu — tu és o primeiro, e na tua presença sou verdadeiramente o último. Tu és o guia nesta cidade e eu o teu seguidor.

E quando Pedro quis contrariar esta palavra, Paulo contou-lhe do seu encontro com Poppéia, a Imperatriz.
— Fui ter com ela, não sabendo mais do que ser ela uma mulher favorecida por César. De modo algum estava preparado para aquele encontro. E temo ter falhado com o meu Mestre naquela hora.

Após ponderar tudo o que o santo lhe dissera sobre as ameaças dessa mulher, Pedro respondeu:

— Não falhaste. Não poderias mudar o coração dessa mulher. Em verdade, temo-a com grande temor — não por mim, mas por ti. Hoje, como ontem, corre em Jerusalém que tu és instrumento dos romanos, a maldição que chega de noite e que, por artifícios subtis, traz ruína ao nosso povo. Poppéia é apenas a boca do sumo sacerdote que sucedeu a Anás. Encontraram nela quem sirva os seus propósitos e te entregue nas suas mãos. Se permaneceres em Roma, ela fará com que sejas morto. Por isso, parece obedecer-lhe. Faz saber que em breve partirás para a Judeia. Mas, sendo esta a primeira estação do ano, irás por terra, embarcando da Itália para a costa da Hélade, descansando em Nicópolis e seguindo daí para Filipos e depois para a Ásia. Ali, em Éfeso, ficarás, e serás, como desejo, Supervisor das igrejas da Ásia, da Macedónia e de Corinto. Uma vez tendo partido assim da Itália, Poppéia já não te trará à lembrança.

— Temo pelos nossos irmãos romanos, — disse Paulo — a Imperatriz pode persuadir Nero a persegui-los, ou arquitetará algo que os levará à opressão e à dor. Não gosto de abandonar o meu povo nesta hora. Quando os lobos vagueiam pelas colinas, o pastor não foge para o redil.

E Pedro respondeu:

— Eu serei o pastor do rebanho. Nenhum mal sucederá ao nosso povo, Paulo, se tu partires de Roma. Prometo-te, irmão, agir com cautela; pois conheço o temperamento destes tempos perigosos. Além disso, o povo da Ásia carece do teu conselho. Estão a dispersar-se; caem de novo na adoração de Diana e nos Mistérios. Verdadeiramente serás um desertor do teu rebanho se não voltares depressa a Pérgamo e Éfeso.

Paulo já não tinha dúvidas ao voltar o pensamento para os irmãos amados da Ásia, e para Lídia, a única mulher que reverenciava. Assim, o caminho estava aberto diante dele e alegrou-se por o desejo do seu coração não estar em conflito com a sua consciência. Declarou a Pedro a intenção de partir de Roma dentro de trinta dias, o prazo que Poppéia lhe havia dado. Então os dois Apóstolos dialogaram sobre a organização da Igreja.

Pedro concordou em manter oculto o seu nome, como um dos Doze Apóstolos, de todos salvo os irmãos, por algum tempo. Passaria discretamente entre o povo romano até que a Imperatriz, na sua busca por prazeres, esquecesse as instruções do Sumo Sacerdote — e assim o perigo e a malícia se dissipariam.

Paulo contou como Sêneca desejara conceder-lhe audiência, tendo o convite chegado quando ele se encontrava na Hispânia.

— Mas não o procurarei — disse o santo. — Pois ele opor-se-á a mim com a sua ciência, que é o nome que dá à verdade e à busca da verdade, e esse nome é falsamente aplicado. A ciência de Sêneca é a perversão da verdade. Não é o que um homem estuda, mas a sua integridade de alma que faz a verdade, que a cria e edifica nos corações dos homens.

Pedro ficou espantado com estas palavras de Paulo e respondeu:

— Sêneca é um homem sábio e influencia muitos entre os que têm poder. Por certo ouvirá os teus ensinamentos, e sendo justo, reconhecerá a verdade.

— O dinheiro é a raiz de todo o mal [1] — disse o Santo de Tarso. — Sêneca declara que despreza as riquezas, mas acumulou uma grande fortuna e vive num palácio com os despojos de muitas províncias. Um homem não pode viver uma mentira e manter são o seu espírito.

— Sim, Sêneca escutará as minhas palavras. Mas, porque a sua vida foi falsa perante a fé da sua alma, ele não aceitará Jesus, o Cristo. Seria apenas perda e fadiga para mim falar com esse sábio. Ele juntou riquezas para manter o poder. Sem dúvida acredita que, por esse poder, fez o bem, e é verdade que por sua influência reina a justiça no Império. Mas o seu amor pela riqueza e pelo poder é maligno; e os romanos cometem todo o tipo de pecado apenas por desejar e buscar tais coisas. Como poderia um homem como Sêneca, que vive como se acreditasse que o bem se alcança por meio da riqueza e do poder, acreditar em Cristo, que desprezou a riqueza e morreu na cruz?

— O caminho de Jesus não é o caminho de Sêneca. Este sábio dir-me-á que só acredita na sociedade dos deuses e dos homens, vasta como os percursos do sol; que a terra e todos os seres vivos brotaram do fogo de Heraclito e a ele retornarão. Estudei os dizeres de Sêneca e alguns são puros e belos. Mas a vida desse homem contaminou-os. É tão virtuoso e abstém-se tanto como qualquer eremita. Mas, crendo no fogo — que é o seu símbolo para o poder — a sua mente está de tal modo moldada que não pode aceitar as palavras de alguém que renunciou ao poder e ao Espírito.

1 I Timóteo 6:10. Literalmente: "A raiz de todo o mal," ou seja, "De todos os tipos de mal."

— Não obstante, aprendi certas coisas com Sêneca. Ele disse: 'o mundo é a minha pátria'; e isso é um bom dizer. Mas se eu o encontrar, esse sábio será como o ferro, inflexível pelo molde da sua alma e pela vaidade da sua sabedoria.

Pedro não contestou mais essa questão; e então Paulo contou-lhe que na Hispânia encontrara um chamado sábio.

— E em verdade era Satanás — declarou o santo. — Nas montanhas da Bética lutei com esse monstro da perdição, esse mestre da iniquidade. Todo esse tempo está agora apagado da minha memória. Mas fui severamente provado e apenas venci o inimigo no fim.

Depois disso, Pedro e Paulo silenciaram-se, recolhidos em si mesmos. Os gritos dos vendedores ambulantes, os cantos dos mendigos e as rixas dos homens ociosos subiam da rua abaixo. Durante todas as horas de luz, esse ruído enchia aquelas partes da cidade. Na verdade, parecia haver pouca paz; apenas som e tumulto dominavam naquela que era a primeira cidade da terra.

E Paulo falou suavemente, relatando de novo as crueldades, a devassidão, o desregramento, a busca corrupta pelo ouro que preenchiam a vida daqueles romanos. As suas palavras fizeram Pedro compreender a grandeza do encargo que sobre ele recaía; mas o que mais o perturbava era a escassez dos dias em que tal trabalho poderia ser cumprido.

— O fim do mundo está próximo — disse ele. — Dentro de pouco veremos Cristo vindo nas nuvens.

"O fim do mundo antigo," respondeu Paulo, "o espírito do culto pagão a morrer na presença do Cristo." Deteve-se na sua fala, ponderando o argumento, e depois continuou: "Falo da manifestação do espírito do Mestre que, como as asas de uma ave que se desdobram, há de, no tempo certo, cobrir e proteger todos os homens, nações e criaturas vivas. A Terra não se desintegrará nem se dissolverá como outrora acreditei. Ela continuará, o espírito do Mestre unindo os homens numa só irmandade, de modo que o mundo se torne um só país; todos os homens de bem vivendo na unidade da única Igreja de Cristo em toda a terra."

Mas Pedro não concordava com essa visão de um futuro tempo. Mantinha-se firme na sua crença da destruição do mundo aquando da vinda de Cristo.

Todavia, foi anunciada a presença de Narciso, e por isso já não falaram mais entre si, recebendo-o em audiência.

CAPÍTULO XXIV

Ora, Narciso viera a mando de Poppéia para receber a resposta de Paulo de Tarso. Este liberto da casa de César tinha um coração simples e nenhum conhecimento da astúcia da meretriz. Ficou confuso e envergonhado ao ouvir o que ela dissera a Paulo. Os seus membros tremiam; estremecia diante dos dois Apóstolos.

Sempre rápido a compreender os homens, Pedro pousou a mão sobre a fronte do irmão aflito, dizendo:

— Paz! Deus prova os corações dos justos com temores e dúvidas, para que se tornem dignos da confiança que Ele neles deposita.

— Mas estes são tempos perigosos, mestre — clamou Narciso. — Poucos dos que detêm autoridade chegam à velhice. Eu despertei esta serpente entre as mulheres e ela, em segredo, a seu tempo, há de atacar-me a mim e aos meus. Para aqueles que ofendem

Poppéia na corte, resta apenas escolher entre a morte pela própria mão ou a morte lenta por tortura e execução. E sinto-me também envergonhado, pois na minha inocência fui o meio pelo qual Paulo falou com a Imperatriz. Ele perecerá depressa, com certeza, e eu serei tido como responsável pelo seu fim.

Fazendo sinal ao santo para se calar, Pedro falou palavras de consolo, dizendo a Narciso que poderia levar à Imperatriz a mensagem de que, dentro de trinta dias, Paulo, obedecendo ao seu comando, partiria de Roma, viajando por terra através de Nicópolis e da Ásia. E aí Pedro deteve o discurso; não proferiria uma mentira dizendo que o Vidente de Tarso seguiria da Ásia para Jerusalém. Mas o conteúdo da mensagem estava bem formulado. Pois, ao saber dela mais tarde por Narciso, Poppéia acreditou que a armadilha montada para o homem que temia e odiava o tinha realmente apanhado, e que em breve seria recompensada com a bênção do Sumo Sacerdote em Jerusalém. Sendo ela crente devota na Lei de Moisés, muito estimava tal bênção, crendo que esta a preservaria da retribuição pelos pecados de uma vida de prostituição e de pecado público.

Tendo conversado com esta mulher acerca de Paulo, Narciso já não se mostrava temeroso; pois agora andava com cautela e media as palavras. E ela contratou-o como espião, para vigiar os irmãos.

Contudo, passado cerca de uma hora, a dúvida, como inseto sorrateiro, insinuou-se na mente deste homem simples. Voltou então a visitar os Apóstolos e expôs-lhes a sua perplexidade:

— Talvez, ao entregar os nomes e ofícios dos irmãos à Imperatriz, eu os esteja a trair por completo nas suas mãos. Mestres, estou em má situação, e parece-me que só na fuga poderei salvar a alma e a honra. Mas na fuga não há certeza, pois Poppéia é toda-poderosa e olhará para mim como inimigo, levando-me a ser acusado de traição contra o Imperador, de uma forma ou de outra.

E Paulo respondeu:

— Os nossos irmãos estão reunidos no cenáculo. Vamos comungar com Deus e procurar a Sua orientação sobre este assunto.

Então os três subiram uma escada e chegaram ao local da assembleia. Os diáconos Urbano, Estáquio, Tabeal, 1 Cornuto, Ampliato e Hermes 2 foram saudados por Pedro, e prestaram-lhe contas do seu encargo.

Cada um tinha o seu papel na organização daquela comunidade. Urbano instruía as mulheres e crianças. Estáquio socorria os pobres entre os cristãos, sendo auxiliado por Ampliato nessa distribuição. Cornuto guardava a bolsa, mas não era como Judas Iscariotes, sendo verdadeiro de coração. Tabeal era um homem estranho, de longos cabelos amarelos e olhar de sonhador. Possuía o dom de discernir espíritos e de falar em várias línguas. Nas pequenas igrejas que surgiam aqui e ali pelo Império, costumava haver um irmão capaz de entrar no mundo invisível e, comunicando com os santos falecidos, trazer notícias deles aos seus parentes ainda vivos dentro do rebanho da Igreja na Terra. Hermes era o escriba de Lino, o Supervisor, e preparava os tempos e lugares para o culto. Ampliato era também responsável por certos rolos nos quais estavam escritas as crónicas da Igreja. Estes ele

enterrava sob o soalho de uma sala. Pois, apesar da carta de liberdade, os santos temiam certos judeus hostis que viviam no Bosque das Musas, e também gentios que, por maldade, poderiam atacar a comunidade a qualquer momento.

Estes santos não eram bem-vistos pelos seus semelhantes. Diariamente eram um opróbrio para eles, por causa do seu semblante grave, da sua conversação sóbria e, por vezes, da sua denúncia impensada dos jogos bárbaros e do viver dissoluto do povo romano.

1 " Também conhecido por Rufus."

2 Romanos xvi. 14.

Agora, estando todos os fiéis reunidos sob o mesmo teto, Pedro proferiu uma exortação, e louvor e ação de graças foram oferecidos ao Altíssimo. Depois contou o relato das suas obras noutras terras e, por fim, declarou o motivo e a necessidade daquele ajuntamento.
— Estes são tempos perigosos — foram as suas palavras de advertência, imagens impressas na sua mente e na de Paulo durante a noite inquieta que passara.

Uma escuridão espessa e densa caíra sobre a cidade inquieta dos Césares. Tumulto, gritos, ruídos e disputas rapidamente deram lugar a um silêncio causado pela treva que envolvia as ruas e pela chuva a cair pesadamente, docemente, soltando sons baixos e murmurantes.

Assim, havia paz naquele cenáculo, iluminado pelas chamas vacilantes de três tochas colocadas no altar voltado para o oriente, de onde vinha a esperança dos homens.

Como um oásis em terra ressequida era a serenidade que reinava entre os irmãos reunidos em oração; Pedro e Paulo buscando, no silêncio das suas almas, aquela sabedoria que só vem do Espírito.

Era a hora de preparação, o tempo que precede a comunhão com a vida celeste que está para além da morte e da mudança.

Dentro em pouco, Tabeal começou a contorcer-se, a gemer e a murmurar. Ao olharem para ele, os santos perceberam que se encontrava em transe; e, de repente, levantou-se, com o rosto transfigurado, como se outro espírito olhasse através das janelas do seu corpo para o mundo.

E onde antes havia um Tabeal, agora havia dois — um outro, um estranho.
Este é um grande mistério, difícil de compreender para a mente do homem.

Tabeal interpretou para o estranho, dizendo:

— Aquele que habita em mim agora é alguém que passou por uma morte de sofrimento para uma vida santa. Mostra-me a imagem dessa morte. Ali, aquele que foi apedrejado jaz no chão, suor de sangue na fronte, o espírito a passar, a elevar-se, a libertar-se daquele corpo torturado; enquanto os jovens lançam as suas capas aos pés do seu perseguidor, partindo com temor e vergonha nos corações por estarem na sua presença.

— O nome dele — exclamou Paulo —, o nome?

— Não, ele não me revela nome algum — respondeu Tabeal.

Então Paulo gritou novamente:
— É Estêvão, Estêvão a quem causei a morte nos dias da minha ignorância e do meu desvio.

E o velho santo baixou a cabeça, chorando amargamente.

Os homens agitaram-se, inquietos, lançando olhares entre si, receosos ao verem o mestre — forte como uma águia — assim quebrado, tornado como as frágeis criaturas da terra.

Tabeal suspirou suavemente e continuou:
— Estêvão está agora com o semblante formoso de um anjo e alegra-se naquela morte sofrida. "Não chores mais, irmão", diz ele. "Alegra-te comigo, pois ressuscitei num corpo incorruptível. E eis que venho trazendo notícias do fim."

Ao ouvirem isto, Lino e Pedro mexeram-se e puxaram as suas barbas. Pedro murmurou:
— Fala, rogo-te, conta-nos o tempo e a estação desse fim.

— A névoa oculta-me todas as coisas — disse Tabeal. — Orai para que venha a luz.

E o sussurro daquela assembleia, unido às vozes da chuva, tornou-se uma só voz. Mas o som cessou quando Tabeal voltou a falar:

— Estêvão toma-me pela mão e mostra-me dois anjos escuros. Têm asas como as da cegonha. O vento está nas suas asas e leva-os para cima, sobrevoando a cidade de Roma. E há peso e calor no vale, e um grande silêncio.

De repente, Tabeal deteve-se; os seus olhos tornaram-se ocos e vazios, como olhos de um morto. Mas, passado um momento, o espírito olhou de novo através deles, e agora as palavras que proferia eram fortes e cheias de som.

— Eis que o primeiro anjo escuro estende a mão e arranca uma estrela do céu. Lança essa tocha ardente ao coração da Babilónia. Sim, ali cai, em lugares que todos vós conheceis, perto do Circo, inflamando e iluminando uma rua estreita e retorcida. Sim, a Porta Capena agora parece um gafanhoto dourado; e as chamas erguem-se, crescem e espalham-se como a cauda de um pavão. Eis que o povo corre em todas as direções, despertando do seu silêncio em cada parte da cidade. E com rapidez alastra a chama dessa estrela caída, e os dois anjos sopram sobre ela, como fazem as mulheres ao acenderem as cinzas mornas de um braseiro.

— Agora morrem homens, mulheres e crianças. Uns são queimados, outros atingidos por vigas em queda, outros esmagados pela multidão que foge dos edifícios em chamas.

— Há choro e lamentação, e o Anjo da Destruição proclama o início do fim, dizendo: "Ai, ai, a Babilónia está a passar, a perecer. Desolação há nos seus campos, o seu poder e orgulho são abatidos."

Aqui Tabeal parou, limpando o suor da testa. E quando voltou a falar, os irmãos tremeram ao escutar o relato de destruição e ruína:

— Eis o Templo de Luna, o Santuário de Vesta, o Palácio da Numídia, sim, até o imponente Templo de Júpiter Sustentor da Fuga, todos caíram. O vale entre os montes transformou-se num ninho de víboras douradas. Saltam e levantam as cabeças; mordem e atacam,

devorando as multidões. Sobem aos montes; sim, parece que procuram atingir o Palácio dos Césares. Em verdade, em verdade, não há fim. Este fogo varre norte, sul, leste e oeste, e o mundo inteiro é como uma seara amarela consumida pelas chamas. É o fim, o Julgamento, o tempo em que os mortos, grandes e pequenos, se levantam e se apresentam diante de Deus. E então abrem-se os livros; e pelos escritos neles, os povos são julgados. Mas primeiro vem Cristo, montado nas nuvens, e com grande tremor, a terra rompe-se e desaparece. Ele convoca os eleitos, os fiéis e puros de coração.

— O tempo, a hora desse fim? — perguntou Lino.

Novamente os olhos do discernidor de espíritos tornaram-se perdidos e vazios.
— Há trevas ao meu redor — sussurrou. — Não consigo ver; estou cego.

Então os irmãos oraram; e por fim, Tabeal, cujo corpo fora sacudido e agitado, aquietou-se. Declarou que Estêvão, tendo partido na hora em que viu o fogo, agora regressara. E eis que a voz de Tabeal mudou, já não falando em latim, mas na língua dos judeus — e Tabeal era romano e conhecia pouco da sua fala — contudo, as palavras fluíam suavemente, como se um judeu falasse pela sua boca.

— Outro verão não terá passado antes que esta cidade seja devastada e destruída pelo fogo. Não, mais: esse será apenas um dos sinais da vinda de Cristo. Haverá tribulação, muitos sinais e maravilhas antes que tudo o que passa pereça. Mas ai de Roma, ai da cidade dos Césares.

E ao ressoarem estas palavras naquele cenáculo, os irmãos gemeram e clamaram, batendo nos peitos. Então os lábios de Tabeal não mais se moveram; tombou no chão e ficou ali como uma árvore abatida. E nenhum homem se mexeu ou correu para o seu lado; todos estavam recolhidos na visão evocada pelas palavras estranhas ditas naquela hora passada.

Foi Pedro quem se levantou primeiro e rompeu o silêncio, dizendo:
— Irmãos, guardai estas coisas nos vossos corações e não as divulgueis a nenhum homem. Pois anunciam que o tempo está perto do fim; anunciam que o fogo é o precursor do fim. Vigiai, pois, e preparai-vos...

E de repente, vencido pelo peso do que presenciara, Pedro mudou de tom, proferiu rapidamente a bênção e mandou os irmãos partirem em paz.

Admirados e murmurando entre si, saíram aos pares ou em grupos de três daquele cenáculo, entrando na escuridão e na chuva.

CAPÍTULO XXV

Um parente de Ampliato, chamado Demas, [1] vivia numa pequena casa na encosta das colinas Albanas. A seu convite, Pedro e Paulo vieram ali descansar e comungar juntos naquele lugar de sossego. Marcos regressara de Corinto a Roma e estava com eles naquela semana em que se reuniam para deliberar e ordenar todas as coisas antes de Paulo partir uma vez mais para as suas jornadas.

O Santo de Tarso encontrava-se algo abalado pela presença e palavras do anjo de Estêvão. No entanto, via naquela aparição um bom sinal, como prova de que as suas viagens para o Oriente eram abençoadas.

Assim, estes três — e um quarto, Lucas, o Mestre das Ervas — alegraram-se na última hora de sol ao aproximarem-se da casa enlaçada em vinhas sobre a colina. E, estando cansados, apesar da alegria, procuraram o sono antes do fim do dia.

Era entre estações, quando a primavera e o verão se encontram.
Com o espírito renovado, Pedro e Paulo levantaram-se na manhã seguinte, quando a luz tocou a escuridão. Um pássaro, depois outro, cantava. Era como se ouvissem o coração da primavera bater naquela aurora.

Mas as horas eram preciosas aos seus olhos. Três dos santos não quiseram escutar os cânticos da terra, pois separadamente buscavam, através da oração, a comunhão com o Espírito. Apenas o Mestre das Ervas saiu ao romper do dia e, escutando este ou aquele canto, colheu as primeiras flores e folhas. Pois Lucas amava todas as coisas naturais: o mar, os campos, os lírios graciosos do campo. E embora sua mente se demorasse e sonhasse entre tais coisas, era assim que encontrava a sua paz — e o seu Deus.

Após quebrarem o jejum, os quatro santos reuniram-se diante do alpendre, descansando ao sol e contemplando a longínqua Roma. Então começaram a falar de assuntos graves relativos à Igreja.

Pedro tomou a palavra, dizendo:
— Escutámos os avisos dados por Tabeal e estamos agora certos de que o princípio do fim virá antes que o verão passe. Paulo, cabe-te preparar os irmãos na Hélade e na Ásia para os últimos dias deste mundo, para a vinda de Cristo nos céus; e eu, aqui em Roma, prepararei também os nossos irmãos, pronunciando palavras de sobriedade e verdade.

1 Filemon 24 Col. iv. 14 Tim. iv. 10

Pedro calou-se então, pois era perspicaz e percebeu que Paulo não se agradava das suas palavras. E logo o santo de Tarso se levantou e, estendendo a mão na direção da cidade que repousava no vale distante, expôs o pensamento que lhe ia na alma:

— Creio que fogo cairá do céu, como Tabeal profetizou, e em breve devorará Roma. Mas os sinais são difíceis de interpretar, e eu digo que das cinzas da cidade dos Césares podemos muito bem erguer a cidade de Deus. Em verdade, é meu desejo mais profundo que o fim não venha antes de Roma ser possessão de Cristo.

— Não — disse Pedro —, isso não pode ser, com o fim tão próximo. Mesmo que assim não fosse, os romanos no poder são teimosos e obstinados, como mulas; e assim, a tua visão da cidade dos Césares como cidade de Deus nunca se cumprirá. Mas diz-me, Paulo, porque não aceitas tu esta profecia do Fim?

— Tenho procurado contar os crentes em Cristo — respondeu Paulo —, e embora não conheça o número exato, estou certo de que não serão mais do que cinco ou seis mil em todo o mundo conhecido. Portanto, se o princípio do Fim se der já neste verão, então as multidões dos gentios estão perdidas, sem nunca terem ouvido as boas novas da salvação. Nos confins do norte está uma terra chamada Britânia; não é um povo pequeno o que ali habita, além-mar. Não terão ouvido, nem toda a Hispânia, nem as tribos de outras províncias romanas terão conhecido o Evangelho antes do início desse fim. Suporta comigo, Pedro, pois sobre este assunto tenho estado verdadeiramente perplexo, duvidando e questionando. Por isso entrei no Espírito ao romper da aurora.

— E foi-te dado conselho nessa hora? — perguntou Marcos.

— Sim, o Espírito Santo veio até mim, e agora estou certo de que possuo conhecimento do que está por vir.

Pedro ficou algo perturbado com estas palavras, pois temia que, se Paulo não partilhasse a sua visão, não seria fácil alcançarem acordo quanto ao governo da Igreja.

E logo Paulo, saindo do seu recolhimento, disse:
— Estou pronto para ser oferecido; mas o tempo da minha partida ainda não chegou. Isso eu sei, e sendo assim, o tempo da destruição da terra, o tempo do Fim, não poderá cair neste ano presente, nem sequer no próximo. O Espírito Santo esteve comigo na primeira hora deste dia; portanto, as minhas palavras não nascem da minha fraca compreensão. O Espírito falou. Escutemos apenas o Espírito.

Pedro, no seu íntimo, não estava de acordo com Paulo; mas não ousou declarar a sua dúvida. Assim, falou de outras coisas — da distribuição de bens aos pobres em Cristo — e depois de Narciso, o servo de Poppéia. E os santos concordaram num só pensamento acerca desse liberto: deveria permanecer no seu posto; e quando a Imperatriz exigisse os nomes dos irmãos e os seus ofícios, deveria dizer-lhe quem eram os diáconos e quem era o cabeça da Igreja em Roma.

— Sejamos destemidos em todas as coisas — disse Pedro. — Se vier a perseguição, estes irmãos permanecerão fiéis até ao fim. Nada temos a esconder; nada temos de que nos envergonhar. Narciso pode relatar todos os nossos feitos, dar conta de cada cristão, e não ofenderá de modo algum.

Pois agora que Pedro cria na profecia do grande fogo que em breve consumiria Roma e a terra, já não temia César nem sua esposa. Estava tranquilo, inteiramente em paz, sabendo que em breve — talvez através da dor e do sofrimento — ele e todos os seus amados irmãos seriam elevados à vida celeste.

Apenas uma vez murmurou, no silêncio daquela tarde:
— *Maranatha, o Senhor está próximo.*

Apesar da idade, Paulo era rápido de ouvido e apanhou aquele som — a palavra secreta que unia todos os santos uns aos outros.

— *Maranatha*, — disse ele — sim, *maranatha*; mas não neste ano, nem no ano que vem. Quando a minha obra estiver cumprida, quando todas as nações dos gentios tiverem ouvido e atendido, então virá o meu Senhor.

Pedro não respondeu, pois a presença de Paulo lançava um encanto sobre o seu espírito, de modo que, naqueles últimos dias passados com o Apóstolo dos Gentios, já não acreditava que o fim do mundo viesse na estação do verão. Mas mais tarde, quando habitava em Roma e Paulo estava ausente na Ásia, Pedro voltou a proferir a palavra *Maranatha*, e foi tida como verdade por todos os irmãos — e muitos a repetiram sem sabedoria, apressando assim o seu próprio fim.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

QUANDO NERO ERA DITADOR

por

GERALDINE CUMMINS

Introdução por

O REV. A. H. E. LEE, M.A.

VOLUME II

Edição Especial para o
PSYCHIC BOOK CLUB
144 HIGH HOLBORN, LONDRES, W.C. 1

Primeira edição publicada por FREDERICK MULLER LTD.
em 1939

Impresso na Grã-Bretanha por
SHERRATT AND HUGHES na
SAINT ANN'S PRESS,
MANCHESTER
Segunda Edição 1942

ÍNDICE: VOLUME II

LIVRO II (continuação)

S. PEDRO E S. PAULO EM ROMA

XXVI. Paulo nomeia Pedro como cabeça da Igreja, e depois sobrepõe-se a ele nos planos para o futuro da Igreja

XXVIII. Paulo encontra Nero disfarçado nas margens do Tibre

XXIX. Paulo visita as Igrejas da Ásia. Assiste à morte de Lídia em Filipos

XXX. Paulo parte em viagem no seu corpo celestial

XXXI. Hilel, um fanático, denuncia César e põe em risco a segurança dos membros da Igreja Romana

XXXII. Temendo Tigelino e a sua influência sobre Nero, Poppéia recorre ao seu astrólogo, o mago Joah

XXXIII. O mago convence Poppéia a conceder-lhe autoridade para provocar o incêndio de Roma

LIVRO III

S. PEDRO E O GRANDE INCÊNDIO DE ROMA

XXXIV. Pedro regressa a Roma. O seu trabalho é minado. Início do Grande Incêndio

XXXV. A ação de Pedro e Marcos em auxílio dos irmãos durante o incêndio

XXXVI. Nero arrisca a vida no incêndio. A destruição do Palácio dos Césares

XXXVII. Nero canta enquanto observa Roma a arder

XXXVIII. O fogo é extinto. O mago manda reacendê-lo por meio dos seus agentes

XXXIX. Séneca consulta Nero. A Igreja de Roma está dividida

XL. É realizada uma investigação sobre a causa do incêndio

XLI. O primeiro julgamento dos cristãos perante Nero

XLII. O amor de juventude de Nero por Acté. Acredita-se que Simão Pedro seja o autor do incêndio

XLIII. A crucifixão dos cristãos

XLIV. O martírio de Pedro e a suposta morte de Paulo

XLV. A reconstrução de Roma. A pedido de Séneca, Nero cessa a perseguição aos cristãos

LIVRO IV

S. PAULO NO FIM DA SUA JORNADA

XLVI. Paulo é rejeitado pelas Igrejas da Ásia

XLVII. Em resposta a um convite de Lino, Paulo viaja de Filipos para Roma

XLVIII. Paulo é levado perante Hélios e enviado para a prisão, aguardando julgamento

XLIX. O conflito na alma de Paulo. O desejo de ver Timóteo e o receio de que a Igreja em Éfeso sofra

L. Assombrado por uma visão, Nero renuncia aos prazeres e dedica-se aos assuntos de Estado

LI. Paulo recusa ditar o seu Evangelho a Lucas; decide esperar que Timóteo traga os pergaminhos

LII. Hélios consulta Nero sobre Paulo. Última visita de Lucas a Paulo

LIII. O julgamento de Paulo perante Nero

LIV. Os últimos dias de Paulo na prisão Tullianum

LV. A execução de Paulo

LVI. Lino profetiza. No dia da morte de Paulo, o historiador romano nada tem a registar

LVII. Paulo é sepultado na presença de Lucas, Marcos, Timóteo e Onésiforo. Nero dá um banquete

APÊNDICE

CAPÍTULO XXVI

Antes que os santos comungassem mais entre si, foram saudados por dois viajantes que haviam subido a encosta que se ergue da planície; eram eles Pudente 1 e Aristarco. Traziam cartas de Roma; e depois de terem tomado o desjejum, saíram da casa e, tal como Marcos e Lucas, contentaram-se em guardar silêncio e ouvir as palavras dos dois anciãos — esses dois verdadeiros reis do futuro da Terra.

Quando cessou o murmúrio da conversa e a troca de notícias, fez-se um momento de quietude. O dia dourado fluía para dentro das suas almas; a promessa daquela estação estendia-se diante dos seus olhos. Mas os dois anciãos não davam atenção àquela hora sorridente; os seus pensamentos estavam longe, ocupados com assuntos graves sobre os quais haveriam de pronunciar juízo. Na verdade, hesitavam, pouco dispostos a apressar o falar. Pois frequentemente surgiam discussões entre eles, embora nunca resultassem em contenda ou amargura. Ávidos e firmes num mesmo e nobre empreendimento, estes dois Apóstolos podiam discordar em quase todas as matérias importantes, mas estavam unidos de coração e apresentavam ao mundo uma só unidade.

Subitamente, Paulo fez sinal aos irmãos para que o seguissem, e ajoelhou-se diante de Pedro, exclamando:

— Em verdade, mestre, tu és o líder, nós teus seguidores. Tu estás no lugar de Tiago e és a cabeça de toda a Igreja de Cristo. Pois dos Doze Discípulos do Senhor apenas outros dois permanecem connosco, e são errantes e vivem escondidos. Assim, tu, Pedro, és o escolhido; e pedimos-te que nos abençoes nesta hora.

1 II Timóteo 4:21. Tem-se pensado que Pudente serviu sob Aulus Plautius na Bretanha no ano 43 d.C. Existe uma pedra em Chichester dedicando um templo a Netuno e Minerva, contendo o nome de um filho de Pudentinus, aparentemente um Pudente , como o doador do terreno. Um casamento entre um Pudente e uma Claudia é descrito pelo poeta Martial. Esta Claudia era britânica, e ela é retratada em termos elogiosos por Martial (Livro IV). A identidade de Pudente em cada caso é, naturalmente, uma questão de conjetura. O Cardeal Barônio diz: "Foi

transmitido a nós pela firme tradição de nossos antepassados que a casa de Pudente foi a primeira a hospedar São Pedro em Roma... e que, de todas as nossas igrejas, a mais antiga é aquela que é chamada com o nome de Pudente."

Pedro regozijou-se e levantou-se, ficando de pé. Sendo ele alto e corpulento, parecia aos santos ajoelhados como Moisés ao descer do Sinai após ter comungado com Jeová.

Todas as formas e aparências mudam, embora o espírito permaneça firme e imutável. Pedro era agora um ancião próximo dos setenta anos. A sua barba branca descia até ao meio do peito, e os cabelos, espessos e longos, tinham a cor da neve caída. Erguendo as mãos, proferiu as palavras de exortação que apenas o Pai da Igreja pode pronunciar, e por fim suspirou e estendeu-as em direção a Roma, como se quisesse abraçar com amor a poderosa cidade.

Desta forma, Paulo nomeou Pedro como chefe de todos; e pelas suas muitas obras e pela boa confissão feita diante do tribunal de César, este gesto pareceu um ato de verdadeira humildade.

No entanto, embora os santos reunidos saudassem o discípulo de Cristo como seu guia, era apenas um título simbólico, pois não era essa alma suave, mas sim Paulo, quem realmente dominava nos conselhos que se seguiram.

Havia necessidade urgente de nomear um supervisor para a Igreja em Antioquia. Ora, naquela cidade, os santos judeus estavam contra os cristãos gentios. Não queriam ter contacto com eles. Temendo, pois, esses hebreus que observavam rigorosamente a Lei, não se misturando com outros povos, Pedro nomeou um judeu como supervisor, um dos seus. Mas Paulo declarou que tal homem não serviria entre os gentios, e que estes acabariam por se afastar do rebanho. Assim, ele indicou outro supervisor; e como não cedia nesta questão, Pedro foi forçado a ceder. Determinou-se, então, que houvesse dois supervisores: um para os gentios e outro para os judeus em Antioquia.

Depois de alcançar seu intento, Paulo falou a Pedro sobre a cidade que deveria ser a cidade de Cristo — a capital do mundo cristão, para onde todas as igrejas deveriam olhar em busca de orientação.

Pedro sustentava que apenas Jerusalém poderia ser essa Cidade de Deus:

— É — declarou — a Cidade de Sião, e foi ali que o nosso Mestre morreu na Cruz, ali que nós, seus discípulos, recebemos o Espírito Santo no Pentecostes, ali que vivemos e trabalhámos. Não podes negar, Paulo, que Jerusalém sempre foi e sempre deverá ser o lugar de adoração do único Deus verdadeiro.

E Paulo respondeu:

— Disseste-me que quando Jesus caminhava sobre a terra, falou da desolação que envolveria e venceria Jerusalém, do tempo em que o povo fugiria para os montes. E verdadeiramente há sinais de que esse tempo está próximo. Pois soubemos, em segredo, que os nossos compatriotas em breve se levantarão contra os romanos, e se o rumor for verdadeiro, não será uma pequena revolta, mas o seu fim é certo. Nenhuma nação pode vencer o poder das legiões de César. Por isso, não é sábio nestes tempos perigosos nomear

Jerusalém como sede da Igreja. Tu estás banido dela, enquanto aqui, em Roma, és bem recebido por judeus e gentios e podes viver em paz.

Mas Pedro insistiu que tal rebelião não se concretizaria e que, mesmo que nunca regressasse, Jerusalém deveria tornar-se a cidade de Deus.

Durante um dia inteiro os dois santos debateram esta questão; e mais uma vez Paulo prevaleceu. Pedro aceitou parcialmente a sua decisão e preparou-se para agir como se, na estação que se aproximava, Roma fosse verdadeiramente a Cidade de Deus. Mas, no seu íntimo, conservava a crença de que apenas Jerusalém, onde os seus compatriotas haviam erguido o Templo, podia ser a cidade de Sião, e por isso o único lugar de reunião — no espírito ou na carne — para todos os fiéis da terra.

Em assuntos menores, como o envio de irmãos como Timóteo, Tito, Tíquico e outros às várias comunidades da Ásia e da Grécia, Pedro cedeu à vontade de Paulo; e na administração dessas comunidades, o cabeça da Igreja também se submeteu à autoridade do Apóstolo dos Gentios.

Pode dizer-se que Pedro era instável como a água, fraco de vontade, ao permitir que Paulo o conduzisse nos conselhos. Mas na verdade ele demonstrava força espiritual ao submeter-se à vontade de Paulo nesses assuntos. Pois este homem, que em jovem fora simples pescador, possuía verdadeira humildade de espírito, e sabia bem que o Santo de Tarso era também o Vidente de Tarso. Paulo estudara nas célebres escolas daquela cidade. Respeitando a sua sabedoria e reconhecendo que, devido à sua origem, estava habituado ao exercício da autoridade, Pedro permitia-lhe com sabedoria dirigir e julgar onde fosse necessária uma inteligência superior. Mas numa questão, o líder designado não admitia autoridade nem guia.

Durante os dois anos em que Paulo estivera preso na sua própria casa em Roma, falara duramente a certos judeus zelosos que eram cristãos. Lutara com eles em espírito. Mas esta comunidade romana não fora fundada por ele, e por isso a sua autoridade fora desprezada e ridicularizada.

Sobre esses homens Paulo falou, naqueles dias em que comungava com Pedro nas colinas Albanas:
— Em tempos passados, eles apoiaram Judas, o Gaulonita. 1

1 Atos v. 37

— Eles proibiram o povo de pagar impostos, sim, resistiram à autoridade e atacaram os guardas. Como sabes, veio o castigo; e verdadeiramente, os seus actos não condiziam com os seguidores do nosso Mestre. Por um tempo após a retaliação, reinou a paz nas margens do Tibre; mas agora, novamente, um tal de Pólio e esses mesmos homens procuram incitar o espírito de revolta — e são nossos irmãos. Por isso, eu aconselhar-te-ia a admoestá-los, e a declarar que, a menos que se comportem com sobriedade, os expulsarás da Igreja de Cristo.

Mas Pedro não aprovava medidas tão severas e respondeu:
— Irei ter com eles com brandura e procurarei ganhá-los através da persuasão.

— Não, eles escarnecem da persuasão. Disse-lhes: 'Que cada um se sujeite às autoridades superiores. Os governantes não são motivo de temor para as boas obras, mas sim para as más.' Disse-lhes que reconhecessem a autoridade de César. Mas seguiram o seu caminho, não deram ouvidos às minhas palavras; e agora andam pela cidade dizendo abertamente que o reinado de Nero é 'o domínio de Satanás', e as suas províncias 'o Império do diabo'. Em verdade, não são dos nossos, irmão. É necessário, se a comunidade quiser prosperar e viver em paz, que te separes deles, ou então a perseguição virá — sim, e depressa, como o falcão que cai do céu.

— Esses irmãos são homens de boas obras, e são pobres, sofrendo muitas privações — respondeu Pedro. — Jesus disse: 'Vinde a Mim todos os que estão cansados e oprimidos', e eu permanecerei fiel às Suas palavras. Não ameaçarei estes gaulonitas; não lhes falarei com dureza nem os lançarei fora do redil. Eles podem ser ganhos com palavras brandas — de nenhuma outra forma.

E Paulo ficou amargurado com tais palavras. Falou longamente, mas Pedro manteve-se firme, e por algum tempo os dois Apóstolos afastaram-se da companhia um do outro, caminhando pelas colinas com Lucas, Marcos, Pudente, Aristarco e Ampliato. No entanto, apenas estavam entristecidos, não em desavença; as suas naturezas nobres repudiavam a ira, e a sua fé não lhes permitia permanecer assim por muito tempo.

Tal como com Tiago noutra época, Paulo deu a Pedro a mão em sinal de comunhão, e foi numa tarde serena, quando tudo em redor parecia respirar paz, que essa paz se foi instalando lentamente, mas com certeza, nos seus corações.

Depois, olhando novamente para Roma, Pedro proferiu palavras solenes:

— Sêneca entregou a sua autoridade; o reinado da justiça e da misericórdia chegou ao fim.

E Paulo respondeu:

— Talvez tenha falado com amargura acerca deste sábio. Mas creio verdadeiramente que Sêneca não está assim tão longe do Reino de Deus. Só alguém grande de alma poderia ter proferido tal dizer: 'o mundo é a minha pátria'; sim, e outras palavras que revelam o caminho de Cristo.

— Mas ele está perdido para Cristo — disse Pedro. — Se tu não fores ter com ele, como te foi ordenado noutra estação, se não procurares razoar com ele e persuadi-lo da verdade...

— Sêneca está preso aos seus caminhos — foi a resposta de Paulo —, tal como os homens sábios de Atenas, que zombaram das minhas palavras. Em verdade, não tenho parte nem herança com os filósofos que me iludiriam com palavras sedutoras, que se oporiam a mim com a sua assim chamada ciência, que pode ser tão vã como o culto a deuses falsos.

Aos judeus apresentei-me como judeu para os ganhar; e aos gentios como gentio para os ganhar também. Pois essas gentes eram simples de coração e abriam o entendimento às minhas palavras. Mas Sêneca e outros como ele sempre manterão fechada a porta do entendimento. É como um tesouro encerrado a que não permitem ser-lhes tirado — nem

mesmo pela única e pura verdade: a verdade de que Cristo morreu por nós, e que só através Dele há salvação.

Assim, Pedro não voltou a falar de Sêneca. E foi assim que Paulo, em vida, nunca encontrou esse sábio, embora estudasse os rolos onde a sua sabedoria estava registada.

1 Existem catorze cartas apócrifas que alegadamente foram trocadas entre Paulo e Sêneca, incluídas na obra The Apocryphal New Testament de M. R. James. São geralmente atribuídas ao século IV. Jerónimo incluiu Sêneca no seu catálogo de autores cristãos, mas é universalmente aceite que essas cartas são uma falsificação — Enciclopédia Britânica.)

CAPÍTULO XXVII

Às vezes, a vida envolve-nos em dobras como um sonho, ou flui como um rio sonolento rumo ao mar, levando consigo rostos vislumbrados e arrebatados, e vozes que se desvanecem em ecos.

O discurso do velho filósofo fluía suave. De tempos a tempos, puxava pela sua barba branca. Ao olhar para esse ancião que o gerara, Narciso meditava — e o cansaço espiritual que o dominara durante muitas horas, como névoa nas colinas, dissipou-se e passou. Viu com clareza o ato que iria realizar e o caminho que teria de seguir.

"Flui como um rio sonolento para o mar." A sua alma reteve essas palavras, e o resto do que dizia o ancião era já, para ele, apenas o murmúrio contínuo que lhe chegava aos ouvidos daquela cidade romana.
— Sim — disse para si mesmo —, chega sempre o momento. Eu darei fim a isto.

Então ergueu-se, despediu-se do pai e partiu na sua última jornada.

Alguns romanos de linhagem antiga ainda se mantinham fiéis às virtudes da sua raça, colocando a honra acima da nação, da fé ou da crença. Após dias de meditação angustiada, Narciso sabia que não podia trair — nem mesmo à Imperatriz Poppéia — os nomes daqueles homens de pura integridade a quem respeitava.

E embora as novas doutrinas dos cristãos proibissem o ato de tirar a vida, para este romano não havia outra escolha. Parando junto à margem do mar, libertou o seu cavalo, despedindo-se dele em voz baixa. Depois, seguindo por um caminho pedregoso, saiu para as areias não muito longe da foz do Tibre.

Era um dia em que o sol enriquecia todas as coisas vivas com o seu ouro, em que o mar, azul e imóvel, surgia diante daquele exilado cansado como uma mãe à espera do filho — oferecendo paz, a paz do esquecimento do esforço, da mente, e de todos os dias agitados e inquietos.

Mesmo ali, quando a vida e a grande cidade o chamavam, o seu murmúrio atraía este viajante passo a passo, seduzindo-o como uma feiticeira, sussurrando-lhe sobre honra satisfeita, sobre libertação da memória da dor ou do desespero.

"Rostos vistos e arrancados, vozes que se desvanecem em ecos."

Murmurando estas palavras e assim declarando o seu adeus à Terra, Narciso lançou-se de um rochedo alto para as águas correntes.

Durante algum tempo foi difícil a este nadador robusto render-se àquele abraço suave e envolvente. Mas, ao pôr do sol e à medida que a sombra do fim do dia se estendia sobre as águas, Narciso soltou-se da vida, mergulhando suavemente, docemente nas ondas que o envolviam — no seu sonho de eternidade.

CAPÍTULO XXVIII

De regresso das colinas, **Paulo e Pedro viajaram para sul**, visitando irmãos que habitavam fora da cidade. Estes dois homens envelhecidos estavam renovados de espírito por aqueles dias de descanso em que comungaram entre si. Mas estavam silenciosos e tristes ao entrarem em Roma pela **Porta Capena**. Sabiam com certeza que não voltariam a reunir-se na tranquilidade das colinas. Fora um tempo raro e dourado, e haviam sido pródigos com as horas.

Muitas coisas do espírito, que unem dois com um mesmo propósito, tinham ficado por dizer, pois os assuntos urgentes da Igreja exigiram atenção — e agora tais coisas não seriam ditas deste lado da sepultura. Pois a batalha dos dias vindouros estendia-se diante daqueles dois sobre cujos ombros envelhecidos repousava o fardo da fé, e dos quais dependia o destino da frágil barca da Igreja no tempo que se aproximava.

O dia despontava, o sol espreitava através de nuvens pálidas enquanto Paulo e Pedro caminhavam devagar e cansadamente pela Via Sagrada.

De súbito, surgiu uma multidão de homens e mulheres a correr em todas as direções, e num instante a estrada estava oculta como por um enxame de abelhas. O ar encheu-se de gritos:
— César vem! Dai lugar a César, dai lugar!

Então Pedro e Paulo foram empurrados para os degraus de um edifício alto, e a multidão, oscilando diante dos empurrões dos guardas, recuou abaixo deles na hora em que **Augusto passou**.

Assim, estes dois puderam ver, antes de serem novamente cercados pelas pessoas, **Nero** a cavalgar altivamente no seu carro triunfal. Estava vestido de branco, com uma coroa de louros na cabeça e uma lira nas mãos. Nesse instante, o seu rosto voltou-se para o edifício alto; e os três olharam-se mutuamente: os dois anciãos, em vestes gastas pela viagem, e o jovem governante do Império, em branco resplandecente, os cabelos claros quase dourados sob a luz forte do meio-dia que queimava as ruas de Roma.

— Eis o próprio Espírito do mal — murmurou Pedro.

— Não — respondeu Paulo —, há conflito dentro da sua alma entre o bem e o mal; não sei qual deles vencerá.

Mas quando a multidão se adensou e César desapareceu da sua vista, o Santo de Tarso voltou a falar:

— Tenho orado e orarei ainda para que me seja permitido comungar com Augusto — não no seu tribunal, cercado de escravos, mas a sós, como um ancião que aconselha um jovem, de homem para homem.

E Paulo calou-se então, pois essa oração e esse julgamento compassivo que fazia do jovem César tinham sido despertados nele pela memória de **Timóteo**, o seu amado, aquele que era como um filho para ele — um coração dócil, de temperamento suave, facilmente influenciado por pessoas e circunstâncias — e por causa dele o julgamento do santo era menos severo que o de Pedro em relação a Augusto.

A hora aproximava-se em que estes dois Apóstolos teriam de se separar. Falaram, pois, com os anciãos da Igreja, e houve debate e depois contenda, pois Pólio, também conhecido como Hilel, era porta-voz desses anciãos, e estivera entre os gaulonitas que aconselharam membros da comunidade a não pagarem tributo a César.

Hilel era um homem honesto. Mas, como dissera Aristarco, tinha o rosto de um bode e os modos de um bode; faltava-lhe o senso comum. Só ao cair do dia é que Paulo conseguiu persuadir este judeu indisciplinado, que tanto gostava de debater com os seus sobre a Lei e os pecados de César e da sua vida perversa.

Por fim, prometeu ser prudente e, para proteger a Igreja, não falaria abertamente no mercado ou com mercadores e vendedores mergulhados nas iniquidades da época. Paulo estava exausto quando finalmente dobrou Hilel à sua vontade e a assembleia se dispersou, cada um indo pelo seu caminho.

A noite caíra e as estrelas cintilavam nos céus, enquanto um vento do sul soprava pelas ruas que se esvaziavam.

Paulo e os seus companheiros caminhavam por uma via sinuosa e sombria entre os muros escuros das casas, dirigindo-se para a outra margem do Tibre, onde morava na casa de Pudente e Cláudia, e onde era bem cuidado; pois estes dois eram sempre zelosos do discípulo de Tarso.

Poucos andavam nas ruas nessa noite. A lua ainda não nascera, e havia perigo para os viandantes ao atravessar certas dessas vielas estreitas junto ao rio.

Cornuto era velho e coxo, caminhava devagar, apoiado num bastão e no braço de Ampliato. Quando estes dois e Paulo passaram sob um arco, o silêncio foi quebrado por um bando de patrícios mascarados que surgiu, perseguindo dois homens sobre os quais lançaram mãos violentas. Gritos de medo e fúria ecoaram no ar enquanto esses ladrões, tendo despido os dois cidadãos perseguidos, os espancaram com bastões, deixando-os estendidos e quebrados sobre as pedras.

Foi má sorte, pois sendo Cornuto aleijado, caminhava devagar, e assim ele e os seus companheiros pararam, abrigando-se sob o arco. Mas os homens selvagens voltaram por aquele caminho, e um deles, ao ver Ampliato, agarrou-o violentamente, enquanto outro

golpeava o bastão de Cornuto, lançando-o por terra. Mas quando ia bater naquele irmão, Paulo interveio.

E agora a lua surgira, e o velho santo enfrentava um jovem valentão, armado e insolente. Ao olhar para a máscara daquele homem sob a luz brilhante, gritou:
— Tu és verdadeiramente um covarde, além de violador da lei. Não batas num aleijado e num ancião.

E, enquanto falava, esse homem sacou da faca e avançou contra o santo com intenção de o matar.

E este homem era Tigelino, que acompanhava Nero, procurando distraí-lo ao percorrerem juntos os becos da cidade. Lançavam-se sobre cidadãos honestos, roubavam-nos e maltratavam-nos por desporto. Mas esta foi a primeira vez que alguém ousara repreendê-lo tão audaciosamente, e a afronta queimava-lhe na alma, pois era o favorito do imperador.

Durante um instante, suspendeu o golpe, desejando atormentar a vítima:

— Perecerás por isto, velho, se não te ajoelhares de imediato perante mim, implorando o meu perdão.

— Eu ajoelho apenas diante de Deus — respondeu prontamente o santo. — Se me matares agora, a justiça de César há de encontrar-te. César te pedirá contas por este ato. Em verdade, ele é o pai vigilante do seu povo — o espelho da justiça e da misericórdia.

Noutros tempos, o temido nome de Augusto servira bem a Paulo. E agora, ameaçado de morte, lançou essa palavra poderosa contra o seu adversário.

Tigelino enfureceu-se ainda mais e atacou o santo, tentando trespassá-lo no coração para que morresse no acto. Mas um outro homem, envolto num manto escuro, gritou:

— Detém-te! — e conteve a mão do agressor.
— Basta, quero falar com este homem — disse, e Tigelino, obedecendo de imediato, retirou-se com os seus homens para as sombras do arco.

A lua escondera então o rosto por trás de nuvens de lã, e o velho Vidente de Tarso, de olhos já enfraquecidos, não pôde ver o rosto do jovem que, puxando-o pelo manto, o conduziu a caminhar à parte, junto ao rio Tibre.

Como Paulo dissera muitas vezes aos seus discípulos, ele era "tudo para todos", procurando sempre sintonizar-se com o ritmo e o pulsar da alma de cada estranho. Assim, naquela hora de perigo, exaltara a virtude de Augusto — a sua justiça ao julgar os acusados que lhe eram apresentados.

Caminhando ao seu lado naquela noite, Nero sentiu-se elevado pelo desafio que Paulo lançara ao seu favorito Tigelino; e a sua vaidade fora a causa de ter poupado a vida do santo. Disse:

— Diz-me, velho de barbas grisalhas, essas tuas palavras sobre César — são palavras sinceras, vindas do coração?

— Sim, vêm do meu coração — respondeu Paulo —, pois tive a felicidade de conhecer a justiça de Augusto.

E então contou das injustiças e do ódio dos seus compatriotas, e de como fora preservado por esse governante justo, César Augusto:

— Um jovem — disse o santo —, mas velho em sabedoria e misericordioso, pois nos primeiros dez anos ou mais do seu governo, nenhum homem foi por ele condenado à morte. Por isso, César é um pai misericordioso para o seu povo.

O jovem ficou ainda mais exaltado. Pousou o braço sobre o ombro do velho, e havia alegria e entusiasmo na sua voz ao falar do fardo que carregava — os cuidados de todo o mundo conhecido. Disse que as mentes pequenas não podiam compreender a elevação de alguém que nascera, em verdade, do fogo dos deuses — poeta, cantor, artista e o poderoso, todo-misericordioso governante do seu povo.

Depois, deixou-se levar pela curiosidade e perguntou a este velho curvado, que, embora vestido com uma túnica simples e gasta, revelava pela fala e pelo porte a educação de um patrício:

— És tu de raça nobre?

— Sou, sim — respondeu Paulo com prudência.

— Qual é a tua ocupação? És estoico? Um dos filósofos?

— Não, não sou.

— Ainda bem. Os filósofos passam o dia a atirar pedras aos pardais.

— Disseste bem — replicou Paulo.

Por causa dessas respostas breves, Nero tornou-se mais curioso e questionou o santo sobre a sua vida e ocupações. E Paulo baixou as defesas, lançou fora o espírito da prudência. Comovido pela juventude daquele homem e pela sua inocente artimanha, contou-lhe a obra que realizava na Terra. Disse:

— Cristo é o primogénito de toda a criação. Por Ele, tronos, potestades, senhorios e poderes, visíveis e invisíveis, todo o vasto mundo tomou forma visível e veio à existência.

Aqui Paulo fez uma pausa, e depois, em poucas palavras, narrou a vida de Jesus, concluindo:

— Quando ainda o mundo não era, Deus idealizou este desígnio, e ele foi ocultado por muitas eras, mas agora, na plenitude dos tempos, foi revelado a certos escolhidos sobre a terra. Em verdade, Cristo é mais poderoso que os anjos e demónios, as forças das trevas, mais que todos os poderes das estrelas. Após a Sua morte, desceu ao mais profundo submundo. Mas Deus o ressuscitou com poder, para se sentar à Sua direita, e levou cativos consigo os anjos e demónios.

Ora, não era costume de Nero escutar longos discursos proferidos por outros. Sempre preferia interromper. Desta vez ouvira mais pacientemente do que o habitual, mas ao ouvir "levou cativos consigo", pensou nos seus próprios triunfos, e interrompeu, gritando:

— É um conto de poeta, velho de barbas grisalhas. Mas tu não tens nem a argúcia, nem o engenho de um poeta; as tuas palavras não são hábeis. Eu, que fui saudado como Apolo, poderia, se me aprouvesse, transformar essa tua história num grande poema, e num grande espetáculo. Contém mistério e terror. Mas há assuntos profanos e tolos nessa tua crónica, que como escória deveriam ser lançados fora. O nome de César é ofendido no teu fábula. Por isso, mudarei esta história e situá-la-ei na Etiópia, terra de mistério. Certos romanos que lá aventuraram contaram maravilhas sobre essa terra escondida. Falaram de rinocerontes, elefantes, pavões, leopardos e leões, de homens com cabeça de cão do deserto, e de um rei e o seu palácio — um palácio maravilhoso, adornado de gemas estreladas. A tua fábula passará a decorrer na Etiópia, e os seus governantes participarão no espetáculo. E também surgirão os teus dois deuses — aquele invisível, que gerou o filho que chamaste Cristo. E eu conceberei o terror e a solenidade que deixarão Roma em delírio, quando esse filho, que é deus e é morto, passar triunfante com escudo e espada pelas trevas sombrias. Por fim, em belas palavras, contarei como se ergueu em poder, e em espetáculo o mostrarei com anjos e demónios levados cativos na sua comitiva.

O santo percebeu então que, tendo César bebido muito vinho, a sua mente meio embriagada passava facilmente a delírios de vaidade e loucura.

Mas, espantado com tais palavras insensatas, Paulo tentou fazê-lo compreender, declarando que falava a verdade e que não era contador de fábulas. Assim, não houve verdadeiro entendimento entre os dois, e só depois de algum tempo, quando o sangue fervente de César se acalmou, é que percebeu que falava com um vidente inteiramente dedicado à justiça e à fé que orientava a vida dos homens.

Gostando da discussão e ainda apegado àquele estranho — que o alimentava com a sua vaidade sem saber — Nero levantou a voz, aguda como o grito de um pavão, rasgando o silêncio daquela rua deserta:

— Foi bem dito que pensamentos de vida e de morte, de justiça, de crescimento e de decadência, não passam de fantasmas inquietos que assombram o leito do que não dorme bem. Que ele durma, sim, o sono profundo e despreocupado da indiferença. É tolice perturbar o espírito com os enigmas do bem e do mal, pois o homem não pode alterar a estatura da sua mente; mas pode nutrir e fertilizar a sua imaginação. Em verdade, ele não pode fugir à sua própria medida mais do que o alfaiate pode fugir à fita com que mede.

— Todos os homens estão bem ou mal talhados, e devem conformar-se à forma ou aparência que apresentam aos outros.

Aqui Nero sorriu da sua própria graça, acrescentando:
— O riso elevado, a beleza e o labor na arte do poeta — eis o trabalho e o prazer das grandes almas, e tal é a minha ocupação, ó estranho. Perco-me nas belezas da arte, e assim posso esquecer a fealdade do homem, a natureza bruta dos meus semelhantes. Assim

posso elevar-me ao Empíreo e entrar no círculo encantado dos deuses, reinando entre eles como rei.

— Ainda que possa ser verdade que os deuses não existem, e que as suas histórias, como tantas crónicas, sejam apenas fábulas, servem ao poeta para construir poesia e lenda. Tu disseste que essa tua fábula é uma crónica verdadeira. Não, é demasiado próxima da matéria para ser uma verdadeira crónica. Tens bom entendimento. Não o desperdices crendo na superstição dos deuses. Considera-os apenas como imagens com que a fantasia pode brincar, moldando delas mistério, solenidade e cântico imortal.

Satisfeito com o que considerava um belo discurso, Nero calou-se, esperando, por um instante, a resposta do seu companheiro.

Mas Paulo manteve-se em silêncio, consciente do abismo que o separava daquele homem e perturbado pela revelação súbita de que, talvez, a sua oração tivesse sido atendida — e que se encontrava perante Augusto, homem para homem. Contudo, como poderia aproveitar esta estranha circunstância, esta hora singular, quando o seu espírito se via oprimido como que por um manto de trevas de um feiticeiro, como por uma teia de mal que parecia envolver aquele jovem, a seus olhos, abandonado? Tal era o seu repúdio interior, que continuou calado.

E também a mente de César se agitava, tocada pela nobreza de Paulo, que despertava a sua imaginação. Lembrou-se do sábio de Córdoba, o tutor da sua juventude, o ministro abandonado nos meses de loucura. E parecia-lhe que esse mestre, Séneca, tomava agora a forma do seu companheiro. Por isso falou dele:

— Um velho conselheiro aconselhou-me, certa vez, a viajar para Espanha, terra da deusa da lua, onde poderia encontrar muito que enriqueceria o meu espírito. Mas esse pedagogo era como tu — interessado apenas na natureza do homem e do mundo. E eu não me preocupo com nenhum deles, salvo enquanto servem de matéria para os meus versos.

A noite adensava-se. Paulo suspirou, pois desejava libertar-se da companhia daquele homem, mas compadecia-se dele, agora que percebia que a teia do mal que o enredava fora tecida por Tigelino, a quem toda Roma conhecia pelos seus pensamentos e atos infames. E mais — o santo discernia então que Tigelino invocara poderes das trevas, enredando aquele jovem como numa armadilha de caçador.

— Estranho — disse o Vidente de Tarso, quebrando o silêncio —, preocupo-me contigo como um pai com um filho. Em verdade, sei — pois o Espírito o revela — que estás possuído por dois seres; és como a lua, que tem um lado claro e um lado escuro. E eis que, nestes últimos anos, a sombra avança, a noite sem estrelas aproxima-se. Isso acontece porque um homem poderoso em feitiçaria, armado com os Poderes das Trevas, lançou um véu sobre o teu entendimento. Não o deixes prevalecer, ou destruir-te-á. Em verdade, vejo em ti um raro fulgor que se apagará para sempre, extinto como a chama de uma vela, se não regressares ao teu antigo conselheiro e amigo, se não o colocares de novo no lugar do filho da perdição que agora ocupa o seu posto.

Estas palavras traspassaram a alma de Nero. Ficou imóvel como estátua sobre o caminho, murmurando com receio:
— São palavras estranhas. Conheces o meu nome e a minha linhagem?

— Apenas leio o temperamento da tua mente. Consigo discernir e penetrar os lugares ocultos.

— Um adivinho, então? — perguntou César. E tornou-se pensativo, falando por fim como uma criança:
— O velho conselheiro não quer vir até mim. Roguei-lhe que viesse.

— Então vai tu até ele. Lança-te de joelhos, implora-lhe que permaneça contigo e te preserve desse usurpador maligno, que governa a tua vida, que te envolveu na obscuridade da parte não iluminada da tua alma.

Então Nero enfureceu-se contra o estranho e exclamou:
— Nunca me ajoelhei perante homem algum. Jamais suplicarei ou pedirei favor a quem se recusa a vir até mim.

— E por que te recusou ele? — perguntou o santo. — Talvez tenhas sido arrogante, rejeitando o seu conselho, preferindo apenas a palavra daquele que te mantém em cativeiro.

Foi como se as palavras de Paulo ferissem uma ferida antiga. No seu íntimo, Nero sabia que eram verdadeiras, mas o seu orgulho impedia-o de as aceitar. Noutro tempo, não teria permitido que tais palavras fossem ditas na sua presença — teria imediatamente mandado o estranho para o tormento. Mas tal era o poder do santo, que agora lhe parecia estar num sonho, conversando com o seu próprio daimon. Naquela noite velada, Paulo não era, aos seus olhos, um homem vivo. Pequeno, de figura encurvada, parecia-lhe o espectro que todos os homens encontram em algum ponto da jornada entre o berço e a sepultura.

E assim, Nero não respondeu com raiva. Falou com amargura, e ainda assim como quem confessa um segredo ao seu espírito familiar:

— Não sou escravo de ninguém. Sou o poeta dos poetas; e esse velho conselheiro quer cortar-me as asas. Não aceita que a minha vida deva ser sempre de alegria e deleite. Em verdade, ele não é pai para mim, e ainda assim quer fazer o papel de pai e impor-me limites. Por isso voltei-me para este homem da minha geração, que admira o meu canto e estimula a minha imaginação.

— Sim, estimula-a através dos poderes das trevas.

— Crês nisso? — perguntou Nero, e tremia ao falar. — Discernes perigo para mim? Ele é, então, um tecelão de magia?

— Só posso dizer-te o que leio no ar à tua volta. Este homem será a tua ruína, conduzir-te-á a um lugar onde nunca se ouve o canto do poeta, onde a lira nunca soa. Mas ainda há tempo. Vai, amanhã, até ao velho conselheiro e reinstala-o — não como senhor, mas como amigo de bom conselho.

Aqui o santo fez uma pausa para respirar e depois continuou, falando da verdade e da vida, e de como ele, Nero, como poeta, poderia anunciar essa verdade há tanto tempo oculta a todos os povos e nações; e assim seria salvo e permaneceria como glória na memória dos homens até ao fim dos tempos.

Nero comoveu-se com estas palavras e perguntou que verdade era essa. Mas quando o santo falou de Cristo, não entendeu. Era como se as palavras não tivessem significado para ele.

A sua mente perturbada doía-lhe, e voltou ao seu próprio tormento, ao medo de ficar à deriva se o velho conselheiro deixasse de caminhar ao seu lado. E quando Paulo voltou a assegurar-lhe que isso aconteceria, o jovem caiu num pesado silêncio.

Parecia que o santo vencera, que prevalecera com César, que agora o via não como homem mortal, mas como um ser maior, enquanto caminhavam para cá e para lá na solidão, fechados em si mesmos.

A noite clareou; a lua brilhava sobre o rio Tibre. Nero estremeceu. Os fios do sonho que o envolviam começaram a romper-se. Naquela claridade, olhou para um rosto amarelecido e olhos insondáveis. Uma brisa leve tocou-lhes as testas. Paulo disse:

— "O Espírito vivifica, o Espírito dá vida. Aquele velho conselheiro serve ao Espírito. Afasta-te agora do mal da carne, desse teu amigo possuído por demónios."

Então, enganado talvez pelo brilho da lua, um galo cantou — uma, duas, três vezes. Soou, como noutra era, o sinal de uma hora fatídica para os homens. Pois aquele canto agudo espalhou os últimos fragmentos do sonho, acordando Nero para as coisas comuns da vida, fazendo-o afundar-se de novo nas ilusões do seu mundo, lembrando-lhe que era César e senhor do canto.

O seu riso respondeu ao canto do galo, e todo o seu porte mudou quando falou, dizendo:

— "Velho de barbas grisalhas, tagarelas como toda uma escola de filósofos. Nada sabes da grande aventura, do criador da beleza, do reino dos imortais. Vai-te daqui depressa ou espetar-te-ei com a espada. Pois tu enredas com a tua fala de feiticeiro."

— "Procuro apenas o teu bem" — disse Paulo, fitando os olhos do jovem, e este recuou, murmurando:

— "Não quero nada disso. E rogo aos deuses que não voltes a cruzar o meu caminho, em tempo algum. Tu és funesto; e quer sejas da terra ou dos poderes das trevas, e não um mortal, ordeno-te que partas — parte já."

E nesse comando, Nero declarou o seu próprio medo covarde.

Assim, o santo, agora esgotado por este encontro, não se demorou mais, mas retirou-se, e as sombras envolveram-no rapidamente.

Quando os companheiros de César se aproximaram, conversando animadamente, ele silenciou-os. Afastando-se, até mesmo de Tigelino, caminhou junto às águas cintilantes do

Tibre, a mente oscilando entre o passado e o futuro, a alma tão angustiada que já não tinha ânimo para fala nem para canto.

CAPÍTULO XXIX

A aurora, como uma encantadora, rompeu subitamente a noite com os seus raios coloridos, penetrando com luz em flecha cada tugúrio, palácio, templo e edifício das Sete Colinas. Só nos vales da cidade a penumbra persistia e as sombras eram profundas.

Um pouco além das portas de Roma, Paulo e Pedro estavam ao romper do dia, preparando-se tristemente para se despedirem.

— "O fim do mundo está próximo" — disse Pedro. — "Sei que nesta vida já não nos tornaremos a ver."

— "Tu irás antes de mim para o Pai" — respondeu Paulo. E, colocando a mão sobre o ombro de Pedro, olhando-lhe intensamente nos olhos, prosseguiu:

— "Que o teu espírito chame pelo meu espírito quando a hora da tua agonia chegar; e então, mesmo que mares nos separem, que montanhas e colinas se interponham entre ti e mim, ouvirei o teu chamado e estarei ao teu lado."

Pedro tentou responder, mas tal era a sua emoção que as palavras falharam-lhe, e curvando a cabeça assentiu em silêncio. Depois, abraçando-se, os dois proferiram a bênção e seguiram os seus caminhos.

Pedro, com passos lentos e hesitantes, voltou a Roma. E todo esse dia permaneceu sozinho, num aposento, em oração, suplicando que, na hora da morte, Paulo de Tarso pudesse estar junto dele.

Quanto a Paulo, afastou de si toda tristeza e angústia. O seu espírito encheu-se de alegria ao pensar em Timóteo, seu amado, que o aguardava no fim da jornada. Ventos favoráveis conduziram rapidamente o navio para oriente, de modo que não pareceu longa a viagem até que avistasse novamente o Templo de Diana, que se erguia acima dos outros edifícios em Éfeso.

Lembrava-se de como fugira em segredo daquela cidade, no tempo em que Demétrio, o artesão, provocara grande tumulto, e agora rejubilava ao saber que uma igreja numerosa o aguardava. Mas maior ainda era a alegria de rever e saudar o jovem Timóteo, na casa de Onesíforo, e de partilhar com ele tudo o que lhes ocorrera nos dois anos passados.

Havia muito que contar. E repetidamente, Paulo dizia com ternura:

— "Meu filho, meu filho" — como se encontrasse júbilo na simples pronúncia dessa palavra que para ele significava paternidade.

Timóteo tinha agora trinta anos, mas para Paulo continuava a parecer o jovem que não podia envelhecer. Esbelto como uma vara, tinha uma fragilidade no porte que o fazia parecer um adolescente que ainda não atingira a plenitude física. E frágil também era a sua natureza. Não conseguia resistir firmemente aos embates do mundo. A mesma doçura de

espírito, que o levava a ceder em tudo ao ímpeto ardente de Paulo, traía-o quando precisava de lidar, como líder da igreja de Éfeso, com todos os tipos de homens. Pois, para unir povos de várias nações convertidos ao cristianismo, era preciso ousadia e firmeza, como a de Tito.

As qualidades de alma que Paulo mais estimava em Timóteo — a docilidade, a bondade, a obediência — levavam-no ao fracasso como ancião e líder. Paulo depressa soube que a igreja de Éfeso se via dividida por dissensões, por maledicências, pela licenciosidade de uns, e pela dureza de outros, que eram ascetas. Espalhavam-se fábulas sobre Cristo e a Sua ressurreição.

Contudo, Paulo não se deixou abater ao ouvir tais notícias. Refletiu, e chamou os líderes das quatro fações mais ressentidas entre si. Ouviu em silêncio os seus longos discursos e, assim, viu claramente as falhas do seu filho Timóteo.

Alguns dos cristãos efésios amavam mais a sua própria voz do que qualquer música no mundo. Queriam, nas assembleias, discursar longamente para exibir sabedoria, acrescentando doutrina sobre doutrina, até que os novos convertidos já não sabiam no que crer. E Timóteo não tinha autoridade para os fazer calar.

Alguns afirmavam que a terra e tudo quanto nela existe tinham sido criados por anjos, e que Deus vivia numa luz distante dos homens — não era um Pai amoroso, atento aos seus filhos, mas um ser terrível, em majestade, habitando só. Tal era o ensino de Himeneu. 1

1. I Timóteo i. 20 – II Timóteo ii. 17

E embora instruído, Himeneu era um tolo, que jejuara em demasia, enfraquecendo o seu entendimento. A sua mente era um celeiro de fábulas e genealogias inventadas de anjos e poderes invisíveis.

O filho de Alexandre, o latoeiro, juntara-se à Igreja, levando Timóteo a crer que se opunha ao pai na questão da fé cristã. Mas mentira. O velho inimigo de Paulo mandara-o infiltrar-se na comunidade efésia, e como era verborreico e conflituoso, com o tempo semearia a divisão entre os irmãos e assim destruiria a Igreja.

E tal era o seu poder de persuasão, que conquistara o coração de Timóteo, tornando-se grande amigo seu — ambos partilhando a convicção de não beber vinho nem comer carne.

Assim, o jovem Alexandre foi nomeado diácono da Igreja. E quando Timóteo se ausentava, a pregar nas pequenas cidades da Ásia, permitia que Himeneu falasse longamente, até mesmo diante de anciãos de cabelos brancos, homens íntegros e de doutrina firme.

Aqueles irmãos suplicaram a Paulo que os dois jovens — Alexandre e Himeneu — fossem afastados dos seus cargos na Igreja; enquanto outros judeus cristãos pediram ao santo que expulsasse certos gentios, acusando-os de serem beberrões, e de terem, numa ocasião, agredido Himeneu, derrubando-o por terra ao ouvi-lo proferir falsas doutrinas. Estes também haviam expulsado do lugar de culto o respeitado irmão Áquila, que os repreendera por sua conduta violenta.

Depois, alguns judeus rigorosos queixaram-se de que as esposas dos gentios entravam nas assembleias com cabelos trançados, vestes custosas e pedras preciosas, pecando assim contra Deus e provocando escândalo aos olhos dos irmãos mais jovens. E muitos mais foram os relatos trazidos por membros da Igreja — alguns triviais, outros de peso. Então Paulo percebeu que Timóteo, ao escutar todas as partes e não condenar nenhuma, permitira que as assembleias se tornassem tumultuosas e desordenadas.

Por isso, no sábado, quando todos estavam reunidos, Paulo falou com severidade, repreendendo os líderes de cada um dos quatro partidos. Depois, com cuidado e sabedoria, expôs em poucas palavras como Himeneu desviara muitos. Falou às mulheres, repreendendo-as; e depois aos anciãos e diáconos, corrigindo-os com palavras mais brandas. Por fim, prometeu que registraria num rolo os ensinamentos essenciais, para que soubessem distinguir, nos tempos vindouros, o que era doutrina verdadeira e o que era falsa.

Tamanha foi a autoridade de Paulo, que todos os irmãos se submeteram às suas orientações, e enquanto ele permaneceu em Éfeso, reinou a paz na Igreja. Mas quando chegou a primavera, partiu para visitar as pequenas comunidades — doze ao todo — espalhadas pela Ásia. Seu coração rejubilou ao reencontrar Epafras em Colossos, pois ali o povo era simples de espírito, vivia em harmonia e queria apenas ouvir os ensinamentos do santo e obedecer às suas palavras.

Contudo, Paulo sentia que seu tempo era breve, e por isso não permanecia por muito tempo em nenhuma cidade. Logo partiu novamente, viajando para Trôade, e de lá embarcou rumo à Macedónia. Foi com alegria que avistou Filipos, mas esta alegria logo foi temperada com dor, ao encontrar Lídia, 1 agora curvada pela idade, com sinais de cansaço e enfermidade no rosto, mostrando que o seu fim se aproximava.

— "Por três vezes, Paulo, o Anjo da Morte me chamou neste último inverno," disse ela; "mas resisti ao chamamento, não quis partir antes de te ver mais uma vez e de ouvir de novo a tua voz."

Paulo comoveu-se profundamente com o amor daquela mulher, que resistira ao repouso eterno para poder saudá-lo uma última vez.

— "Prometi que esperaria a tua bênção, Paulo," sussurrou ela. "Aqui estou. Como outrora, a minha casa está preparada para ti e para os teus discípulos."

O santo permaneceu ali por três meses, visitando os crentes; e todo esse tempo, Lídia, tão próxima da morte, parecia viver apenas pela presença de Paulo.

Mas quando chegou a hora de se despedirem, ela ergueu-se com esforço e disse:

— "Paulo, nos tempos de tribulação que em breve virão sobre ti, se o teu espírito estiver abatido, lembra-te de Filipos e dos dias antigos, quando juntos edificámos uma igreja nesta cidade; quando tu e Lucas sonhavam com a conquista do mundo para o Mestre. Recorda esses dias da nossa juventude, e esquece estas últimas horas."

Com um leve aceno de cabeça, Paulo assentiu. Depois, achando palavras, proferiu a bênção, e ajoelhando-se ao lado do leito, orou para que a alma de Lídia fosse libertada e alcançasse o descanso eterno.

Lucas, Demas e os irmãos filipenses estavam todos reunidos naquele quarto quando o meio-dia do verão cedeu à noite, e finalmente o espírito de Lídia partiu. O som da voz de Paulo cessou, e ele curvou a cabeça, chorando amargamente.

1 Atos xvi. 14

Durante uma hora deixaram Lídia sozinha com o seu Senhor. Quando voltaram, a morte tocara-a com suavidade e certeza, e o seu rosto estava liso como o de uma jovem, bela no seu repouso.

Paulo não partiu em tristeza, mas em júbilo. Seguiu para Tessalónica, e nas semanas seguintes envolveu-o uma grande paz. Como disse a Lucas:

— "Vejo, imagem por imagem, a história da sua vida corajosa — Lídia, na juventude, a minha primeira convertida em Filipos, vendedora de púrpura, sempre bondosa, sempre generosa, senhora do socorro perpétuo, consoladora de muitos; Lídia que nunca falhou a ninguém, nem no vigor, nem na velhice; Lídia, a Mãe da Paz. Em verdade, ela não era mulher, mas um espírito encerrado, por um breve tempo, na veste da carne. Quem dera que outras mulheres fossem como ela; mas isso, bem o sei, não pode ser."

E quando Paulo voltou a embarcar para a Ásia, a paz daquele espírito gracioso foi com ele, e de manhã, à tarde ou de noite, alegrava-se com uma alegria estranha, que não era deste mundo, mas um vislumbre do Reino dos Céus. Mesmo quando debatia com os teimosos de Éfeso, Lucas percebia que Paulo não perdia essa alegria, e a luz do espírito de Lídia estava tão presente nele, que se mostrava forte ao ponto de acalmar as disputas na Igreja e obter promessas de Alexandre e Himeneu de que guardariam silêncio e aceitariam as instruções de Timóteo e das epístolas do próprio Paulo nos tempos vindouros.

Então chegaram notícias a Éfeso de um grande incêndio que destruíra — diziam os mensageiros — um quarto ou mais de Roma. Alguns diziam que a verdade fora ocultada, que os estragos haviam sido maiores, e muitos tinham perecido nas chamas.

Mas mesmo assim, a paz de Lídia abrigava Paulo. E ainda que os irmãos se inquietassem, temendo por amigos ou parentes em Roma, ele recusou-se a ser perturbado ou a temer.

— "É a vontade de Deus," dizia. "Mas o fim ainda não chegou."

E a sua paz radiante levava paz aos que o cercavam, aos que escutavam as suas palavras.

CAPÍTULO XXX

Era no auge do verão, naquela época em que o dia e a noite rapidamente se encontram. Lucas dormia no mesmo quarto que o velho santo, e, ao pôr da lua, nas trevas antes da alvorada, foi despertado por uma voz que clamava: "Sim, sim, eu venho."

Essas palavras foram pronunciadas três vezes; e então percebeu que Paulo estava de pé, já vestido, próximo ao brilho de uma vela.

— "Mestre, qual é o chamamento? Porque te ergues quando o dia ainda não despontou?"

Então o santo disse ao seu médico que saísse com ele, enquanto ainda todos dormiam. Não ousando questioná-lo, pois a sua postura era severa e estranha, Lucas obedeceu, e juntos atravessaram as ruas silenciosas. Saindo da cidade à primeira luz, subiram um caminho íngreme até um olival, e ali descansaram, olhando em direção ao mar.

Este olival pertencia a Onesíforo, o anfitrião de Paulo em Éfeso. E, perto dos olivais, no cimo de uma pequena colina, havia um abrigo onde vinham repousar irmãos enfermos. Nessa altura, Artémas e Demas viviam nessa cabana. Passado algum tempo, Paulo disse a Lucas:

— "Permanecerei aqui por três dias ou mais. Que nenhum homem me dirija a palavra durante esse tempo. Que Demas e Artémas se revezem na vigília junto a mim. Pois agora parto numa jornada através de montanhas e mares; e mesmo que demore, não me despertes, pois entrarei e voltarei através de um estado além do tempo, do espaço e da memória."

Paulo ajoelhou-se e orou, e três vezes clamou: "Eu venho"; depois caiu sobre o declive de terra, respirando pesadamente, com tristeza. Por vezes, parecia um corredor a fugir da morte, tão assustadores eram os sons da sua respiração. Houve um momento em que pareceu que o seu corpo se romperia em pedaços; depois os contorceres dos membros diminuíram e, por fim, cessaram; e como uma folha que cai suavemente, suspirou e ficou imóvel.

Durante todo o dia, Lucas vigiou junto ao santo; e quando necessitou de repouso, Artémas veio, permanecendo naquela noite quente até ao ocaso da lua; e com o nascer da luz no céu oriental, Demas tomou o seu lugar.

1 Timóteo i. 16

Durante as horas da manhã, o jovem vigiou junto ao corpo inquieto, escutando os seus suspiros, entre dúvidas e espanto. Era um dos irmãos escolhidos, amado por Paulo, e, no entanto, temia a sua integridade implacável. E agora, estando sozinho com ele, sentia ainda mais receio; pois parecia-lhe que raios de luz brotavam da figura envolta em manto escuro, criando uma auréola de claridade naquela manhã baça.

Ao cair da tarde, a luz tornou-se treva, e o céu vestiu-se de noite, estrondoso com trovões que, como besta selvagem, rugiam para cá e para lá, tornando o céu e a terra horrendos. Demas, tomado pelo medo, clamou por ajuda. Então Lucas correu rapidamente e ordenou

que o jovem partisse e não regressasse. Pois temia que Paulo, estando em viagem no seu corpo celestial, pudesse ser prematuramente chamado de volta pelos gritos do jovem.

Mas o santo permaneceu naquele transe, e as horas passaram; o trovão, gemendo e resmungando, afastou-se pelos céus, afundando-se nos abismos da noite.

E então, no silêncio que antecede o amanhecer, o corpo de Paulo estremeceu e contorceu-se, como se estivesse em agonia; e pareceu também a Lucas que uma luz azulada e estranha, como reflexos no mar, dançava à sua volta. Mas com o tempo essas luzes esvaíram-se, uma a uma. Lentamente, Paulo abriu os olhos para aquela hora baça e sem cor.

Lucas aproximou-se dele, soltando o manto que o cobria. E, após algum tempo, Paulo falou suavemente, como vindo de muito longe:

— "Estou cansado, pois lutei com a sombra de uma noite mais antiga que o sol. Conheci toda a dor, a afiada pungência de cada tormento, e ainda assim me elevei e fui transportado acima desses estados de existência; e então conheci a alegria inefável de testemunhar a ressurreição dos eleitos."

Lucas tentou saber mais sobre essa estranha jornada, mas Paulo nada mais revelou. E ao regressarem a Éfeso, exortou o médico, Demas e Artémas a não contarem a ninguém o que se passara no olival. E todos guardaram silêncio, nem sequer entre si falando disso, mesmo quando chegaram notícias de Roma sobre o incêndio e a crucificação dos irmãos cristãos.

Mas o mensageiro não pôde dizer os nomes dos que tinham perecido. Não sabia se Pedro ainda vivia. Apenas podia contar que Lino conduzira certos irmãos a um lugar seguro, onde permaneceriam escondidos até que a fúria dos governantes romanos se acalmasse.

Daquele momento em diante, Paulo não encontrou mais repouso na terra. Vagueou por toda a Ásia; navegou até Creta, ilha habitada por um povo depravado, sem contacto com a verdade ou a honra.

Ali, nessa terra de colinas douradas e rochedos cinzentos, de vales sorridentes, Paulo trabalhou e pregou por algum tempo, e depois partiu para Corinto — um homem exausto e gasto, mas alegre no coração, pois tudo havia sido bem estabelecido em Creta, e Tito, firme e resoluto, ficara a guardar aquela igreja em seu nome.

CAPÍTULO XXXI

Alguns dias após a partida de Paulo de Roma, Cláudia, a filha de Nero, faleceu; e todo o povo chorou pelo imperador e pela imperatriz enlutados. Mas Hilel, o Gaulonita, ia e vinha pela cidade, e à noite reunia escravos e marginalizados nos bairros pobres. Falava-lhes livremente, por vezes inflamando-se em fúria, declarando que a vingança de Deus caíra sobre o imperador, que o Senhor matara a sua filha por causa das abominações da sua vida. Era um sinal da vinda do Fim. Naquele verão, dizia ele, Cristo, o Deus dos escravos, lançaria fogo do céu sobre Roma—destruiria os palácios dos poderosos e queimaria todos os que tinham autoridade. Mas libertaria os escravos e os pobres, e os seus anjos levá-los-iam ao Céu, onde viveriam para sempre no Paraíso. Cristo viria, sim, como vingador dos pobres, conquistador de Nero, a besta, que seria derrotado pelo poder e glória do Senhor.

Os escravos rejubilaram, gritaram de alegria e fizeram grande alarido. Depois, quando a sua exaltação passou, Hilel ordenou-lhes que se dispersassem silenciosamente, e que orassem para que o Fim viesse depressa e o Império do Diabo fosse destruído.

Após um desses encontros, Estáquio, que servia no palácio imperial, foi ter com Pedro e disse:

— "Mestre, entrego-te o meu encargo. Não posso continuar como diácono enquanto este Hilel prega todas as noites contra César e afirma que Cristo virá para derrubar o imperador. Estas palavras são traiçoeiras, e tu sabes que todos estaremos em perigo de vida se tais discursos continuarem."

Então Pedro repreendeu Hilel, ordenando-lhe que se mantivesse em silêncio. Mas o homem mostrou-se rancoroso e apenas prometeu que falaria com mais cautela. E embora já não pregasse em locais abertos, continuava a reunir-se com grupos pequenos de escravos, falando-lhes da vida abominável do imperador e da vingança de Cristo, que em breve cairia sobre ele.

1 Romanos xvi.

Assim, Estáquio voltou a Pedro, entregando-lhe as chaves que possuía como diácono, dizendo:

— "Creio no Cristo que tu e Paulo anunciais, mas não posso permanecer numa comunidade onde Hilel tem lugar."

Foi nesse momento que a ternura do coração de Pedro o traiu. Se fosse Paulo, teria reconhecido o perigo dos tempos e teria expulsado Hilel da Igreja. Mas Pedro limitou-se a argumentar com aquele homem selvagem da Judeia, e disse a Estáquio que tudo ficaria bem, pois Hilel estava como o boi amordaçado, e não falaria mais, apenas trabalharia para a Igreja nos dias vindouros.

— "Nada calará este semeador de ódio e ira," respondeu Estáquio. "Ele continuará a fluir como o Tibre, incessantemente. Por isso, separo-me da casa da Igreja. Parto em tristeza, temendo pelos meus irmãos."

Dito isto, partiu apressadamente, ignorando o apelo de Pedro, que ainda acreditava ser possível reconciliá-lo com Hilel e os seus seguidores.

Havia, de facto, muitos que acreditavam nas palavras desse pregador inflamado. E se Pedro o tivesse expulso, sabia que perderia metade da comunidade. Temendo a divisão da Igreja de Roma, e lembrando-se de como a Igreja de Antioquia fora quase destruída, Pedro deixou Estáquio partir e permitiu que Hilel continuasse a pregar aos escravos e excluídos.

Com o tempo, Pedro ficou também influenciado pela profecia de Tabeal, segundo a qual cairia fogo do Céu naquele verão e Roma seria destruída, e voltou a acreditar que o fim do mundo estava próximo. Passou a falar disso aqui e ali, e assim, aos olhos dos ignorantes e dos de pouca compreensão, parecia alinhar-se com Hilel.

Contudo, Pedro pregava a doutrina de Cristo: a caridade para com todos os homens. Mandava que os escravos obedecessem aos seus senhores, e até amassem os que os feriam ou maltratavam as suas mulheres e filhos como se fossem cães.

Assim, Pedro e Hilel pregavam amor e ódio, obediência e traição, dentro da mesma comunidade. Raramente se encontravam no mesmo lugar: crendo que os últimos dias se aproximavam, ambos trabalhavam incansavelmente, ensinando em diferentes zonas da cidade.

O verão passou, e o outono não trouxe sinal de fogo nem de destruição de Roma por terramoto ou tempestade.

A corte já não chorava por Cláudia Augusta, e os velhos hábitos de luxo, jogos e festividades voltaram a encher a cidade com tudo o que os Zelotes — como Hilel, Tabeal, Junias, Filólogo, Hamul, Hermes e Lino — consideravam abominável.

Até Lino apoiava Hilel e convenceu Pedro, contra o seu melhor juízo, a permitir-lhe liberdade de expressão. E quando os novos crentes se queixaram de que o fogo não caíra do Céu, nem Cristo viera como prometido, Tabeal entrou em transe na assembleia para buscar uma nova palavra de verdade.

Com o tempo, declarou que ainda não fora reunido o número dos eleitos. Somente quando quase todos os escravos de Roma tivessem sido convertidos, então Cristo viria. No verão seguinte, afirmava ele, o número seria completado. Então poder-se-iam preparar para o grande fogo e para os últimos dias de triunfo e glória, quando os escravos seriam os primeiros e os senhores e nobres seriam os últimos.

Durante o inverno e a primavera, Pedro, apesar da idade, trabalhou sem descanso pela fé, até que por fim adoeceu de cansaço e teve de recolher-se às colinas Albanas, até recuperar as forças.

Com a sua partida de Roma, a autoridade enfraqueceu, e agora Hilel e os seus discípulos estavam livres para pregar o ódio, a vingança e a destruição iminente da Babilónia, da imperatriz meretriz, e de César, a besta.

1 Romanos xvi. 14, 15.

CAPÍTULO XXXII

Quando Cláudia morreu, Popeia ficou profundamente abatida, receando, de facto, perder o seu poder sobre César, agora que a linhagem de Nero já não estava assegurada através da sua filha. Nero tinha declarado que seguiriam o costume dos Faraós, permitindo que uma mulher, sua filha, reinasse após ele, pois era prática comum no antigo Egipto que a filha herdasse o trono juntamente com o marido.

A morte de Cláudia destruiu a esperança de Popeia de governar Nero e o Império através da pequena Cláudia Augusta. Agora teria novamente de disputar o primeiro lugar com outras favoritas do imperador, e sobretudo com Tigelino, a quem temia mais que a todos. Pois ele conseguia sempre influenciar Nero, apelando ao lado mais sombrio do seu carácter, conduzindo-o a prazeres vis e fazendo dele um ébrio, devolvendo-lhe um marido briguento e amargurado, exausto de libertinagens.

É verdade que, durante algum tempo após a morte de Cláudia, Nero foi afável e terno para com Popeia; e, tendo divinizado a filha, compôs poemas, cantou tristes canções ao som da harpa e permaneceu junto da esposa.

Talvez tenha sido o luto pela perda da filha que levou Popeia a esquecer-se de Paulo e da seita dos cristãos. Não enviou mais emissários para fazer averiguações sobre eles; e Narciso, que pertencia à corte e cuja presença poderia ter feito Popeia lembrar-se de Paulo, pusera termo à sua vida e fora logo esquecido.

No dia em que a menina morreu, Nero falou a Tigelino acerca do estranho com quem havia caminhado e conversado junto ao rio Tibre, e disse:

— "Certamente aquele homem era um feiticeiro, um desses orientais que praticam necromancia e, talvez, tenha sido ele quem matou a minha filha; ou seria um ser das trevas, vindo do reino de Plutão, um espírito vingador enviado por minha mãe para destruir a luz da minha vida e da minha alegria?"

Mas Tigelino zombou dessa ideia, dizendo que se tratava apenas de um velho tolo, um desses estrangeiros que procuram ganhar a vida fazendo-se passar por filósofos, quando na verdade não passam de jumentos a zurrar o dia inteiro nos espaços públicos.

Então César sentiu-se reconfortado e afastou os seus receios, não voltando a lembrar-se de Paulo até ao dia em que o santo se apresentou perante ele para julgamento.

Na primavera, Nero procurou ganhar o afeto do povo apresentando-se como cantor num teatro de Nápoles. Nesse festival, voltou a sentir-se feliz, pois o público e os cortesãos aplaudiram ruidosamente a sua música. Cantou durante horas e horas; e os outros cansaram-se muito antes dele, pois Nero tinha voz e pescoço de touro e, como dizia alguém, cantaria eternamente se os céus ou os deuses não o silenciassem. Tamanha era a sua vaidade naquele tempo.

Mas, num certo meio-dia abafado, quando a multidão no teatro lutava contra o sono, a terra manifestou-se. Os assentos estremeceram, as paredes pareceram erguer-se do solo, e embora não tenham desabado sobre o público, tremeram de novo e de novo.

Houve gritos e pânico, mulheres desmaiando, homens em confusão, prestes a fugir — mas conteram-se ao ver o imperador, vestido de branco, que continuava a dedilhar a harpa e a cantar.

Tal bravura encantou o povo, afugentando o medo, e permaneceram nos seus lugares até César terminar a canção, inclinando-se para eles com um sorriso, à espera do aplauso.

E grande foi o clamor do povo. Naquela hora, Nero era o seu amado, o seu pai, o seu deus. Tinha mantido a calma, evitando a debandada e, assim, salvando muitas vidas.

Mas quando todos já tinham deixado o teatro, novo abalo sísmico fez desmoronar as paredes, pondo fim ao teatro como local de canto.

Nero escreveu um poema de agradecimento, e de imediato decidiu viajar para a Grécia onde, como poeta e cantor, ganharia o coração dos gregos. Contudo, notícias de uma conspiração obrigaram-no a regressar a Roma, onde mandou prender Torquato e outros conspiradores, acusando-os de tentarem depô-lo.

Mais uma vez, César perdeu a alegria de viver, e Tigelino voltou a seduzi-lo com prazeres vis, incitando-o a entrar em conflito com Popeia.

Uma noite, na presença da corte, Nero escarneceu de Popeia por não lhe ter dado um filho, perguntando-lhe se seria uma mulher estéril. Ela ficou furiosa e, temendo-o, respondeu-lhe com sarcasmo, dizendo, quando estavam a sós:

— "Fora melhor que governasses o Império e deixasses de brincar ao histrião, fazendo-te motivo de riso para o povo vulgar."

Estas palavras feriram profundamente o orgulho de Nero, e ele bateu nela, chamando-lhe prostituta. No entanto, amava-a pela sua beleza, e ela adivinhou que era Tigelino quem o instigara contra si, embriagando-o com vinho, despertando nele o monstro de outrora — o mesmo rosto que ela vira quando ele consentira na morte da sua mãe, Agripina.

Então, Popeia ergueu-se e saiu em silêncio do quarto.

Naquela noite, quando Nero quis falar com ela, ela recusou-se a recebê-lo, sabendo que deveria manter-se firme com esse César mimado. E ele não a forçou. Isso aumentou ainda mais o medo de Popeia, e um dos seus espiões disse-lhe que Tigelino havia comentado: "Popeia é de nascimento baixo, mas é fácil encontrar outra imperatriz de sangue mais nobre."

O medo transformou-se em terror, e, envolta num manto escuro, Popeia apressou-se por um caminho secreto até um lugar subterrâneo, onde vivia o seu conselheiro, o mago Joá. [1]

Esse homem fora muito falado em Roma no tempo do imperador Cláudio, pois realizava em público feitos tidos como milagres pelos cidadãos ignorantes. Mas quando Nero subiu ao trono, retirou-se, deixando de procurar o favor dos ricos, esperando o surgimento de uma nova estrela à qual, segundo lhe dissera o seu dom de adivinhação, se deveria aliar para também ele ascender.

Mais tarde, encontrou Popeia, e prometeu-lhe que, através da sua magia, ela se tornaria senhora do mundo, caso o obedecesse. E, com o tempo, tudo quanto prometera cumpriu-se. Mas Popeia, orgulhosa e autoritária, deixou de procurar o seu conselho, crendo que, enquanto a sua beleza perdurasse, a sua vontade seria a vontade de César.

Nero fora outrora prudente com os gastos, vivendo com modéstia, como os antigos romanos. Mas Popeia levou-o a mudar esse estilo de vida, e a gastar riquezas com ostentação. Ele tornou-se um novo homem; e tudo teria corrido bem para Popeia, não fosse Tigelino ter, lentamente, mas com certeza, conquistado também o domínio sobre Nero, sendo agora o verdadeiro controlador da vontade do Imperador.

1 o nome Hebreu que responde por Jah (Deus) significa irmão.

Popeia estava de pé numa câmara sombria forrada de tapeçarias, na presença do mago.

Este era alto e magro, a barba branca ocultava-lhe o pescoço e a garganta, os olhos brilhavam duros sob o fulgor das tochas que iluminavam a penumbra. E, embora se tenha curvado diante dela, Popeia estremeceu, pois sabia que tinha errado ao não ter procurado o seu conselho, nem o ter visto no decurso do último ano.

Mandou sair a sua escrava; e, quando ficaram a sós, o mago mudou de atitude. Já ela não era a Imperatriz, ele era o mestre. No entanto, falou com suavidade:

— Filha, sabia que virias. Tenho visto o teu perigo e a tua humilhação há já muito tempo, no espelho dos sonhos. Tens de te submeter a mim em todas as questões desta vida, senão fracassarás e perecerás. Prometo ser gentil, não te puxarei as rédeas, nem te aplicarei o freio. Desejo apenas o teu bem-estar e o nosso triunfo.

E Popeia respondeu:

— Estou preparada, doravante, para me deixar guiar apenas pela tua sabedoria. Confio no teu saber e na tua magia — fala.

O mestre fixou nela os olhos e disse:

— Antes de te aconselhar, devo suplicar-te que não procures conceber outro filho. Os astros são contrários a tal desígnio. Li o rolo dos céus vezes sem conta.

— Mas isso é loucura! Já passei os trinta anos. Só através de um filho poderei continuar a governar César e o mundo.

— Nascimento e morte são companheiros de leito, murmurou o mago.

Sem dar ouvidos, Popeia gemeu e clamou:

— Ainda consigo manter César com a minha beleza; mas ela em breve desvanece-se, e então serei descartada como flor murcha. Quanto ao filho, não me atrevo a obedecer-te, mestre.

Joá riu-se e, de súbito, voltou-se contra ela rosnando como um lobo.

— Vejo que não há confiança entre nós. Vai! Deixa-me às minhas meditações. Vai!

O maior medo expulsou o menor. Popeia lançou-se a seus pés, suplicando-lhe piedade, prometendo tornar-se sua escrava, seguir o seu conselho em todos os assuntos, se ele consentisse em continuar a ser o seu pai, o seu demónio, o timoneiro da sua nau.

Durante algum tempo, o mestre não lhe prestou atenção, mantendo-se de pé, reto e severo. Mas, por fim, inclinou-se e ergueu-a do chão, exigindo, nesse momento, a promessa de que ela não permitiria a Nero torná-la fértil novamente.

Nessa altura, o oriental foi gentil e afetuoso como um pai, murmurando palavras de conforto que dissiparam os seus medos e lhe devolveram o orgulho imperial, a esperança e a coragem. Ela contou-lhe que, uma hora antes, César dissera, na presença de um dos seus espiões, que estava cansado da sua Imperatriz mimada e que a deixaria em Roma, embarcando para o Egipto num trirreme, na companhia de Tigelino.

Os cantores de Alexandria tinham encantado os seus ouvidos, e prometeram-lhe uma receção calorosa por parte dos artistas, poetas e homens de saber daquele país, que lhe provariam que os romanos eram, na verdade, bárbaros rudes. Só os egípcios subtis poderiam valorar e compreender o verdadeiro génio do seu talento poético.

— Perdê-lo-ás se ele for, disse o mago. — Vejo por detrás do desejo de César a vontade de Tigelino. Essa viagem não pode acontecer. Estás em grande perigo, filha. Chamarei, então, os poderes do ar, do fogo, da terra e da água, confrontarei a magia do favorito de César com a minha magia, e vencê-lo-ei.

A pedido do mestre, Popeia deitou-se, escondendo o rosto. E estranhos sons emergiram da terra, gritos e lamentos ecoaram à sua volta; depois, de súbito, tudo voltou ao silêncio.

Destapou os olhos e viu que a sala se enchia de um vapor de incenso e especiarias estranhas. O chão estava coberto de fios de teias de aranha cintilantes, e o mago movia-se entre os seus laços, detendo-se por fim diante do altar.

Ali permaneceu, grande figura sombria, murmurando palavras desconhecidas, dirigindo-se a formas que não eram humanas, reunidas diante dele, preenchendo a câmara. Popeia mal ousava respirar, mas já não sentia medo, nem mesmo quando chamas subitamente cercaram o mestre. Mais alto, mais imponente do que nunca, parecia um gigante de um mundo antigo, surgido das brumas do tempo.

Lentamente, sem ruído, desceu do altar e circundou Popeia, traçando ao seu redor um círculo branco de luz e, com uma vara, desenhou uma cruz — o sinal amarelo no seu ritual — símbolo do equilíbrio do universo, medida de todo o julgamento.

E ainda assim Popeia não temeu, mas cobriu os olhos com as mãos, pois não podiam suportar o fulgor radiante daquele círculo de luz branca. Seguiram-se sons estranhos e trombetas, a voz do mago falando depressa e com severidade, ordenando aos espíritos do ar, da terra, da água e do fogo que regressassem aos seus elementos.

Muito tempo pareceu passar, até que uma voz disse:

— Está bem, filha. Abre os olhos.

E quando Popeia olhou, a masmorra era como antes — uma sala sombria forrada de tapeçarias, iluminada por tochas e com o chão em lajedo.

— César não irá a Alexandria.

— Mas ele é tão teimoso como todas as mulas da Itália quando Tigelino lhe fala ao ouvido, respondeu Popeia.

— Quando visitar o templo de Vesta, diz-lhe que os presságios são contrários à viagem a Alexandria, respondeu o mago. E ele te escutará. Não temas. Tranquei tudo a sete chaves. Tigelino não poderá atingir-te neste momento, mas ainda não posso falar com certeza quanto ao futuro. Pois nos dias que se avizinham, a minha magia enfrentará a dele, e ainda não vi qual de nós triunfará.

Humilhando-se novamente diante do mestre-mago, Popeia prometeu obedecer aos seus mandamentos e retirou-se suavemente.

CAPÍTULO XXXIII

Durante vários dias, Nero se entregou a banquetes e orgias com Tigelino. Recusava-se a visitar sua imperatriz e parecia preso, como por correntes, ao seu favorito, cobrindo-o de presentes com joias preciosas e outros tesouros. E aqueles poucos que eram íntimos balançavam a cabeça e sussurravam: "A estrela de Popeia está em declínio. Ela é uma mulher orgulhosa e impetuosa. Em sua fúria, tentará fazer com que Tigelino seja morto, e ele revelará a Nero esse plano, dizendo que se trata de uma conspiração contra a vida do César. A morte será o destino de Popeia. Pois agora que Nero não a vê, ela não poderá reconquistá-lo com sua beleza."

Mas essas palavras eram apenas murmúrios entre poucos e não chegavam aos ouvidos dos cortesãos, dos fofoqueiros e dos escribas. Contudo, quando Nero descansava num banco de pedra no Templo de Vesta, o frio do assento e os vapores dos dias anteriores de devassidão turvaram sua mente, de forma que, ao tentar se levantar, cambaleou e foi impedido pela dobra de sua capa. Se estivesse com a mente clara, teria se soltado com facilidade; mas, naquele estado, acreditou estar preso e não teve força para se libertar.

Petronius, que estava por perto, o soltou; e, apoiando-se no braço dele, Nero ordenou que o levasse rapidamente até sua carruagem. Ainda com o medo nos olhos, entrou no pavilhão onde sabia que encontraria Popeia. E, como em tempos passados, como um menino correndo para os braços da mãe, tropeçou até sua imperatriz, jogou-se ao lado dela, deitou a cabeça em seu colo e contou-lhe sobre aquele estranho acontecimento.

"Só tu tens o antigo conhecimento egípcio da magia, Popeia," exclamou. "O que isso significa? Estou para morrer? Usaram feitiços contra mim? É esse o sinal do meu fim?"

"Não, não, César," disse ela suavemente. "Se me deres ouvidos, não morrerás. Estes são sinais dados pelo demônio, que declaram que perecerás apenas se fores nessa tola jornada a Alexandria. Roma precisa de ti; teu povo precisa de ti e," sussurrou com doçura, "eu sou quem mais precisa de ti."

Para o Nero doente e cansado, Popeia nunca parecera tão bela. "Como a Mãe Ísis, como Helena — minha protetora, bela acima de todas as belezas," ele exclamou; e esqueceu a briga com ela, esqueceu Tigelino, e voltou a ser o amante da imperatriz.

Ela então o convenceu a emitir um édito declarando que o César amava tanto seus filhos romanos que não conseguia encontrar em seu coração o desejo de deixar a Itália e viajar ao Egito. O povo se alegrou, em parte por temer que os agentes de Nero cortassem o suprimento de alimentos caso ele partisse, e também pelas festas e jogos que ele lhes oferecia. Para eles, o César havia provado, por suas ações, ser um verdadeiro pai de sua grande família romana.

Por causa da alegria do povo, Nero ficou satisfeito por um tempo. Observava seu povo, indo livremente entre eles; e então falou do que percebera a Popeia.

"Muitos dos romanos pensam em dinheiro, falam de dinheiro e comeriam dinheiro se não pudessem guardá-lo de outro modo. Colocam a riqueza em primeiro lugar e a beleza em último. Os deuses do Capitólio não recebem mais estátuas ou tesouros da arte grega. Só recebem ouro. Um homem venderia o próprio pai por algumas moedas de denário. E Roma! Fede às minhas narinas — uma cidade de ruas estreitas e tortuosas, cheia de odores nauseantes, uma cidade bárbara, um monte de esterco no auge do verão. Quem me dera que Roma fosse arrasada por um terremoto, então eu mostraria ao meu povo que só a beleza e a arte têm valor, que só elas são gloriosas. Daria toda a minha fortuna para construir uma nova cidade que superasse todas as cidades gregas em beleza. Mostraria a esses agiotas romanos que César não se importa com riquezas mesquinhas e que ele é um artista antes de ser imperador."

Nero confidenciou muitas coisas à imperatriz nesse período. Então, certa de seu poder, ela falou contra Tigelino, pedindo que o favorito fosse banido da corte. Espiões logo levaram a notícia de suas palavras ao siciliano, e ele respondeu sutilmente, sem mencionar Popeia, mas insinuando que as mulheres serviam apenas para o prazer, e que esse prazer se tornava perigoso para o amante que permitisse que ela provasse os doces poderes do império. Não era verdade que Agripina havia envenenado o marido para que o filho reinasse em seu lugar. Nero fora apenas uma peça em seu jogo. Desde a morte de Cláudio, ela se via como a verdadeira César, divinamente destinada a governar, e Nero era apenas um escravo que cumpria suas ordens. Quando ele as desobedecia, ela se tornava uma criatura de ódio e fúria. Se não tivesse sido morta, teria mandado seu filho primeiro pelo caminho sombrio. Por isso até Sêneca aconselhou sua morte.

"E daí?" perguntou Nero, com o rosto sombrio e carregado. "Quando a beleza se vai, a história às vezes se repete."

"Se estás falando da imperatriz," gritou Nero, "isso é uma calúnia falsa e infame."

"Não, não é," disse Tigelino rapidamente, pois a mão do César quase lhe tocava o pescoço. "A imperatriz sequer me passou pela mente. Mas, agora que a nomeaste, peço que me acredites, César, quando digo que daria minha vida pela tua."

"Disso tenho certeza," respondeu Nero, que era facilmente conquistado pelo peculiar poder de persuasão do favorito. "Muitas vezes te chamei de meu cão de guarda fiel."

"Então, não é estranho," perguntou Tigelino, "que a imperatriz deseje o banimento de um servo tão devotado, de um amigo que vigia a porta de César dia e noite?"

Não houve resposta a essa pergunta; e César ficou taciturno e calado quando, algumas horas depois, Popeia tentou agradá-lo com sua beleza e sua conversa. Com a mente ainda cheia de seu propósito, ela voltou a falar de Tigelino e novamente pediu seu banimento.

Então Nero se irritou e discutiu com ela sobre o assunto, e assim foi procurar Tigelino, guardando para si seus pensamentos, apenas negligenciando Popeia. Em companhia do siciliano, suas noites se tornaram sombrias, marcadas por embriaguez e prazeres vis, sem música ou poesia. Então a imperatriz mandou chamar o mago, exigindo que ele viesse rapidamente a Ántio, pois estava novamente com medo.

Eles se encontraram numa noite quente de verão, num pequeno jardim iluminado apenas pelo brilho das estrelas; e logo o mago soube de tudo que havia acontecido desde que Popeia chegara a Ántio, e respondeu às suas queixas, dizendo:

"A magia que Tigelino domina o protege completamente de qualquer ataque feito por meus espíritos familiares. Não posso destruí-lo com minha arte mágica; mas posso muito bem confundi-lo com uma estratégia superior. Recentemente, tenho visitado, à noite, o bairro além do Tibre e lá ouvi um oriental barbudo, um louco que profetizava que Roma seria em breve destruída pelo fogo. Não era um rebelde disposto a incendiar a cidade, apenas um insensato pertencente ao que se conhece como a seita dos galileus. Portanto, não posso usá-lo nem usar seus discípulos como instrumentos diretos. Mas suas palavras me mostraram o caminho que podemos seguir com segurança. Se teus agentes colocarem fogo em Roma no auge do verão, o bairro pestilento da cidade pode ser completamente destruído, e então poderemos desviar a mente de César com a construção de sua cidade grega. Ele é um homem que se perde em seu trabalho quando acredita que ele tem grande importância. Não serás mais perturbada pelas tramas de Tigelino quando César estiver totalmente absorvido em planejar largas avenidas, fontes e outro palácio dos Césares."

"Tenho medo", murmurou Popeia.

"Sê corajosa e deixa-te guiar por mim, e te farei senhora do mundo. Apenas dá-me uma boa soma de dinheiro e encontrarei certos homens de outras raças que odeiam o domínio romano, e os pagarei generosamente para que realizem a tarefa de incendiar Roma."

"Mas e se a investigação descobrir o autor dessa destruição?"

"Aquele louco, o profeta judeu, e sua seita poderão então ser acusados. Existem muitas testemunhas de sua profecia sobre o fogo que seu deus enviaria para devorar Roma. Já fiz investigações sobre ele e seus seguidores. Pertencem a uma comunidade que tem como líder um certo Paulo de Tarso, um homem sedicioso que causou tumultos e distúrbios na Ásia e na Grécia."

Então Popeia se lembrou das acusações feitas secretamente a ela pelo sumo sacerdote, e recordou seu encontro com Paulo e o medo que sentiu — um medo que não era deste mundo — diante de seu poder hostil.

"Está bem, mestre", disse ela. "Volta depressa a Roma e vê que essa obra de destruição seja logo realizada."

Assim, o mago recebeu da imperatriz uma boa quantia em ouro e partiu antes do amanhecer rumo à antiga cidade dos Césares. E quando, à luz do novo dia, avistou suas torres, alegrou-se por causa da destruição que viria, e porque muitos de seu povo pereceriam nas chamas.

LIVRO III

SÃO PEDRO E O GRANDE INCÊNDIO DE ROMA

CAPÍTULO XXXIV

Havia semanas que não chovia em Roma. O ar sobre as Sete Colinas era seco, duro e límpido como o de um deserto árabe; mas nas ruas e nos vales era abafado e fétido. Ao retornar das alturas de Alba, Simão Pedro mal conseguia respirar naquelas vias pestilentas. Três diaconisas — Eustáquia, Paula e Melânia — acolheram o velho apóstolo na Casa da Vinha, 1 que agora era o centro da Igreja em Roma. Membros das comunidades da Ásia, Judeia, Egito, Ponto, Grécia e da Espanha vinham ali e recebiam alimento e, se sem recursos, eram ajudados pelos irmãos caridosos. Foi dali que Pedro ditou suas epístolas para Paulo e para as igrejas do oriente que fundara.

1 "Foi chamada por este nome porque Cristo uma vez disse: 'Eu sou a videira verdadeira, e Meu Pai é o lavrador.'"

Agora as três diaconisas lavaram seus pés, refrescaram-lhe a fronte e lhe serviram comida. Logo estava revigorado no corpo e no espírito. Então Marcos entrou e ajoelhou-se diante dele, pedindo sua bênção. Marcos estivera ausente de Roma, viajando pela Bitínia e pelo Ponto durante muitos meses. Era tão querido por Pedro quanto Timóteo era por Paulo. Esses dois, o grisalho João Marcos e o ancião de cabelos brancos, abraçaram-se e depois conversaram longamente e com fervor sobre a propagação do conhecimento de Cristo, sobre o grande desdobramento de sua doutrina.

"Se formos sábios", disse Marcos, "em poucos anos ela vencerá o mal abominável que caminha por aí, nu e sem vergonha." E então suspirou e continuou: "Mas, mestre, temo por nossa comunidade aqui, que neste momento seja traída e todo o bem realizado seja arruinado pelo gaulonita Hillel. Na tua ausência ele tem pregado em praças públicas próximas ao rio, falando aos escravos e marginalizados — condenando reis e governantes, atacando a autoridade e dizendo que os humildes e os pobres triunfarão enquanto seus senhores serão derrubados, pois o fim do mundo está próximo."

"Sim, ele se aproxima rapidamente", respondeu Pedro. "Mas tuas palavras me perturbam, pois ordenei a Hillel que não mais pregasse em público, e sim que falasse discretamente entre o povo, em duplas ou trios."

"Ele também mudou o coração dos diáconos", disse Marcos, e embora reverenciasse o apóstolo como seu escriba, continuou seu protesto. "Eles também falam da derrubada da autoridade. Em verdade, estaremos perdidos se essa doutrina de revolta continuar a se espalhar em Nome de Cristo." E tão intenso e indignado estava João Marcos que, após algum tempo, Pedro prometeu repreender os diáconos e irmãos que agora se reuniam. Mas o velho apóstolo temia a discórdia. Queria a comunidade cristã como uma só família, pacífica e ordeira. No entanto, percebeu que suas palavras gentis apenas despertavam mais fúria e violência no coração de Hillel, que declarava que não podia — e não ousava — permanecer em silêncio.

"O fogo cairá do céu e queimará Roma neste verão. O Senhor vem em breve, e há muitos ainda nas trevas que desejo ganhar para Cristo e contar entre os eleitos antes da hora terrível da destruição do mundo."

"Não há certeza de que esse tempo está realmente sobre nós", gritou Marcos. "É mais provável que muitos irmãos inocentes sejam enviados aos remos, açoitados ou torturados por causa de tuas palavras sediciosas. Não convém a um servo do Mestre levantar-se contra a autoridade, contra reis e governantes. Estou certo de que Cristo virá em glória durante a vida daqueles que estão aqui presentes. Mas não posso concordar com tua crença de que testemunharemos o Fim e o julgamento ainda neste verão."

Em seguida, com palavras severas, Marcos denunciou os discursos inflamados, a cólera e a vingança pregadas por esse gaulonita. E tão veemente foi ele em sua fala e atitude que os irmãos lhe deram ouvidos e não permitiram que Hillel dissesse uma só palavra. Pedro falou em seguida, dizendo estar do mesmo lado de Marcos, e ordenou que a comunidade aceitasse seus ensinamentos, pois ele havia caminhado com Cristo e conhecido o Mestre em carne.

Mas exatamente naquela hora em que parecia que a autoridade de Hillel fora derrubada e seu direito de pregar e ensinar, revogado, houve uma súbita comoção — gritos na rua, alarido, passos apressados — e Nereu 1 entrou correndo, gritando: "O fogo — está queimando, está queimando! Nosso Senhor vem! Apressem-se, preparem-se! Eis a grande luz sobre a colina do Palatino, eis os primeiros sinais do Fim!"

1 Romanos xvi. 15

Hillel livrou-se dos dois que o seguravam e, com os olhos brilhantes, ordenou aos irmãos que o seguissem e obedecessem às suas ordens. E então, afastando-se de Pedro e Marcos, conduziu-os todos para a rua, onde se agruparam ao seu redor, saudando-o como mestre.

1 Romanos xvi. 15

Eles olhavam com admiração, reverência e gratidão para o fogo que, lenta e seguramente, devorava a escuridão do céu do norte, oferecendo-lhes a promessa de ressurreição e paraíso.

CAPÍTULO XXXV

O calor sufocante oprimia o povo e poucos andavam pelas ruas de Roma. Muitos cidadãos estavam em suas camas, e até mesmo os soldados cochilavam em seus postos. César estava em Ántio, e sua corte o acompanhara até lá. Assim, nenhuma patrulha barulhenta quebrava o silêncio das ruas, e os pobres e comerciantes, os únicos que ainda permaneciam na cidade, logo estariam dormindo.

Mas perto do Circo Máximo, entre lojas e barracos de madeira, figuras sombrias iam e vinham, parando aqui e ali, depois se apressando novamente, deixando atrás de si rastros como de vagalumes que se espalhavam e se alargavam, transformando-se por fim em enormes flores de chamas.

Então o povo despertou, correndo de suas casas, apressando-se em direção ao Circo, apenas a tempo de ver o fogo irromper dali, repentino e terrível, formando uma montanha elevada de luz incandescente. Esse canto de Roma fora bem escolhido pelos agentes de Popeia. Depósitos de óleo e a antiga madeira dos barracos alimentavam a conflagração solta sobre a noite pesada e carregada de calor.

O povo ficou atônito e em pânico diante de homens ferozes que guardavam os círculos de fogo, ameaçando-os de morte quando tentavam conter as chamas. "Temos autoridade dos mais altos do império para queimar esses formigueiros, para destruir toda essa toca", gritavam, brandindo facas, dançando e cantando com louca alegria. Protegidos por capangas armados, jovens lançavam tochas em chamas nas lojas e casas, sem se importar com as vidas que ainda pudessem estar dentro delas.

Velhos e doentes morreram sufocados ou foram assados vivos como num forno. Dezenas foram pisoteadas até a morte nas pedras das vielas estreitas ou envolvidas por fitas de fogo que torciam e voavam pelas ruas, bloqueando-lhes o caminho. Logo o fogo saltou e se espalhou pelo amplo vale entre os montes Aventino e Palatino; multidões gritavam, clamavam e lamentavam enquanto corriam à frente das chamas.

Nas primeiras horas, a autoridade havia abandonado a cidade. Os soldados que fingiam ajudar os ricos enquanto suas mansões queimavam, vieram apenas para saquear e pilhar naquela primeira noite e manhã, sem fazer nenhum esforço valente para conter as chamas.

Estas, como batalhões escarlates, subiam os aclives das colinas, atacando até mesmo o antigo palácio dos Césares, cercando-o, varrendo-o de seu caminho. Noite com auréolas de fogo, dia coberto de fumaça; dor, medo, caos, horror. Hillel e seus companheiros foram os únicos a se regozijar quando os templos dos antigos deuses ruíam como se atingidos pelo martelo de seu Senhor.

Naquela primeira noite fatídica, quando Marcos e Pedro permaneciam sozinhos na Casa da Videira, oraram por um breve momento; depois, levantando-se, saíram à rua. Ali encontraram o grupo frenético reunido em torno de Hillel, e Pedro ordenou com firmeza que não se comportassem de forma tão indecorosa e os convocou à câmara de assembleia, onde poderiam celebrar a Hora da Vigília e ouvir a Vontade do Espírito Santo.

"Mas Cristo vem!", clamou Hillel. "A qualquer momento, os céus se abrirão e Ele aparecerá em glória. Não O veremos se estivermos fechados na escuridão da casa. Não testemunharemos Sua glória quando os anjos anunciarem Sua chegada."

Pedro tentou novamente falar com ele, buscando convencê-lo com razão; mas era como falar ao vento. Hillel passou por ele, conclamando os diáconos e demais a seguirem-no, entoando salmos de louvor e gratidão ao Senhor.

E todos os mais jovens foram tomados de êxtase por seus gestos e palavras. Assim, em marcha ordenada, desceram a rua cantando os salmos de Davi — rostos radiantes, olhos em chamas de esperança, alegria e êxtase, crendo verdadeiramente que o Juízo Final havia chegado e que logo seriam levados como Elias aos céus serenos e sombrios.

Então, tristemente, mas com serenidade, Pedro e Marcos voltaram à Casa da Videira. Lá, na companhia de Eustáquia, Paula e Melânia, buscaram o conselho do Espírito e foram orientados a encontrar os membros da comunidade que viviam em Roma. Deviam socorrer os feridos, dar abrigo aos desabrigados, abastecer a casa e também vigiar e orar.

Durante dois dias e noites, Marcos e o apóstolo quase não dormiram, indo de um lado a outro para ajudar os velhos, os mutilados pelo fogo e os sem-teto, orando com eles, velando por eles. E, então, nas horas antes do amanhecer, repousaram, caindo em profundo sono de exaustão.

Foi no terceiro dia do incêndio que Marcos e Pedro, revigorados por esse descanso, saíram em busca de companheiros desaparecidos. Encontraram novamente Hillel e os diáconos e cristãos que o seguiam. Estavam de pé, observando uma mansão em chamas, e seus rostos eram tão felizes que um romano lhes gritou:

"Estais contentes com essa destruição, então?"

"Sim", respondeu Hillel, "pois é um sinal do Fim. Meu Deus lançou fogo sobre esta cidade abominável, e meu coração se alegra, porque Ele não descansará até que tudo esteja destruído e não reste pedra sobre pedra."

"Ladrão, incendiário!", gritou o romano. "Tu és um dos que incendiaram a cidade", e golpeou Hillel ao chão. Então, alguns de seus amigos que estavam por perto começaram a espancar os cristãos e tê-los-iam porventura matado, se gritos de que o fogo os cercava não os tivessem feito recuar e fugir daquele caminho estreito.

Os cristãos apenas se alegraram com os ferimentos e pancadas que receberam; e Hillel começou a pregar para eles, mas cessou ao perceber Pedro e Marcos ali por perto. Pois, em seu coração, sentia vergonha por ter desobedecido ao comando do chefe da Igreja.

Mas antes que Pedro pudesse falar com ele, um patrício, usando a insígnia de seu posto, surgiu cambaleante de uma vila que agora estava em chamas, sendo devorada pelo fogo. Meio cego e desesperado, chamou Hillel, pedindo ajuda a ele e a seus companheiros para salvar sua filha, que havia caído e estava sendo sufocada no saguão da casa.

"Não, senhor", disse Hillel. "Não levantaremos a mão para te ajudar, nem aos teus. Pois este é um fogo purificador enviado por Deus, e todos, exceto os eleitos, serão consumidos por ele."

"Estás louco, tomado pela loucura do fogo!", gritou o patrício, e voltou-se a outros, implorando, dizendo que sua esposa e filhos mais velhos já haviam perecido, e esta, sua filha mais nova, era a última viva de sua família. Mas apenas Pedro e Marcos se apressaram, movidos pela dor daquele homem. E, lançando sua capa, Pedro foi o primeiro a entrar tropeçando na fumaça que agora formava uma nuvem sufocante ao redor da casa.

Lutando para avançar, os três finalmente encontraram o corpo encolhido de uma mulher, e o arrastaram para fora, mesmo quando línguas de fogo saltavam contra eles. Então, ao chegarem ao ar livre, longe da escuridão da fumaça espiralante, Pedro caiu ao chão, vencido, como um morto.

A exaltação desapareceu, e Hillel e seus seguidores, por fim, prestaram ajuda. Erguendo o corpo do velho apóstolo, carregaram-no até um espaço aberto, onde o ar estava livre da fumaça. Deixaram para trás o patrício, lamentando sobre sua filha morta. Então, subitamente, rindo e gritando como louco, ele se levantou de junto dela e, correndo em direção à fornalha que fora outrora seu lar, lançou-se nas chamas devoradoras.

Os irmãos conseguiram uma liteira com Pomponia Grecina e, colocando Pedro nela, o levaram de volta à Casa da Videira. Mas agora até mesmo essa morada, ou o que restava dela, era ameaçada pela maré de fogo que avançava, e Linus, que havia retornado a Roma vindo do norte da Itália justamente naquele dia, consultou-se com Marcos.

Eles decidiram levar Pedro e outros irmãos feridos para os Túmulos, onde, dizia-se, se houvesse espaço, os vivos poderiam ser salvos ao se refugiarem entre os mortos.

Mas quando contaram o plano a Hillel e lhe pediram ajuda para carregar os doentes, ele respondeu:
"De que vale tal esforço? A qualquer momento Cristo aparecerá nas nuvens e a Última Trombeta soará. Seremos então cercados por hostes de anjos e levados aos céus. Não é nossa tarefa erguer as mãos, mas esperar aqui e vigiar, orando para que esse momento, que pode chegar dentro de uma hora, não nos encontre distraídos, como ladrões na noite. Devemos estar, como é devido, aguardando nosso Senhor, entoando salmos de louvor."

Sem dizer mais palavra, Marcos e Linus afastaram-se dele e, reunindo aqueles que não foram influenciados por seu discurso, prepararam-se para partir. Pouco depois, um pequeno grupo de pessoas, curvadas sob pesadas cargas, saiu da Casa da Videira, murmurando orações, dirigindo-se aos Túmulos.

CAPÍTULO XXXVI

Ao entrarem na cidade, parecia a Nero e seus companheiros que o próprio vento havia se tornado visível, tomando formas monstruosas que, como cavaleiros vermelhos gigantes, cavalgavam sobre os vales e colinas de Roma. Profundamente abalado, César mandou parar sua escolta e, tirando uma tábua de cera da túnica, escreveu três ou quatro versos. Mas não permaneceu ali por muito tempo e, partindo novamente, logo chegou à orla da sombra sangrenta, à beira do terror. Quando se aproximaram do Palatino, Tigelino hesitou, seu rosto empalideceu, e ele declarou que era loucura seguir adiante, pois o calor os queimaria vivos ou a turba, em frenesi, os esmagaria como uma onda.

"Sou o pai do meu povo", respondeu Nero. "O perigo deles é o meu. Meu lugar é com eles nesta hora."

Ao falar assim, era de fato o imperador — verdadeiro herdeiro da casa de Júlio, nobre em sua bravura. E os guardas, esquecendo seus cabelos perfumados, o ator e o bufão de outrora, olharam para ele e o amaram, murmurando: "Não é de se estranhar que César seja o ídolo do povo, sua admiração e seu deus."

Mas logo tudo mudou. Mensageiros ordenaram que Nero se apressasse, pois o lar da autoridade estava em grave perigo. Rapidamente, o pequeno grupo subiu o Palatino e logo viu a condenação do Palácio dos Césares. Era uma coroa de serpentes douradas, o diadema reluzente de Roma. Contemplando aquela joia derretida, César arrancou os cabelos, dançou de raiva e depois chorou como uma criança. Já não era o augusto César, o pai protetor de seu povo.

"Quem causou esse horror terrível?" gritou. "Que inimigo me feriu na alma? Mandarei açoitar os escravos. Encontrarei, prenderei e crucificarei os malfeitores. Aqui perecem tesouros inestimáveis — pinturas, esculturas, os antigos livros do Egito, os rolos da Babilônia; aqui já jazem em cinzas minha poesia e meus versos imortais..." E assim continuaria Nero a lamentar-se, se o capitão da guarda não lhe dissesse que talvez alguns dos objetos de valor pudessem ainda ser salvos. Ele dispunha de homens ousados e resolutos, prontos a arriscar a vida por amor ao César.

Com isso, Nero se animou e rapidamente deu suas ordens. Liderando doze homens, procurou uma entrada nos fundos do edifício, caminhando sobre calçadas em brasa e mergulhando em um manto de fumaça. Lutaram contra aquela escuridão sufocante, tossindo, engasgando, enquanto grandes vigas desabavam ao redor. Alguns conseguiram entrar e retornar com pequenos tesouros — pinturas, pequenas figuras. Mas outros, entre eles o próprio Nero, foram obrigados a recuar, vencidos, impotentes, diante do vapor negro que jorrava. Em pouco tempo, todo aquele vasto edifício estava tomado, as chamas rugindo alto, como se as serpentinas de fogo quisessem tocar o céu.

Nero quase desmaiou; mas agora a necessidade do povo dominava sua mente. Ignorando os conselhos cautelosos de seus favoritos, apressou-se para o centro da cidade antiga; e quando vacilaram, mostrando sinais de medo, ele disse com dignidade: "Covardes, não arrisquem suas vidas comigo. César vai sozinho, para morrer se necessário, mas para estar entre seu povo."

Os cortesãos, em silêncio, aceitaram o insulto, e se retiraram com alívio, deixando o imperador seguir a pé, sozinho, em meio ao formigueiro de criaturas desesperadas, até o coração daquele círculo dourado de luz.

Naquela tarde e noite, o jovem imperador viu muito que o comoveu à ira e à tristeza — seus próprios soldados saqueando, homens e mulheres enlouquecidos pela dor; desordem, confusão, e os mesmos em quem confiara para zelar por Roma, mostrando-se traidores nesta hora de terror.

Sem medo, arriscou a vida repetidas vezes nas ruas estreitas e tortuosas, com o rosto enegrecido, os cabelos chamuscados, a túnica reduzida à espessura de papel pelo calor da fornalha. Arrastou uma mulher presa sob uma porta em uma casa em chamas, salvando-a da morte certa. E quando seu marido, um liberto rico, lhe ofereceu ouro em abundância como recompensa, Nero riu, dizendo: "Sou César, guardião de meu povo, e só desejo o amor deles como recompensa."

Dizendo isso, desapareceu por um beco coberto de cinzas, deixando o liberto perplexo e profundamente envergonhado.

Era hora de restaurar e impor autoridade. A multidão faminta saqueava lojas em busca de pão enquanto cidadãos honestos passavam fome. Inúmeras pessoas com ferimentos horríveis jaziam sem socorro sobre as pedras, perdidas dos seus, deixadas para morrer lenta e solitariamente em grande agonia.

César reuniu oficiais, governadores e certos senadores. A cada um deu ordens, designando tarefas específicas, ameaçando de morte qualquer um que falhasse com Roma naquela hora. Estoques deveriam ser trazidos de Óstia; abrigos erguidos para os desabrigados no Campo de Marte e em seus próprios jardins; o Panteão e os Banhos de Agripa abertos ao povo.

Assim, mesmo antes de Nero aventurar-se pelas ruas, já havia lançado os primeiros fundamentos da ordem e do governo. Mas, após vagar pela cidade condenada, estava como um homem possuído por sete fúrias de energia, dirigindo todos os fios do governo, trabalhando dia e noite, dormindo apenas em breves intervalos ou durante o calor do meio-dia.

Na madrugada do quarto ou quinto dia, Tigelino e Popeia se encontraram à porta do aposento de César. Pela primeira vez, esses dois inimigos estavam unidos, aliados por um propósito comum.

Ouviram sons que indicavam que César já se mexia lá dentro, e Popeia entrou suavemente, acenando para Tigelino que a seguisse, e ordenou aos escravos que se retirassem.

Quando estavam a sós com Nero, Popeia falou com urgência e paixão:
"Tenho um pedido a fazer ao meu senhor. Não vá à cidade hoje. Fica comigo aqui. Preciso de ti, de tua música e da certeza do teu amor."

"Não agora," disse Nero. "Não é tempo de amor ou música. Preciso visitar cada bairro da cidade hoje."

"Pode significar tua morte, ou o colapso de tua autoridade," exclamou Tigelino repentinamente. "Se atravessares o rio enquanto o fogo ainda queima, enquanto um povo enlouquecido corre de um lado a outro, incitado por teus inimigos a te ferir... César, trago notícias graves. Espiões me contam que há quem diga que o próprio imperador ordenou que Roma fosse incendiada. Que a profecia de que o último da linhagem de Enéias destruiria a cidade está se cumprindo."

"É uma mentira vil e abominável!", gritou Nero.

"Sim; mas aceitarão tua negação nesta hora de calamidade?", perguntou Tigelino.

"Conspiradores se lançarão contra ti e tua escolta e te matarão," lamentou Popeia. "Apenas a morte espera César naquela cidade maldita!"

Por um momento, Nero vacilou, hesitou; incerto e amedrontado, voltou-se para uma janela que dava para um amplo espaço aberto.

O brilho do fogo intensificava o vermelho carmesim do nascer do sol; e, olhando para ele, César viu a aurora mais radiante que já iluminara as Sete Colinas, que se erguiam como sentinelas em torno daquela cidade antiga, agora desmoronando, dissolvendo-se, desaparecendo.

No silêncio, lenta e seguramente, o lado sombrio — aquele que Paulo chamara "a metade sem luz da alma de César" — recuou como um escravo açoitado e humilhado. A outra metade tomou o controle quando ele estendeu a mão, apontando para a cidade em chamas, além do rio:

"Irei à cidade para estar entre meu povo, sem escolta armada e sozinho. Irei morrer com eles."

E quando Popeia, com lágrimas, e Tigelino, com insistentes palavras, tentaram dissuadi-lo, Nero se enfureceu e os ordenou ao silêncio. E, diante de uma majestade rara naquele jovem imperador, ambos obedeceram.

Mas, nas horas que seguiram sua partida rumo à cidade, Tigelino fez secretamente preparativos para fugir. Não queria ser apanhado ali, naquele pavilhão, se no dia seguinte outro — um usurpador — reinasse.

Popeia convocou o mago. E, em pouco tempo, sentiu-se reconfortada pelas palavras dele, que garantiu que a Casa Imperial jamais estivera tão firmemente estabelecida, tão livre de perigos — os astros estavam todos a seu favor nessa semana de ruína e desastre.

"Paciência e coragem, filha," disse ele. "O fogo logo será contido e boa parte de Roma será preservada. Então, sim, teus astros brilharão, e uma grande e maravilhosa cidade surgirá destas cinzas. Apenas confia em mim, e ascenderás a um esplendor e conquistarás um poder jamais visto sobre esta terra."

CAPÍTULO XXXVII

Nero não recuou nem desfez as palavras ditas na aurora. Hora após hora, caminhou pelas ruas, exercendo autoridade, dando ordens no Campo de Marte ou planejando medidas para a segurança do Capitólio e do Fórum; em outros momentos, continuava a andar a pé, sem escolta, entre o povo.

Alguns murmuravam e o olhavam de soslaio. Ninguém o saudava com aclamações, nem lhe fazia lisonjas, nem demonstrava preocupação com sua segurança. Muitos estavam tão abalados que sequer o reconheciam — ou, se reconheciam, pouco lhes importava sua presença. Um terror comum nivelava todos os homens, e a preocupação coletiva com a dor ou com a fome fazia com que César, em muitas ruas, passasse despercebido entre as multidões.

Em um espaço aberto, entre as ruínas de um templo destruído pelo fogo, três homens depararam-se repentinamente com Nero. Um deles, um comerciante, o abordou:

"És tu César?", perguntou com ousadia.

"Sim," respondeu Nero, mal levantando a cabeça, que estava inclinada em pensamento.

"Então és um assassino, pois foi por tuas ordens que Roma arde, e muitos pereceram em tormento."

"Mentiroso — escravo — serás crucificado por essas palavras," gritou o imperador.

"Não," disse o comerciante. "Estamos aqui a sós, homem a homem. Não podes escapar ao teu destino. Vi minha esposa e filhos morrerem entre as chamas diante de mim — e assim tu morrerás." E, sacando um punhal, avançou com cautela, atento a qualquer gesto de defesa.

Mas, naquele instante, o orgulho imperial revelou uma dignidade rara. César desatou sua túnica e expôs o peito, dizendo:

"O culpado se defende ou foge. Sou inocente, por isso não temo morrer. Fere — cumpre tua obra com firmeza e rapidez."

O homem se aproximou, braço erguido. Mas, ao encarar os olhos de Nero, viu neles a verdade; e, de súbito, sua determinação falhou. Recuou, lançou fora o punhal, e atirou-se aos pés de César, chorando amargamente:

"Perdão — gracioso César, perdão. Estava louco de fome e dor."

E os outros dois homens uniram-se ao companheiro quebrantado, também implorando clemência.

Por um momento, Nero nada disse. Mas, enfim, ergueu o homem que se prostrava a seus pés e falou com cansaço, mas sem raiva:

"Vinde, segui-me, e vos darei comida e dinheiro. Vossa dor é minha dor, vossa perda é minha perda. Mas prometei que nada contareis desse encontro. Será um segredo entre nós quatro."

E os três homens deram sua palavra. Quando César ordenou a um oficial no Campo de Marte que lhes providenciasse tudo de que precisassem e lhes encontrasse abrigo, maravilharam-se com sua clemência e coragem. Desde aquela hora, passaram a venerar o jovem imperador, oferecendo-lhe aquele amor que ele conquistava com atos raros como esse — atos que levavam até Paulo, em outro momento, a crer que um anjo, e não apenas um demônio, habitava o espírito de César.

Mas esse encontro e a ameaça à sua vida fizeram com que se sentisse envergonhado, pois tantas vezes desejara, no passado, que Roma fosse nivelada ao chão, por desagrado com sua feiura. Agora, sentia-se abatido diante de tanta miséria e dor, da loucura que possuía tantos daqueles que, em tempos mais felizes, ele chamava, ainda que meio em brincadeira, de seus filhos.

César retornou ao entardecer ao seu pavilhão e, após banhar-se, comer e recuperar-se, Popeia — que passara horas se preparando para aquele momento — aproximou-se e disse: "Não sou bela aos teus olhos?"

"Não és mortal — és uma deusa," ele sussurrou, fitando-a com reverência. "Estás mais bela do que nunca."

"Então fica comigo... e esquece tuas dores."

E porque Nero queria prestar homenagem à beleza de Popeia, ele ficou — ainda que meio relutante. Ela o fez falar, e ele lhe contou tudo o que lhe havia acontecido naquele dia, de como enfrentara a morte e demonstrara clemência aos que tentaram matá-lo. Mas ela deveria guardar aquilo como um segredo precioso, pois o grande homem conta apenas à sua amada os feitos de bravura. E, como um galo de crista vermelha, ele desfilava diante dela, reencenando a cena, lançando para trás a cabeça ruiva uma e outra vez, e com os braços cruzados, encarava o algoz.

Ela o aplaudiu, oferecendo-lhe a lisonja que ele desejava. Então, quando ele ameaçou voltar à cidade em chamas, ela o tentou, dizendo:
"Faz um poema sobre a morte de Roma. Coloca nesse lamento o herói, César, e narra as maravilhas que realizou."

Nero permaneceu em silêncio e olhou sobre seus jardins, percebendo os abrigos que mandara erguer para os desabrigados e, além deles, do outro lado do rio, aquele pilar de fogo.

"Compartilhei tudo com meu povo," disse ele, "a dor, o perigo, até a morte. Mas não cantarei sobre César, cantarei sobre os últimos dias da Roma antiga. Isso é um bom pensamento teu, Popeia. Já há palavras ardendo dentro de mim. Farei um poema que será cantado até o fim dos tempos."

"Palavras imortais — um canto eterno," exclamou Popeia. "E nas eras que virão, os soldados recitarão teu poema ao redor das fogueiras. Vejo o povo comum entoando esse grande lamento ano após ano, geração após geração; de forma que, embora o nome do imperador Nero possa ser esquecido, o nome do poeta Nero será lembrado enquanto a canção existir."

Inspirado por suas palavras, César chamou seu escravo: "Minha harpa — minha harpa!" E novamente desfilou como um galo, lançando para trás a crista vermelha, de modo que para Tigelino, que entrava no salão de banquetes antes do escravo, Nero pareceu uma figura risível, um espetáculo tolo. Mas o favorito se conteve e disse:

"Boas novas, César. Meus espiões relatam que o povo não amaldiçoa o imperador. Dizem que seus oficiais corruptos, desejando saquear, incendiaram a cidade enquanto estavas em Ántio."

"Não me importo com o que dizem," gritou Nero. "Sai da frente, homem, sai! Uma grande poesia está nascendo. Preciso sair e encontrar aquela centelha que acenderá a lâmpada da minha imaginação."

E com isso, tomou a harpa das mãos do escravo e atravessou os cômodos apressadamente, até chegar a uma escada. Subindo os degraus correndo, lançou-se para o telhado; e, ofegante — pois havia comido em abundância —, contemplou a vasta extensão do mundo abaixo de si e os céus estrelados acima. Em outra ocasião, seria uma noite clara; mas as estrelas brilhavam fracamente, suas luzes obscurecidas pelo brilho mais próximo e intenso junto ao rio, pelas massas de fumaça que, devido ao vento que cessara, pairavam como um manto sombrio sobre a cidade.

Por um tempo, Nero franziu a testa e andou de um lado para o outro. Então, ao perceber Popeia e Tigelino observando-o, pegou a harpa e, assumindo a postura que acreditava ser a de uma antiga estátua de Apolo, começou a tocar e murmurar palavras — e desse murmúrio nasceu o canto.

Subitamente, como uma trombeta, sua voz poderosa ressoou pelos jardins, e seu novo e eterno poema soou aos ouvidos do povo sem teto, que jazia em sua miséria nos abrigos espalhados por suas grutas e jardins.

Eles não entenderam as palavras do poema, mas reconheceram a voz.

Já a haviam ouvido muitas vezes no teatro. Era inconfundível, e sussurraram uns aos outros:
"César declama seu poema 'Tróia'.

César mandou incendiar Roma para que pudesse cantar seus próprios versos às chamas. Ele é, primeiro, ator e charlatão — e só por último, imperador."

E alguns dentre esse povo deixaram seus abrigos e, por diversos caminhos, atravessaram o rio, procurando outros que ainda estivessem acordados para contar-lhes sobre a frieza de seu imperador, que via na ruína de Roma apenas um cenário para sua atuação, um pano de fundo para seu canto.

A história se espalhou de boca em boca e foi distorcida de muitas formas: alguns diziam que César, vestido como ator, estava se apresentando no teatro, indiferente ao destino do povo. Outros afirmavam que ele estava sobre a Torre de Mecenas, cantando sobre a queda de Ilion. E o povo murmurava e resmungava, e o desespero, escuro e profundo, instalou-se nos corações da multidão.

Mas, inspirado pelo ardor da criação, Nero continuou a cantar, facilmente, incansavelmente, enquanto a noite avançava — e o mar de fogo também — alcançando quase as margens do rio Tibre.

Era, de fato, a hora mais sombria do desespero. Toda esperança havia desaparecido, e o povo acreditava que toda Roma pereceria, que diante deles havia apenas ruína e morte inevitável.

Mas o poeta estava plenamente satisfeito. Nunca havia criado tamanha beleza em forma de canto. Seu lamento era, acreditava ele, certo de alcançar a imortalidade — aquela fama sem idade que, segundo sua convicção, elevava o artista acima e além de todos os outros homens. Naquela noite, Nero acreditou nas palavras de Popeia: que ele era, de fato, Apolo reinando sobre a terra.

CAPÍTULO XXXVIII

Naquelas horas de confusão estranha, enquanto os cristãos estavam inteiramente preocupados com a Vinda de Cristo e o Juízo Final, Marcos — homem de propósito firme — voltou seus pensamentos para o tempo presente e para seu mestre, Pedro. Pois parecia que o espírito do apóstolo podia se esvair enquanto jazia na "Casa da Eternidade", como os judeus chamavam os túmulos. Mas, após algum tempo, ele deu sinais de vida e pediu para ser levado ao ar livre. Esse desejo foi atendido, pois o fogo já começava a se extinguir. Longe daquelas cavernas abafadas e superlotadas, o velho melhorou. Depois, com sua determinação obstinada e a força do Espírito, conseguiu, por algum tempo a cada dia, descer com Marcos aos túmulos para consolar os doentes e ouvir a confissão dos moribundos. Diferente de Hillel, esses dois não se poupavam, mas eram abnegados, não buscando sua própria salvação através da oração contínua e da vigília pela Vinda Final.

Com o tempo, as esperanças dos romanos começaram a renascer. Medidas corajosas foram tomadas; equipes de escravos, dirigidas por supervisores, demoliam as casas ao pé do monte Esquilino. Nero circulava livremente entre eles, não abandonando seu posto até que a noite chegasse e o bom trabalho estivesse concluído, as chamas finalmente contidas, apagando-se lentamente.

Logo, restavam apenas brasas mornas do flagelo, muros enegrecidos onde ele passara e cinzas cinzentas que o vento leve soprava de um lado para o outro, suavemente.

Algumas pessoas começaram a contar seus mortos e perdas, mas a maioria se alegrava — alguns até celebravam. A alegria e a vida retornavam, pois o terror havia passado.

Hillel e seus seguidores estavam abatidos, com semblantes longos e expressões de tristeza. Pois Roma, ao contrário da Babilônia, não fora destruída.

O mago os observava de longe e, em seguida, mandou dois ou três homens espioná-los. Depois voltou sua atenção a outros assuntos. Sentia-se insatisfeito, e a palavra imperiosa de Popeia ainda ecoava em seus ouvidos:

"Não é suficiente. O palácio de Tigelino permanece de pé, com todos os seus tesouros inestimáveis. Ainda não estou vingada."

"Não é suficiente," murmurava o mago. "Durante seis dias ardeu; e haverá descanso no sétimo dia. Mas no oitavo...?"

Então recordou-se dos dias de sua infância — uma pequena aldeia nas colinas, o massacre do povo, seu pai, mãe, irmãos e irmãs mortos por soldados romanos tomados pela fúria da batalha. Haviam matado cruelmente, torturando seus pais; e o velho mago lembrava do menino trêmulo que, escondido, assistira ao sofrimento da mãe. E assim, desse ato de carnificina, surgia quarenta anos depois um grande ato de destruição — a vingança pelo fogo.

"Ainda não me vinguei por completo," murmurava o mago. "Para cada hora da dor de minha mãe, haverá um dia de aflição para o povo de Roma — um dia de terror crescente e absoluto."

Então procurou seus homens escolhidos e falou-lhes do saque que poderiam realizar na casa de Tigelino; mas teriam de agir com astúcia, com sabedoria.

Seguindo suas instruções, eles primeiro acenderam rastros de fogo entre as casas agrupadas na extremidade norte do Fórum. Quando essas estavam bem inflamadas e os guardas e o povo ocupados com esse novo foco, correram à casa de Tigelino. Os guardas que estavam ali foram convocados a ir ao Fórum, juntar-se aos companheiros e manter a ordem, para que não surgisse novo pânico. Pois o pânico significava morte — a turba, enlouquecida, correndo para todos os lados, esmagando-se mutuamente, e até lançando-se às chamas.

E duas pessoas em Roma conheceram a sensação extática de uma vingança consumada, e a alegria do triunfo quando uma grande fogueira iluminou a noite sem estrelas que cobria a cidade.

"A vila de Tigelino queima," exclamou César. "Esta é obra dos meus inimigos, atacando-me através dele. Nenhuma tortura é lenta ou cruel o bastante para tais escravos infames. Tesouros de escultura, pintura, presentes preciosos dados por mim, tudo perece. Nada, de fato, pode ser salvo agora. Mas não descansarei até que esses incendiários sejam encontrados. Não descansarei até que esteja vingado."

E Popeia falou com igual veemência, lamentando em voz alta a perda sofrida por Tigelino, enquanto, para si mesma, sussurrava:

"É o suficiente. Agora posso descansar. A vingança está satisfeita."

Numa sala lotada da Porta Capena, Hillel e seus seguidores dormiam profundamente, exaustos do jejum e das longas horas de vigília e oração dos últimos seis dias. Só de manhã bem cedo foram despertados pelo clamor do povo nas ruas e souberam, por meio de Tabeal, que, nas trevas da noite, Cristo lançara brasas flamejantes do céu, as quais ainda consumiam Babilônia — rua por rua, templo após templo. O Capitólio e o Fórum estavam ameaçados; o Templo de Hércules logo deixaria de existir. Outros locais de adoração pagã pereciam, e em breve nenhum restaria.

Então Hillel, seguido por Tabeal, Hermes, Filólogo, Júnia, Hamul, Nereu e outros, saiu para aquela alvorada em chamas e, novamente marchando em procissão, entoavam salmos de louvor. E quando os espiões do mago lhes falaram, perguntando:

"Estais alegres porque Roma queima?"

Eles responderam:

"Sim, de fato estamos alegres; pois é o sinal do fim do mundo e da ressurreição dos fiéis. É o sinal de que nosso Senhor vem, e de que o mal de Roma e da própria Terra passará."

Os espiões relataram essas palavras ao mago, e ele os ordenou que guardassem silêncio e voltassem a vigiar esses homens.

"Quando este último fogo for extinto, recompensas serão oferecidas àqueles que puderem nomear os incendiários," disse Joás. "Falai então do que sabeis, e recebereis boa soma em dinheiro e os agradecimentos de César e de todo o povo de Roma."

CAPÍTULO XXXIX

A última chama fora apagada pelas águas amareladas do Tibre. Das catorze regiões de Roma, três haviam sido arrasadas e sete estavam danificadas e desoladas pelo fogo.

Um mundo de cinzas e um povo exausto, sem ânimo para o riso ou o canto; um povo sombrio e amargo, que falava abertamente contra César, alguns o acusando de muitas mortes, de muitas dores, de ser o causador da ruína da cidade. Quanto a César, ele ouvia Popeia — agora mais feiticeira do que nunca — que ocupava-se em bordar fantasias, falando da nova e bela cidade que surgiria dessas ruínas. Ela pôs na mente de Nero a ideia de que ele deveria exigir de Sêneca uma parte de sua riqueza para essa reconstrução. O imperador ficou satisfeito com esse conselho, de colher o "ovo de ouro" do ninho do velho filósofo. Mas era difícil tocar no assunto quando ele e Sêneca estavam juntos. As palavras não vinham, pois Nero respeitava Sêneca como a um pai e tinha certo receio daquele sábio cujos conselhos ignorara nos últimos anos, quando se entregara aos prazeres secretos ao lado de Tigelino.

Assim, por algum tempo, os dois — o imperador e seu antigo tutor — falaram apenas dos planos para a reconstrução de Roma.

"Uma multidão de livros," disse Sêneca, "mais confunde do que instrui aquele que aprende. Vinte mil livros foram queimados em Alexandria. Não foram um monumento digno da realeza, mas um excesso estudioso acumulado por vaidade e orgulho real. Que não haja excesso de livros ou obras de arte reunidos para a nova cidade. Que nada seja colecionado por ostentação."

"O excesso, seja de livros ou de arte, é," disse Nero, subitamente ousado, "uma falta menor do que o excesso de riqueza. Velho avarento, acumulaste a maior fortuna do Império."

Sêneca não pôde negar a acusação, pois era verdadeira. Mas não demonstrou vergonha alguma, respondendo serenamente:
"Vim apresentar minha fortuna a César para a reconstrução de Roma."

"Bem dito!", exclamou Nero. "E eu acrescentarei minha riqueza à tua. Não descansaremos até que o último denário tenha saído de nossos cofres."

"A vontade de César é a minha vontade," disse o sábio, curvando-se respeitosamente.

"Devemos também dar de nós mesmos," continuou Nero, satisfeito com a oferta do velho. "Voltarei a seguir teus conselhos. Não serei mais coruja da noite nem fugitivo da luz. A partir de agora, levantarei ao amanhecer e, trabalhando o dia inteiro, projetarei a cidade mais bela que já se ergueu sobre esta terra. Tigelino pode passar suas noites em vinho e perfumes. Eu não estarei mais em sua companhia."

"Aquele que abandona o dia comum, eu o conto entre os mortos," respondeu Sêneca. "De fato, ele pouco se distingue de seu próprio funeral — existindo apenas sob tochas e velas."

E o sábio continuou a pronunciar máximas sobre o valor de acordar cedo e outras virtudes nobres. Mas César já estava em idade em que se cansava dos longos discursos do velho filósofo, cujas palavras logo se perdiam no ar vazio.

Então, percebendo-se sem ouvinte, Sêneca retirou-se lentamente, arrastando-se até a antecâmara, e ali falou ao seu escravo pessoal.

"O homem que estabelece preceitos para governar a vida e moderar as paixões serve não apenas à natureza humana do presente, mas a todas as gerações futuras."

O servo, grisalho de cabelos e de rosto, tal como seu senhor, o fitou firmemente e murmurou com um leve sorriso:
"Não estou certo de que a natureza humana deseje ser servida."

Muitos romanos teriam mandado açoitar um escravo por tamanha impertinência. Mas Sêneca apreciava uma resposta ousada e, suspirando, disse:

"Tua é apenas uma meia-verdade. Os homens brutos são surdos à sabedoria. Mas vou te dar um exemplo que prova que tua resposta é, em parte, uma mentira. Disseram-me que um homem chamado Paulo de Tarso vende minhas palavras na praça pública. Ele é um orador nato e, por meio de sua veemência ardente e da proclamação de meus preceitos — e também dos de Epicuro — tem feito com que o povo comum, isto é, tanto homens nobres quanto plebeus, abandonem a embriaguez e a vida descuidada, praticando em seu lugar a virtude. Mas à nossa filosofia ele adicionou uma superstição tola sobre um judeu que foi crucificado em Jerusalém. Esse judeu, Paulo afirma, é um deus e retornou dos mortos, aparecendo a seus discípulos em diversas ocasiões. Os mortos podem retornar como fantasmas, mas nós não os saudamos como deuses. Em resumo, os sábios ensinamentos divulgados por esse homem, Paulo, serão esquecidos após sua morte, porque ele os manchou com uma fábula tão supersticiosa que nenhum homem sábio a aceitará no futuro. As mentes dos homens só podem ser purificadas pela razão e pelos preceitos. A filosofia

não pode se fundar em fábulas, pois, se o fizer, falhará e jamais conquistará os ouvidos nem as ações das gerações futuras de homens."

"Portanto, devemos nos empenhar em preservar-nos da tristeza, do medo e dos desejos secretos, ordenando nossas vidas à luz da razão e buscando, na meditação, o bem que o mundo e o homem não podem nos oferecer."

O escravo era, em segredo, seguidor de Cristo. Mas não respondeu em palavras, apenas curvou a cabeça como se assentisse aos últimos ensinamentos de Sêneca, que era considerado pelos romanos o mais sábio vidente do mundo conhecido.

Após os nove dias de fogo e ruína, Pedro e Marcos convocaram Hillel à sua presença. Discutiram com o gaulonita, mas perceberam que não podiam transpor o abismo entre suas doutrinas e as crenças daquele homem. Pois não era possível mudar sua natureza inflexível. Ele não se interessava pela moderação das paixões e ainda falava de vingança e da ira de Deus.

Então Pedro enviou mensageiros que convocaram todos os fiéis a um local solitário no campo, fora de Roma.

Naquela tarde, uma hora antes do pôr do sol, uma multidão se reuniu ali e, quando todos foram contados e registrados, o apóstolo orou pedindo orientação. Depois que cantaram um hino de ação de graças, Pedro ergueu a voz, dizendo:

"Irmãos, estamos aqui não apenas para adorar e agradecer, mas para decidir o futuro da Igreja em Roma. Marcos, Lino e eu estamos de acordo, e Hillel, a quem todos conheceis bem, se separa de nós e não fará parte da nossa comunidade. Cabe a vós escolher se Hillel ou Lino será o Supervisor da Igreja Romana no tempo que se aproxima. Em breve partirei para outras terras, a pregar a Palavra aos que estão em trevas. Mas, antes de partir, nomeio mais uma vez Lino como Supervisor e vos peço que o obedeçais e o honreis como chefe da Igreja Romana. Hillel perdeu nossa confiança como santo e irmão. Pois nestes dias passados, enquanto o fogo devastava Roma, ele e seus seguidores andavam por aí falando contra César e proclamando a ira e a vingança de Deus."

"Não quero que penseis que julgo esse homem levianamente. Lutei com ele em espírito. Dediquei muitas horas à oração e à meditação sobre seus atos e palavras. Mas agora estou certo em meu coração de que ele não é seguidor de Cristo. Pois, quando o fogo ardia e gentios lhe suplicaram ajuda, ele se recusou a agir e não ergueu a mão para salvar uma mulher que perecia nas chamas, rejeitando até mesmo as preces do marido aflito. Nosso Mestre nos ordenou que amássemos nosso próximo e abençoássemos nossos inimigos. Eu vos pergunto: a conduta de Hillel demonstra amor fraternal? Mostra sequer compaixão? Esse homem se recusou a ajudar Marcos e os irmãos quando precisavam de braços para levar os enfermos de nossa comunidade aos túmulos. Pensou apenas na própria salvação. E torno a vos perguntar: tal conduta é digna de um seguidor de Cristo?"

Aqui a voz de Pedro tornou-se apenas um murmúrio, pois era velho e a fraqueza facilmente o dominava. Temendo que ele perdesse o controle sobre o povo, Marcos adiantou-se e repetiu as últimas palavras sussurradas pelo apóstolo.

"Nosso Mestre nos mandou amar uns aos outros. Mas Hillel quer que odiemos o próximo e, em seus atos, mostrou que em seu coração não há misericórdia, nem compaixão, nem amor."

E quando Marcos queria prosseguir, Hillel lançou-se à frente, exigindo ser ouvido e autorizado a responder à acusação. Não esperou sinal do apóstolo, mas falou com rapidez — e foi, de fato, como uma fonte jorrando veneno. Contou ao povo os sofrimentos dos judeus, de como foram massacrados pelos romanos. Expressou seu ódio contra essa raça imperial com palavras que conquistaram os escravos e judeus entre os ouvintes. Falou dos sinais do fim do mundo e declarou que o fogo era o primeiro deles. Outros logo viriam: terremotos, inundações, pestes que destruirão governantes e tiranos. Suas palavras eram estranhas e insanas, mas ele conquistou metade da multidão, de modo que, ao chamá-los a segui-lo e serem seus discípulos — pois apenas ele conheceria, através do Espírito, a hora da vinda do Messias — muitos se declararam por ele.

E houve gritos: "Eu sou por Hillel, o gaulonita!" ou "Eu sou por Simão Pedro, da Galileia!"

Houve grande alvoroço e confusão; a assembleia se desfez em tumulto. E só mais tarde, ao cair da noite, Marcos soube que agora havia mais do que divisão na Igreja de Roma. Ela fora partida em duas. Duas igrejas nasceram de uma só — e seus membros passaram a ser conhecidos, desde aquele dia de cisão que se seguiu ao incêndio, como "os galileus" e "os gaulonitas".

CAPÍTULO XL

Após fugir do velho filósofo, Nero passou a conversar com arquitetos e artistas, vivendo num sonho feliz à medida que suas palavras moldavam as imagens do futuro.

"Erguerei uma cidade maravilhosa, sem igual nos tempos passados — nem na Babilônia, nem no Egito, nem na Caldeia, nem na Grécia. Ruas largas, colunatas nobres, caminhos arborizados, praças abertas, fontes brancas, e cada casa separada das vizinhas por passagens; esse é o plano geral. E no coração de Roma construirei um palácio dourado, situado em um grande parque, que será dividido em prados, bosques e jardins, contendo lagos e riachos. A Grécia deverá ceder seus tesouros artísticos; as minas trarão à luz pedras preciosas. Pintores, escultores e os melhores artistas do mundo conhecido estarão sob meu comando, para fazer desse palácio uma obra de beleza que será adorada pelas gerações futuras."

"É a visão de um poeta," disse um deles.

"E a visão do poeta é a melhor de todas," acrescentou outro.
"Quando esse poeta é nosso imortal César," respondeu prontamente um terceiro bajulador.

Mas, enquanto falava, Nero foi chamado por um sinal secreto feito por Tigelino, que havia entrado apressadamente naquele salão. Esse sinal indicava assuntos urgentes de Estado. Assim, embora irritado por ver sua felicidade obscurecida, Nero atravessou a multidão que o cercava e seguiu com seu favorito até uma pequena antecâmara.

"Más notícias, César," murmurou Tigelino, sem esperar permissão para falar. "Todo o povo murmura contra ti. Repetem a acusação de que o imperador mandou incendiar a cidade para poder construir uma nova e esplêndida Roma."

"Mentira! Infames tolos!", gritou Nero.

"Não é hora de palavras," respondeu Tigelino. "Deves convocar imediatamente os oficiais da lei e tomar conselho para instaurar um inquérito sobre o incêndio. Em verdade, César, temo por teu trono se não agires com rapidez e não demonstrares ao povo que és inocente e desejas com zelo encontrar os verdadeiros culpados."

Nero podia agir com rapidez quando era arrancado de seus versos ou de seus devaneios sobre música e arte. Mensageiros foram enviados às pressas. Ao meio-dia, juristas e guardas reuniram-se para debater e investigar o mistério do incêndio.

Naquele momento, com César ocupado, Popeia estava livre para buscar o verdadeiro autor da ruína da cidade. Sentia uma alegria feroz ao entrar no calabouço onde o mago tecia seus feitiços. Ela veio, de fato, para lhe oferecer louvores e agradecimentos, e disse, enquanto ele a cumprimentava, tomando-lhe ambas as mãos:

"Mestre, estou feliz porque Nero me foi devolvido. Agora ele é totalmente meu. Posso pedir-lhe qualquer favor razoável, exceto um — e ele me concederá. E estou feliz, sim, mais que feliz. Pois em breve, não será o perverso Paulo de Tarso e seus seguidores presos e entregues à justiça?"

"Esta noite meus espiões apresentarão seus relatórios aos oficiais da guarda."

"Mas César realiza o inquérito agora."

O mago sorriu.

"Filha, é sempre um erro agir cedo demais em tais questões. Planejei para que esses espiões cheguem com suas notícias como homens comuns, e não em grupo, para que não pareça algo planejado. Mas fica certa de que esta noite Paulo de Tarso e seus amigos serão denunciados."

"Temo e odeio esse homem," murmurou Popeia, "e meu prazer é grande ao pensar em sua captura. Há mais de um ano, o sumo sacerdote me prometeu sua bênção se eu fizesse com que Paulo fosse preso, julgado e executado. Disse-me que eu era instrumento de Deus e que tal ato me traria o perdão de todos os meus pecados. E, ao relembrar os dias da minha vida passada, muitas vezes sinto medo. Mas agora serei justificada; agora alcançarei a bênção do sumo sacerdote e de Deus. Por isso, ofereço estes agradecimentos do fundo do meu coração."

Então o mago pediu que Popeia se sentasse, e a orgulhosa imperatriz escolheu colocar-se aos seus pés, fitando-o com reverência enquanto ele lhe falava em frases solenes.

"Filha, abriste tua mente para mim, por isso também falarei livremente." E contou-lhe sobre sua vida, o assassinato de seus irmãos, irmãs e pai, e da tortura de sua mãe, o tormento de seu fim.

"Desde então," disse Joás, "nunca conheci paz. A sombra de minha mãe não pode descansar nem me dar descanso. Incessantemente, ela anda pela terra, clamando por vingança. Minhas noites eram assombradas por seu espírito até que a satisfaço com o voto de que, para cada hora da dor dela, eu exigiria um dia de agonia dos cidadãos de Roma. Preparei-me para cumprir essa missão estudando magia. Entreguei-me a ela, e minha vida foi de jejum, estudo dos terríveis mistérios e prática dos ritos antigos, para que eu conquistasse os poderes imortais ao meu lado. Através deles, te elevei ao trono; através deles, tua beleza foi preservada — essa beleza que enfeitiçou César e te deu domínio sobre ele."

"E continuará assim, mestre?", ela sussurrou.

"Se nossa confiança for mantida," ele respondeu. E continuou:
"Através desses poderes imortais, exigi esses dias de agonia dos opressores romanos; através deles, a dívida está enfim paga. E creias ou não, no nono dia do incêndio, a sombra de minha mãe cessou de me assombrar, deixou de vagar e se recolheu ao silêncio e à paz da sepultura. Portanto, filha, a vingança está satisfeita; e, assim como conquistaste alegria de espírito e mente liberta, eu também conquistei um tesouro maior que todos os tesouros — a paz inviolável."

"Paz inviolável," ela murmurou. "Um desejo estranho?"

"Não para quem é vidente," ele respondeu. "Pois essa paz inviolável me dará força, concederá asas para que eu alcance os cantos mais distantes do firmamento. Fortalecido assim, sou maior que César e Sêneca. Mas não viverei apenas pelas delícias daquele mundo invisível que agora posso visitar à vontade. Viverei também para te auxiliar a governar César e, assim, dominar o mundo."

"Nas Idas de outubro deste ano, poderás dar um filho a César. Pois o perigo que te ameaçava, escrito no rolo das estrelas, já terá passado. Mas obedece-me, e não haverá perigo algum. Por fim, quero que reflitas bem sobre a natureza do poder que nos foi concedido. Através dele, poderemos afastar a calamidade de nosso povo na Judeia. Através dele, faremos com que vivam livres da opressão — e assim vivendo, prosperarão e estarão em paz."

CAPÍTULO XLI

Uma estranha e variada multidão de prisioneiros estava reunida na temível presença de César, no tribunal imperial. Muitos eram escravos, e a maioria se compunha de homens do Oriente — malvestidos, de corpos magros e marcados, que só haviam conhecido a pobreza e suas humilhações. Entre eles, viam-se um ou outro romano de aparência refinada e até um bárbaro claro do norte. Todos, qualquer que fosse sua origem, estavam perturbados e confusos, sem saber qual acusação recaía sobre eles.

Quatro mulheres de vestes brancas — graciosas e dignas — estavam um pouco afastadas do grupo amontoado de prisioneiros: Eustáquia, Maria (a camareira de Pomponia), Cláudia 1 e Melânia. Os líderes e porta-vozes do grupo eram Patrobas, 2 Hillel e Júnia.3 Por fim,

Tabeal, que possuía o dom da profecia, foi trazido pelos guardas; em sua pele viam-se marcas vermelhas onde fora açoitado. Ao passar pelas mulheres, ele sussurrou:

"Animai-vos, irmãs; todos estamos viajando rapidamente para a terra dos mortos, e além dela está nossa morada no paraíso."

1 Não confundir com a mulher de Pudente.

2 Romanos xvi. 14

3 Romanos xvi. 7

Quando César tomou seu lugar no estrado e o silêncio foi exigido, um advogado abriu os trabalhos, solicitando testemunhas e declarando a natureza da acusação.

Então, um a um, os espiões de Joás vieram e testemunharam contra os prisioneiros. Mentiram ao dizer que aqueles homens e mulheres haviam, duas vezes — uma perto do Circo Máximo e outra junto ao Fórum —, ateado fogo à cidade. Era estranho, de fato, mas apenas Joás sabia que os verdadeiros incendiários agora acusavam inocentes de seus próprios crimes.

Em outras questões, esses homens astutos contaram meias verdades: disseram que os prisioneiros recusaram-se a ajudar os cidadãos a apagar as chamas; e não mentiram ao afirmar que essas pessoas se alegraram diante do incêndio e não estenderam a mão para salvar quem morria nas chamas — ao menos isso era verdade sobre Hillel e seus seguidores fanáticos.

Patrobas, alma gentil e amigo de Pedro, foi chamado primeiro por parecer homem de sabedoria e autoridade. Havia em sua voz uma qualidade de nobreza que prendeu a atenção do tribunal e favoreceu sua causa.

1 Não a mulher de Pudens.

2 Romanos xvi. 14.

3 Romanos xvi. 7.

"É verdade," disse Patrobas, "que todos pertencemos a uma mesma comunidade e que adoramos a Deus, e a Jesus da Galileia, que era o Filho de Deus e que veio à terra para redimir os homens de seus pecados."

"Então, sois todos galileus?" perguntou um juiz.

"Chamem-nos de galileus, se quiserem," disse Patrobas, olhando para Hillel. "Um nome vale tanto quanto outro."

Assim, nesse tempo de perseguição, todos os santos passaram a ser conhecidos pelos romanos como galileus; e gloriavam-se nesse título, por seu Mestre ter vindo da Galileia.

E Patrobas prosseguiu:
"Mas somos inocentes da acusação feita contra nós por esses homens comuns, sem nome nem posição em Roma. Não incendiamos a cidade e podemos provar que essa acusação é falsa. Pois, se algum de vós já ouviu nossos mestres, saberá que é contrário à nossa fé em

Jesus, o Cristo, praticar qualquer ato de violência. Cristo nos ordenou obedecer às autoridades, viver com sobriedade e castidade, e amar o próximo, respeitando-o e não cobiçando seus bens. Ora, se observamos tais ensinamentos, como poderíamos ser culpados de buscar saques ou de arruinar nossos vizinhos incendiando suas casas?"

Outras palavras sábias e úteis foram ditas por Patrobas, e os juízes começavam a duvidar do testemunho dos espiões de Joás, quando Hillel foi chamado e interrogado. Logo que aquele homem peludo, esfarrapado, de olhos loucos e modos ferozes começou a falar, mudou-se o ambiente do tribunal. Até César, que até então parecia desinteressado, sentou-se ereto — cheio de atenção e fúria — ao ouvir o crescente fluxo de palavras desvairadas que jorravam dos lábios do gaulonita.

"Nós não incendiamos a cidade," declarou ele; "foi Jesus, o Filho de Deus, quem fez com que seus anjos lançassem tochas flamejantes do céu, que extraíssem fogo das estrelas para queimar e destruir Roma. Ó romanos, imundas e abomináveis são as vossas obras! Por isso nosso Senhor determinou que vossa cidade fosse consumida."

"É verdade então," questionou um juiz, "que vós, galileus, atearam fogo à cidade?"

"Como disse, nosso Senhor vingou o sofrimento dos pobres e dos oprimidos queimando os templos de vossos deuses falsos, destruindo os palácios que são moradas de prostitutas, e demolindo os anfiteatros onde homens morrem para vosso divertimento. Nosso Deus é amigo dos pobres e dos escravos, e em breve os exaltará e lançará os poderosos de seus tronos. O fim do mundo está próximo, e alguns que creem em Cristo se alegram com o incêndio de Roma, pois é o primeiro sinal do fim. Não ajudamos os que estavam morrendo, como estes homens aqui testemunharam, porque era justo que os romanos morressem e deixassem de cometer pecados abomináveis, impuros aos olhos de Jesus, o Filho de Deus. Em verdade, o fogo de Roma foi doce como a fumaça do sacrifício para nosso Deus. César, agora te sentas com majestade e és saudado como senhor do mundo. Mas em breve estarás no pó, mais baixo que o mendigo, e por causa do mal de tua vida serás lançado nas trevas exteriores, onde haverá tormento por toda a eternidade."

Nesse ponto, um guarda golpeou Hillel e outro tapou-lhe a boca, arrastando-o para um canto. Só havia podido falar por tanto tempo porque Nero dera sinal para que o deixassem. Havia muitos murmúrios contra ele entre os oficiais e o povo presente no tribunal.

Agora, pálido de ira, César levantou-se de seu assento. A princípio, falava com tamanha fúria que poucos compreendiam suas palavras. Mas, pouco a pouco, recuperou o controle e seu discurso tornou-se mais claro à medida que a raiva se moldava ao desejo de exibir a justiça romana e condenar os prisioneiros com ares de equidade.

"Está claro," disse ele, "que todos os que confessam ser galileus admitem ser membros de uma sociedade revolucionária, cujo propósito não é apenas o saque, mas a destruição do Império. Estes forasteiros falam do fim do mundo, que acreditam próximo, e pensam que, ferindo Roma, trarão o fim de seu domínio. Eis, então, uma conspiração vil contra todos os povos e nações que vivem em paz sob o governo de Roma. Não falarei agora de minhas perdas pessoais, nem da perda de meu querido amigo Tigelino, cujo palácio foi destruído. Mas vejo que, ao atingirem Tigelino, estes galileus esperavam atingir César. Ao destruírem

os lares de nosso povo, era intenção deles provocar tamanha confusão que levaria à anarquia. Por tanta infâmia, por tanto ódio contra Roma e contra nossos deuses, que eles blasfemam, não há tormento lento o bastante, nem tortura dolorosa o suficiente para puni-los como merecem pelo mal, pela miséria e pela ruína que causaram."

Aqui César fez uma pausa, exausto, pois o calor era intenso. Um oficial sussurrou-lhe ao ouvido, lembrando-lhe do procedimento da justiça romana, que ordena que todo homem, por mais humilde que seja, tenha o direito de dizer algumas palavras em sua defesa.

Então, um a um, os prisioneiros foram levados diante dos juízes, e nenhum deles negou seu Mestre. Todos confessaram que eram servos de Jesus da Galileia e criam em sua divindade. Nem mesmo as mulheres vacilaram; cada uma fez sua boa confissão, repetindo as palavras de Patrobas:

"Adoro o único Deus verdadeiro e a Jesus da Galileia, que era o Filho de Deus e que veio à terra para redimir os homens de seus pecados."

Apenas três ou quatro desses galileus demonstraram sinais de terror e desespero diante da terrível presença de César e da ira e ameaças murmuradas pelos presentes. No entanto, mesmo que alguns tropeçassem em suas palavras, declararam com coragem que eram filhos de Cristo e inocentes da acusação que lhes fora feita. E quando o último falou, ergueu-se um clamor de vozes exigindo a tortura e a morte dos acusados.

Tal comportamento ruidoso era inédito no tribunal de César. Mas logo foi imposto silêncio, e o povo recuou para seus assentos. Então Nero se levantou para pronunciar a sentença — estava cansado, com dor de cabeça, e tinha medo. Pois os rostos sombrios daqueles homens do Oriente evocavam visões de um povo que estudava magia e que buscava, por meio de seu poder maligno, atacar e derrubar o Império. Assim, falando com voz rouca, suas mãos trêmulas por medo oculto, César dirigiu-se ao tribunal:

"Esses prisioneiros são culpados de um crime sem igual na atribulada história de Roma. Resta-nos apenas decidir a natureza de seu castigo. A morte é bondade demasiada para eles. Mas tais frutos dos demônios não podem, por seu perigo ao bem comum, continuar vivos sobre esta terra. Destruíram dois anfiteatros; mas encontraremos um lugar onde nos oferecerão espetáculo, sim, e também o riso de que um deles falou, onde serão despedaçados por feras selvagens. Outros serão reservados para a cruz. Mesmo a crucificação é um fim suave e fácil demais para eles. Por isso, meus conselheiros planejarão algum tormento que multiplique mil vezes seu sofrimento — e nosso prazer. Sempre busquei praticar a justiça; e hoje Roma governa o mundo porque todas as nações sabem que aqui se obtém justiça. Ao condenar esses homens e mulheres a torturas terríveis, expresso o verdadeiro espírito da Lei Romana, vingo os sofrimentos do nosso povo e faço deles um exemplo eterno. Tão terrível será este exemplo que ninguém ousará, no futuro, tornar-se membro dessa abominável seita de feiticeiros. Assim, eles desaparecerão da face da terra, e a paz de Roma será preservada de sua conspiração vil nos anos vindouros."

1 Entre eles Olimpo, Filólogo, Tercio, Marco, Trebbelio.

Com uma só voz, o povo naquele tribunal aclamou o discurso de César. Mesmo aqueles entre eles dotados de integridade e virtude não tinham dúvidas e sustentavam que aquela era uma sentença justa e que os prisioneiros apenas estavam recebendo o que mereciam.

CAPÍTULO XLII

Quando Nero tinha dezassete anos, amava Acté, uma escrava grega, com o amor juvenil — ou seja, com todo o seu coração. Deu-lhe a liberdade e fez com que se elaborasse uma genealogia que afirmava que ela descendia de Átalo, rei de Pérgamo. Então provocou a fúria de sua mãe, Agripina, ao declarar que se casaria com Acté e a elevaria ao trono imperial. Disse a Sêneca: "A alegria de todo o mundo brilha em seus olhos, e há apenas beleza em sua alma." Mas o sábio espanhol sorriu e balançou a cabeça, respondendo:

"Uma bela frase de poeta… Recordaria a César o decreto do imortal Augusto: nenhum imperador pode se casar com mulher que não seja de nascimento livre. Pois as nações sob seu governo passariam a desprezá-lo e a segurança do trono e do império estaria em risco."

Mas Nero recusava-se a escutar. Então Sêneca aguardou seu tempo e fez com que Acté fosse colocada aos cuidados de seu amigo, Anneu Sereno, em uma grande casa em Roma. Nero a visitava diariamente, vivendo com ela até que o amor se extinguiu. Quando completou vinte anos, não restava traço de paixão pela pequena escrava grega — e isso partiu-lhe o coração. No entanto, entre todas as mulheres na vida do imperador, somente Acté o amou por ele mesmo, e não, como as outras, por seus vastos bens e poder imperial. Nunca se deu a outro homem, nem ofereceu seu amor a outro; permaneceu fiel a Nero até a morte.

Ela ergueu um altar à deusa Ceres, mãe-terra, na esperança de, por meio da deusa, reconquistar seu amor perdido. E, quando percebeu que tal artifício falhara, lamentou em segredo, mas nunca repreendeu Nero por tê-la rejeitado — o único amor puro e belo que lhe fora oferecido durante seu reinado. Mais tarde, ela conheceu Stachys, que lhe falou de Paulo e de Cristo. Suas palavras trouxeram cura ao coração dela — e a paz que é melhor que o amor.

Acté e Popeia eram chamadas de os anjos bom e mau de Nero. Popeia temia Acté, e esse temor tomava a forma de ciúme, a ponto de certa vez banir essa mulher simples e humilde da corte, enviando-a para Vélitras. Mas, após algum tempo, César ordenou seu retorno, ignorando as objeções de Popeia e acalmando seus temores ao assegurar-lhe que já não sentia amor por Acté, cuja falta de beleza o fazia valorizar ainda mais a beleza da esposa.

Essas palavras, porém, não eram verdadeiras. De fato, a beleza de Acté era como a luz de uma vela comparada à de uma estrela, quando posta ao lado do esplendor de Popeia. Mas esse dito bastou para apaziguar a imperatriz.

Era difícil fazer guerra contra Acté. Pois ela era cristã mesmo antes de ouvir falar de Cristo. Existem pessoas assim — puras, impecáveis, inteiramente inocentes de coração desde o nascimento. Acté era desse tipo: incapaz de dizer mal de qualquer homem ou mulher,

sempre elogiava a beleza de Popeia quando César falava sobre ela. Quanto aos vícios de Popeia, permanecia em silêncio.

Com o tempo, e à medida que Tigelino se tornava cada vez mais motivo de temor, Popeia deixou de pensar nessa outra mulher e dedicou-se a aperfeiçoar o plano que lhe traria poder supremo.

Stachys fazia parte da casa de César e visitava Acté diariamente, falando-lhe de Cristo. Ela não havia sido batizada, mas se alegrava em ouvir as verdades ensinadas por Paulo de Tarso, e as guardava no coração. Pois ela amava César e sabia que seria perigoso falar abertamente daquilo que era completamente contrário ao seu modo de vida. Sempre colocava Nero em primeiro lugar, e nada desejava dele além do prazer de compartilhar, de tempos em tempos, uma hora em sua companhia.

Popeia podia despertar e incitar Nero, mas Acté era capaz de acalmá-lo e apaziguá-lo quando estava irritado ou inquieto. Naquela noite, após o julgamento dos santos, enquanto repousava após o banho, Nero mandou chamá-la. Ela veio e acariciou-lhe a testa, e havia cura para seu espírito em seus dedos. Após algum tempo, ele recostou-se, suspirando, grato pela ternura de seu toque e pela suavidade de sua voz, e disse:
"As dores da minha mente e do meu corpo se foram. Já não me atormenta o terror de um destino sem sono. É tua obra, Acté."
"É meu prazer, César," ela respondeu, "como bem sabes, compartilhar contigo teus temores."

"Mãe Acté," disse ele suavemente, "estive muito perturbado durante todo este dia, pois descobrimos outro ninho de conspiradores — e sua intenção era me derrubar e destruir o Império. Esses conspiradores se chamam galileus. Servem a um demônio que chamam de Cristo e, segundo o testemunho de um deles, esse Cristo, por algum mistério mágico, lançou tochas flamejantes do céu que incendiaram as casas dos vales de Roma, iniciando esse incêndio monstruoso."

"Não, César," respondeu Acté, "não posso crer em tal magia. O homem que te contou essa história estava louco e não compreendia o significado de suas palavras insanas."

"Pode ser," disse Nero, "mas foi demonstrado no julgamento dos galileus que eles incendiaram Roma — há provas certas disso. Em toda minha vida, vivi sob perigo de conspiração, e os conspiradores aumentam em número e astúcia nestes últimos anos. Por isso, sou digno de piedade; pois, apesar da minha grandeza, estou só em meu trono. E o que pode acalmar o terror do meu coração num dia como hoje, quando volto a me deparar com inimigos que me odeiam e procuram destruir a mim e aos meus?"

Então Acté falou-lhe palavras de consolo e novamente acariciou a testa de César. E, com o tempo, ele se sentiu em paz — revigorado, confortado pelo brilho sereno do espírito dela.

"Curaste minha cabeça dolorida," disse ele, "e afastaste o medo com tua serenidade. Pede-me um favor e terei prazer em concedê-lo — qualquer joia que desejares será tua."

"Joias não me dão prazer," ela respondeu, "mas se César for generoso, concederá audiência ao liberto Stachys, que aguarda no pátio e traz notícias de grave importância para a justiça romana."

"Preferia te dar uma joia a ver esse sujeito. Mas que entre."

Então Stachys foi chamado. E, tendo saudado César, falou com urgência e em voz baixa, dizendo que havia descoberto o verdadeiro autor da tragédia que assolara Roma:
"Um mago chamado Joás," disse ele, "contratou certos homens para incendiar a cidade. Dois deles, honestos e justos, fugiram de Roma. Agora retornaram e estão dispostos a testemunhar contra Joás, que é da Síria e, odiando César, trouxe-nos essa calamidade para satisfazer seu ódio terrível."

O cansado Nero ficou contrariado com a lembrança dos acontecimentos do dia. E protestou:
"Mas um desses galileus cometeu traição e me desafiou — a mim, César, seu juiz!"

"Estava louco," murmurou Acté. "Esses galileus são inocentes. Imploro que, ao menos, examines o caso e não permitas que sejam crucificados antes que tudo seja devidamente esclarecido."

Então Nero mandou chamar um de seus conselheiros, que era também um dos espiões de Popeia, e ordenou que Stachys repetisse a acusação contra o mago Joás.

O conselheiro ouviu em silêncio, e depois disse lentamente:
"Stachys foi enganado e desconhece as evidências apresentadas hoje no julgamento. Vários dos prisioneiros, durante o interrogatório, admitiram que um judeu chamado Simão Pedro era seu líder. Ora, é bem sabido que os judeus têm conhecimentos secretos das artes mágicas. Nosso amigo honesto apenas se confundiu com o nome. Esse mago é Simão, e não Joás, o verdadeiro chefe da conspiração. Permita-me lembrar a César que Joás ocupa o cargo de astrólogo da imperatriz. Recebe muitos favores dela — e de ti, César. Por que então haveria ele de conspirar contra o poder imperial, sabendo que, ao destruí-lo, destruiria a si mesmo?"

O argumento do advogado satisfez Nero. Ele dispensou Stachys e não quis ouvir os apelos de Acté, dizendo com mau humor, quando ela hesitou em partir, que talvez fosse bom para sua saúde respirar o ar do mar e viajar para Vélitras.

Assim, Stachys fracassou, e sua petição ousada apenas aumentou a fúria de Nero contra os santos, levando-o a passar a noite planejando torturas requintadas e um espetáculo para o povo sem igual nos anais de Roma.

Acté recolheu-se à sua casa para passar a noite em oração. O liberto vagueou pelas ruínas de Roma, mal percebendo por onde andava, tão pesada era sua dor pelos prisioneiros, tão cheio de apreensão seu espírito quanto ao dia seguinte. Perto da margem do rio, três homens com mantos escuros saltaram sobre ele por trás de um muro destruído. Suas adagas rapidamente puseram fim à sua vida nobre, e com maldições e gargalhadas lançaram seu corpo no Tibre.

Mas nos dias que se seguiram, a história do mago que incendiara Roma espalhou-se de boca em boca, assumindo diversas formas. Dizia-se entre os cristãos que um homem chamado Simão, o mago, havia ateado fogo com o propósito de provocar perseguição e destruir a Igreja. Em tempos posteriores, muitos relatos foram escritos narrando o conflito entre o mago Simão e Pedro; e ninguém sabia que essas histórias eram imaginações vazias, cuja origem estava no nome Simão Pedro e nas palavras ambíguas e astutas de um advogado.

CAPÍTULO XLIII

As sombras dos próprios sonhos enlouquecem os poderosos — e assim foi com aquelas figuras estranhas: Nero, Popeia e Joás. Por tempo demais viveram fora do mundo, sem contato com homens e mulheres comuns. Jamais se misturaram ao povo com igualdade de fala ou pensamento. Nunca foram realmente do povo, desconhecendo aquele toque humano que os teria preservado de atos horrendos e das monstruosidades de sua própria fantasia.

A suspeita que o povo tinha de César foi removida quando souberam do julgamento e da condenação dos galileus. Numa manhã cinzenta de olhos claros, Nero foi aclamado por milhares enquanto atravessava Roma. Raramente recebera tais aclamações, e estava triunfante, dizendo a Tigelino:
"Sou como um conquistador retornando ao seu povo. Não, mais que um conquistador — pois ao observar o espírito justo da lei, conquistei o coração de todos."

Naquele dia, os galileus foram costurados em peles de animais e lançados diante de uma imensa multidão de romanos, que os vaiavam e gritavam: "Ladrões, assassinos, feiticeiros, traidores do Império e dos deuses." Alguns — pobres e ignorantes escravos — estavam tomados de medo e caíram, tropeçando. Outros resistiram com bravura. Patrobas, de estatura nobre e presença altiva, liderava o grupo.

Por fim, o alvoroço cessou — o povo ficou em silêncio, trêmulo de prazer no instante que antecedia a liberação dos cães e outras feras. Então Patrobas levantou o rosto e, olhando para o alto assento de César, clamou uma oração pela alma de César. Poucas palavras foram ouvidas, pois a multidão enfurecida, crendo que fosse um feitiço, voltou a berrar. E os gritos transformaram-se em risos quando uma matilha de cães selvagens avançou sobre os galileus, atacando-os, rasgando-lhes os membros, arrancando-lhes as entranhas — devorando-os lenta e horrivelmente.

Mas foi Melânia, como Dirce, com o corpo nu amarrado aos chifres de um touro furioso, quem proporcionou o maior prazer ao público. Ela pereceu muito lentamente, enquanto o animal sacudia a cabeça e corria pela arena, fazendo a multidão aplaudir repetidas vezes, deleitando-se com o sofrimento e os ferimentos daquela carne branca.

Depois, quando o chão já era uma mistura de sangue, ossos e poeira, o arauto convidou o povo aos jardins de César ao anoitecer. Era uma noite tranquila e bela. Jamais as estrelas haviam testemunhado um espetáculo como aquele. Os galileus, vestidos com túnicas de dor — trajes untados com óleo e cera — foram amarrados a cruzes. Homens corriam de um

lado para outro, acendendo-os. E quando o povo chegou aos jardins, viu avenidas de tochas humanas — fumegando, oscilando, ardendo conforme a natureza das vestes embebidas em óleo e cera.

E ao longo desses caminhos iluminados, Nero conduziu seu carro, exibindo sua habilidade com os cavalos e saudando alegremente seus súditos. Mas o povo permaneceu em silêncio, cabisbaixo, enquanto César, trajando como cocheiro, girava e se exibia diante daquela cena de agonia inimaginável. Alguns homens e mulheres vomitaram e se afastaram; muitos se sentiram perturbados por tamanha crueldade, que ofendeu até os mais endurecidos. Poucos aclamaram César; e, descontente com a falta de entusiasmo, ele desceu de seu carro e, em companhia de Tigelino, andou entre as cruzes, zombando e escarnecendo das vítimas.

Um que ainda podia falar respondeu-lhe:
"Perecemos, mas triunfamos, César. Nossa túnica de tormento é a veste da vitória."

Naquele tempo, um demônio apoderou-se de Nero, levando-o a intensificar o sofrimento dos mártires com artifícios sutis que faziam seus corpos queimarem mais lentamente, prolongando a tortura por mais de uma hora. Ainda assim, César não estava satisfeito. Lembrando-se da Roma devastada, ordenou que se fizesse uma busca rigorosa pelos galileus, e qualquer pessoa que confessasse crer em Jesus fosse imediatamente condenada por um magistrado. César ansiava por mais vítimas, desejava o prazer que sentia ao presenciar seu sofrimento. Assim, as prisões logo se encheram de pobres e escravos — fiéis que não negavam Cristo quando interrogados, preparados e alegres até, por morrer em tormentos prolongados. Pois sabiam que, libertos desse corpo de barro, estariam com Cristo — o que era, para eles, muito melhor.

Nem Pedro nem Marcos haviam sido capturados pelos oficiais da lei. Durante alguns dias, Pedro permaneceu doente na casa providenciada por Pomponia Grecina; e de sua cama, ditava ao escriba Silvano cartas a serem enviadas a Paulo e aos líderes das igrejas da Ásia e da Grécia. Estas, em palavras veladas, relatavam a perseguição e exortavam os irmãos a manterem firme a fé, se porventura a perseguição se espalhasse pelo mundo romano.

Naquela hora, Pedro assumiu a liderança de toda a Igreja, aceitando assim o lugar outrora ocupado por Tiago e que Paulo de Tarso lhe havia oferecido. Quando conseguiu levantar-se e andar novamente, o restante dos galileus foi convocado a um salão maior, e Pedro os saudou com palavras de alegria e consolação.

E naquela hora de desespero e terror, o velho Apóstolo iniciou a reunião com uma oração chamada "A Grande Ação de Graças", acrescentando frases próprias:

"Senhor do sol, da lua e das estrelas, rendemos-Te graças.
Senhor dos três primeiros elementos — céu, terra e ar — entoamos Teu louvor.
Senhor do nascimento, da vida e da morte, prestamos-Te homenagem, louvamos Teu Nome, único e verdadeiro Deus. Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Três em Um. Criador de tudo o que vive e se move, adoramos-Te e Te agradecemos por nos trazer a este dia, guardando-nos dos perigos que nos cercam, preservando nossas vidas enquanto caminhamos pelas trevas da terra. Nós, Teus filhos em Cristo, bendizemos-Te

por nos teres dado o conhecimento de nosso Salvador, de Sua vida santa, Seu sacrifício na árvore, para que fôssemos salvos e redimidos do pecado de Adão, da transgressão de Eva.

"Nós, judeus e gentios, livres e escravos, permanecemos no rebanho do Grande Pastor e, embora sejamos de diversas nações e condições de vida, somos um só no louvor que Te oferecemos, um só no amor, um só na fé e na caridade. Por isso, em todos os dias de nossa peregrinação terrena, servimos e rendemos honra ao Teu Nome.

"E fazemos o voto de que nem o tormento do fogo, nem da cruz, nem a ameaça das feras selvagens nos afastarão da adoração ao único Deus verdadeiro. Nem o Príncipe do Ar, nem principados nem potestades prevalecerão contra nós, nem arrancarão de nós a confissão do Nome que está acima de todo nome. Glória a Ele. Amém."

Duas vezes todos os presentes repetiram essas últimas palavras após Simão Pedro, e nenhum deles vacilou. Fortalecidos pelas palavras e pela fé do pai em Cristo, estavam prontos para enfrentar os perigos de seu destino escuro, sem temor, recebendo — ao comerem o pão e beberem o vinho — o espírito de uma paz que não podia ser perturbada nem tirada deles.

Depois, Pomponia — conhecida como Lucínia entre os galileus — contou a Pedro seu plano: que ele fosse secretamente conduzido a um lugar solitário entre os lagos do norte, onde poderia se esconder em segurança dos oficiais da lei.

"Essa perseguição não durará muito," disse ela. "Os cidadãos de Roma, com o tempo, se revoltarão contra isso. Por isso, é necessário que tua vida seja preservada, para que no tempo oportuno reúnas os remanescentes e possas reconstruir a Igreja em Roma."

E os anciãos presentes, incluindo Marcos, rogaram que Pedro aceitasse tal plano para sua própria segurança. Ele disse que preferia morrer com os irmãos. Mas eles lhe disseram que, nesse caso, deveria colocar-se por último e pensar primeiro no bem da Igreja.

Assim, sendo gentil e facilmente persuadido de que os outros eram mais sábios que ele, o Apóstolo consentiu em partir secretamente de Roma na noite seguinte e permanecer no norte da Itália até que pudesse retornar abertamente à capital e continuar sua missão.

CAPÍTULO XLIV

Os servos de Lucínia trouxeram notícias de que os guardas estavam revistando a cidade em busca de Simão Pedro. Assim, decidiu-se que ele partiria ao anoitecer disfarçado, a pé e sozinho, encontrando uma carruagem a certa distância de Roma que o conduziria ao norte, até um esconderijo seguro.

O apóstolo estava muito entristecido, pois todo o seu desejo era morrer e estar com Cristo. Mas os irmãos estavam alegres, e Lucínia não conseguia descansar enquanto essa vida — de valor inestimável — permanecesse em risco de morte.

Uma hora antes de partir, Pedro contou a Marcos, cena por cena, o momento em que Jesus fora levado e ele O seguira até o palácio do Sumo Sacerdote. Esperou lá por toda a

longa noite; as horas passaram devagar, pesadas, e ele se encontrava doente de medo. Duas mulheres o interrogaram, e por duas vezes ele negou conhecer Cristo. E vergonha foi acrescentada à vergonha; pois, quando foi interrogado pela terceira vez, começou a praguejar e jurar:
"Não conheço esse galileu que chamais de Jesus."

A lembrança daquela negação o acompanhara por todos os anos, e ainda estava com ele agora, tão repreensiva quanto antes, nas horas de solidão. Negara três vezes. Seria essa a quarta?

Marcos falou das necessidades dos santos; os vivos vinham antes dos mortos. Proferiu palavras de consolo. Mas pareciam passar sem resposta pelo ouvinte silencioso.

Mais tarde, um velho solitário apoiado num cajado, com passos lentos e incertos, caminhava pela Via Ápia. Mas no portão da cidade, Cristo lhe apareceu, indo em direção oposta, como se voltasse para Roma.

"Senhor, para onde vais?" ele perguntou.

E Cristo respondeu: "Venho para ser crucificado uma segunda vez."
Então Pedro compreendeu que Cristo devia ser crucificado novamente em Seu pequeno servo.

Dúvida e tristeza desapareceram no mesmo instante em que o Mestre pareceu desaparecer como um sonho. Pedro voltou pelo mesmo caminho e retornou à casa de Lucínia. O apóstolo, apesar de seus setenta anos, tinha a inocência de uma criança. Seu rosto estava radiante ao saudar os irmãos, e ficou surpreso por eles ainda chorarem depois de ele lhes contar o que havia visto e que Cristo devia ser crucificado novamente em Seu pequeno servo. Naquela mesma noite, entregou-se aos guardas, e na manhã seguinte foi levado perante um magistrado. Não lhe permitiram dizer nada após sua confissão, sendo sumariamente condenado.

Dois dias depois, Simão Pedro pendia de uma cruz nos jardins de Nero. Marcos, Lino e uma mulher velada e chorosa observavam de longe. E como Lucínia não conseguia suportar testemunhar de perto o sofrimento daquele ancião, Marcos e Lino a deixaram aos cuidados de dois dos galileus e se aproximaram de Pedro.

Naquela noite, nem todas as cruzes estavam ocupadas. Como dissera um centurião ao magistrado:
"Nos últimos dias só colhemos um saco miserável de raposas galileias, pois se refugiaram nos buracos das colinas." E era verdade — os poucos cristãos restantes haviam fugido da cidade, preferindo morrer de fome nas montanhas ou de febre nas planícies pantanosas do que enfrentar a fúria dos guardas e cidadãos, e o tormento das cruzes em chamas.

Nenhum homem fora amarrado na árvore em frente à cruz onde Pedro pendia. Marcos e Lino perceberam que ela estava vazia ao se aproximarem tanto do corpo mirrado do apóstolo que puderam ouvir suas palavras sussurradas:

"Paulo de Tarso chegou; esteve comigo o dia inteiro — está comigo agora. Estaremos juntos..."

Aqui a voz falhou. Mas por fim pareceu sussurrar novamente:
"Estaremos juntos esta noite no Paraíso."

Então as chamas se ergueram brilhantes, e Marcos e Lino recuaram diante de seu brilho terrível. Ao fazerem isso, perceberam que, sobre a cruz vazia, havia uma figura luminosa. Não sabiam que era o corpo celeste de Paulo de Tarso — que atravessara montanhas e mares para estar com Simão, seu irmão — e acreditaram que o santo viera secretamente a Roma, fora preso e agora ardia ali, uma chama branca e pura, estranha diante dos fogos amarelos e azuis que se arrastavam como serpentes ao redor dos corpos moribundos.

Os corações daqueles dois galileus se quebraram com o pensamento de que haviam perdido tudo ao perderem os dois apóstolos que haviam guiado o navio da Igreja por tantos anos.

Durante a noite, contaram a quatro ou cinco fiéis que se reuniram em oração que Paulo de Tarso havia falecido no mesmo dia que Simão Pedro. Estavam certos disso, pois os haviam visto queimando, lenta e cruelmente — e enquanto o corpo carbonizado de um dos santos permanecia após o fim do fogo, o corpo do outro havia desaparecido — nem mesmo um monte de cinzas marcava o lugar onde ele perecera.

Então Silvano escreveu um relato do fim de Pedro e Paulo. E ao amanhecer, levou esse rolo com outros até as tumbas fora de Roma. Escondeu os escritos sob uma pedra pesada em uma daquelas cavernas, marcando o local com um sinal. Depois disso, ele — como outros — fugiu para as colinas.

Mas Marcos e Lino permaneceram na cidade. Nenhum temor da cruz podia abalar homens com o coração já partido.

CAPÍTULO XLV

"O corpo é irracional e pode ser ferido, torturado e queimado; mas a parte racional é destemida, invencível e inabalável." Assim falava Sêneca ao testemunhar o sofrimento dos cristãos. Mas à medida que os meses passavam e a perseguição continuava, o sábio — apesar de seu hábito de serenidade — ficou profundamente perturbado com as crueldades praticadas, tentando consolar-se ao dizer:

"A morte é o desejo de alguns, o alívio de muitos e o fim de todos. Liberta os escravos, conduz o exilado para casa e coloca todos os mortais no mesmo nível. A própria vida seria castigo sem ela."
E acrescentava, suspirando:
"Quando vejo tiranos, violência e torturas, a perspetiva da morte me consola — é o único remédio contra os males da vida."

Ora, Pomponia era apenas secretamente seguidora de Cristo. Mas naquela manhã, ousadamente, ela confiou em esposa de Sêneca e implorou que usasse sua influência para obter misericórdia para os galileus. Então essa boa mulher respondeu aos provérbios do marido com um desafio rápido:

"Permanecendo calado, tu consentes com a tirania e a violência."

"Falas em enigmas," disse o sábio.

"Meu significado é claro. Vai agora até César e dize-lhe que essa perseguição à seita dos galileus deve cessar. É teu dever — não suplicar, mas exigir misericórdia por esses homens e mulheres que, dizem-me, são pobres e humildes escravos."

"Nos últimos anos, Nero sempre rejeitou meus conselhos. A vontade de Tigelino é a vontade dele. Desejando paz e silêncio para minhas meditações, jurei que abandonaria a vã tarefa de aconselhar César."

"Não pode haver paz e silêncio quando homens sofrem e morrem como esses sofrem e morrem."

Sêneca não lhe respondeu. Mas naquela noite procurou audiência com Nero e o encontrou irritado e descontente.

"César," disse o velho tutor, "venho pedir algo em troca de minha fortuna."

"Todos me cansam com pedidos. Sou importunado o dia todo," respondeu Nero. "Pois bem, o que desejas?"

"Exijo misericórdia de ti. Tu és um poeta e juraste servir à beleza. Enquanto essa perseguição horrenda continuar, toda beleza será maculada; e tu desonras teu nome de poeta. Esses galileus já foram suficientemente punidos. Deixa-os em paz. Ordena que os oficiais da lei cessem de persegui-los e entregá-los aos algozes."

"Mas esses galileus são uma sociedade de magos. Enquanto existirem, buscarão lançar feitiços e maldições sobre mim e sobre os meus."

"Nenhum homem sábio acredita em feitiços e maldições," respondeu Sêneca; "ele acredita apenas na boa vontade. Esses escravos e marginalizados, com o tempo, te abençoarão — se agora fores misericordioso. A perseguição nunca destrói, e neste caso apenas fortalecerá as mãos dos teus inimigos."

De súbito, Nero mudou de atitude, amolecendo e dizendo: "Tua súplica é atendida. Amanhã darei ordens para que nenhum galileu mais seja preso. Somente se vierem e se entregarem, como alguns fizeram, é que serão julgados e condenados."

"Minhas graças, César," respondeu Sêneca. "Estou satisfeito."

"Agora deves pagar-me com a mesma moeda por este favor," disse Nero. "Exijo o restante de tua fortuna, que ainda tens retido. Também quero que convenças certos súditos teimosos. Alguns desses tolos vociferam e declaram querer a antiga Roma apertada, com seus odores e ruas tortuosas e estreitas. Queixam-se de que sua saúde sofrerá se houver avenidas largas, grandes praças e casas separadas entre si. Convence esses cidadãos, velho amigo, e cura-os de suas crenças obstinadas. Então estarei livre para continuar minha obra como arquiteto de uma nova Atenas. Pois estou determinado a erguer uma cidade ao estilo grego — mais bela do que qualquer cidade grega."

Sêneca cumpriu o pedido de César; e este honrou o acordo fazendo cessar a perseguição aberta aos galileus, não apenas em Roma, mas em outras partes do Império. Nero não era cruel por natureza; e agora, feliz projetando sua Casa Dourada e dirigindo os construtores, já não se interessava por punições ou pelo prazer da vingança. Também via pouco Tigelino, dedicando seus dias ao trabalho e suas noites a Popeia. Ela cada vez mais o dominava nos assuntos de Estado e do mundo — o mago dirigindo suas decisões de modo tão astuto que todos os inimigos pareciam ser postos a seus pés.

Mas havia muitos inimigos de César. Os cidadãos condenavam o esvaziamento dos cofres do Estado para a construção da Casa Dourada e de uma Roma vasta e magnífica. Percebiam que isso traria grande descontentamento ao Império através de altos impostos e extorsões pesadas. Os patrícios odiavam César porque, diziam, ele se fazia de palhaço, trazendo a última vergonha sobre Roma. Comentando essas exibições públicas, Natalis disse a Sêneca:

"Um imperador não pode ser um farsante. Quaisquer que sejam seus pecados na vida privada, ele não pode, em público, ofender a dignidade de seu cargo. Ele deve ser o símbolo de nobreza e integridade, pois é o símbolo do Estado. O Estado é degradado se sua autoridade é subordinada a seus prazeres pessoais."

"No palco do mundo," disse Pisão, "todos os homens são farsantes. Mas o governante de muitas províncias pode representar apenas um papel: o de pai íntegro e honesto de seu povo. Se ele falha, como Nero falhou nesse dever fundamental, é necessário que morra."

"Então, na tua opinião," disse Sêneca, "seria melhor que um ignorante governasse em lugar de César, contanto que tivesse dignidade e usasse bem a máscara da soberania, além da coroa?"

"Seria melhor."

"Triste confissão," respondeu o velho, suspirando. "Conheço bem os males da vida de Nero. Mas ele mostrou misericórdia e manteve a paz durante seu reinado."

"O reinado dele está perto do fim," disse Pisão. "Eu o matarei, como já te disse, quando ele vier hospedar-se em minha vila em Baiae."

"Ele pretende se apresentar como ator no Egito e na Grécia," acrescentou Natalis astutamente.

"Há muitos nobres na conspiração," continuou Pisão. "Mais de vinte senadores e mais de quarenta amigos de Nero. Nomeariam Sêneca como César, se esse fosse seu desejo. Pois é o homem mais sábio de todo o mundo."

"Fracassei," respondeu o sábio. "Fui tutor do menino Nero; e eis o homem em que se tornou. E mais: fracassei porque não mudei os corações dos homens. Crueldades monstruosas são praticadas. A maioria dos homens cobiça ouro, mulheres e prazeres vis. A sociedade apodrece. Não há confiança nem fé em parte alguma."

"O novo César terá poder para limpar as sarjetas de Roma. Pelo exemplo e pelo governo, deve restaurar a virtude e a integridade e criar novamente a velha raça nobre dos romanos."

Sem responder a esse homem, Sêneca entrou em outro cômodo e contou tudo à sua esposa Paulina, que lhe disse:
"Não quero que aceites o trono de César, pois não és capaz de mudar a natureza humana nem de expulsar as paixões vis dos romanos com leis sábias e castigos severos."

Então Sêneca decidiu aceitar a proposta de Natalis e Pisão. Contrariando o conselho de sua esposa, disse:

"Acredito que posso promover o bem, derrotar o mal e talvez salvar o mundo por meio de leis sábias — se me for permitido reinar como César mesmo por alguns poucos anos."

Em seguida, voltou ao outro aposento e aceitou a coroa, sob a condição de que Pisão fosse primeiro oferecido ao povo como imperador. Se este fosse rejeitado, Sêneca aceitaria o trono. Também exigiu que se respeitassem as leis da hospitalidade. Era contra todo senso de justiça matar um hóspede. Não permitiria que Nero morresse de forma vil em sua vila em Baiae. "Que o imperador seja morto abertamente, morrendo nobremente como Júlio César em Roma — uma oferenda, ou um sacrifício, aos princípios justos sobre os quais o Império foi fundado."

Os conspiradores concordaram. E assim Nero viveu e riu ao sol enquanto hospedado na vila de Pisão. Mas ao retornar a Roma, Milico veio e contou-lhe da conspiração contra sua vida. Ação rápida foi tomada e muitos nobres foram presos. Alguns foram executados, outros se mataram. Mas mesmo nesse tempo, quando sua morte fora planejada com crueldade, Nero demonstrou clemência com alguns conspiradores. Alguns foram banidos, e certos amigos, cujos nomes não foram divulgados, foram deixados livres — e, no ano seguinte, mostraram sua gratidão a César conspirando contra ele mais uma vez.

Quando a conspiração foi descoberta, Sêneca decidiu tirar a própria vida. E Paulina declarou que morreria na mesma hora que o marido.

"Seja assim; compartilharás da glória do meu fim — um fim tão grandioso quanto o de Sócrates," foi sua resposta vaidosa.

Mais tarde, após a despedida do velho estoico, uma veia foi cortada nos pulsos da esposa, e amigos a levaram para outro quarto. Então, um mensageiro foi enviado a César para informá-lo de que Sêneca e Paulina estavam à beira da morte. Com aquele toque de nobreza que existia em Nero, ele ordenou que o mensageiro voltasse como o vento, e fizesse todo o possível para salvar a vida de sua amiga. Ao chegar, Sêneca já agonizava, mas Paulina ainda vivia. Medidas rápidas foram tomadas, um médico estancou o sangue e ela se recuperou. Mas seu rosto permaneceu pálido como cinza pelo resto da vida, por causa da perda de sangue.

Sêneca enfrentou a morte com serenidade, sendo admirado por todos os que testemunharam seu fim. Morreu declarando sua crença — mas apenas à sua esposa — de que, se tivesse vivido para reinar, talvez tivesse trazido salvação aos homens pela sabedoria de suas leis e pelo exemplo de uma vida virtuosa.

Ele não contava com o pequeno homem de Tarso, que também pereceria em breve, acreditando igualmente que trazia salvação ao mundo pelo conhecimento da crucificação do Filho de Deus.

Mas quando Paulina contemplou o corpo de seu marido morto, ela disse novamente: "A natureza humana não pode ser mudada. As paixões vis não podem ser arrancadas e extirpadas nesta geração nem em qualquer outra."

Paulina era uma Cínica tanto quanto uma Estóica. [1]

Durante aquele outono, inverno e primavera, Popeia reinou soberana, nem mesmo Tigelino ousando questionar sua autoridade. Assim, ela se tornou descuidada, e negligenciando os conselhos de Joah, permitiu que Nero a fizesse conceber mais uma vez.

Quando o mago soube por ela que uma criança vivia em seu ventre, não mostrou raiva; apenas disse:

"De agora em diante, nossos caminhos se separam. Tu me desobedeceste e te rendeste ao destino escrito para ti nas estrelas. Alguns poucos, de espírito grande e invencível, podem superar o destino. Tu te rendeste a ele. Adeus, filha; pois, infelizmente, percebo que o reino deste mundo, por causa de tua fraqueza, não é para mim, e um caminho escuro e outro mundo é o que te aguarda."

Para entender a história daqueles dias é necessário perceber, lado a lado, a morte de Sêneca — o "santo dos pagãos" — e a morte de Paulo, o santo e líder dos cristãos. Um acreditava que, conquistando domínio mundial sobre os corpos dos homens, lhes traria salvação; o outro cria que, conquistando domínio sobre os espíritos dos homens, lhes concederia a salvação. E Paulina não concordava com nenhum dos dois, crendo que a natureza humana era imutável.

1 "Para compreender a história daqueles dias, é necessário perceber lado a lado a morte de Sêneca — o 'santo dos pagãos' — e a morte de Paulo, o santo e líder dos cristãos. Um acreditava que, ao conquistar domínio mundial sobre os corpos dos homens, lhes traria salvação; o outro cria que, ao conquistar domínio sobre os espíritos dos homens, lhes concederia salvação. E Paulina não se alinhava com nenhum dos dois, pois considerava a natureza humana como algo imutável e inalterável."

Com essas palavras ele a deixou, e ela não voltou a procurá-lo. Pois agora estava segura de si mesma e tão cheia de orgulho que acreditava poder, através do poder do filho que viria, controlar a vontade de Nero e assim reinar como César. Mas sem a sabedoria do mago, ela não era páreo para Tigelino. Quando Nero começou a se cansar de seu trabalho como arquiteto, voltou-se novamente para o prazer; e seu favorito logo o tentava com banquetes, vinho e licenciosidade — e cada vez mais ele passava a negligenciar Popeia, que, agora grávida e em avançado estado, já não podia mais conquistá-lo com sua beleza.

Numa noite, quando voltou a vê-la após longa ausência, ela o censurou, furiosa pelas abominações que ele compartilhava com Tigelino. As palavras desse favorito ainda soavam nos ouvidos de Nero — conselhos astutos, sugerindo que um imperador não devia permitir-se ser governado por mulher, pois isso revelava fraqueza e faria o tribunal zombar dele.

Enfurecido por orgulho ferido e fora de si, Nero golpeou sua esposa uma e outra vez. E ela, com um grande grito, caiu desfalecida ao chão.

Então César foi tomado por remorso e dor. Mas sua tristeza não podia de modo algum aliviar Popeia, cuja agonia física não encontrava alívio. Em terror e desespero, ela encarou os caminhos escuros da morte, morrendo de forma violenta e horrível na presença do homem que era seu marido — e seu assassino.

LIVRO IV

SÃO PAULO NO FIM DA JORNADA

CAPÍTULO XLVI

Paulo viveu mais três anos após seu confronto com César e sua saída de Roma. Por um tempo, residiu em Éfeso, onde Timóteo era o responsável pela Igreja. Depois, visitou as igrejas de Trales, Tiatira, Magnésia, Colossos, Esmirna, Filadélfia e Pérgamo. De Pérgamo, viajou até Trôade e embarcou rumo a Tessalônica. Por uma temporada, morou em Filipos e presenciou a morte de Lídia, justamente chamada de Mãe da Paz. Mais tarde, a pedido de Tito, foi a Creta e depois viajou até Nicópolis, onde decidiu passar o inverno.

Enquanto estava naquela cidade, graves notícias chegaram até ele: dissensões haviam surgido nas igrejas da Ásia. Havia duas seitas dentro da comunidade: os libertinos e os judeus ascetas, estes últimos seguindo a tradição dos Essénios. Os ascetas não admitiam o casamento, nem o consumo de vinho ou carne. Muitos dos libertinos eram amantes das coisas do mundo e, além disso, falavam heresias sobre o Mestre. Assim, esses dois grupos — os que rejeitavam o mundo e os que viviam nele — estavam em constante conflito. Os libertinos dominavam as igrejas menores, sendo uma fonte de grave preocupação para Paulo, pois muitos deles viviam segundo a carne, ofendendo os princípios e as verdades mais profundas que ele ensinava.

Mas sua mente se livrou dessa teia de preocupações quando Tito, Lucas e Tíquico vieram por mar desde Creta. Embora também trouxessem notícias de dificuldades e dos modos dissolutos dos cretenses, alegraram Paulo com sua clareza de visão e sua lealdade firme. Então, Tito retornou a Creta, e em pouco tempo partiu para Éfeso levando consigo Lucas, Tíquico, além de Crescente e Trófimo. Todos permaneceram na casa de Áquila naquela cidade; e os líderes de todas as igrejas foram convocados com o propósito de decidir o futuro da fé na Ásia.

Ora, Paulo cria que poderia, pelo argumento — e, se isso falhasse, pela autoridade — trazer de volta aqueles homens da Ásia e, assim, novamente unir a Igreja em um só corpo. E era verdade que, a princípio, escutaram-no em silêncio. Mas mal cessara ele de falar, quando Himeneu e Fileto se levantaram e começaram a discutir entre si sobre os dois caminhos da vida — o caminho dos Essénios e o caminho dos libertinos. Eram homens eloquentes, e suas palavras dividiram as igrejas, colocando uma contra a outra. Dia após dia, então, esses irmãos guerreavam entre si, cada qual adicionando ou removendo algo da

doutrina sã ensinada por Paulo. Parecia, de fato, que nenhum progresso se fazia, pois o santo não cedia a nenhum deles, alegando que, como pai e fundador da Igreja na Ásia, e como aquele que havia visto Cristo, cabia a ele dirigir a vida, a conduta e as crenças das congregações.

Por isso, Hermógenes e Figelo, não gostando de tal disciplina, exigiram da assembleia que concordassem em deixar que cada igreja seguisse seu próprio caminho e determinasse suas próprias práticas e crenças.

Então Paulo percebeu que, se aqueles homens alcançassem seu propósito, surgiriam muitas seitas em desavença pela Ásia, e que, por causa dessa falta de unidade, com o tempo elas pereceriam e se dispersariam. Todo tipo de doutrina falsa acabaria por infiltrar-se na Igreja — até mesmo a idolatria — se em Trales, Pérgamo, Colossos, Filadélfia, Esmirna, Éfeso e em outros lugares cada ancião tivesse permissão para acrescentar suas próprias crenças ignorantes às verdades simples contidas no pergaminho que estabelecia o Evangelho da Vida Eterna. Em conselho com Pedro em Roma, Paulo havia removido tudo, exceto os ensinamentos mais simples, pois esses dois santos tinham como objetivo um evangelho claro, que pudesse ser compreendido por todos os homens e que ordenasse pureza de vida, castidade e conduta sóbria. Mas isso não era suficiente para aqueles homens da Ásia, que eram, alguns deles, ainda pagãos em seus corações.

No fim, então, Phygelo, Hermógenes, Fileto e Himeneu uniram-se num mesmo propósito e trabalharam secretamente para realizá-lo. Somente no último dia da assembleia foi revelado. Então, todos — exceto Filémon e outro ancião — renunciaram sua lealdade a Paulo. Já não o aceitariam como pai e cabeça da Igreja na Ásia. Ficou decidido que cada comunidade teria seu próprio líder e seria governada por seu conselho de anciãos, que não responderiam a nenhuma autoridade deste mundo. E, ao contarem os votos, viu-se que Paulo fora rejeitado; esses pequenos homens haviam, por ora, triunfado.

Mas os irmãos de Filipos se retiraram em protesto do local da reunião. Declararam sua fidelidade ao santo e, antes de partirem para Tessalônica, rogaram que ele viesse viver entre eles e fosse seu guia em todas as coisas.

1 II Timotio ii. 17.

2 II Timotio i. 15.

De fato, parecia que, após essa rejeição, seria melhor que o santo se afastasse da Ásia. E seu coração estava pesado ao considerar os muitos anos de trabalho que dedicara àquelas igrejas. Mas Marcos, Filémon, Áquila e João — este último mais tarde conhecido como o Ancião — prometeram que, após sua partida, trabalhariam para restabelecer a unidade. E asseguraram ao santo entristecido que, com o tempo, ele seria novamente aceito como pai da Igreja na Ásia.

No início do verão, um pequeno grupo partiu para Trôade. Trófimo adoeceu com febre e permaneceu em Mileto. Lucas, Erasto e Tíquico foram os discípulos que acompanharam Paulo nesta ocasião e permaneceram na casa de Cárcopo, um homem de renome em Trôade.

Ali, o santo trabalhou diariamente com um escriba, moldando o Evangelho que deveria servir de guia para a Igreja por todo o tempo futuro. Mas um dia ele disse a Lucas: "Meu coração se inquieta. Temo que, com essas divisões, todo o trabalho da minha vida seja em vão, e que as fábulas contadas sobre Cristo corrompam — como um câncer — a verdade, até que por fim nenhuma verdade permaneça."

Contudo, em outro dia, a oração, o silêncio e o retorno do Espírito Santo redimiram Paulo desses muitos temores, e mais uma vez ele se fez calmo e sereno de espírito e de alma.

Assim, quando embarcou para Tessalônica, estava confiante, acreditando que ainda havia trabalho a ser feito e que ele não havia fracassado.

1 II Timotio iv. 20.

2 II Timotio iv. 13.

CAPÍTULO XLVII

Foi quando Paulo se ajoelhou junto ao túmulo de Lídia que Demas se aproximou dele com uma carta de Lino. Assim como em vida Lídia lhe dera novo ânimo e esperança nos tempos de cansaço e derrota, era apropriado que esses sentimentos fossem renovados ali, perto do local onde ela repousava em seu último sono.

A carta também continha saudações de Pudente, Éubulo e Cláudia, e falava da saudade que sentiam do rosto de seu mestre. Lino escrevia sobre os assuntos da Igreja, dizendo antes de tudo que agora eles consideravam Paulo como estando no lugar de Pedro, como pai de todos os irmãos. Apesar da ameaça das autoridades, o número de membros da comunidade cristã em Roma havia crescido; mas agora os convertidos vinham apenas dos pobres e dos escravos, que se glorificavam na esperança da vida eterna. Esses ansiavam por se sentar aos pés de seu mestre reverenciado e ouvir as palavras do homem que vira o Cristo.

Lino contou que Andrônico havia chegado recentemente da Espanha. Ele viajara por toda a Gália e estava ansioso para que Paulo visitasse aquele país. Era uma terra que se estendia para o norte, vasta em tamanho, habitada por um povo simples que poderia ser facilmente ganho para Cristo se o pai da Igreja fosse até aqueles que compreendiam o latim e viviam na região sul, próxima ao mar.

A Igreja prosperava na Espanha. Em sua vinda a Roma, Andrônico buscaria o conselho de Paulo sobre muitas questões relativas aos irmãos daquele lugar. Somente o santo poderia dizer-lhe como combater a ignorância daquele povo, que adorava a deusa da Lua e muitos outros deuses. Embora aceitassem o Cristo, o faziam apenas como mais uma divindade entre as outras que também cultuavam.

Tampouco queriam abandonar esses outros deuses, como Andrônico lhes ordenara, e reconhecer apenas o Deus dos cristãos.

1 Romanos xvi. 7

Na verdade, esta carta continha assuntos de grande importância, questões que agitavam e animavam o espírito do santo. E Lucas percebeu que ele estava tão alegre como um jovem na primavera da vida, ansioso por partir, ansioso por trabalhar entre os irmãos que o chamavam de Pai.

Quando o pequeno grupo dos santos embarcou num navio que partia para Corinto, sentiam-se leves de coração. Pois Paulo irradiava sobre eles o antigo fulgor do seu espírito e, naquele momento, já não pensava no que lhe parecera um fracasso na Ásia — o fracasso de muitos anos de trabalho, da sua maior obra.

Erasto 1 despediu-se dos viajantes no porto de Corinto, pois foi decidido que ele permaneceria naquela cidade, mantendo a igreja em nome de Paulo e de Cristo.

1. II Timóteo iv. 20

Mais uma vez, o navio enfrentou o mar aberto, e este foi bondoso. Dia após dia, uma brisa suave fazia tremular as velas e aves circulavam em redor deles naquela calma dourada. Euroaquilão dormia, e Paulo contava a Demas, o jovem discípulo, sobre aquela primeira viagem a Roma, quando o Euroaquilão rugia e, por muitos dias, o navio fora açoitado pela tempestade e, por fim, lançado às areias de Malta como que pela mão de Deus.

"Então, parece-me," disse Demas, "que esta nossa viagem próspera é uma promessa, mestre, da prosperidade dos teus dias futuros em Roma."

Mas, no momento em que estas palavras foram ditas, uma ave branca que planava sobre as suas cabeças caiu no convés aos pés de Paulo. Ele pegou nela e percebeu que estava morta.

O mestre do navio exclamou: "Isto é um mau presságio, pois nós, marinheiros, sabemos que sempre que uma ave morre assim durante uma viagem, significa grande desgraça e, talvez, morte para o homem a quem ela vem. Sim, verdadeiramente, isto é um aviso dos deuses que não pode ser ignorado."

"E o que há de mal na morte?" perguntou Paulo suavemente. "Para mim, a morte é vida. Olha para o meu corpo gasto e para os meus cabelos brancos. Que significam eles para mim, para que os deva preservar? Sabe que além da sepultura não há mais cansaço, nem dor; há uma alegria inacreditável em estar com Cristo. Estar com Ele é muito melhor do que qualquer coisa que esta vida me possa oferecer."

O mestre do navio escutou durante algum tempo e ficou tão tocado no espírito que rogou a este homem — o único que já encontrara que não temia a morte — que o fizesse também partícipe dessa glória de que falava com tão boas novas.

Após esta conversa, o santo comungava diariamente com ele e com alguns dos seus tripulantes. Não foi difícil para eles acreditar, e foram baptizados ainda antes de o navio alcançar o porto.

O capitão declarou que nunca antes o mar fora tão amável, os ventos tão favoráveis nas suas viagens. Acreditava que o seu percurso fora abençoado pelo deus daquele estranho. E

mesmo perto das costas da Itália, um vento suave soprava, e havia paz nas águas, paz nos céus e uma paz indizível em Paulo e nos seus discípulos.

Na última noite antes de chegarem a Puteoli, o vento cessou por duas horas, o navio ficou imóvel, como um pássaro escuro pousado sobre as águas prateadas.

E nesse silêncio, um anjo do Senhor apareceu a Paulo e disse: "Anima-te. Não temas, pois em tudo o que suceder nestes últimos dias serás sustentado, e do tormento e do sofrimento serás em breve libertado e alcançarás o alto prémio da tua vocação."

Lentamente, o anjo desvaneceu-se na névoa que se erguia. Paulo ficou só com a noite e, antes que essa noite terminasse, viu Deus.

Foi numa profunda tranquilidade de espírito que o santo partiu dois dias depois de Puteoli rumo a Roma. Pudente, Êúbulo e Lino encontraram o pequeno grupo perto das Três Tabernas. A mesma alegria foi demonstrada por estes irmãos como fora por outros — que já tinham partido — a Paulo de Tarso, nesse mesmo local, noutra ocasião.

Depois de descansarem e trocarem notícias sobre a família de Cristo em Roma e na Grécia, partiram em direcção à cidade dos Césares, apressando o passo, pois Paulo sabia, no seu íntimo, que os seus dias estavam contados e que pouco tempo restava para a obra que o esperava ali.

Essa obra era de várias naturezas e exigia muita ponderação. Durante vários dias, Paulo deu audiência aos anciãos na casa de Lino. Ocupou-se, então, dos assuntos da comunidade mundial dos Galileus — nome pelo qual os irmãos eram conhecidos, naquele tempo, em Roma. Andrónico recebeu de bom grado os conselhos e ordens do santo. Deveria regressar a Espanha e foi-lhe confiada a Igreja nessa terra rica e pacífica. Por ordem do Apóstolo, Crescente partiu para a Gália. Aristarco e outros companheiros escolhidos seguiram com ele. Aristarco decidira atravessar todo aquele país. Não descansaria até cruzar o mar até à Britânia — país desprezivamente chamado de "Ilha dos Bárbaros" pelos altivos patrícios. Mas Aristarco era destemido, dizendo que preferia pregar aos bárbaros do que aos romanos corruptos. Os bretões apenas podiam torturar-lhe a carne, os romanos atormentariam-lhe o espírito com artimanhas de palavras e escárnio zombeteiro. Assim, sempre ousado e aventureiro, partiu para uma terra rude e selvagem, sabendo que apenas dificuldades o aguardavam e que não regressaria.

1 Atos xxviii. 15

Paulo refletiu longamente sobre uma carta que, a seu tempo, foi enviada por Tíquico a Éfeso. 1 Depois de todos os assuntos da Igreja estarem decididos, dirigiu-se a toda a assembleia dos irmãos. Eram, na sua maioria, desconhecidos, pois muitos daqueles que lhe eram próximos tinham perecido na perseguição. Foi uma reunião memorável. Os pobres e os escravos ficaram profundamente comovidos com a eloquência do Apóstolo. Alguns choraram de alegria, outros ergueram o rosto com uma alegria profunda e segura, que permaneceria com eles nos dias vindouros. Nenhum homem presente esqueceu jamais aquela hora. Paulo foi, alternadamente, mestre e pai para aquele povo faminto. Eram escarnecidos pelos seus semelhantes por levarem vidas sóbrias e castas e por serem Galileus. Sempre pairava sobre eles a ameaça de nova perseguição, e, no entanto, não

duvidavam; estavam fortalecidos e confirmados, para todo o sempre, na fé, pelo testemunho daquele Apóstolo curvado e envelhecido.

1. II Timóteo iv. 12

Depois, abençoou cada um deles, um a um; e já era noite quando a última pessoa se ajoelhou diante dele — uma mulher velada com vestes escuras. Era Pomponia, conhecida como Lucínia. Suspeita entre os seus familiares romanos, tinha de ser cautelosa ao associar-se com os Galileus, e esta fora a primeira vez que viera à assembleia geral dos irmãos. Após receber a bênção, agradeceu a Paulo por ter enviado um mensageiro à sua terra natal, a Britânia. Então ele levou-a à parte e pediu-lhe que mantivesse em segredo a missão de Aristarco, pois não fazia muito tempo que os bretões se tinham revoltado contra a autoridade romana. Se se soubesse que um Galileu partira para trabalhar na Britânia, poderia ser acusado de ali ir incitar à traição e à rebelião contra César. Lucínia prometeu guardar silêncio, e afastou-se suavemente da presença do Apóstolo.

Como consequência daquela reunião, correu a notícia de que Paulo de Tarso tinha regressado a Roma. O seu antigo inimigo, Alexandre, o ourives, vivia na Porta Capena. Ali exercia o seu ofício e procurava ganhar favores da autoridade para aumentar a sua prosperidade. Pediu audiência a Hélio, o liberto. Esta foi recusada, e então Alexandre apresentou a sua acusação a um centurião, que a transmitiu a Hélio.

Lucínia tinha um amigo influente que a informou do perigo que se aproximava de Paulo. Assim, mesmo arriscando a própria segurança, ao romper do dia apresentou-se em pessoa na casa de Lino. Não confiava tal mensagem a mais ninguém. Diante do santo, disse:

"Mestre, esse Alexandre procura tirar-te a vida, movido pelo seu antigo ódio e pelo desejo de ser recompensado pelas autoridades. Houve nos últimos anos muitas conspirações contra César, e será fácil para esse homem fundamentar a sua acusação contra um Galileu. Por isso, suplico-te que abandones Roma dentro de uma hora. Parte para norte e junta-te a Crescente na Gália. Terei uma carruagem à tua espera para lá das portas da cidade. Não te preocupes com as tuas necessidades durante a viagem, pois todas serão providenciadas por mim."

"Não," respondeu Paulo, "não posso abandonar os irmãos."

"Mas serás acusado e condenado, e a sentença será a morte pela espada ou pela crucificação."

"Estou preparado para morrer."

"Mas o teu julgamento pode originar uma nova perseguição a todos os que são conhecidos como Galileus."

Paulo refletiu, e depois de um momento lançou um olhar triste àquela mulher da Britânia, e disse:

"Mas quero que saibas que o Anjo do Senhor me apareceu durante a viagem e ordenou-me que testemunhasse abertamente a verdade em Roma. Mesmo que venha perseguição

sobre os irmãos por causa desse testemunho, devemos aceitá-la com alegria, pois tal é a vontade de Deus."

Lucínia percebeu que falhara, e que nenhum apelo mudaria o caminho escolhido pelo santo. Pediu então a sua bênção e despediu-se.

Lino logo soube do perigo que ameaçava o pai da Igreja. Apressadamente convocou os poucos cidadãos romanos de boa reputação e alguma influência que pertenciam à comunidade dos santos.

Foram ter com Paulo. E, depois de falarem com ele sobre a certeza de que seria levado diante do magistrado, todos se desculparam, dizendo que, por causa das suas esposas e filhos, não podiam apresentar-se a testemunhar pela sua integridade e lealdade ao Estado. Depois, sem sequer se despedirem, retiraram-se apressadamente. Apenas à porta da casa se detiveram por um momento para aconselhar Lino a ter cuidado com Paulo.

Lembrando-se desse aviso, Lino, o Supervisor da Igreja Romana, falou com o santo sobre as necessidades do seu cargo e a segurança dos irmãos.

"Mestre," disse ele, "dia e noite oraremos pela tua absolvição, caso sejas lançado na prisão e chamado a julgamento diante de César. Mas traria perseguição a todos os irmãos se afirmássemos que és um dos nossos e admitíssemos que és o nosso líder. Por isso, no tempo que se aproxima, não poderei visitar-te na prisão, e ordenarei, para bem de todos, que os membros da Igreja se mantenham discretos e, se questionados, neguem que estejas estabelecido na nossa comunidade. Verdadeiramente, só assim poderemos evitar a destruição da Igreja através de nova perseguição."

E Paulo respondeu com coragem: "Estou preparado para ficar só, mas exijo que qualquer homem, que não tenha medo, seja livre de me visitar na prisão, se assim o desejar."

Lino consentiu. Depois, a pedido do santo, chamou Demas, o tessalonicense, e deu-lhe conhecimento do perigo que agora ameaçava o seu mestre. Paulo tinha dois filhos espirituais, Timóteo e Demas. Timóteo era o primeiro em tudo com ele. Mas, na sua ausência, estimava Demas e dependia dele para os pequenos serviços diários de que necessitava, por causa das suas debilidades.

Demas era alto e esguio como um junco, conhecido como o “jovem de cabelos dourados”; e era belo como Absalão aos olhos do povo.

Nesta hora amarga, Paulo voltou-se para ele com alegria, contando com a sua lealdade, certo na sua fé na integridade do jovem.

Ora, o vidente de Tarso, como muitos videntes, por vezes estava tão absorto que não reparava nos sinais exteriores. E quando, à chegada de Demas, lhe tomou ambas as mãos, não notou o seu rosto pálido nem que mal conseguia controlar o tremor dos membros.

“Filho, posso contar contigo para vires até mim quando estiver na prisão,” disse o santo com confiança; “trarás pergaminho e aliviarás as horas de confinamento, servindo como meu escriba, como é nosso costume. Também poderás aliviar os meus dedos rígidos e as dores nos ossos com aquele unguento que os tornou mais ágeis graças às tuas mãos.

Esperarei com ansiedade a tua vinda, filho amado; e não me cansarei nas longas horas de solidão e correntes, por saber que terei o consolo da tua presença nos momentos em que o guarda te permitir estar comigo."

Ao ouvir estas palavras, o jovem de cabelos dourados cobriu o rosto com as mãos, chorando, e murmurou:
"Tenho medo."

"Deus não nos deu o espírito de medo," respondeu Paulo, muito admirado, "mas de poder, de amor e de moderação."

"Tenho de partir para Tessalónica," exclamou Demas; "não posso enfrentar o suplício das feras nem o martírio na cruz."

E com isso, soluçando e clamando, o jovem fugiu da presença do Apóstolo, da casa de Lino, e no dia seguinte já havia deixado Roma.

1 II Timóteo 4:10

Assim foi Paulo abandonado pelos irmãos e pelo seu amado filho espiritual, Demas. Embora sofresse com essa separação súbita, manteve-se cortês e digno, entregando-se sem hesitação aos guardas quando, ao meio-dia, chegaram à casa já vazia. Após lerem o mandado, obrigaram-no a acompanhá-los até à prisão, despedindo-se assim dos últimos dias de verão.

CAPÍTULO XLVIII

Paulo foi conduzido à presença de Hélio, o liberto. Estava sozinho naquele tribunal. Nenhum amigo ou Galileu se encontrava entre os presentes. A ordem dada por Lino fora obedecida.

1 II Timóteo 4:16

Na parte inferior do tribunal estava Alexandre, sombrio e feroz como um lobo. Ao seu lado encontrava-se outro velho inimigo, Meneas, conhecido como a "raposa de Corinto", pois nos seus frequentes ataques a Paulo sempre fora astuto, escolhendo com perícia o momento e o argumento, como um advogado experimentado.

Alexandre apresentou duas acusações. A primeira: que Paulo era um dos incendiários que atearam fogo a Roma; a segunda: que, como líder da seita dos Galileus, conspirava contra César e constituía uma ameaça ao Estado, pondo em risco a autoridade.

Meneas avançou como testemunha, dizendo:
"Encontrei Paulo pela primeira vez e tomei conhecimento do seu conflito com as autoridades em Corinto. Nessa cidade foi levado diante do tribunal de Gálio, por tentar persuadir os homens a adorar Deus contra a lei. Mais tarde, em Éfeso, foi causa de tumulto e alvoroço, pois ameaçou destruir o templo de Diana. Podia nomear outras cidades

menores onde houve motins por causa deste homem sedicioso. Mas basta-me referir o tempo em que esteve em Jerusalém."

1 Atos 21:27, 40

Aqui, Meneas fez uma pausa e leu de um pergaminho os acontecimentos desses dias, a exigência do povo de que Paulo morresse, e as acusações feitas contra ele pelo Sumo Sacerdote.

Quando Meneas terminou, Alexandre falou do julgamento de Paulo diante do prefeito no tribunal imperial e do infortúnio da sua absolvição, anos antes do Grande Incêndio. "Permaneceu então em Roma por muito tempo," disse o ourives, "agindo secretamente, falando sobretudo a escravos e vagabundos, reunindo-os em nome de um rebelde e malfeitor chamado Jesus, que foi crucificado em Jerusalém no tempo em que Pôncio Pilatos era governador daquela cidade."

Tomado pela ira e pelo ódio, Alexandre clamou:
"Foi Paulo o primeiro a lançar a tocha ardente sobre as cabanas de madeira junto ao Circo. É, sem dúvida, o autor do maior incêndio que o mundo já conheceu!"

1 II Timóteo 4:16
2 Atos 21:27, 40

Ao ouvir estas palavras, ergueu-se um clamor entre o povo no tribunal. Mas Paulo levantou a mão e fixou os olhos sobre eles. Havia poder no seu olhar, e pouco a pouco o tumulto cessou, ficando apenas um ou dois a murmurar:
"É um feiticeiro, pode talvez matar um homem com o raio do seu olhar."

Então Hélio fez sinal, e Paulo ergueu a voz, dizendo:

"Agora que me é concedida permissão para falar, quero que saibas que sou cidadão romano e honrei essa cidadania apenas falando a verdade e não prestando falso testemunho. Isto não é de pouca importância quando um juiz examina testemunhos. Alexandre mentiu na sua primeira acusação. Aqui está uma carta enviada pelo chefe da Ásia, testemunhando sobre a minha estada em Éfeso na altura em que Roma foi incendiada. Há muitos efésios que podem comprovar que eu residia naquela cidade no ano dessa terrível calamidade. Mais ainda: parti de Itália no ano anterior ao incêndio, e há dezenas de pessoas que me viram e ouviram falar em cidades da Ásia durante esse tempo e até ao verão deste ano, quando retornei a Roma."

"Agora, como verás por esta carta que Alexandre cometeu perjúrio, reconhecerás certamente que um homem que mente numa acusação, mentirá noutra também. A segunda acusação é igualmente falsa, pois nunca conspirei contra César. Pelo contrário, como cidadão leal do Império, exortei sempre os homens a obedecerem ao Imperador e ao Estado. Em todas as coisas, tenho incitado os Galileus à sobriedade e à vida pacífica. Alexandre procura lançar-me na prisão porque defendo o que ele chama de heresia e porque prego a ressurreição dos mortos."

Aqui, devido à fraqueza, Paulo interrompeu o discurso. Mas passados momentos, o Espírito reanimou-o de tal forma que voltou a falar com ousadia e eloquência acerca de

Cristo. A estranheza das suas palavras impunha silêncio a um romano como Hélio — mas não por muito tempo; pois o juiz declarou que o réu não estava ali acusado por motivos religiosos.

Então Paulo exclamou:
"Senhor, se o meu fim está próximo, permite-me dizer que tenho vivido até este dia com boa consciência. A minha mão não ofendeu o Estado, nem o povo, nem os seus bens. Sou inocente do sangue de qualquer homem. Mas estou pronto a morrer pelo Nome do Senhor Jesus."

A sua voz soava como trombeta, e todos, até os velhos advogados de expressão cerrada, se sentiram comovidos. Por um breve instante, fez-se silêncio. Depois, o povo suspirou como se tivesse despertado de um feitiço. E até para Hélio foi difícil libertar-se do poder daquelas últimas palavras, da nobreza estranha daquele ancião curvado, e da luz que transformava o seu rosto ao falar de Jesus.

Mas o hábito da Lei falou mais alto e, por força da prática e do costume, o juiz declarou: "Paulo, estás absolvido da primeira acusação. Aceito o testemunho desta carta escrita pelo escriba do chefe da Ásia. Reconheço a dúvida no que respeita às palavras de uma testemunha que foi apanhada em perjúrio."

Aqui, o juiz lançou um olhar duro a Alexandre, que encolheu-se como um cão batido. "Mas, ao falares do teu Deus, Jesus, confessaste que és um destes Galileus. Por isso, sou obrigado, pelos crimes passados desta sociedade de traidores, a ordenar a tua detenção. Aguardará em prisão a convocatória do Tribunal Imperial, para comparecer diante do tribunal de César.

"Existem, de facto," continuou o juiz, dirigindo-se ao advogado, "muitas questões relativas ao réu e à sociedade dos Galileus que devem ser devidamente investigadas antes do seu julgamento."

Com isto, o caso foi encerrado para dar lugar a outro. E Paulo foi levado de volta à prisão junto ao Fórum, onde passou a viver num calabouço estreito, em rigoroso confinamento.

CAPÍTULO XLIX

Os Galileus reuniam-se secretamente para adoração em horas marcadas, no campo, fora de Roma. Temendo os emissários da lei, mantinham-se afastados de todos, pois havia medo por toda a parte.

Lino tinha-se hospedado com Pudente; mas os guardas vieram procurá-lo. Porém, escondera-se nas grutas subterrâneas para além de Roma. Nesse refúgio de mortos estava a salvo, por algum tempo. Espiões circulavam entre os homens, fazendo investigações discretas sobre a vida e os feitos dos Galileus. Por toda a parte, os libertinos falavam contra eles, pois odiavam a virtude, a sobriedade e a seriedade dos irmãos. Muitas calúnias foram lançadas, e só havia verdade numa: a de que os Galileus frequentemente anunciavam que o fim do mundo estava próximo e que o seu grande Senhor viria montado nas nuvens no Último Dia.

Para os advogados, essas palavras eram o âmago do seu argumento contra o réu, pois pareciam indicar que os seguidores de Paulo desejavam e esperavam a queda do Império Romano. Mas esses advogados eram como lagartas, rastejando lentamente e com cuidado. Decidiram que nenhum outro Galileu fosse detido até que o julgamento do seu líder determinasse se, como grupo, constituíam uma ameaça ao bem comum.

Entretanto, os homens conhecidos como Galileus eram vigiados. Todos os dias, um espião seguia Lucas nas suas visitas à prisão. Apenas em certos dias era permitido ao médico visitar Paulo. Mas essas visitas pouco consolo traziam ao santo, pois já perdera o vigor ardente dos anos médios da vida — agora era velho e cansado. Profundo era o seu afeto pelo Mestre de Tarso. Tinham sido companheiros diários durante muitos anos, mas entre eles, nesses últimos tempos, já não havia a mesma comunhão confortável, nem entendimento mútuo. Paulo já não tinha o mesmo temperamento ou coração de Lucas. A fragilidade do corpo do Apóstolo tornava-o impaciente com a fala lenta e os conselhos prudentes do grego, que sabia escrever belas palavras, mas, por certa lentidão de espírito, não conseguia proferi-las. E falhava também pela sua própria devoção ao santo, que o tornava um pouco temeroso, e assim, era como se a sua língua estivesse presa sempre que tentava oferecer palavras de consolo. Por isso, muito ficou por dizer, e Paulo jamais soube da profundidade do seu amor e reverência.

A pedido do Apóstolo, Lucas aproveitava o tempo livre — quando não trabalhava para garantir o seu sustento — a escrever uma crónica das viagens de Paulo. Pois tal poderia ser útil no julgamento que se avizinhava. Assim, quando se encontravam, as conversas versavam apenas sobre esse assunto e sobre os assuntos práticos da fé.

Durante o dia, no final do verão, nenhum amigo visitava a prisão. Lucas só podia ir ao pôr do sol, depois de libertar-se das suas obrigações.

Nestes últimos anos, Paulo habituara-se a viver em companhia de muitos tipos de homens, e o costume tornou-se hábito. Por isso, inquietava-se no espírito durante as longas horas do dia; sentia-se só e agitado na alma, por já não poder ensinar nem pregar, e por viver numa cela quase tão estreita como a sepultura, onde mal havia variação de luz. Podia suportar com coragem as privações da vida e as próprias enfermidades; mas era o saber que aquelas horas fugazes se desperdiçavam, que a Igreja na Ásia parecia falhar — e em todo o lado — que tanto afligia o velho homem. Naquela solidão, temia que todo o seu trabalho tivesse sido em vão, e que a Igreja em breve se desvanecesse da face da terra.

Esse foi o tempo mais negro da vida de Paulo. Mas, com os primeiros dias frescos do outono, chegou a Roma um homem de espírito afim ao do Santo.

Onesíforo 1 apresentou-se na prisão. E, por ser homem de nascimento e estatuto, foi imediatamente autorizado a ver o prisioneiro no seu calabouço. Os dois abraçaram-se, e Paulo chorou de alegria. Ali, naquele gentio, encontrou um homem segundo o seu coração, alguém afável, afectuoso, e capaz de proferir palavras de esperança e eloquência. Regressava sempre, vezes sem conta, e era um verdadeiro alívio para o espírito de Paulo, dissipando o medo e a aflição, fazendo com que os dias florescessem através da sua convivência. Assim, a má saúde, a dor, o cansaço e o desgaste foram esquecidos pelo velho santo.

1II Timóteo 1:16–18

Contudo, foi necessário que Onesíforo partisse numa missão para Puteoli e, quando já não voltou, as horas passaram a arrastar-se pesadamente, cada uma parecendo durar um ano para Paulo. O frio intensificou-se, as águas infiltravam-se no calabouço; havia manhãs em que mal conseguia mover as mãos ou os pés. E sobre tudo isso Lucas escreveu a Onesíforo. Mas este não podia regressar por causa da doença.

II Timóteo 1:16–17

Então Lucas levou pergaminho à prisão e pediu a Paulo que ditasse uma carta para chamar Timóteo a Roma. O santo recusou, dizendo:
— A Igreja é melhor servida se Timóteo permanecer em Éfeso.

Nada mais foi dito naquele dia. Lucas saiu da prisão profundamente perturbado, pois sentia que nunca conseguia consolar o Apóstolo, e sabia que Timóteo era a verdadeira necessidade dele. Mas, ao nascer do dia seguinte, foi iluminado pelo Espírito Santo; e, ao pôr do sol, depois do seu trabalho, voltou à prisão e disse a Paulo:

— Lino é de ânimo fraco e temeroso. Só em raras ocasiões convoca os irmãos para adorar em segredo nos campos. Assim, a Igreja está a desagregar-se por causa do espírito de medo que há em Lino, e os irmãos estão a afastar-se. Se essa falta de coragem continuar, em breve não haverá Igreja, e Cristo e a fé desaparecerão de Roma. Por isso, chama Marcos de Éfeso, pois é o único homem que pode persuadir Lino a enfrentar com ousadia os perigos destes dias e a ministrar abertamente aos irmãos. Marcos, sendo amigo do nosso amado Simão Pedro, pode falar dele com eloquência e, assim, encorajar o Supervisor da Igreja de Roma, curando-o dessa doença de espírito.

Paulo respondeu:
— Não chamarei Marcos porque ele é a força de Timóteo, a sua mão direita. E Timóteo, sendo de alma gentil, não pode permanecer sozinho. Eles são a necessidade da Igreja na Ásia.

— A necessidade da Igreja em Roma é ainda maior — exclamou Lucas. — Chama Marcos e Timóteo.

Paulo abanou a cabeça e não quis mais falar sobre o assunto. Mas, ao despedir-se, Lucas não pôde levar consigo nem pergaminho nem pena. Soube, então, que Paulo escreveria.

Lá fora, a luz da alvorada brilhava intensamente, e lá dentro havia uma luz pálida. Então Paulo pegou na pena e, lentamente e com dificuldade, por causa dos seus dedos enrijecidos, escreveu as primeiras linhas de uma carta a Timóteo:

"Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que há em Cristo Jesus. A Timóteo, meu amado filho: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo."

"Desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas..."

Aqui a pena caiu sobre a pedra. Paulo escondeu o rosto e chorou. Não escreveu mais nesse dia, pois havia desolação na sua alma. Duas vontades lutavam dentro dele — a do

santo que acreditava que Deus era melhor servido se Timóteo e Marcos permanecessem na Ásia, e a do homem que sentia que precisava ver o seu filho por causa da fragilidade do seu amor humano. Hora após hora, como depois contou a Timóteo, lutou com o que então lhe pareceu uma tentação — a tentação do Diabo —, uma tentação de ceder à sua necessidade pessoal.

Mas no dia seguinte Paulo apagou algumas palavras da epístola e, após a saudação, escreveu:

"Desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas, para que eu me encha de alegria."

E de novo envergonhou-se e afastou o pergaminho de si. Quando Lucas chegou nessa noite, Paulo não respondeu a nenhuma conversa acerca dos irmãos de Éfeso.

Ora, Lucas tinha olhos tão aguçados como os de uma ave selvagem. Notou, meio escondido numa túnica velha, o pergaminho com aquelas primeiras linhas escritas. Por isso, não falou nem de Marcos nem de Timóteo, temendo provocar a repreensão do Apóstolo. Mas retirou-se a rejubilar.

Então, dia após dia, Paulo trabalhou naquela carta, não falando das suas próprias necessidades, mas oferecendo bons conselhos a Timóteo e exortando-o a permanecer firme na fé. Devido à rigidez dos dedos, só conseguia escrever algumas frases por dia. Lucas poderia ter escrito toda a carta em pouco mais de duas horas, se Paulo a ditasse. Mas entre eles houve silêncio quanto a isso, e nunca se fez pedido por um escriba.

Um vento soprava do norte sobre Roma, e embora ainda fosse outono, os calabouços foram por alguns dias tomados pelo sopro gélido do inverno. Tremendo de frio, Paulo recusou aceitar o manto de Lucas, pois era o único que o médico possuía. Mas, com ânimo renovado, voltou ao seu pergaminho, mencionando a partida de Crescente e Tíquico.

1 II Timóteo 4:12

De repente, com força, os seus dedos agarraram a pena, e, ao aproximar-se do fim da carta, pediu a Timóteo que viesse com urgência a Roma e trouxesse consigo Marcos. Acrescentou ainda os nomes de livros e pergaminhos que deixara na casa de Carpo e, por fim, pediu um manto que tinha deixado de lado durante o calor do verão e que agora lhe fazia grande falta.

2 II Timóteo 4:13

Quando Lucas chegou ao amanhecer e voltou a insistir para que aceitasse o seu manto, o santo disse, com orgulho, que em breve Marcos e Timóteo lhe trariam tudo o que necessitava de Trôade e que preferia usar o seu próprio manto a qualquer outro.

Dizendo isto, entregou a Lucas a carta escrita com tanto esforço e sofrimento, pedindo-lhe que a enviasse por certos irmãos que em breve partiriam de Roma para Éfeso.

A partir desse momento, a esperança voltou. Paulo voltou a ser senhor de si mesmo, mais amável no trato com Lucas, capaz de orar apesar do sofrimento físico e, embora por vezes

abatido, já não vivia naquela desolação de desespero em que a sua alma clamava: "Meu Deus, por que me abandonaste?"

Nessa mesma noite, Lucas procurou Lino e mostrou-lhe a epístola de Paulo a Timóteo. Antes de selá-la, Lino acrescentou as saudações de todos os irmãos. Depois, entregaram-na a mãos seguras, e no dia seguinte o mensageiro partiu para a Ásia.

1 II Timóteo 4:21

CAPÍTULO L

Desde a morte de Popeia que Nero já não conhecia a felicidade, e o prazer momentâneo tornara-se um estranho à sua alma. Nos últimos anos, muitos atentados haviam sido dirigidos contra a sua vida, e o medo era frequentemente o seu companheiro. Nem a poesia nem as mulheres conseguiam distrair-lhe a mente. Era presa de uma escuridão de espírito, recusava ocupar-se dos assuntos do Estado ou sentar-se no tribunal de César.

O seu sono era inquieto, e acordava a horas estranhas, irado, a vociferar contra os escravos que o vigiavam, acusando-os de lhe perturbarem o descanso. Eles recebiam o castigo da flagelação, e Tigelino aconselhou-o a dormir sozinho.

Durante duas noites, o sono de Nero foi doce e profundo. Mas, na terceira, foi despertado pelo som de passos em marcha. Não vinham de longe e tinham o compasso regular de bons versos. Pensando assim, Nero abriu os olhos para a solidão — e teve medo.

Uma névoa ténue toldava o ar; as luzes trémulas ardiam com tom azulado. Mais perto e mais alto soava o passo em marcha. E, de súbito, onde antes havia vazio, surgiram muitas figuras. As névoas rodopiaram em redor delas, depois abriram-se e dissiparam-se. Todos os que haviam sido mortos por ordem de César, ou que tinham morrido pela vergonha da sua vida ímpia, apareceram numa brancura fantasmagórica. Britânico, Octávia, Agripina, Popeia, Séneca, Senécio, estoicos de rosto severo, santos crucificados — todos encheram aquele aposento. Ali estavam, como fados encapuzados, ameaçadores, vigilantes, portadores de presságios funestos.

Nero clamou por ajuda, pelos seus escravos, por Tigelino — mas as palavras morreram-lhe nos lábios. Era a hora dos mortos, e não a dos homens. César tentou erguer-se e fugir, mas estava como prisioneiro amarrado.

— É um sonho, um terror da imaginação — murmurou, cobrindo os olhos com as mãos. Mas não ver era também mergulhar num medo sobrenatural.

Nero voltou a olhar. Não eram uma visão noturna — ainda estavam ali. Mas agora, numa marcha ordenada, os quarenta amigos e senadores que pereceram na grande conspiração passaram em procissão junto ao seu leito, murmurando:

— Prepara-te para a morte. Prepara-te para a tua morada eterna.

Por fim, veio o seu companheiro mais amado, Senécio, que parou e fitou o mestre. Então chegaram as palavras. Nero murmurou:

— Porque quiseste matar-me, amigo fiel?

— Porque queria impedir a tua desonra, salvar-te da vergonha de uma página manchada na história dos tempos.

Ao ouvir isto, Nero recuou, tomado de medo.

Depois, um a um, vieram outros, todos pronunciando a sentença do destino. Apenas os Galileus que haviam acendido tochas nos jardins de César passaram sem fazer sinal algum. Após eles veio a jovem imperatriz Octávia. Parou, e as suas palavras chegaram claramente aos ouvidos de Nero:

— Dei-te desprezo por desprezo, César. Mas fui virtuosa e fiel a ti mesmo no ódio. Em breve viajarás para uma terra onde César não é conhecido, onde não há poesia nem canto. Por isso o ódio morreu, e resta apenas compaixão no meu coração por ti.

Assim falou, e passou, e Nero chorou. Mas o medo voltou agudo quando a sua mãe, Agripina, surgiu ao seu lado — fatídica, ameaçadora. Havia maldade e veneno no seu olhar, e ela gritou:

— Pus o meu filho no trono. Conspirei contra a sua vida, e morri por sua ordem. Mal por mal. Ele morrerá como eu — sozinho, abandonado — e juntar-se-á a mim naquela escuridão exterior de onde não há retorno. A morte aguarda César dentro do espaço de três anos.

E este dizer foi tomado em coro:

— A morte aguarda César, o nosso destino é o seu destino.

Quase se tornou num clamor, crescendo como uma onda, e depois caindo em silêncio.

Por fim, apareceu Séneca; e foi um Nero perturbado que ergueu os olhos para aquele ancião, murmurando:

— Misericórdia, meu tutor, meu pai.

Devagar, cuidadosamente, na velha maneira pausada, ressoou a fala do sábio, no silêncio crescente:

— Ainda amigo e tutor. César será salvo desta morte prematura se voltar à boa vontade, se afastar a loucura de si, e, tomando de novo o fardo do Império, servir o Estado uma vez mais. Ainda há tempo; mas além do túmulo já não há tempo.

Suspirando, como fazia em vida, este fantasma afastou-se rápida e suavemente do aposento. E César voltou a ficar só.

Mas aquelas últimas palavras dissiparam a loucura que se apoderava da mente de Nero. Durante muito tempo ficou ali, trémulo, prostrado — mas ainda homem, e não uma criatura enlouquecida da noite.

Ao amanhecer levantou-se e chamou um escravo, mandando chamar Tigelino com urgência. E quando o favorito chegou, contou-lhe que fora transportado ao tribunal dos mortos, onde ele, César — o legislador — fora o réu, e não o juiz.

— Terrível foi o meu terror, e ainda me persegue o medo daquele cemitério da noite, perturbando todo o meu espírito. Pois não sei se há verdade no julgamento deles, naquela profecia de morte.

E Tigelino respondeu:

— Não, César, não havia verdade alguma. Eram apenas sonhos de um corpo e mente desordenados. Afogaremos tais sonhos com corridas de bigas, lutas e outros jogos. Quando o corpo estiver cansado, então César dormirá profundamente, sem visões que perturbem o seu descanso.

Mas Nero já não pensava como o seu favorito. Chamou os seus conselheiros e, lembrando-se das últimas palavras do aviso de Séneca, voltou com diligência aos assuntos do Estado.

CAPÍTULO LI

Semanas passaram. Chegou o inverno, mas Timóteo não veio. Ainda assim, Paulo guardava a pequena flor da esperança e, embora sofresse continuamente com as suas enfermidades, mantinha-se de coração leve, o espírito elevando-se muito acima da dor. Nesses dias, falava com eloquência a Lucas sobre muitas coisas. A barreira que existira entre ambos fora superada nessa comunhão serena e segura. Mas houve um momento em que essa barreira se ergueu de novo. E aconteceu assim:

Lucas falou a Paulo sobre os seus dois anos de prisão em Roma antes do primeiro julgamento.

— Assim, haverá mais um ano, talvez mais, de cativeiro — disse ele. — E eu de bom grado seria teu escriba, para anotar todas as tuas palavras. Não fui já eu quem redigiu de próprio punho a crónica anual das tuas viagens, para os advogados? Agora é necessário que a doutrina e o governo da Igreja sejam definidos por ti para todo o tempo futuro, mestre. Pois tu és agora o chefe de toda a Igreja, e não apenas do Ocidente, que foi a tua própria criação.

Paulo sorriu.
— Não, sou seu servo — disse. — E na sua vida, Pedro foi o primeiro, pois eu fui o menor entre os Apóstolos.

— É a medida da obra e dos talentos de um homem — respondeu o grego — que faz dele um líder e mestre nas coisas do espírito e da mente.

E depois, mudando o tom da sua fala, implorou a Paulo que aproveitasse os preciosos dias que ainda lhe restavam, dedicando-se à tarefa de registar os seus ensinamentos — neles devendo incluir-se não apenas o pensamento e o agir justos, mas também os nomes dos anciãos e supervisores, e a estrutura de governo de cada comunidade.

— Falas com a mente de um grego — disse Paulo. — Não quero edificar a Igreja como se fosse o governo de um Estado, pois temo moldá-la segundo uma instituição do mundo. Não, antes quero que seja livre de toda a tentação da riqueza. Se a moldares como uma

pequena pólis grega, certamente se tornará num corpo de homens cujos caminhos são governados pelo ouro. Vejo que sobre tais fundações se poderão erguer templos grandiosos e opulentos à semelhança do templo de Diana em Éfeso — e a obra de Cristo perder-se-á nesse esplendor vistoso. Os montes, ou até os recintos mais humildes das cidades, são lugares onde Deus pode ser buscado com pureza de coração. Onde não há riquezas, não há distração para o olhar, nem perigo de cobiça. Falo do que poderá vir a acontecer. Não há perigo disso no presente. Mas se escrevo sobre um tempo futuro, desejo estabelecer como primeira lei da Igreja que os seus anciãos, mestres e supervisores sejam chamados servos da pobreza e renunciem a toda a riqueza ao consagrarem-se a essa vida, por si e pela Igreja. Se ofertas valiosas forem feitas, que sejam dadas aos pobres, distribuídas com sabedoria entre os necessitados.

— Não, não! — exclamou Paulo, ao ver que Lucas tomava a pena. — Não registes por escrito o que acabo de dizer. Quero primeiro moldar o texto na minha mente, depois consultar os pergaminhos que Timóteo trará de Trôade, antes que a primeira palavra do Evangelho de Cristo, escrita pelo seu servo Paulo, seja gravada numa página.

— Mas, mestre, o tempo passa — suplicou Lucas.

— Não é minha vontade começar esta obra antes da chegada de Timóteo — respondeu o Apóstolo.

Falou com tanta firmeza que Lucas não se atreveu a dizer mais nada naquela noite. Mas, repetidamente, ao cair do sol, quando partilhavam aquele momento do dia, Lucas pedia a Paulo que o deixasse ser seu escriba. O seu pedido era sempre recusado; e por fim o santo ordenou-lhe que nunca mais lhe falasse desse assunto, pois a sua decisão estava tomada. Somente com a presença de Timóteo, disse ele, estaria suficientemente inspirado para produzir o evangelho que serviria de guia vivo para todas as gerações dos homens.

Então Lucas sentiu-se atingido; e embora a inveja não pudesse habitar naquela alma tão generosa, sofreu em silêncio, pois Timóteo vinha em primeiro lugar — e ele, Lucas, o mais velho e mais sábio, não podia ser o escriba de Paulo.

CAPÍTULO LII

Ora, quando Nero retomou os assuntos de Estado, apresentaram-lhe a lista de prisioneiros e casos de suspeita de traição. A um só deles Hélio chamou a sua atenção, dizendo:
— César, este prisioneiro, Paulo de Tarso, é um homem estranho, e estou incerto quanto à matéria da acusação. É nomeado como chefe dos Galileus — esses traidores que atearam fogo a Roma. E, se for verdade que fazia parte dessa conspiração e, por isso, seja provável que volte a conspirar contra César, então deverá ser condenado à morte.

— Seguramente, seguramente — respondeu Nero.

— Mas quando Paulo esteve diante de mim — continuou Hélio — fui perturbado pela nobreza do seu porte e pela eloquência do seu discurso. Enquanto o escutava, pareceu-me ser ele o verdadeiro espelho da verdade e da integridade, feito da mesma fibra dos antigos patrícios que prefeririam morrer em tormento a trair Roma. Posso estar enganado neste

juízo, mas tal me pareceu o carácter deste cidadão romano, Paulo. Por isso, julgo que apenas a sabedoria de César poderá determinar esta questão e fazer justiça.

Aqui Hélio procurou lisonjear Nero, e a vaidade do imperador alegrou-se com tal homenagem. E assim disse:

— Podes assumir o julgamento dos restantes prisioneiros; mas a este homem, Paulo, quero que seja trazido à minha presença, no tribunal. A partir de hoje, Hélio, estou decidido a trabalhar com diligência e zelo pelo meu povo — então, todos me amarão e chamar-me-ão pai do povo.

— Sim — respondeu Hélio, olhando com compaixão para o seu imperador amante dos prazeres. Pois acreditava que esta resolução não passava de um capricho momentâneo que passaria em poucos dias. Contudo, ao sair da presença do seu senhor, ordenou a um centurião que avisasse o prisioneiro Paulo de que, dentro de três dias, compareceria em julgamento perante César, no Tribunal Imperial.

Assim, a visão noturna de Nero conduziu o Santo de Tarso à presença do governante do mundo, no fim do ano.

Ora, Onesíforo era conhecido de Hélio e do centurião. Na véspera do seu regresso a Roma, o centurião informou-o do julgamento, e apressadamente ele convocou Lucas e pediu-lhe que preparasse os pontos de defesa que pudessem servir ao prisioneiro. Durante toda a noite, então, Lucas estruturou e reestruturou os grandes episódios da vida de Paulo. E, na manhã seguinte, não foi à oficina, mas dirigiu-se à prisão.

No entanto, só ao meio-dia lhe foi permitido entrar na cela de Paulo. Era um dia claro e solarengo, e era fácil ver o rosto do Apóstolo, pois a habitual penumbra daquele lugar estreito fora rasgada pela luz.

O seu semblante estava pálido pela doença e pelo longo confinamento. E então, aflito e desolado, Lucas exclamou:

— Mestre, mestre, chegou a tua hora — e a obra não está concluída! Ainda não temos testemunhas; estamos despreparados!

— A paz é minha — disse Paulo, e, erguendo a mão, traçou uma cruz no ar. Depois continuou com gravidade:
— Combati o bom combate; cheguei ao fim da minha carreira; guardei a fé. Agora está guardada para mim a coroa da justiça. Sim, e também para ti, Lucas, e para todos os que amaram a vinda de Jesus, o Cristo.

Mas estas palavras não aliviaram a tristeza de Lucas pelo seu mestre. Com angústia, recordava que ainda não tinham notícias de Timóteo. E clamou:

— O Evangelho de Jesus, conforme anunciado pelo teu servo Paulo, não foi escrito. E agora todas as tuas palavras e feitos perder-se-ão para o mundo. A memória perecerá. Daqui a poucos anos, quem conhecerá a glória?

— Escreve com o teu coração, Lucas — disse Paulo — e tudo o que Deus quiser que os homens saibam será assim preservado.

— Mas Timóteo não chegou — lamentou o médico, ousando por fim falar do que devia significar desolação para quem tanto amava o seu filho.

Por um instante, o rosto do velho perdeu a serenidade — o sofrimento passou por ele como uma flecha, penetrante; mas logo se dissipou, e Paulo respondeu com tranquilidade:
— A alegria do Espírito Santo está comigo... e tu também, Lucas, sempre meu fiel companheiro de estrada — estarás comigo na hora da minha última prova — bom camarada até ao fim, até nos encontrarmos junto à Cruz.

E Lucas, o sereno ancião cujos olhos nunca haviam derramado lágrimas, chorou amargamente. Mas Paulo pronunciou palavras corajosas de conforto. Lentamente, com firmeza, aquele grande homem transmitiu a sua paz — a paz do Espírito — ao médico aflito.

Depois, durante algum tempo, trabalharam juntos, revendo o texto do argumento preparado por Lucas. Mas, de repente, Paulo largou o pergaminho, ergueu-se, e o seu rosto iluminou-se quando exclamou:

— Nesse dia confiarei apenas no meu Deus. Sem preparação, pronunciarei aquelas palavras que o Espírito Santo puser na minha boca. Por isso, não desperdicemos esta que pode ser a última hora que passamos juntos a estudar os artifícios de Alexandre e as falácias dos advogados.

Então, os dois entregaram-se à comunhão do espírito, falaram das muitas provações que haviam partilhado por mar e por terra, e das horas douradas de paz que haviam passado na companhia um do outro. Assim, antes da despedida, estavam unidos de coração e alma — unidos por toda a eternidade.

Durante os meses de prisão de Paulo, Lucas devia a sua liberdade — e talvez a própria vida — à triste Lucínia, a mulher vinda da bárbara Britânia. Ela contava com um único amigo verdadeiro: Julião, um homem de virtude e elevada integridade, cujo carácter parecia forjado à imagem dos antigos romanos. A pedido dela, Julião entregou um suborno generoso a Hélio e exigiu, em troca, a promessa de que Lucas não seria preso e que lhe seria permitido visitar Paulo todas as noites.

Na véspera do julgamento, Julião mandou chamar Lucas e disse-lhe:
— A nossa proteção termina com o julgamento. Tememos que se Paulo for condenado, tu sejas o primeiro a ser preso. Por isso, desejo que viajes até à minha vila, junto ao mar, onde poderás esconder-te e viver com segurança.

— Mas se a perseguição aos meus irmãos vier após o julgamento, não poderei abandoná-los — respondeu Lucas.

— Deves ir, pois é ordem do teu mestre. Visitei-o há uma hora, na prisão, e ele enviou-te esta mensagem: "Diz a Lucas que escreva fielmente o relato das nossas viagens; e também, se lhe for permitido, aquilo que sabe acerca de Cristo. Diz-lhe que a redação dos nossos atos e do Evangelho é a sua primeira missão; e confio nele para dar testemunho fiel." — Aqui Julião fez uma pausa, e depois perguntou: — Obedecerás ao comando de Paulo? Eu não partilho da tua fé, prefiro os antigos deuses de Roma. Mas a minha casa está à tua disposição para cumprires essa tarefa.

Então Lucas agradeceu a Julião e aceitou o convite, mas recusou-se a deixar Roma antes do fim do julgamento de Paulo.

No último dia, salvo pela visita de Julião, o santo esteve só. Passou o tempo em oração e naquela contemplação extática que sempre atraía até si, com certeza e profundidade, a iluminação que era a sua força.

Ao cair da tarde, os guardas vieram e conduziram-no aos banhos. Ali, livrou-se dos farrapos imundos, lavou-se e refrescou-se. Depois, deram-lhe uma túnica e um manto brancos, para que tivesse aparência digna e não perturbasse César com o seu aspeto ao comparecer perante ele no dia seguinte. Depois disso, na escuridão da sua cela, Paulo escutou por algum tempo o murmúrio que subia das ruas de Roma. E, tendo-se preparado para a noite, dormiu fácil e docemente — como uma criança.

CAPÍTULO LIII

Quando Paulo entrou no tribunal imperial, viu-se diante de uma grande assembleia — todas as figuras mais ilustres e privilegiadas da cidade enchiam aquele salão, desejosos de ver o homem que diziam ser diferente de todos os outros. Esses gentios vinham como quem vai ao teatro, em busca de distração, rindo e conversando até que César foi anunciado e tomou o seu lugar no trono de julgamento.

A Paulo, o tribunal pareceu, a princípio, uma cena ofuscante. As vestes brilhantes dos cavaleiros, patrícios e libertos, o brilho das armaduras da Guarda Imperial — tudo era estranho até para Lucas, a quem Julião conseguira um lugar naquela assembleia escolhida.

César sorriu e acenou ao povo, que o aplaudiu com palmas. Sempre que se encontrava em público, gostava de representar o seu papel de ator. Em seguida, os trabalhos começaram. Foram chamadas testemunhas, e mais uma vez Meneas e Alexandre falaram dos tumultos e distúrbios provocados por Paulo em todas as cidades da Ásia, da Síria e da Grécia por onde passara. Outros também prestaram testemunho contra o carácter e a vida dos Galileus.

Depois de prestarem homenagem a Nero, o advogado resumiu as acusações dizendo:
— Paulo de Tarso ensina os homens, em toda parte, a insurgirem-se contra César e contra a lei. É o chefe de uma conspiração que se alastra como teia de aranha por todo o Império. A seita Galileia, da qual ele é fundador e líder, renega a família e a pátria. Os seus membros chamam-se a si mesmos seguidores de um rebelde crucificado chamado Cristo. Não acreditam em deuses, nem sequer na majestade divina de Roma, encarnada na augustíssima figura de César. No tempo do grande incêndio, a sua impiedade foi tal que entoaram cânticos de alegria quando o templo de Hércules e o templo da Lua ruíram em chamas. São inimigos da humanidade e rejubilam com profecias sobre a destruição do Império.

Durante este discurso, com ar inquieto, Nero lançava olhares ocasionais a Paulo. De repente, murmurou a Tigelino:
— Já vi este prisioneiro antes. Esse rosto amarelado não se esquece facilmente.

O murmúrio fez o advogado interromper-se e olhar para o trono. Depois, ao recordar-se do seu encontro com Paulo e do conselho que este lhe dera, Nero disse:
— É difícil crer que este homem tenha parte numa tal lista de infâmias.

E Paulo não pôde conter-se por mais tempo, exclamando:
— Nobilíssimo César, nego tudo. São mentiras.

Após estas palavras, caiu um silêncio no tribunal. Pois aqueles dois homens — o senhor do poder temporal e o senhor do poder espiritual — fitaram-se, e nos seus olhos havia pergunta e resposta. E pareceu a Lucas, o único que sabia o que havia entre eles, que a resposta de César foi o reconhecimento do seu fracasso em não ter escutado o conselho de Paulo, quando caminhavam juntos junto ao Tibre. Pois César baixou tristemente a cabeça.

Um murmúrio percorreu o salão quando, passado algum tempo, voltou-se para o advogado com ar de desagrado e disse:

— Conclui a acusação, mas sê breve. Quero ouvir a resposta do prisioneiro, e tu és um homem enfadonho.

Então, a todos os presentes pareceu que Paulo seria absolvido. Mas o advogado falou astutamente:

— O prisioneiro é um feiticeiro — o líder de uma sociedade peculiar de assassinos e magos. Reúnem-se em segredo e praticam rituais temíveis. Alexandre de Éfeso pode testemunhar que, por vezes, um recém-nascido é apresentado ao punhal do prosélito nessas reuniões. Depois de morto o inocente, os Galileus dilaceram-lhe o corpo e bebem-lhe o sangue. Mais tarde, na escuridão, entregam-se a incestos e outras coisas abomináveis que nem ouso nomear. Digo apenas o que sei, ao afirmar que esses Galileus — ou seguidores de Christus — são escravos rebeldes, e praticam a velha magia detestável pela qual procuram destruir o Império.

Então Paulo já não pôde conter-se e falou com veemência:

— Se se puder provar que tais abominações foram praticadas, então são dignas do mais severo castigo. Nós, os Galileus, sempre pregámos o amor e a caridade, fazendo deles a regra da nossa vida. Sempre ensinámos a obediência às autoridades. Será então possível — ou sequer plausível — que tenhamos cometido os atos cruéis e infames descritos por este advogado pago? São a negação da doutrina que pregamos, da verdade a que damos testemunho. Repara que ele proferiu estas acusações, mas não apresentou testemunhas para as sustentar — pois não as há. Fala apenas de boatos vãos, que são sempre enganos vazios.

— E este homem chamou Cristo, o meu Mestre, de malfeitor. Mas Cristo foi o Incomparável, o Filho do único Deus verdadeiro. Caminhou na terra sob a aparência de homem, recomendando obediência a César, trazendo boas novas de salvação a um povo faminto que vagueava no deserto da ignorância e da dúvida. Sim — e mais: a César e aos homens Ele veio, revelando a todos a verdade oculta até então — a verdade da vida eterna.

Falo com toda a seriedade ao dizer que, com o aparecimento do nosso Salvador Jesus Cristo, o aguilhão da morte foi removido, e a vida e a imortalidade foram trazidas à luz por meio do Seu Evangelho.

Aqui Paulo fez uma pausa, pois lhe faltava o fôlego e a força. Tinha quebrado a ordem do tribunal ao não permitir que o advogado de Alexandre terminasse o seu argumento de acusação. Mas ninguém deu atenção às palavras protestantes do jurista. Todos estavam absorvidos pelo fogo daquela grande oratória. E assim, fixando com intensidade o olhar sobre o poder do mundo, ali encarnado naquele tribunal, Paulo continuou, falando da salvação, do céu e do inferno, declarando o Reino e a glória dos justos, o perdão concedido através do sacrifício do sangue de Cristo. Depois de ter falado da Casa Iluminada do Pai, descreveu aquela escuridão exterior que era o destino dos impenitentes, dos fornicadores, dos amantes do prazer, dos adúlteros e dos homicidas.

Ao ouvir estas palavras, César levantou-se. O tribunal ergueu-se também, e o povo, ainda sob o encanto de Paulo, dispersou-se em silêncio. Era a hora de romper o jejum. Nero retirou-se. Mas não conseguiu comer nem descansar, gemendo e murmurando:

— Os mortos vieram ter comigo ontem ao cair da noite e eu esperava que fossem apenas um sonho mau. Mas agora este judeu diz que os mortos continuam a viver.

E, em agonia, César gritou:

— Por que voltou este mago para me atormentar com o terror de uma vida para além do túmulo — uma vida na qual todos aqueles que morreram por minha ordem me aguardam — espectros horrendos que, quando eu lá chegar, hão de escarnecer de mim e dilacerar a minha alma no tormento?

Vendo o suor do medo na testa de Nero, e sem conhecer o seu encontro anterior com Paulo, um estoico respondeu rapidamente:

— Tu és um dos bons e dos grandes, César. Na vida futura, os bons e os grandes governam os astros, e, moldados nas suas órbitas douradas, desfrutam da eterna felicidade ao contemplarem os movimentos do firmamento.

Aqui Tigelino riu-se e segurou o braço de César, dizendo:

— Nada há a temer, salvo os males do corpo, em todo o vasto mundo. Já ninguém acredita em céu ou inferno, nem presta culto a Júpiter. Os deuses são velhos, preguiçosos e reumáticos. Os mortos dormem para sempre.

Nero ergueu os olhos pesados para o seu favorito e murmurou:

— Sou atormentado por este homem que, vindo após aquela visão da noite passada, traz-me profunda inquietação, como se algum mal estivesse para me sobrevir.

— É um necromante, o chefe e fundador de uma sociedade de magos.

— Sim, um necromante — respondeu Nero.

— O líder de uma conspiração. Condena-o à morte, César, e afasta de ti todos os assuntos do Estado. Pois a tua é uma enfermidade do espírito.

— Disseste bem. Desde a morte de Popeia tem sido assim — disse Nero, afastando-se com Tigelino dos restantes cortesãos.

— Há uma cura certa para isso. Dedica-te à poesia e às corridas de bigas. Prepara-te para a conquista da Grécia. Trabalha a tua lira e o ofício de cantor. E no verão partiremos para Atenas e Corinto, onde a tua passagem será um triunfo.

Assim, falando, Tigelino afastou Nero do seu humor sombrio. O imperador esqueceu-se de si por um breve momento, ao planear com o seu favorito a conquista da Grécia — não com armas, mas com a sua poesia e o seu canto. Só voltou a sentir medo quando um conselheiro se aproximou e perguntou se desejava pronunciar sentença no caso de Paulo de Tarso.

— Creio que esse necromante — disse César a Tigelino — me amaldiçoou naquela noite, dois anos antes do incêndio, quando caminhámos juntos junto ao Tibre. E, no entanto, ao princípio, fez-me crer que era um poeta e contou-me fábulas estranhas que eu teria transformado em versos. Mas agora já não me recordo delas.

Aqui fez uma pausa, suspirando, e depois disse:

— Quem me dera saber qual deve ser o meu juízo, e se este Paulo é um poeta meio louco ou alguém entregue à prática da feitiçaria. Em verdade, Tigelino, ele fala bem, e é um orador notável. Capta a atenção do povo como eu próprio faço, quando os seguro com a minha arte no teatro.

Mas o seu favorito escarneceu desta observação, afirmando que o artista em César traía o juiz que deveria discernir:

— Ao admirares a eloquência deste homem, perdeste de vista as acusações feitas contra ele. É um conspirador, César — e deve morrer.

E com estas palavras Nero regressou ao tribunal, e o julgamento foi retomado.

Paulo tomou a palavra e, pela última vez diante de uma grande audiência, contou da aparição de Cristo no caminho de Damasco. Era o Filho de Deus que, sob a forma de homem, morrera na cruz e, de novo, se mostrara em Luz — declarando assim o fim da morte e a promessa da imortalidade. E não foi apenas a um que apareceu, mas a mais de quinhentos, noutra ocasião.

Paulo falou então do seu encontro com o Mestre, do que isso significara para si, e do que poderia significar para os gentios. Alguns escutavam com entusiasmo, outros murmuravam que aquilo era o discurso de um louco errante; outros ainda mal ouviam as palavras, tão enfeitiçados estavam pela voz e pela transformação daquele velho curvado. Pois agora, o seu rosto ressequido parecia o rosto de um anjo. E lenta, seguramente, perante tal iluminação, caiu um silêncio sobre todo o tribunal.

A cabeça de Nero estava caída sobre o peito, a testa sombria. Mas, de repente, ergueu-se e perguntou, como em tom de brincadeira, embora a sua voz tremesse:

— Ó Vidente do Invisível, reinará César sobre o império dos mortos?

Foi um desafio. E Paulo respondeu com ousadia, pronunciando ele mesmo a sua sentença de morte:

— Há justiça e misericórdia no coração de César. Por isso deve entender-me quando digo que César não reinará sobre império algum para além do túmulo. Pois ali, os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros.

Foi um apelo nobre ao jovem imperador, que nos últimos anos se perdera nas sombras da sua vida obscurecida. Mas ouviram-se gritos ferozes de "Vergonha! Vergonha!" vindos do corpo do tribunal. Reinou o alvoroço e a confusão, enquanto Tigelino se inclinava e sussurrava ao ouvido de Nero:

— Este homem é o chefe de uma seita conspiradora. Condena-o rapidamente à crucificação e livra-te dele.

Então César ergueu-se, fez um sinal — e o murmúrio furioso do povo desvaneceu-se num silêncio profundo e imóvel.

— É tempo de proferir a sentença — disse César. — Quanto à primeira acusação, considero o réu culpado. Como chefe dos Galileus, é uma ameaça à autoridade nas nossas vinte e cinco províncias. As testemunhas demonstraram claramente que ele passou a vida a incitar à rebelião e a conspirar contra o Estado. Bem sabeis todos que a pena para tal traição é a morte. Sendo cidadão romano, o réu tem o privilégio de uma execução digna. Morrerá pela espada.

Aqui Nero hesitou, a voz fraquejando no final da frase. Paulo fixou nele o olhar e disse, com doçura e tristeza:
— Oro para que este pecado não te seja imputado, César.

E os dois fitaram-se — mais uma vez homem a homem. Mas Nero não pôde suportar por muito tempo aqueles olhos. Murmurando "Feiticeiro... bruxo...", recostou-se no assento do juízo e cobriu o rosto com a capa.

Nunca, para os romanos, se vira espetáculo tão estranho: César confuso; a grandeza, a majestade, derrubadas. Mas rapidamente os oficiais dispersaram o tribunal, e Paulo foi levado pela guarda e encerrado no Tullianum, a prisão subterrânea.

Nero ficou só, salvo pela presença do seu favorito e companheiro sombrio, e estava desolado de espírito. Durante muito tempo, as palavras persuasivas de Tigelino passaram-lhe ao lado, como se não as ouvisse. Mas por fim mexeu-se e suspirou, dizendo:

— Condenei um homem maior que Séneca, pois este Paulo é um poeta. Mas por que terá conspirado contra mim? Por que razão todos aqueles em quem poderia confiar buscam tirar-me a vida?

— O povo ama-te, César — respondeu Tigelino. — Confia neles.

Depois, falando-lhe em tom meloso das suas qualidades como poeta e músico, o favorito desviou a atenção do seu senhor, e juntos retiraram-se do tribunal.

Uma hora depois de Paulo de Tarso ser condenado à morte, o seu juiz já o esquecera. Pois Nero perdera-se nos sonhos e planos para o seu triunfo sobre os gregos.

— Como raça de poetas e artistas — disse ele a Tigelino —, só eles me compreendem. E é apenas através da compreensão que nasce o amor. Partirei logo que os assuntos de Estado o permitam, e conquistarei o coração desse grande povo.

Assim, o prisioneiro no Tullianum foi esquecido — e nunca mais voltou à lembrança do seu juiz.

CAPÍTULO LIV

O calabouço dos condenados no Tullianum era conhecido como "o sepulcro", pois os que ali repousavam eram lentamente devorados pelos ratos. Alguns, tendo à mão alguma arma, matavam-se a si mesmos antes de enfrentarem tais horrores.

Na noite do julgamento, Paulo despediu-se do pôr do sol. Uma corda foi-lhe amarrada à cintura e foi descido pelos guardas para as profundezas escuras daquele poço. Era como descer ao inferno, e só lentamente o prisioneiro, após a cegueira inicial da noite, se apercebeu de que havia outras criaturas naquele lugar de perdidos.

Um homem, frígio, como Paulo soube depois, gemia e chorava incessantemente. Outro, um salteador, disse ao santo que enlouquecera de medo dos ratos, que, quando os prisioneiros dormiam, saíam das sombras e atacavam de súbito, devorando-lhes as mãos, o rosto e os pés.

— Um de nós vigia enquanto os outros dormem — disse o salteador. — Assim tentamos proteger-nos dessas imundas bestas. Mas o frígio ficou sozinho neste ossuário maldito durante muitos dias, e perdeu o juízo, pois não conseguia manter-se sempre desperto — precisava de dormir.

Então, um terceiro — um assassino — aproximou-se e contou a Paulo a sua história. Como bebera vinho, se entregara a prostitutas e desperdiçara todos os seus bens. Chegou um dia em que, por causa das dívidas, foi vendido como escravo; e ele, que vivera no conforto, teve de obedecer a outro e suportar as agruras da vida servil.

— Na minha ira — disse o homem —, levantei-me e matei o meu senhor, pois ele mandara açoitarem-me por ter quebrado um vaso precioso. E agora, eu, que amei e ri ao sol, estou sepultado nesta noite, e em breve o meu corpo será alimento para os vermes. Por isso, amaldiçoei os deuses e só conheço a amargura final do desespero. Para mim não há esperança, e rezo por uma morte rápida antes que eu, também, enlouqueça como o frígio e manche o que me resta de humanidade.

Ora, Paulo era alguém que sempre descobria os segredos dos que sofrem, porque esquecia de si mesmo e tinha compaixão pelos outros. Sofria, estava fraco e exausto. No entanto, uma hora depois de chegar a esse calabouço, já consolava os perdidos, falando a esses dois homens da promessa do Salvador — que mesmo ali, à beira da morte, poderiam ser salvos.

O assassino maravilhou-se e confessou os seus outros crimes, que eram muitos, e declarou que naquele fosso, onde antes só havia escuridão, agora havia luz. Mas o salteador rejeitou tudo, zombando das palavras de Paulo. Então o companheiro de cela feriu-o em cólera, e os dois tornaram-se como gladiadores na arena, golpeando-se e gritando obscenidades.

Por fim, o salteador foi dominado e caiu como morto. Mas, apesar de estar febril e a tremer, Paulo foi até ele e orou, acariciando-lhe a testa, as mãos e os pés. E, pelo poder do Espírito, trouxe-o de volta à consciência. Contudo, o homem sofria de uma ferida na cabeça, e durante toda a noite o santo permaneceu junto dele, persuadindo-o, confortando-o, tentando aliviar-lhe a dor.

Os outros dois prisioneiros dormiram de forma irregular, despertando por vezes com os ratos que se lançavam sobre eles. Até Paulo foi atacado enquanto vigiava, mas não se perturbou nem teve medo.

Então, nesse novo dia que, naquele lugar, ainda era noite, deu-se uma mudança: um apaziguamento do medo, uma passagem do desespero para a esperança nesses dois homens, agora com o espírito são.

Antes que outro sol se pusesse no mundo exterior, Paulo reconciliou-os entre si. E quando, a seu pedido, se abraçaram, o santo — já quase nos limites da vida, pela fraqueza — deitou-se e dormiu profundamente até ao canto do galo. Assim, um assassino e um salteador, ambos infames nas suas vidas, guardaram-no e amaram-no.

Desde então, tornou-se amigo de todos, exceto daquele que parecia possuído por muitos demónios; pois passava horas a gritar, a lamentar-se e a atirar-se contra as paredes, como se em agonia.

E o salteador disse a Paulo:
— Mestre, deste-me esperança e consolo; mas se esta criatura transtornada continuar com os seus clamores, em breve serei como ele. Nada nos pode livrar dos terrores que ele desperta com o seu clamor?

Então o santo aproximou-se do louco, e embora este primeiro o tivesse injuriado e até lançado ao chão, Paulo, pela força do poder que nunca o abandonava nem mesmo no calabouço, conseguiu acalmá-lo até que ele caiu em silêncio. Assim foi lentamente libertado, até que Paulo ordenou aos sete demónios que saíssem dele — e assim aconteceu.

Tornou-se como um jovem perdido que rastejou até ao lado de Paulo e lhe suplicou consolo como uma criança.

O guarda dava-lhes pão e água ao nascer e ao pôr do sol. Nos outros momentos, eram deixados por conta própria. Mas para todos os prisioneiros, exceto Paulo, havia horas em que os terrores os venciam, e choravam. Os membros de Paulo estavam inchados e dolorosos, e, ao cair da noite, acreditava que o seu espírito se preparava para partir. Contudo, depois de algum tempo, a força que lhe faltava foi renovada, e descansou tranquilamente durante a sua última noite naquele calabouço.

Ao romper da aurora, estava preparado para o chamamento que sabia que viria. Assim, pronunciou palavras de boa vontade e despediu-se dos prisioneiros que conquistara para Cristo.

Havia um quarto homem que, durante todo aquele tempo, nunca falara. Era o mais jovem, e, pelo medo, perdera a fala. Mas, no fim, a sua língua foi solta. Suplicou a Paulo que proferisse a palavra da graça; e, ao fazê-lo, o santo removeu para sempre o medo do seu coração. Desses cinco prisioneiros, este jovem — Públio — foi o único libertado. O seu pai viera a correr do Oriente e pagara uma grande soma a Hélio. Então, esse juiz corrupto descobriu que se haviam apresentado falsas testemunhas contra o jovem. Ele não era um traidor, e assim foi-lhe concedida a liberdade. Mais tarde, tornou-se um homem sábio e Galileu, e foi ele quem relatou o que tinha presenciado na prisão do Tullianum, nesses últimos dias memoráveis.

CAPÍTULO LV

Era madrugada quando Paulo foi retirado da escuridão para a luz do ar livre. Tinha o aspeto de um proscrito, vestia andrajos sujos; terra e criaturas rastejantes cobriam-lhe o corpo gasto, agora semelhante a um esqueleto. Os transeuntes curiosos podiam ver as cicatrizes profundas marcadas nas suas costas descobertas — marcas do açoite sofrido ao longo dos anos. Tinha feridas no rosto e nos membros, onde a carne fora dilacerada pelos ratos do sepulcro, e a sua barba era selvagem e manchada.

Jovens aproximaram-se e chamaram-lhe traidor — um que em breve seria carniça. Atiraram-lhe nomes vis; as piadas corriam de boca em boca. Apontavam-lhe o dedo em escárnio. Mas Paulo não lhes deu atenção. O seu corpo estava em agonia; o espírito, porém, elevava-se muito além da dor. E mais tarde, como contou a Timóteo, nesse momento conheceu o amor, a compaixão, e a união com judeus e gentios, livres e escravos — até mesmo com aqueles homens de má índole, seus acusadores. A paz eterna não chega com facilidade, pois a paz — que é união com os outros — só desce da calma que se encontra acima do furor do mal, do ódio e da vontade própria. Mas nessa hora, Paulo, pelo Espírito Santo, uniu-se em paz com homens de coração bom e mau; e perdoou aqueles jovens, também Nero, Alexandre, Meneas e os seus vários acusadores. Pois via, por detrás da luxúria, da crueldade e da ganância, a unidade de todos os homens — e que o mal nascia da ignorância e da separação das suas vidas.

E ali, enquanto contemplava Roma e rememorava o tumulto dos seus dias, as suas ruas apinhadas, lembrou-se do que Pedro lhe contara sobre Cristo e a tempestade no lago. Lembrou-se das Suas palavras e foi envolvido na sua profunda serenidade:
"Paz, aquieta-te!"

Então, aproximaram-se alguns dos irmãos, com Timóteo à frente, e murmuraram:
— Roma é lugar de pranto. Este é um dia de lágrimas.

Mas Paulo exclamou:
— Não! Este é um dia de alegria, de festa, pois em breve estarei com o Pai.

Depois, os guardas formaram em redor dele e foi dada a ordem de marcha. Mas, estando fraco e com o peso das correntes, tropeçou e caiu. E, depois de o erguerem, voltou a tropeçar, ofegando como um nadador exausto.

O centurião era um homem bondoso. Chamou Timóteo e falou-lhe ao ouvido. Então Timóteo passou por entre os guardas; e estes dois — o santo e o discípulo — abraçaram-se, mas não conseguiram pronunciar palavra. Para Paulo, essa última graça trouxe a dor aguda da despedida iminente e o êxtase radiante da presença do bem-amado — o seu amparo e consolo nesta última jornada.

Os jovens zombavam e escarneciam dos seus cabelos grisalhos. Mas o centurião silenciou-os, repreendendo-os com severidade:
— Aqui está um vidente venerável, um homem de nobre condição.

E então, com as cabeças curvadas, afastaram-se, desaparecendo pelas ruas da cidade.

A procissão dos guardas e dos irmãos que os seguiam avançou lentamente, descendo pela Via Sagrada, contornando o Palatino e o Aventino e saindo pela Porta Ostiense.

O sol brilhava, espalhando a sua luz dourada sobre os palácios de mármore e as torres brancas. O som das marteladas ecoava — escravos trabalhavam na construção da nova Roma, e cantavam enquanto labutavam. Era um dia de alegria, os raios do sol enchiam o céu de júbilo; a glória do Criador estendia-se por toda a terra.

Devagar, penosamente, ao longo da estrada reta para lá das muralhas, caminhava o velho Apóstolo — mas agora, com o espírito tão elevado, que dominava as enfermidades do corpo moribundo e murmurava palavras de consolação, palavras de confiança a Timóteo — seu filho no espírito.

Era um prodígio. Aqui estavam dois como David e Absalão — mas sem a tristeza daqueles, sem o arrependimento vão nem o lamento do rei e pai desolado. Pois, em espírito, Paulo e Timóteo jamais estiveram separados, e agora estavam para sempre unidos.

Mas o último trecho do caminho foi penoso para o velho Apóstolo, e Timóteo, forte na flor da idade, ergueu-lhe o corpo leve e carregou-o até ao fim da estrada.

Chegaram a uma depressão entre colinas — um lugar de paz e repouso, de sol e quietude — num dos primeiros dias do novo ano. E o centurião permitiu que Paulo se afastasse um pouco dos guardas e orasse. Depois, quando chegou a ordem, o santo abençoou os irmãos entristecidos e abraçou mais uma vez o seu filho, dizendo:

— A minha fé está em ti, Timóteo; deixo-te a minha paz — a paz de Cristo, bem-amado.

Virando-se para o centurião, disse:
— Estou pronto. Está consumado.

Dois guardas aproximaram-se e conduziram o prisioneiro ao cepo. Foram rápidos e misericordiosos. Rapidamente, a cabeça foi separada dos ombros de Paulo de Tarso.

Acima e para além do corpo escuro e murchado, do sangue que corria livremente, os santos ajoelhados viram uma luz branca, um fulgor — como se o espírito se elevasse da

matéria. E souberam que era o espírito de Paulo, e foram, por um instante, envolvidos na sua paz eterna.

CAPÍTULO LVI

À entrada do lugar de execução, estavam dois vultos escuros recortados contra o coração rubro do pôr do sol.

E Julião disse a Lino:
— Li os Atos de Paulo, tal como foram registados por Lucas. Este judeu de Tarso foi maior do que qualquer romano. É um povo estranho o dele. Pode gerar anjos — ou criaturas mais vis do que as bestas do campo.

— Isso pode ser dito de outras raças — respondeu Lino. — Mas Paulo despertou ódio e ira em muitas cidades. Os homens odeiam-nos, a nós judeus, pela nossa visão de Deus, pela nossa dedicação a Deus. Nos dias que hão de vir, hão-de sofrer e ser perseguidos porque Jesus, o Cristo, é do meu povo. As hostes das trevas, através dos gentios, hão de perseguir e crucificar os judeus por, em Cristo, terem oferecido salvação a todos os homens.

— Uma profecia, mestre? — disse Julião.

— Uma verdade — respondeu Lino —, pois a visão de Deus só é bem-vinda aos puros de coração. Estes hão de encontrar-se em todas as nações, mas são poucos se os contarmos pelas gerações dos homens.

— Então a fé no Deus de Paulo morrerá?

— Será preservada por esses poucos a quem chamei os puros de coração, até à vinda do Salvador. Assim o vi eu quando caí em transe no dia do Senhor.

Depois, os dois calaram-se. Entraram na depressão entre as colinas. Mas ali não havia ninguém; o corpo fora levado.

Durante todo aquele dia, Paulo permaneceu na vala comum onde os soldados o haviam lançado. Naquele antro fétido de morte não havia precedência, nem estatuto, nem autoridade. Ossos de pobres gregos, africanos, hispânicos, bárbaros, e ossos de escravos apodreciam uns sobre os outros; e os últimos a chegar podiam ser encontrados mais próximos da entrada. Sem vigilância, o corpo santo de Paulo de Tarso ali jazeu enquanto o meio-dia se dissolvia no entardecer, enquanto o dia morria.

Esse dia foi como qualquer outro dia sem história no fluir dos anos para os povos de muitas raças que habitavam a cidade imperial. Comiam, dormiam, conversavam, banhavam-se, trabalhavam, comerciavam, iam e vinham como formigas no formigueiro, e buscavam em vão prazer ou notícia de algum escândalo ou assassinato. Os ricos lamentavam que nada acontecesse. Alguns jovens lastimavam porque havia paz em todo o mundo. Outros faziam oferendas ao deus da guerra e rogavam por combates que lhes dessem nova emoção ou glória imperecível. Por ser um tempo sem sobressaltos, os altivos e poderosos guerreavam com as esposas e concubinas, ou maltratavam os escravos.

Toda Roma bocejava.

Nesse dia, o guardião das crónicas suspirou, pois nada havia a registar nos anais. O escriba do palácio suspirou. Era um dia monótono, um dia de cães. Não havia nada digno de ser escrito no pergaminho.

Virou a página em branco.

CAPÍTULO LVII

Desde o meio-dia, Lucínia caminhava de um lado para o outro no seu jardim. Desde que soubera da execução, não derramara uma lágrima — e, no entanto, Paulo era o homem que mais venerava. Nenhum escravo da casa conseguiu convencê-la a descansar ou a cessar o seu passo incessante. Apenas de quando em quando parava, entrando no túmulo que fora preparado, muitos anos antes, para si própria, no fundo do jardim. Sofria uma dor que o tempo não curaria.

Quando o tribunal da família se reunira para julgar Pomponia Gracina, haviam-lhe exigido, com base no juramento matrimonial, que fizesse outro juramento: de que jamais envergonharia a família declarando publicamente a sua fé em Cristo.

Nessas horas de medo, a jovem e ignorante matrona da Britânia fez o juramento e prometeu nunca ser abertamente membro da seita dos Galileus. Sendo uma mulher honrada, cumpriu fielmente essa promessa — até mesmo nos dias de perseguição após o incêndio, quando muito foi tentada. Mas sempre usava vestes negras, sinal da profunda mágoa que tal voto lhe causava — sinal de contrição e luto.

Agora, nestas horas depois da execução, esperava com impaciência, esperando, temendo, orando para que o corpo de Paulo de Tarso fosse encontrado e sepultado no túmulo onde ela própria passara tantas noites, em outros tempos, como mortificação do seu espírito outrora temeroso. Agora todo o medo se dissipara — mas o juramento permanecia, assim como a dor de não poder ser reconhecida como filha dos Eleitos. Mas, como guardiã do corpo de Paulo, talvez encontrasse misericórdia — e, enfim, a paz que cura até o remorso vão.

Assim, caminhava inquieta, cheia de esperança, e depois de medo — temendo que, se esse dom lhe fosse negado, perdesse tudo e permanecesse escrava do seu voto.

Apenas ao cair da tarde falou por fim à criada Eustáquia, e contou-lhe todas essas coisas.

Nesse dia em que Roma bocejava, Nero ocupava-se com os preparativos para anunciar o seu casamento com Messalina, viúva de Vestino — este executado por conspiração. Noutros anos, Messalina oferecera ao imperador dias e noites de prazer, e agora que queria afastar de si os cuidados e pesares, fora persuadido por Tigelino a fazer dela sua esposa. Mas, nesse dia, o conhecimento desse plano restringia-se a três pessoas. Já então a felicidade regressava a Nero, à medida que planeava, com o seu favorito, partir no verão, buscando o seu triunfo na Grécia.

E Tigelino agia com astúcia sobre o espírito do seu senhor, dizendo:
— Podes partir em total segurança e sonhar por muito tempo entre um povo que te compreende. As portas do Templo de Jano estão fechadas. Graças a César, pela segunda vez reina a paz em todo o Império.

— Tenho mais orgulho nisso — respondeu Nero — do que na minha poesia imortal. Os deuses sabem que considero esta paz mundial a minha maior realização.

— Mas ela enfurece os patrícios — observou Tigelino.

— Ainda assim, será mantida — respondeu Nero —, pois é o desejo e a necessidade do povo comum, que ama o seu César.

Assim começou uma nova vida para o imperador no dia da morte de Paulo. E, ao cair da noite, deu um grande banquete — notável pela gula dos convidados e pela embriaguez de Tigelino e das mulheres presentes. Mas César comeu e bebeu pouco. Queria preservar a sua voz — aquela que mais tarde seria ouvida nos teatros da Grécia — e, por isso, praticava a abstinência.

CAPÍTULO LVIII

Ao cair da noite, quatro homens com lanternas aproximaram-se da vala comum. Avançaram com cautela e deram uma moeda ao guarda, dizendo que vinham em busca de um parente. Assim, foi-lhes permitido entrar naquele antro imundo e, pouco depois — pois o corpo fora lançado há pouco tempo — encontraram o corpo do santo e retiraram-no dali.

Com ternura, aqueles quatro — Lucas, Marcos, Timóteo e Onésíforo — envolveram o mestre no velho manto trazido de Trôade. Fora tecido por Lídia, a vendedora de púrpura, e trazia a Lucas a recordação dos dias dourados passados em Filipos. Por isso, a dor apoderou-se dele, e chorou amargamente enquanto, entre todos, carregavam o corpo pela longa estrada branca que os levava de volta a casa.

A lua já subira quando entraram no jardim e encontraram Lucínia à espera. Silenciosamente, ajoelhou-se diante do corpo e, depois de inclinar a cabeça até ao chão, ela e as suas mulheres trouxeram especiarias, e juntas cuidaram de Paulo — preparando-o com graça, com amor — para o túmulo.

Era quase dia quando o deitaram no sepulcro e disseram as últimas palavras de oração e despedida. Então, exaustos e abatidos, os quatro irmãos afastaram-se.

Lucínia ficou só à porta aberta do túmulo e, ao surgir a madrugada, espalhando a sua prata sobre Roma, continuava de olhos secos, sentada junto aos pés do corpo; e o seu rosto era duro e branco como a pedra talhada.

Até ao fim dos seus dias, esta mulher da ilha bárbara velou o repouso do Apóstolo. Nenhum gentio soube do seu tesouro secreto, e poucos irmãos estavam cientes de que Paulo jazia ali. Para Lucínia não houve misericórdia do martírio, nem libertação através do tormento do fogo ou da cruz. Permaneceu a mulher do mistério, só com a sua dor — a guardiã do túmulo do Apóstolo.

Três ou quatro senadores e generais murmuraram:
— O bufão do Império partiu para a Grécia. Podemos conspirar em plena liberdade.

Nero granjeou muita glória — assim pensava — durante o ano e meio em que andou por aquelas ilhas, sendo aclamado por multidões entusiastas que aplaudiam as suas corridas de bigas e os seus cantares. Grato por tal acolhimento, concedeu liberdade aos gregos. No regresso a Roma, parecia um pavão ostentando a cauda. Sob a tutela de Séneca fora humilde de espírito, mas agora, envaidecido, julgava-se o maior homem do seu tempo — talvez de todos os tempos.

Mas os ventos da fortuna mudaram. Pouco depois, foi expulso do trono e forçado a refugiar-se na vila do seu liberto Fáon, para lá de Roma. Era então presa do terror, temia tirar a própria vida — e mais ainda os tormentos que o esperavam na cidade imperial. Envergando uma túnica esfarrapada e um manto gasto, jazia sobre uma enxerga no chão, gemendo e chorando. Fáon não conseguia confortá-lo nem dar-lhe coragem naquela hora.

Por fim, a ganir como um cão, Nero exclamou:
— Júpiter! Que artista se perdeu para o mundo — que artista!

Depois, apunhalou-se e morreu miseravelmente.

Assim morreram Nero, o senhor do poder temporal, e Paulo, o senhor do poder espiritual — um, temeroso diante da morte; o outro, intrépido — cerca de trinta e cinco e trinta e três anos após a crucificação de Cristo.

APÊNDICE

Nota sobre Wroxeter

Longe do ruído e do tráfego do mundo moderno, numa pastagem singularmente isolada de Shropshire, jazem as ruínas da quarta maior cidade da Britânia romana: *Virocônio* ou *Urocônio*. Estas ruínas não consistem, como tantos "vestígios romanos", numa simples telha perdida. São suficientemente completas na sua disposição para que o visitante perceba que ali se ergueu, de facto, "uma cidade nada comum" — e mais ainda permanece escondido sob os campos circundantes.

Partes dos Banhos e do Fórum ainda se erguem, visíveis à distância — imponentes, mesmo hoje. Os alicerces de lojas e ruas subsistem e, se houvesse meios, poderia realizar-se uma reconstrução como a feita em Pompeia. Quase não há quintas ou casas por perto, embora a presença de uma aldeia qualquer se adivinhe pela existência de uma pequena loja rural não muito longe destes vestígios de outrora. Tem como letreiro: "Posto de Correios de Wroxeter".

Terá Pomponia Grecina conhecido Urocônio? De nome, quase certamente, pois nos tempos do sucessor do seu marido no comando britânico, Ostório Escápula — o general que derrotou definitivamente Caradoc —, a cidade serviu de base para duas legiões, a XIV e a XX, como é provado por lápides de soldados no local. Pláucio deve tê-la mencionado frequentemente, e é possível que Pomponia a tenha conhecido pessoalmente.

No entanto, ligá-la a Londínio e Verulâmio causa alguma estranheza, pois, ao contrário destas, não era mais do que um posto de guarnição na sua época. É possível que fosse um *Caer* nativo, mas estes *Caerau* seriam, suspeita-se, lugares bastante primitivos — mesmo que sedes de algum colégio druídico.

Construção séria à maneira romana só se conhece a partir dos anos 80 e 81. O Fórum só foi concluído em 130. Em 160, a cidade foi saqueada pelos implacáveis Ordóvices do norte do País de Gales. Foi reconstruída e floresceu pacificamente por quase um século e meio. Em 300 foi novamente saqueada...

O uso do nome *Wroxeter* é um claro indício da origem pós-romana do manuscrito. Nunca teria sido assim conhecida por Pomponia. À raiz "Uroc" — ou "Wroc" — junta-se uma forma modificada do latim *castra* (acampamento), tal como em "Gloucester", "Winchester", "Iscester" (dando origem a "Exeter"). Assim se forma "Wroc-cester" -- "Wroxcester" -- "Wroxeter".

Mas esta forma só ocorre onde houve penetração saxónica — ou seja, em Inglaterra.

Portanto, o facto de uma cidade ou local se chamar "...cester" indica duas coisas: (1) que foi um assentamento romano, e (2) que mais tarde foi ocupado pelos saxões.

O curioso é que a forma "Wroxcester" surge no manuscrito sem estar modernizada para "Wroxeter". Parece que os comunicadores tiveram acesso a fontes de Inglês Antigo assim como a documentos anteriores — e acabaram por misturá-los um pouco.

B. A. L.